



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

AMANDA TEIXEIRA DA SILVA

**JUAZEIRO SEM PADRE CÍCERO:
UMA CIDADE QUE NÃO SE ESQUECEU (1934-1969)**

FORTALEZA

2018

AMANDA TEIXEIRA DA SILVA

JUAZEIRO SEM PADRE CÍCERO:
UMA CIDADE QUE NÃO SE ESQUECEU (1934-1969)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S578j Silva, Amanda Teixeira da.
Juazeiro sem Padre Cícero : uma cidade que não se esqueceu (1934-1969) / Amanda Teixeira da Silva. –
2018.
298 f. : il.
- Tese (doutorado)– Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em História, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos.
1. Juazeiro do Norte. 2. Padre Cícero. 3. Escrita. 4. Memória. 5. Temporalidade. I. Título.
- CDD 900
-

AMANDA TEIXEIRA DA SILVA

JUAZEIRO SEM PADRE CÍCERO:
UMA CIDADE QUE NÃO SE ESQUECEU (1934-1969)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em História. Área de concentração: História Social.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Ana Paula Sampaio Caldeira
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Douglas Attila Marcelino
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof.^a Dra. Martine Suzanne Kunz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dra. Meize Regina de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Luiz Heitor, meu pequeno milagre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, Francisco Régis Lopes Ramos. Quando iniciei o doutorado, não o conhecia. Admirava sua obra acadêmica, e isso foi o suficiente para que, após a aprovação na seleção de doutorado, eu buscasse a sua supervisão. Foi uma grata surpresa descobrir que, além de ser um grande profissional, ele possui muita empatia e generosidade. Todas as qualidades desse trabalho derivam das numerosas leituras, correções, indicações, orientações e *insights* que ele me ofereceu. Os defeitos, contudo, são frutos de minhas próprias debilidades.

Os colegas que trabalharam comigo na Universidade Regional do Cariri foram extremamente compreensivos com os meus deslocamentos semanais para Fortaleza, ajustando os horários para que eu pudesse lecionar no Cariri e cursar as disciplinas da pós-graduação na capital sem prejuízo a nenhuma das atividades. Agradeço a todos eles, mas devo meu reconhecimento especial a Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez, que, como coordenadora, fez o possível para que essa grande aventura desse certo.

Agradeço aos professores que me acompanharam ao longo das disciplinas e que contribuíram, com suas observações e conselhos, para os ajustes nos rumos desse trabalho. Eurípedes Funes, Antônio Luiz Macêdo e Clóvis Ramiro Jucá: nossos diálogos foram essenciais. Minha gratidão especial ao professor Gilberto Ramos, sempre arguto, correto e bondoso. As conversas travadas com os colegas de turma também foram extremamente importantes para a concretização dessa pesquisa. Por isso, sou grata a Adriel Fontenele, Dhenis Maciel, Raquel Caminha, Reginaldo Alves, Walter Braga, Eylo Fagner, Hamilton Rodrigues e Idelmar Júnior.

Devo também o meu “muito obrigada” às professoras que contribuíram com novas e valiosas ideias durante o exame de qualificação, Martine Suzanne Kunz e Meize Regina de Lucena Lucas. Espero ter conseguido incorporar seus importantes conselhos na versão definitiva deste trabalho. Agradeço, por fim, à secretária do programa, Luciana Cavalcante, por sua permanente diligência.

Ao longo do processo de pesquisa, foi essencial o auxílio dos profissionais de arquivos os quais visitei. Agradeço ao padre Roserlândio e a Tânia Peixoto, pela hospitalidade no Departamento Histórico Diocesano *Padre Antonio Gomes de Araújo*. Ao bibliotecário Emanuel G. Ferreira Guedes, da Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade, agradeço pela solicitude e pelo cuidado em buscar e disponibilizar periódicos

referentes ao meu tema de pesquisa. Agradeço também aos servidores da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, que me receberam, mesmo sem agendamento, inúmeras vezes. Por fim, agradeço a Victor Emmanuel Farias Gomes, por ter me auxiliado nas consultas ao jornal *O Estado de São Paulo*.

Devo aos meus colegas de trabalho na Universidade Federal do Cariri – UFCA – um grande agradecimento, por terem tornado possível meu afastamento durante parte do curso de doutorado. Sem esse tempo tudo teria se tornado mais difícil. Agradeço sobretudo a Jucieldo Alexandre, Priscilla Queiroz, Rodrigo Capistrano e João Adolfo Ribeiro, pela amizade e por terem tornado o processo de escrita menos desesperador.

Ao longo desses anos, a parceria dos amigos foi fundamental. Agradeço ao Italo Bezerra, pelo acolhimento, pelos conselhos, pela ajuda prática em tudo que foi necessário e pelos muitos cafés. Agradeço a Patrícia Alcântara, Darlan Reis, Simone Pereira, Leonardo Cândido Rolim e Aryana Santos, por terem, muitas vezes, me ajudado mesmo sem que notassem. A Ana Lígia Casimiro, Elandia Duarte e Elvis Pinheiro sou grata por muitas vezes terem me tirado das amarras da vida acadêmica, jogando-me no meio do mundo.

Agradeço à minha família, sempre presente e companheira. Sem o apoio de meus pais, José Pequeno e Maria Rosicleide, esse trabalho não teria sido impossível, mas seria, sem dúvida, muito mais difícil. Obrigada ao meu irmão Pedro, que sempre me ajudou no vai e vem da vida. Aos tios, tias, avós, sogra, sogro, cunhada: cada um teve sua participação na realização desse intento. A tia Fanka, contudo, precisa ser especialmente lembrada, pois cuidou com todo o carinho do meu filho para que eu pudesse me dedicar aos últimos capítulos da tese.

Ao meu companheiro, Sávio Samuel, pelo amor e apoio constante. Por estar ao meu lado, de fato, em todos os passos importantes que dei nos últimos cinco anos. À minha enteada, Clarice, pela alegria e pelo estímulo. Ao perguntar, a cada dia, quantas páginas eu havia escrito, ela me fazia perceber que – todos os dias – era necessário escrever. Ao meu filho, Luiz Heitor, por dar sentido a tudo.

Por fim, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES –, por ter financiado parte desta pesquisa.

RESUMO

O objetivo central deste estudo é investigar, a partir dos vestígios da memória, as experiências e expectativas sobre o destino da cidade de Juazeiro do Norte após o desaparecimento de seu fundador, Padre Cícero, em 1934. Juazeiro, após a morte do sacerdote, estabeleceu-se como um local de recordação, por meio de mudanças e permanências no jogo das memórias. Jornais e revistas de circulação nacional, bem como escritas que enfocavam a cidade e a biografia de Padre Cícero, foram as principais fontes utilizadas no trabalho em tela. O caderno de memórias do escultor Agostinho Balmes Odísio, especificamente, tornou-se um documento fundamental, por discorrer sobre os atos, gestos e costumes de devotos, romeiros e trabalhadores. Por fim, foi examinada a importância dos monumentos edificados em homenagem ao *Padrinho*. Embora tenham sido concebidos e instalados com o objetivo de servir a interesses muito específicos, cada um deles contribuiu para indicar importantes locais de Juazeiro e da trajetória do sacerdote, sendo enxergados a partir de diferentes perspectivas pelos devotos e romeiros que visitavam o Padre Cícero não mais em carne e osso, mas em espírito, bronze e concreto. Para o desenvolvimento deste trabalho, foram muito caras as reflexões ensejadas por Reinhart Koselleck, teórico que recomenda especial atenção para a construção histórica do tempo.

Palavras-chave: Juazeiro do Norte. Padre Cícero. Escrita. Memória. Temporalidade.

ABSTRACT

The central objective of this study is to investigate, from the vestiges of memory, the experiences and expectations about the fate of the city of Juazeiro do Norte after the disappearance of its founder, Father Cícero, in 1934. Juazeiro, after the priest's death, established itself as a place of remembrance, through changes and permanences in the play of memories. Newspapers and magazines of national circulation, as well as writings focused on the city and the biography of Padre Cícero, were the main sources used in the work at screen. The notebook of memories from the sculptor Agostinho Balmes Odísio, specifically, became a fundamental document, for discoursing on the acts, gestures and customs of devotees, pilgrims and workers. Finally, the importance of the monuments built in honor of Padrinho was examined. Although they were conceived and installed with the purpose of serving very specific interests, each of them contributed to indicate important places of Juazeiro and the trajectory of the priest, being seen from different perspectives by devotees and pilgrims who visited Padre Cícero no more in flesh and blood, but in spirit, bronze, and concrete. For the development of this work, the reflections provided by Reinhart Koselleck, a theorist who recommends special attention to the historical construction of time, were very relevant.

Keywords: Juazeiro do Norte. Father Cicero. Writing. Memory. Temporality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O centro de Juazeiro visto pela Kodak de Agostinho Balmes Odísio	103
Figura 2 – Retrato de Padre Cícero afixado ao caderno de memórias de Odísio	107
Figura 3 – O Jegue Mucuba.....	108
Figura 4 – Fachada da casa em que Odísio residiu quando chegou em Juazeiro	109
Figura 5 – A rua em que Padre Cícero viveu	110
Figura 6 – A última casa em que Padre Cícero morou	111
Figura 7 – A Capela do Perpétuo Socorro	111
Figura 8 – Casa de santos Padre Cícero	112
Figura 9 – Cacimba Municipal	114
Figura 10 – Fornecedor de água	115
Figura 11 – Transporte de água	115
Figura 12 - Uma pedinte.....	116
Figura 13 – Venda de esteiras na feira semanal	121
Figura 14 – Comércio de rapadura na feira	121
Figura 15 – Fotografia de Romualdo.....	131
Figura 16 – Odísio e Romualdo saindo para vender imagens do <i>Padrinho</i>	132
Figura 17 – Romualdo e o almoço.....	133
Figura 18 – Odísio carregando uma espingarda	134
Figura 29 – Um romeiro que adquiriu busto de Padre Cícero feito por Odísio	135
Figura 20 – Romualdo e a gata Benvinda.....	136
Figura 21 – Romualdo rezando antes do almoço	138
Figura 22 – A “Sopa”	163
Figura 23 – O escultor Laurindo Ramos e sua obra em bronze	237
Figura 24 – Odísio, a estátua de bronze e a Coluna da Hora.....	245
Figura 25 – Resultado da estátua esculpida por Odísio.....	254
Figura 26 – Romeiros oram e beatos esmolam em Juazeiro	256
Figura 27 – Espada que teria pertencido a Floro Bartolomeu. Segundo a reportagem, Padre Cícero teria abençoado a arma	257
Figura 28 – Barraca sob a qual moraria Maria Firmina, uma beata de Padre Cícero...	257

Figura 29 – Uma romeira eleva suas preces diante da estátua de Padre Cícero construída por Odísio	258
Figura 30 – A estátua de Padre Cícero elaborada por Odísio, ainda em barro.....	261
Figura 31 – A estátua de Padre Cícero no Horto	274

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A MORTE DE PADRE CÍCERO: PROBLEMA E SOLUÇÃO	24
2.1 Um problema: o fim de Juazeiro.....	24
2.2 Entre o problema e a solução: o passado e o futuro.....	36
2.3 Uma solução: para o corpo da escultura e do escultor.....	50
3 JUAZEIRO AINDA SERÁ CANUDOS?	61
3.1 O peso do passado.....	61
3.2 A (des)confiança do futuro	72
3.3 A nova Canudos.....	83
4 A VIDA APÓS A MORTE	101
4.1 A rua e a casa	101
4.2 Cotidiano, lazer e trabalho	120
4.3 Mulher, negra, trabalhadora e juazeirense.....	141
4.4 O alimento e a fome	147
5 LUGAR DE MEMÓRIA OU LOCAL DE RECORDAÇÃO?.....	158
5.1 Entre a piedade e a fama: o lugar de Juazeiro.....	158
5.2 Entre a memória e a recordação: a escrita de Odísio	170
5.3 Entre a vida e a morte: Padre Cícero encadernado	188
6 JUAZEIRO DEPOIS DO PADRE CÍCERO.....	199
6.1 Amigos e inimigos da memória de Padre Cícero	199
6.2 O Juazeiro de Padre Cícero	207
6.3 PADRE CÍCERO DE JUAZEIRO	222
7 PADRE CÍCERO NA PRAÇA, NA CAPELA E NO ALTO DA COLINA.....	236
7.1 Padre Cícero na praça.....	236
7.2 Padre Cícero na capela.....	246
7.3 Padre Cícero no alto da colina.....	268
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	283
REFERÊNCIAS	288

1 INTRODUÇÃO

Em palestra proferida durante o V Simpósio Internacional do Padre Cícero, realizado em Juazeiro do Norte em março de 2017, Dona Rosinha do Horto, romeira e devota do sacerdote, afirmou: “Ele não chamava ninguém para o Juazeiro. O povo é que pedia a ele”. Ela se referia às súplicas que tantos sertanejos — como ela e sua família — fizeram para que o *Padrinho* permitisse que passassem a residir na cidade. Esse movimento migratório, segundo a devota, não era fruto de um convite, mas de um desejo íntimo daqueles que tinham fé nos milagres atribuídos ao sacerdote. O papel requerido — e desempenhado — pelo sacerdote no acolhimento desses romeiros, no entanto, não era insignificante. Segundo Dona Rosinha, ele teria advertido: “Quem vier morar no Juazeiro, tenha paciência, que a dificuldade é muita”. Padre Cícero não prometia o paraíso terreal. Era um local de muitas dificuldades, onde os devotos precisariam construir novas trajetórias de vida, auxiliados, sempre que possível, pelos gestos e conselhos do querido *Padrinho*, responsável por providenciar terras para o trabalho, casas para a moradia, alimento para a fome e conselhos para as almas sedentas de consolo.

Sou, como Dona Rosinha do Horto e tantos outros habitantes de Juazeiro, uma migrante. Tive um bisavô romeiro que se aconselhava com Padre Cícero e chegou a transformar um de seus filhos em afilhado do sacerdote. Filha de cearenses, vivi em São Paulo de 1987 a 1999, quando me transferi com minha família para o Ceará. Meus pais eram filhos de Cedro (CE) e viveram na capital paulista durante muitos anos, como tantos outros nordestinos. Em 1999, graças a novas oportunidades de emprego e à qualidade de vida dos municípios do Cariri, resolveram voltar para o Ceará, fugindo da região Centro-Sul e se instalando mais perto da terra do *Padrinho*. Minha história é a história de inúmeros nordestinos que, tendo origem em regiões mais áridas e pobres, enxergam no Padre Cícero — vivo ou morto — um fator de atração e progresso para Juazeiro.

Juazeiro do Norte é, atualmente, uma cidade de médio porte. Conta com mais de 260.000 moradores e possui um modesto distrito industrial. É a cidade mais populosa da Região Metropolitana do Cariri, recebendo não apenas romeiros e turistas que buscam conhecer a terra do *Padrinho*, mas também visitantes que buscam os seus serviços. O município se destaca na região por possuir um importante centro comercial, além de estabelecimentos de lazer, instituições de ensino superior e atendimento médico-hospitalar de média complexidade. O forasteiro, ao chegar à região, encontra dificuldades

para distinguir Juazeiro dos dois municípios vizinhos e conurbados, Crato e Barbalha. Para aquele que vem de fora, toda a região parece uma cidade só. Nem sempre, contudo, foi assim.

Juazeiro era apenas um povoado da cidade de Crato quando lá chegou, em 1872, um capelão chamado Cicero Romão. O Padre Cícero viveria ali, de maneira discreta, até 1889, quando ocorreu o chamado milagre da hóstia. A beata Maria de Araújo, ao receber a comunhão das mãos do sacerdote, teria percebido que a partícula sagrada se transmutara em sangue. A partir daí, começaram a ser realizadas grandes romarias à localidade. As pessoas desejavam adorar o sangue precioso e conhecer o santo padre.

A Igreja Católica, que à época passava por um processo de disciplinarização, negou os milagres e puniu Padre Cícero pela divulgação do fenômeno. Com o tempo, a figura da beata Maria de Araújo, morta em janeiro de 1914, eclipsou-se, enquanto a imagem do sacerdote foi ganhando maior dimensão. Devotos procuravam o lugarejo não mais por causa do sangue derramado pela beata, mas pela santidade do *Padrinho*. Devido a conflitos políticos, Juazeiro se emancipou, tornando-se cidade em 1911, tendo Padre Cícero como seu primeiro prefeito. A partir desse momento, despontava o padre político, que não deixava de ser o padre santo e conselheiro. Ele viveria até 1934, quando tornou órfã uma cidade que contava com mais de trinta mil habitantes. Sua ausência foi encarada de maneiras diferentes pelos devotos, romeiros e intelectuais do Nordeste e do Brasil. É sobre essas diversas expectativas geradas pela morte do *Padrinho* que se dedica o trabalho aqui apresentado. Em 1934 começa a nossa história, que fará recuos e avanços no tempo quando necessário.

Ao se debruçar sobre a bibliografia a respeito de Juazeiro, o pesquisador perceberá que boa parte dos livros de memórias, das biografias e dos estudos referentes à cidade e ao seu fundador têm fim em 1934. A impressão é a de que, com a morte de Padre Cícero, o Juazeiro deixaria de existir. Procuo perceber, por isso, o que imaginavam os habitantes de Juazeiro sobre o futuro da cidade após a morte de seu *Padrinho*. Busco compreender quais eram os temores e as esperanças relacionados a esse inevitável evento. Dedico-me, também, a tentar demonstrar como a cidade habitada, buscada e amada por causa de um santo vivo se transformou na cidade visitada *apesar de* o Padre Cícero estar morto.

A ideia dessa pesquisa se consolidou a partir do meu encontro, em 2013, com o caderno de memórias de Agostinho Balmes Odísio, intitulado *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero*. O que me chamou atenção nesse manuscrito, redigido em 1935 e

publicado pelo Museu do Ceará em 2006, foi o fato de ele se deter sobre um período pouco mencionado na história de Juazeiro — aquele que diz respeito ao momento posterior à morte de Padre Cícero. Além disso, entusiasmava-me o fato de se tratar de uma obra de caráter memorialístico, autobiográfico. Nesse sentido, era uma produção que se distinguia de tantas outras que, graças à ampla circulação, ajudaram a fundar os olhares e interpretações concernentes à cidade.

Para muitos jornalistas da década de 1930, o desaparecimento de Padre Cícero representava um problema. Seria um problema econômico que levaria à fuga de mão de obra do Nordeste para o Sudeste e o Norte, causado pelos possíveis acessos de fanatismo — os quais já não poderiam ser aplacados pelo Padre Cícero — ou um problema político, já que os devotos, romeiros e retirantes ficavam então sem o apoio espiritual, moral e material do sacerdote. Para os romeiros, por outro lado, o desaparecimento do *Padrinho* significava o fim de uma relação física com um santo que falava a língua dos pobres e nunca se negava a ouvir e auxiliar os necessitados.

Diferentemente dos jornalistas e escritores daquele período, o escultor italiano Agostinho Balmes Odísio viu em Juazeiro sem o Padre Cícero não um risco ou um problema, mas uma grande oportunidade. Ele sabia que o santo morto poderia ser mais lucrativo do que um padre vivo. Além de esculpir e vender imagens do *Padrinho*, imaginou que a mudança para o Ceará seria útil para curar seu reumatismo e atenuar os problemas do coração. Seu espírito empreendedor o conduziu, já no outono da vida, até aquela distante e extravagante cidade.

Agostinho Balmes Odísio nasceu em Turim, na Itália. Dedicou-se ao curso de Belas Artes em sua cidade natal e em Roma. Em 1912, conquistou uma bolsa de estudos e partiu para a França com o objetivo de estudar Artes e Arquitetura em Paris, onde chegou a ser aluno de Auguste Rodin. Na Europa, esculpiu bustos e nichos. Trabalhou em obras sacras. Foi também amante de outras artes: escreveu poemas e peças de teatro. Em 1913, resolveu partir rumo à América do Sul, decidido a encontrar seu irmão na promissora cidade de Buenos Aires. Aos 32 anos, órfão de pai há muito tempo, deixou em terras italianas apenas um elo: sua mãe, Maria Balmes Odísio.

Depois de ondular por muitos dias no mar, o navio que levava Agostinho aportou em Santos. A viagem demoraria a prosseguir para a Argentina, e o escultor resolveu buscar hospedagem no Convento de São Bento. Estando há algum tempo em São Paulo, recebeu a visita de Natale Frateschi, dono de uma marmoraria localizada na pequena cidade de Franca. O empresário procurava os serviços de um escultor que

pudesse lavrar o busto do Coronel Francisco Martins. Agostinho resolveu abraçar a oportunidade¹.

Durante sua estadia em São Paulo, Odísio começou a nutrir interesse por Dosolina, uma das filhas de Frateschi. Logo casou-se com ela e fixou residência no Brasil. O sogro do escultor possuía então uma empresa dedicada à arte funerária, e construía túmulos, capelas, estátuas e escadas de mármore. Além disso, tinha “[...] grande sortimento e depósito de corôas, grinaldas, flores e todos os pormenores funerários”². Administrava duas lojas: a sede ficava em Franca, no interior de São Paulo, e a filial se localizava no em Minas Gerais, onde Odísio passaria a morar com o objetivo de cuidar dos negócios da família. Além de ganhar um jovem administrador e escultor, a empresa foi dotada de novo nome, passando a se chamar Marmoraria e Artes Plásticas Odísio e Frateschi Ltda.

Odísio trabalhou, entre 1913 e 1934, como produtor de obras sacras para igrejas de São Paulo e Minas Gerais. Também se dedicou à elaboração de bustos e outras estátuas honoríficas, assim como à concepção de túmulos para os cemitérios locais. Aos 53 anos de idade, em 1934, devido a problemas de saúde e à oportunidade de novo mercado de trabalho propiciada pela morte de Padre Cícero, tomou a decisão iniciar uma nova trajetória profissional em Juazeiro do Norte. Chegando à cidade, escreveu um caderno de memórias sobre o singular cotidiano local, afixando também fotografias acerca dos mais diversos aspectos do lugar. Odísio abriu, assim, uma fresta na porta do tempo, permitindo que espíássemos, através de seus olhos, o dia a dia de Juazeiro do Norte em 1935.

É preciso notar que a Juazeiro de 1935 e a Juazeiro de Odísio são coisas diferentes. Aqui, o objetivo é estudar as diversas Juazeiros existentes (e imaginadas) nos textos e esculturas que tiveram, entre 1934 e 1969, Padre Cícero como inspiração. O caderno de memórias de um escultor estrangeiro se insere nesse conjunto de obras acerca de uma cidade que parecia estranha ao intelectual brasileiro do período. Um aspecto

¹ É relevante destacar a observação de Sabrina Costa acerca da trajetória de Odísio, que “[...] por motivos desconhecidos, decidiu morar na Argentina em 1913, um ano depois de ter conquistado e usufruído uma bolsa de estudos em Paris, onde teria sido discípulo de Auguste Rodin. Essa informação, além de carecer de comprovação, é um tanto duvidosa, uma vez que dificilmente um escultor europeu com ambições artísticas que tivesse sido discípulo de Rodin trocaria Paris, principal centro da vanguarda artística ocidental da época, por um país na América Latina”. COSTA, Sabrina Albuquerque Araújo. **O Artista Zenon Barreto e a arte pública na cidade de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. p. 63.

² SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 58.

excepcional de sua narrativa, contudo, é aquele que remete à etnografia: uma descrição densa e participativa de uma realidade que até então lhe era desconhecida.

As narrativas de Odísio conseguem dar visibilidade a uma população que, apesar de constituir o coração da cidade, era amplamente discriminada por grande parte dos intelectuais. Seu caderno de memórias foi essencial para o desenvolvimento desse trabalho, pois abordou de perto temas bastante negligenciados a respeito da terra do *Padrinho*.

Após iniciar a pesquisa, notei que as afirmações de Odísio sobre o cotidiano de Juazeiro não representavam apenas sua própria experiência como habitante da cidade, mas diziam respeito também às coisas que ouviu de outros moradores, assim como às leituras que fez sobre a cidade e seu fundador. Desse modo, comecei a me interessar por escritos acerca da “Meca Sertaneja” que também remetessem à discussão sobre aquele delicado período de luto e pudessem ser cotejados com as informações concedidas por Odísio.

Examinei matérias jornalísticas de grande circulação, obras de literatura e estudos que pretenderam explicar quem era o Padre Cícero e por que sua partida seria tão sentida pelo povo nordestino. Ao longo da investigação, deparei-me com temas recorrentes, como o temor de que a cidade se esvaziasse após a morte do sacerdote ou o medo de que o “fanatismo” se tornasse mais intenso, transformando a localidade numa nova Canudos. Uma pergunta passou, então, a se apresentar para mim: por que Juazeiro, após a morte de Padre Cícero, continuou a existir? A cidade não pereceu com o fim do seu fundador. Não chegou nem mesmo a apresentar a decadência econômica e demográfica prevista por muitos. Pelo contrário: embora o *Padrinho* não mais existisse, os romeiros continuavam a visitá-lo.

O objetivo central desta tese é investigar, a partir dos vestígios deixados em livros, jornais e materiais memorialísticos redigidos entre 1934 e 1969, as diferentes percepções sobre o que seria Juazeiro após o desaparecimento de seu fundador. A principal fonte empregada foi o caderno de memórias de Agostinho Balmes Odísio, mas as demais publicações sobre Juazeiro e Padre Cícero lançadas no período em questão também foram amplamente observadas. Busquei, além disso, compreender por que as visitas ao *Padrinho* não se extinguiram, mas se transformaram, com o tempo, em migrações e deslocamentos para uma cidade considerada santa. Nesse sentido, a obra de Odísio surge, ao mesmo tempo, como fonte e objeto de um processo que se daria justamente em 1934, momento em que o escultor conheceu a cidade de Juazeiro.

Essa pesquisa está inserida na linha de pesquisa “Memória e Temporalidade”, por tratar de um objeto que, além de viver na fronteira entre o acontecido e o não acontecido, situa-se na margem entre a memória e o esquecimento: a morte de Padre Cícero. Pretendi compreender o modo como foram elaboradas, a partir desse evento, noções acerca de Juazeiro que ora a colocavam como reduto do atraso, ora a aclamavam como a cidade mais progressista do Cariri cearense. Foram estabelecidos, em torno da terra de Padre Cícero, sentidos para o passado com o objetivo de interferir em prognósticos futuros para a cidade, fossem estes favoráveis ou não. A morte do sacerdote é um marco nessa relação entre os devotos e a cidade, que, embora fosse delimitada por um “antes e depois”, arvorava-se, principalmente, na esfera do “sempre”. Outro objetivo deste trabalho foi perceber a edificação de monumentos e estátuas em homenagem ao *Padrinho* como meio de mantê-lo vivo entre seu povo. Eram artefatos da memória que evocavam a sua presença, embora isso não significasse que o santo juazeirense dependesse de tais objetos para ser lembrado.

Juazeiro permaneceu com seus moradores, os muitos devotos que ali foram habitar graças à reverência ao Sangue Precioso ou aos milagres do Padre Cícero. Prosseguiu, além disso, recebendo os romeiros, que já não podiam visitá-lo pessoalmente para pedir conselhos, bênçãos e auxílios materiais, mas continuavam considerando-o vivo em suas mentes e corações. Percebi, desse modo, que a cidade deixou de ser apenas a morada do *Padrinho Cícero*, passando a contemplar em si diversos outros significados. Transformou-se, com o tempo, num *local de recordação*, de onde emanava a presença do sacerdote mesmo após a sua morte. Era uma terra santa, uma urbe sagrada.

A partida do *Padrinho* para o Céu representou o desaparecimento de um grande líder político, respeitado conselheiro e carismático pastor. Para os seus seguidores, a perda era irreparável, mas se configurou como um conveniente mote para muitos jornalistas, escritores e artistas que se inspiraram no evento para conceber suas obras. Odísio faz parte do segundo grupo. A morte de Padre Cícero foi o marco fundante de sua ascensão artística, dando a ele a oportunidade de se destacar como escultor.

De certo modo, a persistência de Padre Cícero nos corações dos devotos surpreendeu aos intelectuais e autoridades religiosas que planejavam dar fim à sua memória. A morte não foi capaz de eliminar o *Padrinho*. Juazeiro *sem* Padre Cícero passou a ser Juazeiro com *mais* Padre Cícero do que se imaginava. Por muito tempo, contudo, houve uma tentativa (fracassada) de apagar os vestígios de seus passos pela cidade.

Minha hipótese principal é a de que Juazeiro, após a morte de Padre Cícero, estabeleceu-se como um local de recordação, onde a aura de santidade conferida ao *Padrinho* continuou a ser observada e sentida pelos seus devotos e romeiros. Embora muitos marcos simbólicos tenham sido estabelecidos em homenagem ao sacerdote, considero que a cidade não se transformou num “lugar de memória” semelhante àqueles analisados por Pierre Nora, mas em um local de recordação, conforme a conceituação elaborada por Aleida Assmann³. Noto, ainda, que havia, em relação a Juazeiro, opiniões quase sempre polarizadas, as quais apregoavam a expectativa do atraso eterno, ocasionando uma possível extinção ou até mesmo a perspectiva do extraordinário adiantamento do progresso. Tais percepções tinham íntima relação com o que os intelectuais do período pensavam acerca da influência de Padre Cícero sobre a região.

O recorte temporal da pesquisa vai de 1934 — ano da morte de Padre Cícero — a 1969, quando a construção da grande estátua sobre a Colina do Horto ressignificou a fé romeira. O monumento, edificado com a pretensão de atrair turistas, reconciliou, de certa forma, o poder público, os intelectuais e as elites com a devoção ao *Padrinho*. Começou a se consolidar a ideia de que o sacerdote é mais sinônimo de progresso do que de atraso.

No primeiro capítulo deste trabalho, pretendi investigar as diversas expectativas sobre a morte de Padre Cícero, assim como os temores e esperanças relacionados a esse acontecimento. Utilizei jornais e revistas de grande circulação como fontes. Optei pelo uso de periódicos de abrangência nacional por compreender que foram responsáveis pelo estabelecimento de imagens que os habitantes de Juazeiro buscavam, constantemente, combater.

Para alguns articulistas do período, o funesto evento significava um grande problema, pois abria margem para o esvaziamento do município, a fuga da mão de obra e a invasão de cangaceiros. Havia quem acreditasse, ainda, numa perigosa ascensão do fanatismo, causada por uma forçosa santificação do homem morto. Por outro lado, muitos enxergaram esse evento como o fim de um exótico capítulo na história local. Os defensores dessa ideia acreditavam que a ausência do sacerdote finalmente permitiria o

³ Segundo Assmann, “[...] mesmo quando os locais não têm em si uma memória imanente, ainda assim fazem parte da construção de espaços culturais de recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos”. ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 318.

progresso de Juazeiro, pois seus habitantes abandonariam a ignorante fé estimulada por ele. A morte de Padre Cícero, por conseguinte, tanto poderia representar um problema quanto uma solução.

Para Odísio, escultor italiano radicado em Minas Gerais, o desaparecimento do *Padrinho* significou uma solução. Após ter se instalado em Juazeiro com o objetivo de produzir imagens do novo santo nordestino, o artista conseguiu alcançar um destaque jamais atingido quando habitara os estados da região Sudeste. Seu nome passou a ser enaltecido com frequência nos jornais locais, suas encomendas foram constantes, seus lucros se tornaram profícuos e, rapidamente, pôde se fixar em Fortaleza, capital que recebeu com generosidade seus trabalhos.

Analisei, também, ao longo do primeiro capítulo, temores e esperanças apresentados por Floro Bartolomeu da Costa, Alencar Peixoto, Lourenço Filho, Manoel Dinis e outros importantes personagens que tentaram explicar o fenômeno de Juazeiro e a excepcionalidade da liderança de Padre Cícero. Tais intelectuais, políticos e escritores forjaram, quando Padre Cícero ainda era vivo, diferentes interpretações sobre a cidade, lançando também seus olhares sobre o rumo que Juazeiro tomaria após o desaparecimento do sacerdote.

No segundo capítulo, meu objetivo foi discutir a ideia de que Juazeiro, após a morte de Padre Cícero, transformar-se-ia numa segunda Canudos. Partindo da produção de autores que escreveram quando o sacerdote ainda vivia e atuava na região, busquei demonstrar que tais receios possuíam raízes em períodos anteriores, muito calcadas sobre ideias eugenistas e sobre a influência da obra de Euclides da Cunha. Ressalto que tais discursos, embora hegemônicos, foram criticados por lideranças políticas e representantes da cultura letrada de Juazeiro, que se esforçaram para transmitir ao restante do país a imagem de uma cidade civilizada, ordeira e progressista. Também dei atenção, portanto, às práticas e aos discursos que tentaram rebater as acusações de atraso, fanatismo e banditismo associadas a Juazeiro.

Compreendo que a passagem de Lampião pela região, em 1926, trouxe à tona os mais diversos relatos acerca do banditismo existente na cidade, bem como sobre a suposta proteção que Padre Cícero provia aos bandos criminosos. Desse modo, temia-se que, após a sua morte, o cangaceirismo se tornasse incontrolável, gerando novos combates entre as autoridades oficiais e uma milícia de sertanejos fanáticos e guerreiros. Destaco ainda a experiência do Caldeirão — e as matérias jornalísticas a ela associadas — na

ascensão da ideia de que a ausência de Padre Cícero seria ainda mais perigosa que a sua presença.

Nesse capítulo, foram muito caras as reflexões ensejadas por Reinhart Koselleck (2006), teórico que recomenda estarmos atentos a termos presentes nas fontes aqui empregadas, tais como “ainda” e “já”. Essas noções de tempo pretenderam deslocar diferentes opiniões sobre Juazeiro, indicando atraso e avanço, decadência e modernidade, fanatismo e progresso⁴. Pretendi discutir a perspectiva de que Juazeiro ainda não havia alcançado seu potencial, se encontrando desarticulada do tempo da nação, representando por isso um empecilho ao progresso e correndo o perigo, mesmo após a morte do Padre Cícero, de tornar-se uma nova Canudos.

O terceiro capítulo se dedica a explorar, especificamente, o caderno de memórias de Agostinho Balmes Odísio, enfocando o cotidiano de Juazeiro após a morte do *Padrinho*. Acredito que, a partir desse manuscrito, é possível perscrutar a cidade e seus habitantes, bem como seus costumes e algo da dinâmica social que ali se desenrolava. Dediquei-me a estudar situações experienciadas pelo escultor durante sua estadia em Juazeiro, ou seja, eventos que ele vivenciou, viu, ouviu ou conheceu.

Entre outros temas, debati aspectos referentes a moradia, infraestrutura, alimentação, higiene, saúde, educação, trabalho e lazer. A intenção foi lançar luz sobre esse lugar habitado pelos inúmeros migrantes que chegaram em busca do amparo espiritual e material assegurado pelo *Padrinho*. Pretendi, além disso, perceber a presença de Padre Cícero entre seus afilhados, a partir da apreciação de hábitos e crenças que persistiram na cidade após a sua morte.

A partir dos estudos sobre cotidiano, detive-me sobre muitos aspectos frequentemente negligenciados na historiografia sobre Juazeiro. Assim, pude refletir sobre as vidas de homens e mulheres comuns, aqueles que urdiram, nas dificuldades do dia a dia, modos de superar a fome e viver a fé. O caderno de memórias de Odísio se tornou uma fonte a ser estudada por carregar em si a peculiaridade de não se encerrar numa tentativa de biografar o Padre Cícero, Floro Bartolomeu ou a Beata Maria de

⁴ De acordo com Koselleck, “[...] podem-se depreender as noções de progresso, decadência, aceleração ou retardamento, as noções adverbiais como ‘ainda não’ e ‘não mais’, o ‘mais cedo que’ ou ‘depois de’ o ‘cedo demais’ ou ‘tarde demais’, a situação e a duração, a cujas determinações distintivas devemos recorrer de modo a tornar visíveis movimentos históricos concretos. Tais diferenciações devem ser consideradas para toda proposição histórica que parta de premissas teóricas em direção à pesquisa empírica”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 122.

Araújo, mas estender-se em torno dos atos e gestos de personagens quase sempre olvidados — ou tratados como massa informe — nas obras que versam sobre Juazeiro.

Enquanto a escrita do terceiro capítulo se deteve sobre as *recordações* de Odísio acerca da terra do *Padrinho*, o quarto capítulo foi elaborado a partir das *memórias*. Especificamente, sobre as memórias que o escritor preservou acerca de dois momentos por ele narrados. O primeiro desses dois acontecimentos foi a viagem do deputado Antônio Xavier de Oliveira a Juazeiro. O evento se deu em outubro de 1934 e gerou grande comoção na cidade, pois divulgou-se, entre os devotos, a ideia de que o deputado pretendia sequestrar a estátua de Nossa Senhora das Dores e os restos mortais de Padre Cícero. A segunda experiência vivenciada por Odísio e aqui estudada foi a visita às ruínas da Igreja do Horto. A partir da excursão realizada pelo escultor àquele local, procurei demonstrar que muitas das memórias registradas na obra de Odísio não dizem respeito a coisas que ele viveu, mas a informações referentes à cidade que foram absorvidas indiretamente. Pretendi, além disso, analisar o modo como Agostinho Odísio inventou para si uma representação, que em quase tudo derivou da imagem que plasmou para o Padre Cícero.

No quarto capítulo, discuti algumas produções literárias e matérias jornalísticas publicadas após a morte de Padre Cícero. As obras aqui elencadas se concentraram, principalmente, sobre a persistência da fé romeira durante as décadas de 1940, 1950 e 1960. A constância da crença no *Padrinho* parece ficar evidente nesse período. Por esse motivo surgiram, na ocasião, biografias e diferentes análises que pretendiam explicar os motivos da permanência dessa devoção que, apesar de ser muito estudada, era pouco compreendida. Tomando como pontos de partida as noções de *piiedade*, *fama*⁵, *recordação* e *memória*⁶ discutidas por Aleida Assmann em sua obra *Espaços da recordação*, pretendi investigar como Juazeiro foi, progressivamente, transformando-se num local sagrado que guardava a memória de Padre Cícero. Meu objetivo, ao longo desse capítulo, foi discutir também os elementos que confluíram para

⁵ Segundo Assmann, “A memorização dos mortos tem uma dimensão religiosa e outra mundana, que se opõem entre si como *pietas* e *fama*. Piedade é a obrigação dos descendentes de perpetuar a memorização honorífica dos mortos [...]. Já a *fama*, isto é, a memorização cheia de glórias, cada um pode conquistar para si mesmo, em certa medida, no tempo de sua própria vida. A fama é uma forma secular da *autoeternização*”. ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 37. No caso de Padre Cícero, as duas modalidades se misturam e confundem, pois sua fama o fez santo.

⁶ Assmann contrapõe memória e recordação, afirmando que “[...] diferentemente do ato de decorar, o ato de lembrar não é deliberado: ou se recorda ou não se recorda”. ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 33.

que Juazeiro deixasse de ser somente o lugar em que era possível estar com o *Padrinho* e passasse a ser também o local em que era possível sentir intensa e intimamente sua presença.

No quinto capítulo, procurei sondar obras que não tratavam sobre o “ainda”, mas sobre o “já”. Padre Cícero estava morto. Juazeiro, cada vez mais, deixava de ser um problema. Aqueles que escreviam sobre o tema após 1934 se preocupavam em discutir as contribuições do sacerdote para a consolidação da cidade como um local miserável, em que o fanatismo sobre-existia, ou, ao contrário, como um município que se destacava, em termos de desenvolvimento, de outras cidades do Nordeste, graças à contribuição do *Padrinho*. Suas narrativas começavam com o nascimento de Padre Cícero — ou com sua chegada em Juazeiro — encerrando-se com sua morte. O fim de sua existência era o fim de um capítulo na história do povoado, que dali em diante poderia ser, hipoteticamente, uma cidade como outra qualquer.

Busquei, inicialmente, discorrer sobre as primeiras obras lançadas após o falecimento de Padre Cícero, geralmente elaboradas por juazeirenses ou por pessoas que conviveram de perto com o sacerdote e que o defendiam de qualquer acusação que pudesse receber *post-mortem*. Posteriormente, dediquei-me a estudar as biografias lançadas por Edmar Morel e Otacílio Anselmo, responsáveis por cristalizar, no país, muitas imagens depreciativas sobre Juazeiro e a herança legada por Padre Cícero aos habitantes da cidade. Nesse capítulo, procurei demonstrar que “amigos” e “inimigos” da memória do sacerdote defendiam, por meio de diferentes fontes e métodos, pontos de vista diametralmente opostos, atribuindo o atraso ou o progresso de Juazeiro ao mesmo personagem, o Padre Cícero.

No sexto capítulo, estudei a importância dos monumentos edificadas em homenagem ao *Padrinho*, percebendo-os como *meios de recordação*. A partir de jornais que discutiam a instalação dos mais importantes marcos simbólicos de Juazeiro, pretendi demonstrar que as imagens concebidas por Laurindo Ramos, Agostinho Odísio e Armando Lacerda contribuíram para a consolidação do culto ao sacerdote, embora em nenhum momento tenham sido as causas determinantes dessa devoção.

A escultura assentada sobre um nicho em frente à Capela do Socorro e o colossal monumento no alto da Colina do Horto aparecem nesse trabalho não como lugares de memória instituídos oficialmente com o objetivo de fundar uma rememoração forçada, mas como meios de recordar — e de interagir com — um homem santo que já não habitava o espaço sagrado de Juazeiro. Embora tenham sido concebidas e instaladas

a partir de interesses muito distintos, cada uma dessas obras contribuiu para indicar importantes locais da história de Juazeiro e da trajetória do *Padrinho*, sendo encaradas com diferentes olhares pelos devotos e romeiros que visitavam o Padre Cícero não mais em carne e osso, mas em bronze e concreto.

2 A MORTE DE PADRE CÍCERO: PROBLEMA E SOLUÇÃO

2.1 Um problema: o fim de Juazeiro

Na tarde do dia 20 de julho já corriam os boatos da morte de Padre Cícero. Após a confirmação do acontecimento, as notícias passaram a ser divulgadas em jornais de todo o Brasil. O impacto do evento sobre Juazeiro era inegável. O comércio fechou; faltavam comida e serviços essenciais. Apenas os Correios continuavam funcionando — freneticamente —, pois tinham a função de transmitir a notícia para os mais diversos recantos. Telegramas foram enviados, e os devotos que moravam em lugarejos próximos começaram a se encaminhar para a cidade. Os jornais lançaram reportagens, entrevistas e diversos outros materiais biográficos, ansiando discutir a importância do sacerdote nos contextos políticos, sociais e religiosos do Nordeste e do Brasil. Um deles, o *Diário de São Paulo*⁷, apresentou um panorama desse debate:

Protector de cangaceiros, defensor da ordem, esteio da republica, santo ou charlatão, louco ou genial, explorado ou explorador, o Padre Cicero ganhou celebridade ilimitada. Os estudiosos de sociologia, de religião, de psiquiatria e de politica interessaram-se vivamente por ele. Escreveu-se tudo a seu respeito. Seu nome entrou para a eternidade no ‘folk-lore’ do Nordeste e se inscreveu definitivamente na historia do paiz. Ridicularizado e temido, Padre Cicero Romão Baptista ia atravessando os anos em uma longevidade que chegou a crear o dogma de sua imortalidade...⁸

De fato, desde o evento que fundou sua aura de santidade — a transformação da hóstia em sangue na boca da Beata Maria de Araújo, em 1889 —, Padre Cícero foi protagonista de inúmeras matérias jornalísticas. A atuação que teve no cenário político apenas intensificou a curiosidade em torno de sua figura. Discursos que o pintavam como um personagem que contribuía para o atraso do Nordeste foram veiculados com frequência. Juazeiro recebeu visitas de jornalistas, intelectuais e curiosos que pretendiam elaborar análises sobre o fenômeno. Comparações entre Canudos e a cidade fundada pelo *Padrinho* grassavam nos periódicos em geral.

⁷ Jornal de grande circulação, alinhado às ideias da Aliança Liberal, dirigido por Chateaubriand e membro dos *Diários Associados*.

⁸ FALLECEU HONTEM, em Joaseiro, o Padre Cicero Romão Baptista. **Diário de São Paulo**, São Paulo, p. 4, 21 jul. 1934.

O percurso de Padre Cícero foi observado por boa parte dos articulistas cariocas e paulistas como uma excentricidade, uma passagem quase folclórica, uma lenda, ou um mito em que acreditaram somente os ingênuos sertanejos do Brasil. Ridicularizado por intelectuais, combatido pelas autoridades eclesiásticas, respeitado por cangaceiros e devotos, ele representava um enigma que envolvia polos dicotômicos da discussão sobre civilização e barbárie, cultura e ignorância, educação e atraso.

Sua longevidade, bem como a fé a ele devotada por seus seguidores, levaram a imaginar que permaneceria eternamente em Juazeiro, cuidando de seus afilhados e aconselhando aqueles que se desviassem do bom caminho. Por esse motivo, seus seguidores se sentiram devastados quando souberam da inevitável partida. A ilusão de imortalidade criada em torno do padre se confirmaria durante seu velório. Por volta das onze horas da manhã do dia 20 de julho de 1934, circulou em Juazeiro a notícia de que Padre Cícero não estava morto: havia recuperado os sentidos. Houve ruidosas manifestações de alegria, mas logo se descobriu que fora um alarme falso⁹.

Conforme as narrativas de testemunhas oculares e memorialistas, diante da grande afluência de romeiros e devotos que pretendiam velar o corpo e avistar o *Padrinho* pela última vez, decidiu-se colocar o caixão na posição vertical junto à janela da casa, para que a grande massa de pessoas não tivesse que adentrar o prédio. Quando a manobra foi realizada, o corpo deslizou levemente, simulando um gesto das mãos, provocando, desta feita, os boatos de que Padre Cícero teria recuperado os sentidos ou, miraculosamente, ressuscitado.

Acontece que o *Padrinho* era, para muitos, santo. Para tais homens e mulheres, portanto, não parecia possível imaginar Juazeiro — ou o mundo — sem ele. A vida seria insuportável sem o seu auxílio espiritual e material. A morte, destino de toda a humanidade, parecia estar realizando um ato injusto ao carregar para longe o único santo que intercedia pelos seus ainda na terra. É preciso lembrar que inúmeros devotos e seguidores do sacerdote dependiam não apenas de seus conselhos morais, espirituais e médicos, mas também de seu auxílio financeiro, direta ou indiretamente. Sua morte representava um retorno ao abandono. Sofriam as almas romeiras, mas também os corpos famintos.

Parecia impossível crer que a figura extraordinária de Padre Cícero se submeteria aos desígnios do tempo, esvaindo-se como se fosse um homem qualquer. Ele

⁹ A MORTE do Padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 21 jul. 1934.

era sagrado. A convicção de sua imortalidade era semelhante àquela que os cristãos devem manter em seu credo relativo à vida eterna de Jesus Cristo. Segundo as informações de um correspondente do periódico *A Noite*¹⁰, do Rio de Janeiro,

É que muitas pessoas o julgam santo e não acreditam na sua morte. Aqui era grande o numero dos que mantinham essa convicção e que se aproximavam do corpo, para vel-o muito de perto, verificando então a verdade do facto consumado. Dos que assim pensavam, alguns têm enlouquecido deante da realidade.¹¹

Os devotos do *Padrinho* eram frequentemente considerados fanáticos, lunáticos, ignorantes. A população sertaneja que o seguia era julgada por muitos como uma massa de incapazes que não compreendia os dogmas da Igreja Católica, por isso se apegando a um falso profeta. Tais homens e mulheres, migrantes que saíram de várias partes do país em busca de apoio na vida ou de salvação após a morte, comumente eram negros e mestiços famintos e abandonados, desprovidos de terras e bens. As condições sociais em que viviam e as especificidades culturais e raciais que representavam constituíam elementos que ensejavam críticas e preconceitos entre as camadas letradas.

Os cangaceiros e jagunços que respeitavam Padre Cícero eram enxergados como perigosos criminosos que se aproveitavam de sua bondade para viver em liberdade. Os beatos¹² que ele protegia eram percebidos como tristes maníacos, que sofriam com doenças mentais e se encontravam desligados da vida real. Mas não eram alvos de julgamento apenas aqueles que criam no caráter santo de Padre Cícero. Em alguns momentos, a saúde mental do próprio sacerdote foi também posta em xeque. Seguindo as observações de Euclides da Cunha sobre as raças constituídas nos sertões, muitos eram os autores que viam o sacerdote como uma espécie de erro da natureza. A comparação entre o criador de Juazeiro e o fundador de Canudos, Antônio Conselheiro, foi relembraada pelo jornal *A Noite* do dia 20 de julho de 1934. O periódico afirmava que, embora estivesse no mesmo nível de seus fervorosos adeptos, o *Padrinho* soube, frequentemente,

¹⁰ Jornal que foi empastelado em 1930, por ser abertamente contrário à Aliança Liberal. Em 1934, já não pertencia ao proprietário inicial, Geraldo Rocha, mas a um grupo estrangeiro representado no Brasil por Guilherme Guinle.

¹¹ O PATRIARCA de Juazeiro. *A Noite*. Rio de Janeiro, p. 1, 28 jul. 1934.

¹² Os beatos surgiram nos sertões do Nordeste através das missões evangelizadoras de Padre Ibiapina. Eram leigos e leigas que faziam voto de pobreza e dedicavam suas vidas à oração. Não estavam ligados a nenhuma Congregação Religiosa e não eram reconhecidos pela Igreja Católica. Para maiores informações, Cf. BEZERRA, Osicleide de Lima. **Trabalho, pobreza e caridade: As ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

“[...] encaminhá-los para as coisas virtuosas e uteis. Seria um retardado, como diria, por exemplo, Euclides da Cunha, representativo perfeito de um momento histórico de nossa vida, do meio em que se agitou”¹³.

Sob essa perspectiva, Padre Cícero se distinguiria de Conselheiro apenas por ter conseguido manter a ordem em Juazeiro. Mas era, como todos os outros líderes messiânicos, um retardado, fruto de um meio específico e de um momento histórico que estava em vias de se acabar. O *Diário de São Paulo* foi ainda menos condescendente em seu necrológio, afirmando que as doenças psiquiátricas que acometiam Padre Cícero se tornaram mais evidentes durante a velhice:

Com a velhice a sua discutida *psychose* foi se afirmando: os estudiosos falaram em megalomania, *mythomania*, paranoia etc [...]. Os últimos retratos do padre Cicero apresentam uma *physionomia* de traços duros e angulosos, molares salientes, ligeiro prognatismo, orelhas largas, em leque, cabeça achatada, nariz recurvo, olhos irrequietos e pescoço curto e cheio. A velhice devastara seu corpo mal conformado e seu estranho espírito. Sua voz era secca e brusca, e ele falava com esgares surpreendentes e gestos curtos. Apoiado a um velho bastão, os cabelos brancos sempre crescidos, o padre Cicero, embora em uma infinita decadência, continuava praticando milagres noite e dia, até que a morte veio roubar ao Brasil a sua extravagante e curiosíssima figura.¹⁴

O discurso jornalístico tentava, a todo custo, enquadrar Padre Cícero nas fímbrias da ciência. Para grande parte dos intelectuais, os pretensos milagres — que tanto traziam admiração e surpresa aos devotos — facilmente seriam explicáveis pela medicina. Não satisfeitos com a análise psicológica ou psiquiátrica do santo do Nordeste, também se dedicaram a perscrutar sob os desígnios da pele alguns sinais das supostas patologias do sacerdote. A apreciação física pretendia desvelar o corpo mal conformado em que habitava o esdrúxulo espírito. Numa descrição quase antropológica (provavelmente influenciada, em certa medida, pelos estudos de Césare Lombroso)¹⁵, havia a tentativa de mapear seus gestos e sua figura, compreendendo a partir da ciência aquilo que a ilusão mística de seus fiéis não poderia decodificar. Interessante é notar que, três dias depois da

¹³ PADRE CÍCERO. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 15, 20 jul. 1934.

¹⁴ FALLECEU HONTEM, em Joazeiro, o Padre Cicero Romão Baptista. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 4, 21 jul. 1934.

¹⁵ Médico italiano que se consolidou como expoente da Antropologia Criminal. Defendia a existência de uma predisposição biológica de certos indivíduos à conduta antissocial. Através do estudo de traços faciais e de compleições corporais, Lombroso pretendeu desenvolver uma ciência que pudesse identificar o que ele chamou de *criminoso nato*. A Antropologia Criminal foi amplamente utilizada na Europa em fins do século XIX e no início do século XX no Brasil. Para maiores informações, cf. SANTOS, Elaine Maria Geraldo dos. *A face criminosa*. Neolombrosianismo no Recife na década de 1930. Dissertação de (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

publicação desse artigo no *Diário de São Paulo*, Rubem Braga expôs em sua coluna um ponto de vista sobre Padre Cícero que em quase tudo diferia daquele inicialmente publicado no mesmo jornal, afirmando que

Cicero era padre há 54 anos e nunca chegou a bispo. De padre, através de um diminutivo que o elevava sobre as turbas, desceu a padrinho. Seus afilhados eram milhões. Cicero era padrinho de um povo e muitos presidentes desta Santíssima República disputavam sua bênção [...]. Nosso padrinho Cícero Romão nunca excomungou ninguém. Um papa e um cangaceiro teriam para ele o mesmo valor. O Sagrado Collegio que o absolveu fez um acto de sabedoria. Cicero, para se dirigir a Deus, já não precisava transitar pelos cannaes competentes. Era quase de potencia a potencia [...]. Como padre, ele era tão inferior que não tinha ao menos uma igreja para rezar. Mas transformou em púlpito o batente da janela do seu casebre. E nunca nenhum templo do Brasil teve devotos mais fervorosos que o terreiro da casinha de Padre Cicero. Fieis de todas as paróquias do Brasil chegavam ali, carregando seus aleijados, seus leprosos, seus desesperos e suas esperanças. Prefeito municipal, vice-presidente estadual, deputado federal, Cicero Romão foi o chefe político mais definitivo do Brasil. Seu prestígio não estava em discursos, nem em promessas, nem em amizades, nem em força, nem em posições: estava agarrado no fundo da alma de seus homens.¹⁶

“A forma mais elevada da *fama* não está em templos glorificadores nem em memoriais, mas na memória corporificada e internalizada que há em cada um”¹⁷, disse Aleida Assmann em seu estudo sobre os espaços de recordação. A memória dos feitos de Padre Cícero não dependia de monumentos honoríficos e lugares consagrados institucionalmente a ele, mas do lugar em que viveu e atuou: a cidade de Juazeiro. Depois de sua morte, o *Padrinho* continuou ensejando percepções (e publicações) diversas sobre a trajetória em vida. O *Diário de Notícias*, por exemplo, elaborou um texto que tocava nas críticas mais comuns ao sacerdote. No obituário do jornal carioca fundado por Orlando Vilar Ribeiro Dantas¹⁸, Padre Cícero sobrevinha como alguém que se aproveitou da ingenuidade de seu povo para conquistar e manter o poder. Para o redator dos “dados biográficos” do falecido, somente o domínio na esfera política não lhe foi suficiente:

¹⁶ BRAGA, Rubem. CICERO ROMÃO. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 24 jul. 1934.

¹⁷ ASSMANN, Aleida. *Espaços da Recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 48-49.

¹⁸ Conhecido como “o jornal da revolução”, o periódico matutino pretendia combater a estrutura oligárquica da República Velha, apoiando, desse modo, a “Revolução de 1930”. Defendia o trabalhismo e deu apoio a Getúlio Vargas durante o Governo Provisório, mas foi contrário à sua candidatura à presidência, pois criticava o continuísmo e temia a possibilidade de estabelecimento de uma ditadura. Endossou a Revolução Constitucionalista e se colocou, posteriormente, em oposição a Vargas. Essa postura levaria à prisão de Orlando Dantas em 1937.

Político por instinto, o sacerdote católico buscou na ingenuidade sertaneja a fonte principal do prestígio que conquistou e manteve até os últimos dias de sua existência. Mas o seu prestígio não se limitou apenas às raias da política. Foi muito além. Um dia, a alma sentimental e ingênua do matuto, descobriu no prestigioso chefe político o dom sobrenatural e o nome do padre Cícero, em breve, corria de boca em boca, pronunciado como verdadeira unção. Proclamaram-no santo e não faltaram as provas de veracidade dessa afirmação.¹⁹

O obituário publicado no *Diário de Notícias* contradizia a ordem de importância — e mesmo a ordem cronológica — dos fatos. Padre Cícero, antes de ser político, já era santo. As crenças em torno de seus milagres surgiram em 1889, com o culto ao Sangue Precioso derramado por Maria de Araújo²⁰. Sua carreira política, por outro lado, colocou-se em marcha somente após 1911, quando conquistou a emancipação de Juazeiro e foi eleito para o cargo de prefeito.

Diversos jornais do Nordeste, especialmente de Recife e Fortaleza, propalavam visões semelhantes à do periódico paulista, afirmando que a vulnerabilidade dos sertanejos à crença na santidade do *Padrinho* advinha da falta de instrução e do desconhecimento da verdadeira religião. Para a cultura letrada, somente esses fatores explicariam a fé que um número tão grande de pessoas nutria pela estranha figura de Padre Cícero. No entanto, essa mesma fé era julgada com certa clemência pelos “civilizados”, que afirmavam a necessidade de compreender o atraso:

O sertanejo, em matéria de religião faz lembrar o povo ingênuo das épocas medievais. Não há em rigor nestas paragens incultas, uma religião propriamente dita. Há uma estranha mistura de catholicismo, superstição barbara e fanatismo, que faz deste nosso patrício o mais intransigente e ao mesmo tempo o mais tolerável de todos os crentes, pelo inabalável da fé que o empolga e pela infantilidade de certas idéas que ele aceita e que fazem sorrir ao homem civilizado.²¹

A crença na santidade do Padre Cícero, contudo, somente era tolerada entre os pobres sertanejos que não receberam educação formal. Homens e mulheres instruídos seriam censurados caso defendessem, como os humildes interioranos, a mesma fé herege. Um artigo publicado no periódico carioca *A Noite*, intitulado “Rei do Sertão” e assinado por Celso Vieira, defendeu que seria possível compreender o fenômeno quando se tratava

¹⁹ DADOS BIOGRÁFICOS do padre Cícero Romão Baptista, falecido hontem no Ceará. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 3, 21 jul. 1934.

²⁰ Para maiores informações sobre esse tema, cf. NOBRE, Edianne dos Santos. **Incêndios da alma: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos**. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

²¹ SERTÃO ABANDONADO. **Jornal do Recife**, Recife, p. 1, 24 nov. 1934.

dos sertanejos incultos, no entanto era inaceitável admitir o respeito devotado ao Padre Cícero pelos doutores das capitais:

O escândalo maior, comtudo, para as almas civilizadas, é a incrustação desse barbarismo no corpo dos institutos políticos, na vida republicana-federativa da nacionalidade. Compreende-se que o missionário-bem-feitor da secca de 77, por influencia do meio e do sangue, por desvio da liturgia catholica ou despecho de uma psychose mystica, se revelasse [...] o thaumaturgo da hóstia sangrenta, das curas intantaneas, das ordens de exilio ou despejo contra os demônios agasalhados no seio de uma cabocla mais ou menos hysterica. Ainda se explica, bem ou mal, por degenerescência de formulas rituais da Egreja, misturadas à feitiçaria das malocas e ao fetichismo das senzalas, o reino theocratico e totemista do Joazeiro, com os seus penitentes e beatos [...]. O assombro decorre de outro fenômeno. Com efeito, assombroso é que o nosso mecanismo eleitoral-administrativo e a nossa mentalidade superior, doutorada por vinte escolas em direito, lograssem fazer do monarca religioso das brenhas [...], prefeito do Ceará, deputado federal, que não veio ao Rio, chefe de partido, cujo exercito foi com os rifles e punhaes da jagunçada, sob laços vermelhos e chapéos de couro, até as portas de Fortaleza para derribar o governo local.²²

Celso Vieira de Matos Melo Pereira, escritor recifense, ocupou desde 1933 uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Poderia ser considerado, portanto, um “doutor”. Em seu texto, não poupou teorias raciais já criticadas em sua época, afirmando que a histeria de uma cabocla (a beata Maria de Araújo) explicaria o fenômeno de Juazeiro. Também acreditava, como tantos outros intelectuais, que as crenças dos habitantes locais estavam relacionadas à mistura de aspectos do catolicismo à “feitiçaria das malocas” e ao “fetichismo das senzalas”, acrescentando ainda o totemismo à sua descrição. Deixava entrever, desse modo, a ideia de que tais mulheres e homens pobres, negros, indígenas e mestiços, estavam destinados ao fanatismo. O escritor recifense acreditava que, embora fosse compreensível, por um lado, a devoção dos sertanejos miseráveis, por outro, seria um disparate imaginar que a “mentalidade superior” tivesse atribuído ao sacerdote “das brenhas” a força que possuiu, conferindo-lhe o poder político que garantiu sua sobrevivência mesmo em face dos grandiosos ataques a ele dirigidos pelos representantes da cultura letrada em geral.

É preciso destacar que os estudiosos do período tinham diferentes perspectivas sobre a figura do Padre Cícero, mas concordavam quando o tema era a influência política de sua personalidade e o amor devotado pelo seu povo. Nos anos finais de sua vida, ele já não exercia papéis de liderança política com grande frequência, mas a aura de santidade que lhe cobria crescia em medida inversamente proporcional ao

²² VIEIRA, Celso. Rei do Sertão. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 27 jul. 1934.

desaparecimento de suas ações na esfera pública. Por esse motivo, o momento de sua morte foi visto com certo temor pelas autoridades e pelos jornalistas. A preocupação ficou registrada, por exemplo, no jornal fortalezense *O Povo*:

O delegado regional está agindo de acordo com as demais autoridades no sentido de manter a calma e a ordem na cidade, sendo auxiliado de perto pelos vultos de destaque da sociedade joazeirense. As associações operárias locais convidaram suas congêneres das cidades vizinhas para comparecer ao enterramento do Padre Cícero, que foi marcado para amanhã, às sete horas. Não houve, até agora, para manutenção da ordem, necessidade de policiamento militar, tudo indicando o respeito do povo em torno do querido morto. Tem sido batidas inúmeras chapas fotográficas e estão sendo filmados vários aspectos e passagens do lutuoso acontecimento.²³

Embora, de acordo com os jornais locais, a sentinela parecesse correr sem maiores dificuldades, posteriormente surgiram notícias surpreendentes nos tabloides das capitais de outras regiões. O *Correio Paulistano*²⁴ informou, em 27 de julho de 1934, que as impressões chegadas da distante cidade de Juazeiro não eram as melhores: por ocasião dos funerais de Padre Cícero, teriam sido verificadas 13 mortes e numerosas síncope, além de 4 casos de loucura. O jornal afirmava que a consternação era geral, e a aglomeração de pessoas causava ainda mais acidentes e problemas de saúde aos presentes²⁵. Assim, a morte de Padre Cícero parecia acarretar outros desastres correlatos. De acordo com o mesmo periódico, em análise publicada meses depois, enquanto alguns perderam os sentidos e desmaiaram, outros foram pisoteados pela multidão ou enlouqueceram. Segundo Jarbas de Carvalho, “[...] os fanáticos e idolatras – muitos se recusaram a acreditar no trespasse de um santo authentic – fizeram-lhe uma dessas apoteoses como só se vê na Índia ao deus Vichnow”²⁶.

Dizia-se que no culto a uma das encarnações de Vishnu, era carregada uma grande estátua da deidade Jagrená. Durante esse evento, era comum o suicídio ritual — os seguidores da deidade se jogavam sob as rodas do carro que carregava a estátua²⁷. Jornalistas brasileiros faziam a comparação entre essa cerimônia e o culto a Padre Cícero

²³ A MORTE do Padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, p. 1, 21 jul. 1934.

²⁴ Em 1934, o jornal se configurava como oposição ao governo de Getúlio Vargas e pertencia à Sociedade Anônima Correio Paulistano. A tendência editorial era favorável à autonomia dos estados e combatia as esquerdas.

²⁵ ACCIDENTADO o enterro do padre Cicero. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 1, 27 jul. 1934.

²⁶ CARVALHO, Jarbas de. Um Santo Moderno. **Correio Paulistano**, São Paulo, p. 5, 8 nov. 1934.

²⁷ Marx mencionou “o carro de Jagrená” no primeiro volume de *O Capital*, ao discutir os sacrifícios impostos pelo capital, inclusive às crianças. As festas de Jagrená, em honra a Vishnu, eram rituais particularmente faustosos, marcados pela intensa religiosidade e pela autoflagelação. MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 1224.

com o objetivo de seguir os passos dos colonizadores da Índia, reprovando as manifestações de fé consideradas exageradas e atribuindo um caráter de idolatria à crença nele. Para tais mentes ilustradas, o sacerdote seria considerado, em Juazeiro, tão responsável pela manutenção do universo quanto Vishnu o era na Índia. O *Padrinho* era uma espécie de deus exótico, que recebia homenagens ainda mais estranhas. A recusa em acreditar na morte de Padre Cícero seria, para alguns, a causa de tais manifestações de idolatria.

Os acontecimentos relacionados a esse evento atraíram a atenção da imprensa nacional, que parecia ansiosa pelos novos — e talvez últimos — fatos em torno de uma figura que já havia perecido. No dia 3 de agosto de 1934, o periódico carioca *A Noite* publicou um caso capaz de impressionar leitores e leitoras:

Sabbado ultimo, uma mulher, cujo nome a reportagem não conseguiu identificar, ateou fogo às vestes, utilizando-se de kerozene, para pôr termo à existência. Dizem que o gesto da tresloucada se prende à morte do Padre Cícero. Houve quem a ouvisse dizer que não queria viver sem o padre na terra. A capella do Perpetuo não comporta o numero de visitantes, que é ininterruptamente considerável.²⁸

Pouco se sabe sobre a tentativa de suicídio veiculada pelo periódico carioca. Era, sem dúvida, um espetáculo digno de nota, mesmo que não fossem conhecidas as causas do acontecimento. Evidentemente, a tragédia logo foi associada ao evento mais dramático e relevante da cidade de Juazeiro naquele período. A ação poderia ser comparada a uma crise passional. A distância de Padre Cícero causaria dores e aflições aos devotos. Sofrer a morte na própria carne pareceria, assim, a única saída viável. Os boatos de que a moça talvez tivesse afirmado não querer viver sem o Padre Cícero foram utilizados como fonte segura para a notícia de um periódico conhecido e respeitado na capital do país. Nada mais se sabe sobre esse evento.

A memorialista juazeirense Assunção Gonçalves conta que, no dia da morte de Padre Cícero, os comerciantes da cidade venderam todo o tecido preto disponível. Os devotos passaram a tingir as próprias roupas com uma mistura de lama do Rio Salgadinho e sementes de jucá, para assim manterem o luto²⁹. As portas e janelas das casas e pontos comerciais também ostentavam cortinas e fitas pretas. Mesmo nos dias atuais, decorridos

²⁸ NÃO QUERIA viver sem o padre Cícero na terra – Impressionante tentativa de suicídio em Joazeiro. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 1, 3 ago. 1934.

²⁹ GONÇALVES, Assunção. Faltou pano preto para a missa do Padre Cícero. Disponível em: <<http://blogdeassuncaoconcalves.blogspot.com.br/p/textos .html>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

mais de oitenta anos do acontecimento, é frequente que idosos e demais fiéis nordestinos se vistam de preto no dia 20 de cada mês.

Flores, ex-votos, chapéus, objetos pessoais e orações passariam a ser depositados diariamente sobre seu túmulo. As longas distâncias eram vencidas por romeiros, que, a pé ou montados em animais, viajavam em busca de visitar seu *Padrinho*, agora silencioso e de olhos fechados. Em Pernambuco, “[...] a lembrança do Padrinho foi avivada agora com a sua morte, pelo brim preto, que todo o mundo usa, de luto fechado. Até duas, três horas da tarde, com o sol a rachar”³⁰. O luto visível nos pesados tecidos negros era uma maneira de recordar e homenagear aquele que jamais seria esquecido.

Conforme destaca o estudo de Assmann, “[...] não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la”³¹. Os romeiros compreendiam essa alternância entre a presença e a ausência do Padre Cícero, e manifestavam isso por meio de símbolos sensíveis, os quais refletiam a dor da perda e, ao mesmo tempo, a permanência da recordação.

Existiram, contudo, perspectivas menos piedosas. O Monsenhor Francisco Raimundo da Cunha Pedrosa publicou um artigo no *Jornal do Recife*³² em que parecia não lamentar a perda. Para o recifense, Padre Cícero tinha sua reputação manchada por ter se envolvido com o mundo político e, ainda pior, por ter fanatizado o povo:

Meteu-se de corpo e alma na Política e acabou afinal de baixar à sepultura talvez sem os Sacramentos da última hora, pois os jornais falam em tudo, menos da sua conversão completa a Nosso Senhor que misericordioso lhe prolongou a vida para bem arrepender-se do grande mal que fez à Igreja Catholica fanatizando o nosso povo!³³

É preciso ressaltar que muitos são os debates em torno da atuação política de Padre Cícero, e é frequente observar narradores que usam, como meio de afirmar sua distância da santidade, o argumento de que um homem político não pode ser santo. O articulista do *Jornal do Recife* era dessa opinião. Seus comentários acerca da

³⁰ O NORDESTE. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, 1937. p. 467.

³¹ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 166.

³² O *Jornal do Recife* circulou durante 79 anos. Fundado ainda em 1859, já se encontrava no final de sua existência em 1934. Em 1929, o matutino aderiu à campanha da Aliança Liberal, defendendo a candidatura de Vargas e alinhando-se ao Partido Democrata de Pernambuco. Em 1934, foi dirigido pelo Coronel Faria e, posteriormente, por seu filho, Aprígio Faria.

³³ PEDROSA, Monsenhor Cunha. PADRE CICERO Romão Baptista. **Jornal do Recife**, p. 1, Recife, 24 ago. 1934.

possibilidade de Padre Cícero haver sido sepultado sem os sacramentos finais foram previamente desmentidos pelo jornal *O Povo*³⁴, que já havia noticiado, no próprio dia 20 de julho: “Às sete horas da manhã, o enfermo exalava seu último suspiro, tendo recebido antes todos os sacramentos da Igreja”³⁵, inclusive tendo sido autorizado seu sepultamento na Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

De acordo com a publicação fortalezense, o sacerdote recebeu todos os sacramentos. O bispo do Crato autorizou que seu corpo fosse sepultado no templo católico que o *Padrinho* escolhera e registrara em testamento. O jornal provavelmente considerou a importância de dar visibilidade a tais pormenores pela especificidade da situação, já que muitos rumores apontavam até mesmo a excomunhão de Padre Cícero.

Se por um lado alguns acreditavam que Padre Cícero havia abandonado a verdadeira religião, e que por isso não mereceria as exéquias da morte, por outro havia quem imaginasse que ele seria elevado, forçosa e imediatamente, aos altares, graças à fé dos seus seguidores. Era o caso dos jornalistas que publicavam no *Correio de São Paulo*³⁶:

Nessa cidade cearense, hoje grande centro comercial da zona cariryense, há uma estátua em bronze, do padre Cicero Romão Batista. E não será de estranhar que, neste momento, o povo todo, consternado e profundamente pesaroso com a morte do homem que foi amado durante mais de meio século e que já estava santificado em vida, continue ainda mais, de agora em diante, adorando-o, sendo capaz de elevar-lhe, até, um altar na igreja; porque altares domésticos já existem em toda a cidade de Juazeiro e mesmo noutras cidades.³⁷

Assim, a perspectiva de que o patriarca de Juazeiro fosse santificado à revelia da Igreja Católica existia desde então. As autoridades eclesiásticas não lhe concediam espaço em altares, mas os devotos pouco se importavam com isso. Nos lares sertanejos, imagens de Padre Cícero já dividiam espaço com quadrinhos de São José, Santa Luzia, Santo Antônio e dos demais santos devidamente canonizados.

A morte do *Padrinho* permanecia fértil em possibilidades. Jornalistas se empenhavam em procurar e escrever novidades sobre o tema. Entre as narrativas mais

³⁴ Jornal fundado por Demócrito Rocha em 1928. Nasceu como oposição a Moreira da Rocha, então governador do Ceará. O jornal apoiou a Revolução de 1930 e o governo provisório de Vargas, mas foi contrário à candidatura dele à presidência da República.

³⁵ A MORTE do Padre Cícero. *O Povo*, Fortaleza, p. 1, 21 jul. 1934.

³⁶ Jornal fundado na década de 1930. Tinha forte apelo de oposição à Aliança Liberal e defendia as oligarquias, o empresariado e a classe média de São Paulo. Com a derrota dos paulistas durante a Revolução Constitucionalista, foi aos poucos perdendo o caráter eminentemente político.

³⁷ PADRE Cícero. *Correio de São Paulo*, p. 2, São Paulo, 21 jul. 1934.

curiosas sobre o evento está uma do *Jornal do Recife*, que dois meses depois publicou uma matéria discutindo o estado de espírito dos devotos:

Certa vez, espalhou-se pelos sertões a notícia irrisória de que o desaparecimento do vigário do Joazeiro marcaria o fim do mundo... E pelas brenhas, há muitos anos, homens, mulheres e crianças debulhavam os seus rosários, pedindo a Deus que o padrinho Cicero não morresse nunca... [...]. Agora, quando o bom pastor de almas [...] fecha os olhos e se despede do mundo, é de causar pena o estado d'alma em que se encontram aqueles em quem o fanatismo se tornava uma grave psychose. Imagine-se que pelos sertões existem criaturas que, na sua ingenuidade, há mezes se despedem da vida, esperando que os quatro anjos da profecia venham atear fogo ao mundo...³⁸

A matéria reafirma a possibilidade de a fé (ou o fanatismo) se tornar uma doença. De acordo com outros pontos de vista, menos pessimistas e mais ponderados, não seria o fim do mundo, mas certamente o fim de Juazeiro. A cidade dependia de Padre Cícero não apenas para garantir o crescimento e o progresso, mas para assegurar a própria existência enquanto porto de repouso para os corações desamparados. Um informante teria garantido, por exemplo, que Lampeão, ao ser informado sobre a morte do *Padrinho*, insinuou que finalmente estenderia seu domínio pelas terras do Ceará:

Referiu-nos ainda o entrevistado que Lampeão, informado da morte do seu padrinho, o padre Cícero, de Joazeiro, não acreditou na veracidade da notícia. E, sem demora, improvisou um de seus comandados em emissário espresso a Joazeiro, afim de inteirar-se da certeza da má informação. O rei do cangaço aguarda o regresso do seu 'cabra' para, no caso afirmativo, intensificar sua ação devastadora.³⁹

Após a morte de Padre Cícero, aumentaram as especulações. Intelectuais, jornalistas e a população local se perguntavam se a cidade ainda cresceria ou enfrentaria um momento de conflitos, miséria, estagnação e declínio. Também não se sabia se o culto à personalidade do *Padrinho* resistiria por muito tempo ou se extinguiria com sua morte. Acreditava-se que alguns seguidores protegidos por ele passaram a se sentir abandonados, o que gerava expectativas referentes à permanência – ou não – do povo romeiro na cidade em que viveu o santo sacerdote. Por fim, era geral o temor de que Juazeiro fosse tomada por cangaceiros, ladrões e assassinos.

³⁸ O LUCTO pelo Padre Cicero. *Jornal do Recife*, Recife, p. 3, 13 set. 1934.

³⁹ VOU TOMAR conta do resto do mundo, diz Lampeão. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 2, 22 ago. 1934.

2.2 Entre o problema e a solução: o passado e o futuro

A morte de Padre Cícero era o fim do mundo. E o fim do mundo era o fim de Juazeiro. O local para onde acorreram milhares de devotos em busca de conforto espiritual e material parecia perder sua razão de ser. A cidade estava sem o seu patriarca. Devotos perdiam seu *Padrinho*. Era um fato inesperado para aqueles que acreditavam em sua imortalidade ou supunham que ele ainda viveria por mais algum tempo. O advogado Manoel Dinis, amigo pessoal do sacerdote, escreveu que, por causa do susto, “[...] certo barbeiro, ao saber que o *Padim* acabava de expirar, deixou um freguez barbeado só de um lado, e *flechou* à toda pressa, para a Rua S. José, onde o grande apóstolo do rosário começara a dormir seu derradeiro sono”⁴⁰.

O desaparecimento de Padre Cícero paralisou a cidade⁴¹. Sem ele, qual seria o sentido e o significado da existência de Juazeiro? Os sertanejos pobres, agora abandonados à própria sorte, eram, paradoxalmente, a riqueza dali. Sua mão de obra e seu parco poder de consumo sustentavam o município e garantiam a prosperidade dos pequenos empresários e comerciantes. Uma pergunta ecoava: como seria possível existir Juazeiro sem Padre Cícero? Essa preocupação havia se apresentado também ao próprio sacerdote, que manifestou uma súplica em seu testamento:

Aproveito o ensejo para pedir a todos os moradores desta terra, o Juazeiro, muito especialmente aos romeiros, que depois da minha morte não se retirem daqui nem o abandonem, que continuem domiciliados aqui, no Juazeiro, venerando e amando sempre a Santíssima Virgem Mãe de Deus [...].⁴²

Numerosos críticos e acusadores do Padre Cícero e de Juazeiro aventavam a possibilidade de que a cidade deixasse de ter destaque político após o ocorrido. A manifestação dessa preocupação no início do testamento faz crer que o fundador da cidade também temia seu posterior esvaziamento. Ainda não se sabia, àquela época, que futuramente a aura de santidade do Padre revestiria todo o espaço de Juazeiro, fazendo dela uma cidade sagrada. José Teófilo Machado⁴³, ao publicar em 1948 seu *Duas palavras*, escreveu, em tom altivo

⁴⁰ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1935]. p. 229.

⁴¹ Ralph Della Cava afirmou que, com a morte do *Padrinho*, “[...] os pessimistas começaram a cerrar as portas de suas lojas e a abandonar a cidade, cujos verdes campos eles pensavam que iriam fenecer”. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977]. p. 312.

⁴² LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 197.

⁴³ Personagem juazeirense que viria a ocupar o posto de prefeito da cidade durante uma vacância temporária, entre 1970 e 1971.

Ao contrário do que propalavam em 1934, quando faleceu o Padre Cícero, dizendo que esta cidade ia se reduzir a ruínas e o melão de S. Caetano, cobrir todas as casas, o Juazeiro continua, cada vez mais em progresso, a ponto de ter atualmente cerca de 50 mil habitantes, ruas em constantes remodelações, alinhadas e melhoradas [...].⁴⁴

Catorze anos depois do triste acontecimento, era quase uma vingança mostrar que Juazeiro permanecia sobrevivendo e, principalmente, crescendo após a morte de seu pai fundador. Nesse sentido, os aspectos de modernização da cidade também deviam ser destacados, pois conferiam ao local um ar de superioridade diante do atraso constantemente relacionado às cidades do sertão. A descrição das ruas alinhadas era essencial porque distanciava a cidade do aspecto desordeiro, sempre associado às regiões que possuíam ruas e becos tortuosos e irregulares.

Juazeiro foi acusada diversas vezes de se constituir como um arraial, uma aldeia de pobres casebres de palha e madeira que poderiam ser destruídos pelo fogo ou pelo vento a qualquer momento. Os rumores diziam que ali as forças naturais pareciam se sobrepôr à engenharia humana. A existência de ruas perpendiculares permitia imaginar algo diverso: uma urbe que se inseria nos planos de desenvolvimento nacionais e cujas avenidas “melhoradas” representavam o avanço, o progresso.

Até 1934, o temor de um possível abandono pode ser percebido em diversos relatos. Se para alguns a devoção ao Padre Cícero se extinguiria com sua morte, com o avanço da cultura letrada ou através da interferência da Igreja, para outros a cidade corria o risco de simplesmente ser abandonada pelos fiéis. Floro Bartolomeu da Costa, numa perspectiva muito pragmática, afirmou que

[...] o único a se temer depois da morte daquelle sacerdote, é grande parte daquella população, coagida por perseguições ou desolada pela sua falta, abandonar o logar, dando avultado prejuizo ao Estado, pela diminuição da lavoura, reduçção do commercio e falta de braços para o trabalho util e compensador.⁴⁵

Floro Bartolomeu, médico baiano que passou a residir na região do Cariri em 1908, rapidamente se transformou no maior aliado de Padre Cícero. Foi o grande defensor da cidade, tentando constantemente dismantelar os discursos que pretendiam afirmar a semelhança de Juazeiro com um acampamento, um hospício ou Canudos. Afirmou

⁴⁴ MACHADO, José Teófilo. **Duas palavras**. Excertos da vida de Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1948.

⁴⁵ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 153.

publicamente, repetidas vezes, que o município se constituía como um importante centro, desenvolvido e civilizado, podendo ser comparado a Fortaleza, Rio de Janeiro ou São Paulo. Sua preocupação com a cidade era eminentemente política, embora tenha ininterruptamente defendido Padre Cícero em todas as esferas. No livro que reproduzia seu discurso de defesa de Juazeiro, lançado em 1923, ele afirmava que ninguém deveria ter receio de um suposto “dilúvio de cangaço” quando Padre Cícero desaparecesse⁴⁶.

O educador paulista Lourenço Filho também se interessou pelos prognósticos acerca da morte de Padre Cícero e traçou, ao mesmo tempo, possíveis estratégias para combater o “fanatismo”. Ele havia sido convocado, pelo governo estadual, para reorganizar o ensino público cearense. Visitou Juazeiro durante essa tarefa. Numa série de artigos depois reunidos na obra intitulada *Juazeiro do Padre Cícero*, ele apresentou o município como uma cidade insana, grotesca, repleta de romeiros pobres e ignorantes. Segundo o autor, todo o atraso dos sertões teria se condensado ali “[...] para condicionar maior retrocesso e estabelecer condições propícias de desajustamentos, em que repontam mentalidades atrasadas por séculos”.⁴⁷ Seus escritos defendiam a formação das elites juazeirenses como solução para os problemas locais. O ensino primário viria em segundo plano, pois “[...] a ação das elites formadas no cadinho dos centros superiores de cultura refletir-se-ia na consciência popular”⁴⁸.

Diversos outros representantes da cultura letrada demonstravam grande preocupação com o futuro dos sertões após o desaparecimento de Padre Cícero. O medo era um sentimento constante: as classes favorecidas tinham pavor de revoltas populares, saques e assassinatos. Eram assombradas também pela possível fuga da mão de obra e de consumidores. A Igreja receava que o sacerdote fosse definitivamente santificado por seus fiéis. Os devotos, por sua vez, temiam o abandono, a fome, a miséria, as doenças e a morte.

O escultor italiano Agostinho Balmes Odísio, em seu caderno de memórias, apresentou ideias semelhantes às aquelas defendidas por Lourenço Filho na década anterior. Para os membros da elite de então, a fé em Padre Cícero provavelmente se extinguiria, e a educação seria o único meio de suplantar o fanatismo. Odísio, contudo, defendia que a escolarização deveria ser destinada a toda a população local, não somente aos filhos das famílias abastadas. O escultor refletia, inclusive, sobre sua própria trajetória de menino

⁴⁶ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 153.

⁴⁷ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 29.

⁴⁸ Op. cit., p. 182.

pobre que só pôde obter formação em seu país de origem graças à ação caridosa de Dom João Bosco, que construiu numerosas escolas na Itália⁴⁹. De acordo com Odísio,

[...] desaparecido o porquê das visitas de romeiros ao lugar, a cidade terá que forçosamente tomar outro aspecto e o povo outro rumo; ou Juazeiro progride tornando-se cidade operosa, culta e progressista ou fatalmente retrocederá ficando a Ítaca do sertão nordestino.⁵⁰

O perigo de Juazeiro, após o abandono de seu patriarca, transformar-se numa cidade fantasma era discutido ainda durante a vida do *Padrinho*. Acreditava-se que, se o município não progredisse, a população local passaria a eternidade esperando o retorno de Padre Cícero, como em Ítaca se esperava por Ulisses. Juazeiro corria o risco de se transformar numa ilha de atraso, numa urbe em que o passado se cristalizava, transformando-se em eterno presente.

O retorno do romeiro à sua terra natal, a diminuição do número de visitantes, a paralisia do comércio e o desaparecimento das pequenas manufaturas eram temas que surgiam frequentemente nas discussões daqueles que lucravam com as romarias e os romeiros, mas não necessariamente acreditavam na imortalidade do Padre Cícero. Manoel Dinis, diante da oportunidade de discutir sobre o assunto com o protagonista dessa história, lançou uma questão ao sacerdote: “E, se V. Revdma. morrer logo, não haverá uma grande diminuição nesta cidade?” A resposta foi a seguinte: “Não morrerei logo. Só deixarei este mundo, quando completar cento e cinquenta anos, porque ainda tenho muita coisa que fazer”.⁵¹

Mesmo Manoel Dinis, conhecido amigo do patriarca, teria perguntado ao próprio Padre Cícero qual seria o destino de Juazeiro após a sua morte. O advogado, que publicou *Mistérios do Joazeiro* em 1935, pode ser elencado como um dos defensores de Padre Cícero e de Juazeiro. Sua preocupação com os rumos da cidade representaria os temores das elites letradas, dos profissionais liberais e dos detentores de poder em geral.

Obviamente, Padre Cícero não chegou a completar os tais cento e cinquenta anos. Faleceu aos noventa. E aquilo que muitos vaticinavam, no fim, não aconteceu. A

⁴⁹ Na Itália, Dom Bosco criou, em 1854, os chamados Colégios Salesianos, que eram baseados em princípios franciscanos e procuravam assegurar a educação e a evangelização de crianças e jovens pobres. Agostinho Balmes Odísio estudou numa escola ligada à Congregação, a Escola Profissionalizante São Domingos Sávio, em Turim. A mesma ordem religiosa se constituiu como a maior herdeira de Padre Cícero, instalando-se em Juazeiro em 1939.

⁵⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p.s.n.

⁵¹ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1935]. p. 74.

cidade continuou a receber numerosas visitas de fiéis, e não necessariamente se transformou numa urbe culta e progressista, mas também não retrocedeu. Já possuía então comércio desenvolvido, numerosas oficinas e algumas fábricas. Assim, manteve seu destaque econômico entre os municípios da região e continuou a crescer mesmo após o desaparecimento de seu fundador.

Jornalistas e autores de cordéis prosseguiram escrevendo sobre Padre Cícero. Surgiram numerosas biografias acerca de sua trajetória. Os folhetos populares, estimulados pelas notícias de repercussão nacional e pelos fatos que envolviam o *Padrinho*, não deixaram de considerar que ele continuava sendo um personagem atraente e poderoso. Conforme destaca a pesquisadora Martine Kunz, “[...] inúmeros folhetos traduzem as profecias post-mortem de Padre Cícero, os aparecimentos, seus conselhos, sermões, palavras”⁵². O sacerdote, portanto, continuava vivo, e talvez mais do que nunca.

Marcela Stinghen afirmou, em sua dissertação intitulada *Padre Cícero: a canonização popular*, que “[...] a morte do padrinho [...] parece ativar uma série de mecanismos canônicos de representação que já vinham sendo gestados”⁵³. A pesquisadora tomou como fontes os folhetos populares e chegou à conclusão de que o desaparecimento do personagem histórico possibilitou o estabelecimento pleno da imagem do sacerdote como santo. É preciso ressaltar, no entanto, que tais mecanismos de representação da santidade do padre não podem ser considerados *canônicos*, pois sua santidade jamais foi reconhecida pela Igreja Católica.

O *Padrinho* e seus devotos eram, além disso, personagens mais ou menos constantes nos jornais locais e nacionais. Desde os fenômenos miraculosos, em 1889, até a sua morte, em 1934, passando pela sua carreira política a partir de 1911 e seu encontro com Lampião, em 1926, o sacerdote de Juazeiro foi figura frequente nos periódicos do país. Um jornalista chegou, inclusive, a lamentar, com certa ironia, o fato de os hebdomadários terem perdido, com a sua morte, um tema sempre estimulante:

Com o desaparecimento do padre Cícero Romão Baptista, o Joazeiro perdeu um thaumaturgo e a imprensa de todo o Brasil perdeu um assumpto. É difícil saber qual foi a perda maior. O mago do Cariry, herói a seu modo, vivia cercado de uma tal legenda de fantasmagoria mystica, que os seus menores actos eram sempre objeto de discussões e commentarios jornalísticos. A vida e os feitos do papa sertanejo, ou, antes, do profeta que fez do Joazeiro uma nova Mecca milagrosa, estão escriptos vivos e palpitantes, nas columnas dos jornais de todo o paiz. Era um assumpto de permanente actualidade e de

⁵² KUNZ, Martine. **Cordel** – A voz do verso. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011. p. 27.

⁵³ STINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero: a canonização popular**. 2000. 171 fls. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. p. 114.

incomparável sabor local. Mas acabou-se. Só nos resta pranteiar a irreparável perda.⁵⁴

A morte foi sentida por todos. Se os jornalistas lamentavam o fato de perderem um assunto, uma pauta, uma inspiração, os devotos pranteavam a perda de um conselheiro, um padrinho, um santo. Em 6 de novembro de 1934, o jornal Carioca *O Paiz* alertava para o perigo iminente em que se encontraria o sertão cearense após a morte de Padre Cícero:

A morte do padre Cícero deixou ao abandono o povo do sertão cearense. Todos aqueles fanáticos do velho clérigo ficaram sem o seu caudilho e estão agora à mercê dos próprios impulsos, em véspera de provocar uma agitação perigosa e de consequências imprevisíveis [...]. As nossas autoridades precisam não esquecer as origens do drama de Canudos e comparal-a, com o caso de Joazeiro em tudo semelhante, apesar da diferenciação da época [...]. E sob certos pontos de vista este de agora é muito mais grave do que aquele. Os jagunços de Canudos tinham a dirigir-os um homem, os do Ceará são comandados pelo prestígio sobrenatural de um phantasma. O seu ímpeto póde tornar-se mais violento e crear para o paiz uma situação alarmante.⁵⁵

O fim de Juazeiro viria através do seu esvaziamento, da fúria popular que levaria seus habitantes à loucura, do progresso, que eliminaria o fanatismo, ou mesmo por meio da intervenção das Forças Armadas. Essa era a perspectiva apresentada por boa parte dos ensaístas que refletiam sobre a morte de Padre Cícero. Em 4 de janeiro de 1931, o *Diário Carioca* reproduziu uma suposta conversa entre dois adversários políticos do sacerdote:

– Eu tenho p’ra mim que só com a morte do padre é que esta terra se endireita...
 – Depois, eu não sou desse pensar. No dia em que a estrada de ferro chegar aqui, você vae ver: acaba-se cangaço, acaba-se fanatismo, isto aqui se enche de soldado e tudo entra nos eixos, tudo se endireita!
 – Preciso ver p’ra entonce crêr! Qual! O Padre Cisso, estando vivo, a estrada de ferro chegando aqui, nem que inda por riba se puxe um ramal p’ra cada casa de Joazeiro, Joazeiro não se endireita!⁵⁶

Para alguns, a estrada de ferro libertaria Juazeiro do Padre Cícero e de seus seguidores. O transporte facilitaria a chegada do poder armado, que eliminaria o cangaço. Permitiria ainda o acesso de padres, juízes, professores, médicos e outros profissionais liberais, que até aquele momento preferiam habitar as cidades do litoral. A população

⁵⁴ THAUMATURGO e Assumpto. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, p. 2, 2 ago. 1934.

⁵⁵ NA PERSPECTIVA de um novo Canudos. *O Paiz*, p. 3, Rio de Janeiro, 6 nov. 1934.

⁵⁶ INCORRIGÍVEL. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, p. 6, 4 jan. 1931.

finalmente se educaria e passaria a respeitar os dogmas católicos. Para outros, no entanto, nem mesmo a estrada de ferro, símbolo máximo da modernidade, seria capaz de tirar Juazeiro da situação em que se encontrava, pois a presença de Padre Cícero estimularia uma idolatria incontrollável. Apenas sua morte poderia dar fim ao fanatismo. Imaginava-se, portanto, que em 1934 tudo teria fim: o Padre Cícero, o Juazeiro e a crença dos habitantes daquela cidade em Padre Cícero. Não foi o que ocorreu.

O *Diário Carioca* publicou, entre 1935 e 1936, numerosas reportagens sobre o Caldeirão, geralmente encaminhadas diretamente de Fortaleza pelo correspondente local, a *Gazeta de Notícias*. O Caldeirão era uma comunidade de agricultores surgida em 1926 que se organizou numa terra cedida pelo Padre Cícero no atual distrito de Santa Fé, sediado no município de Crato. Ali viveram pessoas pobres de todo o Nordeste que chegavam a Juazeiro sem bens, emprego e destino. O grupo que ali vivia foi liderado pelo beato José Lourenço⁵⁷, responsável por organizar os moradores, de maneira produtiva, em uma espécie de cooperativa. No Caldeirão, “tudo era de todos e nada era de ninguém”. O que era de um, era de todos⁵⁸. Em 1935, o periódico publicava, numa coluna da primeira página, pequena reportagem afirmando que “[...] explorando a memória do Padre Cícero, dois espertalhões arrebanham multidões de fanáticos para o plantio do campo, prometendo-lhes a salvação e a vida eterna!”. Acrescentava que “[...] um deles finge-se de Menino Jesus para receber carinho das mulheres fanatizadas!”⁵⁹.

A persistência da comunidade fundada por Padre Cícero, guiada pelo beato José Lourenço e divulgada, em todo o Nordeste, pelo beato Severino Tavares preocupou as autoridades. Em 13 de maio de 1936, o jornal carioca lembrou em seu editorial que, com o desaparecimento do Padre Cícero, todos pensavam “[...] que aquelas manifestações mysticas viriam a se acabar. Mas a alma simples e rude da gente estava tão impregnada daquele fetichismo que tudo continuou como estava”⁶⁰.

⁵⁷ José Lourenço Gomes da Silva nasceu em 1872, em Pilão de Dentro, estado da Paraíba, e chegou em Juazeiro quando tinha em torno de vinte anos. No início dos anos 1890 (não se sabe ao certo se 1891, 1892 ou 1894), logo após o fenômeno da hóstia, reuniu-se temporariamente aos beatos da cidade. Ele e sua família eram agricultores, por isso rapidamente resolveu, após consulta ao Padre Cícero, arrendar um terreno em Baixa Danta, no município de Crato. Para maiores informações, Cf. LOPES, Régis. **Caldeirão**: estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 43-44.

⁵⁸ Conforme depoimento de D. Maria de Maio a Francisco Régis Lopes. LOPES, Régis. **Caldeirão**: estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 75.

⁵⁹ UMA CHANTAGE Curiosa! **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 21 fev. 1935.

⁶⁰ OS FANÁTICOS do Padre Cícero. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 6, 13 mai. 1936.

No dia posterior, 14 de maio de 1936, o tema foi capa do jornal, com o título: “A Polícia do Ceará vai acabar com os beatos e beatas de Juazeiro – Ladrões e assassinos explorando a memória do Padre Cícero para melhor tirar proveito das massas fanáticas”. A matéria, construída a partir de pareceres oficiais, mas também bastante influenciada por rumores, afirmava que a morte de Padre Cícero estava sendo utilizada como meio de enriquecer criminosos e aproveitadores. Na reportagem lê-se:

Muita gente pensava, nós inclusive, que com o desaparecimento daquele sacerdote, tivesse fim também as manifestações de baixa credence e exagerada fé, filha da ignorância da maioria daqueles que a manifestavam. Puro engano. Juazeiro ainda hoje ostenta os seus focos de beatos e beatas ignorantes.⁶¹

Ou seja: a crença na santidade de Padre Cícero não feneceu com sua morte. A permanência dessa fé e a sobrevivência de grande ajuntamento de pessoas irmanadas em torno de uma mesma ideia pareciam ameaçadoras para as autoridades locais. Mais uma vez, o fantasma de Canudos rondava o Brasil. É interessante notar, contudo, o fato de as soluções violentas serem geralmente desestimuladas pelos jornalistas, que ressaltavam a necessidade de educar os povos do sertão para que a polícia não tivesse, outra vez, que intervir.

A ideia de que Juazeiro era um antro de fanáticos foi explorada por muitos cronistas, jornalistas, estudiosos e viajantes. Era, na verdade, o argumento principal de boa parte das narrativas elaboradas sobre a cidade. Abelardo Montenegro, por exemplo, publicou na década de 1950 seu *História do fanatismo no Ceará*, em que dedicava um longo capítulo à discussão dos milagres de Juazeiro. Montenegro defendia que as populações sertanejas tinham como principal característica o primarismo e, por esse motivo, eram incapazes de refletir e assimilar princípios religiosos, exprimindo sua fé de modo infantil. Para o autor, “[...] o misticismo sertanejo difere do misticismo dos santos. Enquanto o santo se esforça por elevar a alma a Deus, o sertanejo procura fazer com que Deus baixe até ele”⁶². Entendimentos semelhantes eram recorrentes nos estudos de meados do século XX, ensejando preconceitos relativos à fé dos romeiros, devotos e beatos.

⁶¹ A POLÍCIA do Ceará vai acabar com os Beatos e Beatas de Juazeiro – Ladrões e Assassinos Explorando a memória do Padre Cícero para melhor tirar proveito das massas fanáticas. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 1, 14 mai. 1936.

⁶² MONTENEGRO, Abelardo. **História do fanatismo religioso no Ceará**. Fortaleza: Editora Batista Fontenele, 1959. p. 127.

Entre os críticos de Juazeiro, havia há muito tempo uma forte tendência a depreciar a existência dos beatos e beatas. Tais homens e mulheres eram leigos, geralmente pobres e poucos escolarizados, que viviam para a oração e o trabalho e usavam vestes específicas (“camisolões” para os homens e vestidos negros para as mulheres). A cultura letrada enxergava a presença desses sujeitos como um indício de atraso cultural e fanatismo, que deveria ser eliminado. Para o escritor e psiquiatra juazeirense radicado no Rio de Janeiro, Antônio Xavier de Oliveira, os beatos haviam surgido na terra do Padre Cícero, dispersando-se, posteriormente, pelas demais cidades do Nordeste.

Xavier de Oliveira dedicou muito tempo ao estudo das psicoses de feitio religioso, defendendo que seriam doenças capazes de constituir, em terrenos férteis, verdadeiras epidemias. No Pavilhão de Assistência aos Psicopatas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, debruçou-se exclusivamente sobre o estudo de distúrbios mentais dos autodenominados profetas. Foi considerado pelos juazeirenses como um detrator de Padre Cícero, por ter escrito um libelo que, em 1920, gerou bastante mal-estar. Em seu livro *Beatos e cangaceiros*, descreveu as duas categorias que mais perturbavam a concepção de uma Juazeiro moderna, ordenada e racional. A obra foi muito criticada entre as lideranças locais. Floro Bartolomeu, depois de tecer longa crítica, afirmou que as narrativas do livro eram contos “[...] inverídicos e mal descriptos”⁶³. Xavier de Oliveira delineou em seu livro aquelas que considerava serem as principais características dos beatos:

O que é um beato lá no meio religioso de Juazeiro do Padre Cícero? É um sujeito celibatário, que faz votos de castidade (real ou aparentemente), que não tem profissão, porque deixou de trabalhar, e que vive da caridade dos bons e das explorações aos crentes. Passa o dia a rezar nas igrejas, a visitar os enfermos, a enterrar os mortos, a ensinar orações aos crédulos, tudo de acordo com os preceitos do catecismo! Veste à maneira de um frade: uma batina de algodão tinto de preto, uma cruz às costas, um cordão de São Francisco amarrado à cintura, uma dezena de rosários, uma centena de bentinhos de São Bento, uns saquinhos com breves religiosos e com orações poderosas, tudo pendurado no pescoço. São, geralmente, indivíduos vagabundos, hipócritas, delirantes religiosos, ou bandidos!⁶⁴

Tal descrição, eivada de muitos adjetivos pouco afáveis, deixa entrever algo do posicionamento das elites acerca dos beatos nordestinos. A existência de tais sujeitos

⁶³ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 120.

⁶⁴ OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e cangaceiros**. História real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: s.n., 1920. p. 39.

era considerada uma vergonha para a região. Suas crenças causavam constrangimento aos membros da cultura letrada, assim como as vestes, rosários e cruzeiros que carregavam. Por serem religiosos que não possuíam a tutela da Igreja, incomodavam também os sacerdotes mais conservadores. O fim da existência de beatos seria, para muitos, o primeiro passo em direção ao progresso.

De certa forma, as elites juazeirenses eram constituídas por dois grupos: um deles era representado por “filhos da terra”, que já viviam na localidade muito antes da emancipação do município; o outro era o grupo de “adventícios” (ou romeiros), que chegaram após o fenômeno da hóstia, em 1989. De acordo com o *Almanaque do Cariri* (1949), a grande concentração demográfica da região teria duas origens: a primeira estaria relacionada aos “prodígios de Maria de Araújo”, que a partir de 1889 contribuíram para a atração de pessoas “das Alagoas, Bahia, Pernambuco, Piauí, Goiás”, bem como do Rio Grande do Norte e da Paraíba⁶⁵. A segunda onda de chegada da população local estaria ligada ao período posterior à independência de Juazeiro e à Revolução de 1914, consolidando-se com a instalação dos trilhos da estrada de ferro de Baturité, em 1926. Com efeito, em 1920 a cidade possuía, de acordo com o Censo⁶⁶, 22.067 pessoas. Em 1940⁶⁷, a população já chegava a 38.145 habitantes. É, no entanto, difícil saber se houve um processo de emigração após a morte de Padre Cícero, pois não foi realizado nenhum Censo em 1930.

O estabelecimento de Juazeiro como morada definitiva de Padre Cícero permitiu que a cidade fosse procurada por muitos viajantes enquanto o sacerdote vivia. Alguns apenas visitavam o local temporariamente, pediam conselhos e bênçãos ao *Padrinho* e retornavam aos seus lares. Outros, contudo, permaneciam. Ali fixavam residência e criavam suas famílias. Buscavam moradia, sustento e conforto espiritual. Esses foram os reais fundadores da cidade, e eram justamente os mesmos sujeitos que poderiam desaparecer após a morte do patriarca de Juazeiro.

⁶⁵ LEITE, Francisco de Assis; ALVES, Joaquim (Org.). **Almanaque do Cariri – 1949**. Fortaleza: s.n., 1949. p. 147.

⁶⁶ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio – Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920**. Volume IV (4ª Parte); População. Rio De Janeiro: Typ Da Estatística, 1929.

⁶⁷ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**: série regional. Parte VI – Ceará – Tomo I – Censo Demográfico. População e habitação – quadros totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Quadros sinóticos por município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

É preciso considerar que, tradicionalmente, muitos retirantes procuravam a região do Cariri pela presença das numerosas fontes de água da Chapada do Araripe. As famílias sertanejas buscavam um clima mais ameno e propício para a agricultura e a pecuária. Esse fenômeno não se iniciou com a devoção ao Padre Cícero. Os períodos de seca já moviam, há muito tempo, grupos que fugiam das condições climáticas, sociais e econômicas do semiárido nordestino, especialmente dos estados que guardam proximidade com a região do Cariri, como Pernambuco, Paraíba e Piauí⁶⁸.

Como se sabe, a seca de 1877 trouxe terror aos sertões. A falência da cultura do algodão, a crise da agricultura de subsistência e a ausência de uma estrutura patriarcal que protegesse os trabalhadores nos períodos de seca foram problemas gravemente sentidos pela população. Os serviços públicos, além disso, ainda não estavam preparados para lidar com desastres climáticos em grandes proporções. Essa população, abandonada, procurou as mais diversas maneiras de sobreviver durante o período, embora muito frequentemente tenha encontrado apenas a miséria e a morte. Em 1915, uma nova seca trouxe prejuízos semelhantes ao Nordeste. Padre Cícero, recordando esse período, afirmou, em carta ao Frei Syrilo:

Temos atravessado um período tão cheio de aflições e o flagelo da fome tão grande que quase se despovoam os nossos sertões, morria-se de pura fome em todo estado e estados vizinhos. Quase morro de aflição, acabei a que tinha e ainda fiquei devendo quantias que só Deus me dará jeito remir-me.⁶⁹

Com a morte de Padre Cícero, as classes dominantes locais começaram a se preocupar: já não haveria bom samaritano disposto a salvar os sertanejos que procuravam refúgio em tempos de seca. Os miseráveis não encontrariam sacerdotes, santos ou prefeitos dispostos a garantir terra e alimento para as vítimas da fome. Não existiriam mais a beata Maria de Araújo, os milagres, o *Padrinho* que a todos acolhia. Os migrantes se dissipariam. Com isso, seria sentido o preço da escassez de mão de obra. Alguns imaginavam ainda que os romeiros de Juazeiro buscariam o Sudeste e o Norte após a morte do *Padrinho*. Em certa medida, pode-se afirmar que isso de fato ocorreu. Os sertanejos migrantes se tornaram um problema (ou uma solução) para questões relacionadas ao desenvolvimento do país.

⁶⁸ Cf. MAIA, Janille Campos. **Exilados da fome: Seca e migração no Ceará oitocentista**. 2015. 167 fls. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

⁶⁹ SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do Padre Cícero [1877 – 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982. p. 191.

No calor do momento da partida do Padre Cícero, em novembro de 1934, o jornalista Jarbas de Carvalho resumia, em seu artigo intitulado “O santo moderno”, publicado no jornal *O Paiz*, o sentimento geral e os temores acerca das possíveis agitações em Juazeiro após a morte de Padre Cícero:

Morto o padre Cícero, acreditou-se que a situação se modificasse no Joazeiro. Realmente, ella se modificou – mas, não como acreditavam as autoridades do Estado. Modificou-se para peor. Porque, o fanatismo e a idolatria – que fariam com que o povo fosse capaz de desatinos, – em vida de Cicero tinham o freio formidável da sua palavra. Mas, agora? Quem o dirige é a sua lembrança, ou o seu espírito – é um duende que estende sua larga mão de sombra sobre o Joazeiro, e o gesto, sem eloquência própria, não terá o complemento da palavra. Todos querem e hão de interpretar o desejo pairante do thaumaturgo, sempre presente em espírito, cada um a seu modo. Eis o perigo.⁷⁰

Alguns, no entanto, especulavam sobre a possível permuta de Padre Cícero por outra liderança. Imaginava-se que os devotos, como tábulas rasas, tivessem propensão a aceitar a palavra de um substituto qualquer. Diante da inexistência de tal substituto imediato, afirmavam que sua santidade provavelmente seria corporificada pela estátua de bronze presente na praça Almirante Alexandrino:

Um telegrama comunica-nos o falecimento do padre Cicero. Estamos de longe a adivinhar o espetáculo. O Juazeiro todo em lagrimas, em clamores, em procissões. A romaria dos fiéis de todos os quadrantes do Ceará em direção à cidade em que ele era tudo, o poder espiritual e o poder temporal. Aquella gente mystica e fanática, à espera de milagres, talvez acreditando na ressurreição do vigário morto. Quem irá substituí-lo? Provavelmente ninguém, porque tão cedo a memória dos seus actos não deixará Joazeiro. Lá existe a sua estatua. Diante dela irão ajoelhar-se milhares de crentes. E ele governará a sua cidade através daquele bronze...⁷¹

Havia quem admitisse a singularidade do *Padrinho*, ressaltando que a forte ligação entre ele e seus romeiros não seria facilmente rompida. A ideia de que seus seguidores e devotos se voltariam para a estátua de bronze, prestando cultos como se nela habitasse o sacerdote morto, aparece em diversas especulações levantadas durante esse período.

Imaginava-se que, morto o homem, algo deveria ocupar seu lugar, fosse gente ou objeto. Os sertanejos, ainda um pouco selvagens, careciam de um líder e de um ícone. Ao contrário do que supuseram os jornalistas que apenas imaginavam a devoção em

⁷⁰ CARVALHO, Jarbas de. “Um santo moderno”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 3, 8 nov. 1934.

⁷¹ O JOAZEIRO e o Padre Cícero. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 3, 21 jul. 1934.

Juazeiro, sem conhecê-la a fundo, a estátua de bronze parece ter sido alvo, desde a sua criação, de certa rejeição. Segundo o periódico A.B.C.,

Os beatos quando viram na praça aquelle vulto escuro em bronze, revoltaram-se. O *Padrim* não era negro... E para que o monumento não fosse arrancado pelos estranhos iconoclastas, foi preciso que o próprio padre lhes explicasse que aquillo era assim mesmo, que era a côr do bronze, e que a figura não podia ser como a dos santos dos altares, porque do contrario a chuva a estragara.⁷²

Talvez a cor da estátua não fosse o maior problema. Acontece que ela não lembrava em nada os santos dos altares. Não era uma obra capaz de trazer à tona os sentimentos mais ternos dos devotos, assim como não refletia a bondade de Padre Cícero. O caráter cívico da representação acabou desestimulando o culto.

Os devotos amavam o *Padrinho* que sempre portava uma velha batina surrada, não aquele que carregava uma toga romana. Além disso, aquele Padre Cícero da praça estava, como o *Padrinho*, alijado da Igreja. Tomava chuva e sol, sem apresentar diferença em relação aos demais homens públicos. Não tinha a proteção da sombra de um templo ou da abóbada sagrada. Era um político como outro qualquer.

O jornal *O Paiz*, diante da disputa entre Juarez Távora e os partidários de Accioly, lembrava que o *Padrinho* poderia resolver a questão política caso estivesse vivo, pois certamente daria a vitória a um dos grupos. Discutia também o uso da imagem: “Quem sabe se a estatua do padre Cicero não vai receber ainda a consulta dos partidos cearenses, transformada em oraculo de bronze?...”⁷³. Os jornalistas aproveitaram para destilar sarcasmo ao falarem sobre a possibilidade de aquele monumento substituir o santo local.

Além da existência de intelectuais e políticos preocupados com a ausência de Padre Cícero, havia ainda o problema dos devotos que não acreditavam na morte do sacerdote. O periódico *O Observatório Econômico e Financeiro* contou, numa de suas edições, a seguinte história:

Encontramos, num porto [...], um cearense que voltava do sul. Deu-nos, como tantos outros, a imagem da sua ingenuidade: falando do Padre Cícero, duvidou que ele estivesse morto, e disse: ‘Quando havia a guerra na Allemanha, o padrinho padre Cicero subiu numa nuvem afogueada, desceu nos campos da Europa e acabou com a guerra’. E declarou ter visto, em casa do padre Cicero, a fotografia ‘ainda com a nuvem cor de fogo’. Como um passageiro duvidasse,

⁷² O SANTO de Juazeiro. **A.B.C.**, Rio de Janeiro, p. 3, 31 mar. 1934.

⁷³ O MAJOR Távora e a Política do Ceará. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 1, 24 jul. 1934.

ele benzeu: ‘T’esconjuro! Você é o bode! Não quero saber de conversa com o bode!’. Eis a matéria prima da emigração.⁷⁴

A reportagem tratava especificamente do problema da emigração, alegando que os cearenses que tentaram a vida no Sul eram, geralmente, incultos, ingênuos e/ou ignorantes. A religiosidade foi utilizada como meio de convencer o leitor da precária condição intelectual de tais sujeitos. Com efeito, em matéria publicada pelo jornal *O Paiz* cinco dias após a morte do *Padrinho*, afirmou-se:

Há vários dias que Joazeiro está coberta de lucto, cheia de romeiros tristes carpindo o trespasse do santo. Ninguém, entretanto, acredita na sua morte. Para aquela gente, começou a eternidade de Cícero. E ele continuará a realizar milagres [...]. Para o Joazeiro, para o sertão, para o Ceará, o que houve foi a morte de um Deus.⁷⁵

A ausência física de Padre Cícero inquietava aqueles que se preocupavam com o futuro. Para muitos, a cidade seria tomada por cangaceiros. Havia quem imaginasse que os devotos enlouqueceriam e protagonizariam cenas de revolta e violência diante da morte do *Padrinho*. Muitos, por fim, preocupavam-se com os rumos políticos do Ceará. Mas os santos, como se sabe, não morrem.

Os romeiros acreditavam que Padre Cícero não os abandonou definitivamente: apenas fez uma viagem. As estátuas que o representavam, os folhetos de cordel, os benditos de Juazeiro⁷⁶, os recortes de jornal e os livros lançados após sua morte contribuíram para avivar sua recordação, ressaltar sua santidade ou relembrar sua importância política. Assim, constituíram-se em *meios de memória* utilizados pelos devotos, romeiros e seguidores saudosos do *Padrinho*.

Após o desaparecimento de Padre Cícero, as visitas ao município fundado por ele tomaram outro caráter. O sacerdote já não podia ser visto e ouvido, mas continuava a ser amado. A ideia de que Juazeiro era o “Meio do Mundo”⁷⁷, um território sagrado que

⁷⁴ A EMIGRAÇÃO. *O Observatório Econômico e Financeiro*, Rio de Janeiro, p. 107, fev. 1939.

⁷⁵ A MORTE de um homem deus. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jul. 1934.

⁷⁶ Benditos são cânticos religiosos da tradição popular. Numerosos benditos entoados em Juazeiro possuíam aspectos narrativos e faziam menção à história e à memória de Padre Cícero. É preciso considerar que muitos desses cânticos foram apropriados e modificados pela Igreja Católica, num esforço de disciplinarização das práticas religiosas populares. Para maiores informações, cf. PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento**. A Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

⁷⁷ Segundo Ramos, o termo “meio” é apropriado para definir Juazeiro por representar o trânsito entre o Céu e a Terra: “Juazeiro é *um meio do mundo*. A ambiguidade do termo permite interpretações sobre o sagrado como algo encarnado: experiência religiosa que é vivência concreta, e não um mero ‘sistema de crenças’”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo: Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 13.

exalava a sua santidade por todas as ruas e praças, ganhou grandes proporções. A cidade deixou de ser somente a morada de Padre Cícero, o lugar em que era possível receber os conselhos e bênçãos de um santo, e foi se tornando, aos poucos, um espaço sacralizado e habitado pela sua recordação. Além disso, continuou se configurando como centro comercial, econômico e de serviços.

2.3 Uma solução: para o corpo da escultura e do escultor

Em 1934, o escultor Agostinho Balmes Odísio possuía 53 anos e um coração que começava a falhar. Além disso, sofria com o terrível reumatismo. Seu médico recomendou mudança brusca: o escultor deveria deixar as terras frias do Sudeste do Brasil e buscar um local quente. Somente assim suas dores seriam sanadas. Surgiu o dilema: para onde ir? Soube então que havia, num lugar distante e desconhecido, uma terra de sol inclemente em que residiam quarenta mil almas devotas de um só homem, Padre Cícero. Odísio logo imaginou que aquele seria um excelente terreno para se curar dos males do corpo e lucrar com sua arte. Um povo tão intensamente religioso certamente se interessaria não apenas por estátuas de santos já tradicionais, mas também por imagens do novo santo que acabava de partir para os céus.

O escultor tomou sua decisão e, em 28 de setembro de 1934, partiu do porto do Rio de Janeiro rumo a Fortaleza. Levava consigo um ajudante, Paulino. A bordo do navio Comandante Ripper iniciou um diário. Descreveu nessas páginas o encanto que teve ao conhecer Salvador, Recife, Cabedelo, Natal e Fortaleza. Mas seu destino não era uma dessas belas, frescas e desenvolvidas cidades litorâneas: em breve, um alquebrado comboio o conduziria ao lugar final, Juazeiro do Norte.

Agostinho Odísio se deslocou até o Nordeste com o objetivo de alavancar a carreira, produzindo objetos que representassem o *Padrinho*. Essas “lembranças” que os romeiros levavam de volta para seus locais de origem, e que os comerciantes e empresários da cidade utilizavam para abençoar seus negócios e fazer propaganda, constituíram-se como meios de vida para Odísio e meios de recordação para os devotos de Padre Cícero.

Odísio se apropriou do corpo (morto) de Padre Cícero. Foi, de certa forma, o primeiro a esculpir o santo *Padrinho*. Claro que já existiam outras esculturas do sacerdote, tanto dentro das casas dos romeiros quanto na praça Almirante Alexandrino. Não havia

ainda, contudo, uma estátua sua, semelhante às dos santos, abrigada sobre um nicho, protegida e adorada. Nisso, Odísio foi pioneiro, isto é, foi o primeiro a arquitetar a imagem do santo.

O escultor também redigiu um caderno de memórias com o objetivo de perenizar sua lembrança sobre a singular terra de Juazeiro⁷⁸. A potência dos acontecimentos testemunhados por ele foi encarcerada no escrito para que não se perdesse com o tempo. Num amontoado de folhas sem pauta, ele se pôs a registrar a experiência vivida.

O caderno de memórias de sua lavra por vezes parece apresentar pretensões literárias. Tem, inclusive, as páginas numeradas, tal como um livro⁷⁹. Foi doado por sua neta, Vera Siqueira, ao Museu do Ceará, que o publicou, em 2006, como edição fac-similar. Esse gesto garantiu sobrevida ao nome do escultor, que já caía no esquecimento⁸⁰. Mais que isso: forneceu uma valiosa fonte para os historiadores de Juazeiro, principalmente àqueles que se preocupam com o tempo em que Padre Cícero, desaparecido da cidade, mostrou-se capaz de manter o poder acumulado sobre seus devotos e afilhados.

Quando chegou à cidade, Odísio encontrou um mercado de arte sacra relativamente consolidado. As esculturas de madeira juazeirenses, que até então faziam certo sucesso, eram feitas, segundo o marmorista italiano, de modo rústico, sem muito esmero. Ele narrava que na cidade era possível encontrar:

[...] bancas de santos, quadros religiosos, rosários, terços, bentinhos, medalhas, orações, imagens de pao (sic) desde Sant. Onófrío barbado como um troglodita

⁷⁸ Segundo Assmann, “[...] cada mídia descerra um acesso específico à memória cultural. A escrita, que acompanha a língua, armazena coisas diferentes e de maneira diferente em comparação ao que as imagens fazem [...]. O corpo também pode funcionar como um meio em si, na medida em que os processos psíquicos e mentais de recordação são ancorados de maneira tanto somática quanto neuronal [...]. Por fim, as mídias externalizadas da memória incluem localizações que são convertidas em lugares de memória, devido a algum acontecimento de relevância religiosa, histórica ou biográfica. Lugares podem atestar e preservar uma memória, mesmo para além de fases de esquecimento coletivo. Após intervalos de suspensão da tradição, peregrinos e turistas do passado retornam a locais significativos para eles, e ali encontram uma paisagem, monumentos ou ruínas. Com isso ocorrem “reanimações”, nas quais tanto o lugar reativa a recordação quanto a recordação reativa o lugar”. ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 24-25.

⁷⁹ Odísio insere números na margem superior direita do seu manuscrito, desde o início até a página 107. Para permitir a correta referência, optei por seguir essa numeração, acrescentando os números que faltavam, entre as páginas 108 e 133.

⁸⁰ Graças a esse destaque dado a seu nome a partir de 2006, o escultor chegou inclusive a ser nomeado, em 2013, patrono de uma nova cadeira do Instituto Cultural do Vale Caririense (ICVC), a de número 72. Cf. O ICVC Instituto Cultural do Vale Caririense terá 60 novos patronos. **Gazeta de Notícias**, Juazeiro do Norte, p. 6, 15 nov. 2013.

a São José feito a machado por ser ele carpinteiro e Nossa Sra. feia como uma megera, porem tudo bem ‘encarnadinho’ e lustroso (grifo nosso).⁸¹

Odísio analisava, nesse trecho de seu caderno de memórias, um pouco do “estado da arte” dos objetos religiosos de Juazeiro, dando atenção especial à qualidade das esculturas então produzidas ali. Os artesãos locais, como Mestre Noza, utilizavam “pau”, ou seja, madeira para esculpir. Embora a umburana, principal matéria-prima dessas obras, fosse flexível o suficiente para ser esculpida com instrumentos relativamente delicados, o visitante italiano notava que o uso de ferramentas brutas e rudimentares levava a resultados que pouco lembravam imagens mais realistas.

A população local se afeiçoou ao realismo do trabalho de Odísio, “[...] rindo-se e debochando agora as outras imagens de pau dos artistas da terra, as quais tratam de = calungas = e ninguém mais compra”⁸². A chegada do escultor italiano parece ter transformado o consumo de arte religiosa na cidade. Além disso, ele se dedicou esporadicamente à arte funerária, tendo recebido encomendas para produzir os túmulos de personagens importantes da região.

Talvez seja relevante destacar que Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, ao descrever a mobília e os objetos típicos de uma habitação de Canudos, afirmou haver em todas as pequeninas residências um quarto que abrigava o oratório familiar. De acordo com a descrição do jornalista, havia nessas casas típicas,

[...] ao fundo do único quarto, um oratório tosco. Neste, copiando a mesma feição achamboada do conjunto, santos mal acabados, imagens de linhas duras, a objetivarem a religião mestiça em traços incisivos de manipansos: Santos Antônio proteiformes e africanizados, de aspecto bronco, de fetiches; Marias Santíssimas, feias como megeras... (grifo nosso).⁸³

A comparação utilizada por Odísio para descrever as imagens da Virgem Maria era a mesma já mencionada na narrativa de Euclides da Cunha. Tais esculturas eram, em suas palavras, “feias como megeras”. Mesmo a referência aos aspectos “africanizados” das estátuas em madeira se repetirá no caderno de memórias, quando o escultor italiano afirma que as peças de madeira fabricadas em Juazeiro passaram a ser

⁸¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 76.

⁸² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 92.

⁸³ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 82.

designadas pelos devotos de Padre Cícero como “calungas”⁸⁴. Existem, portanto, indícios de que Odísio teria lido *Os Sertões*, embora não mencione o livro em suas memórias⁸⁵.

A atividade profissional desenvolvida por Agostinho Odísio pode ser compreendida como a de um “artista-artesão”. Ele dominava toda a produção, desde a compra da matéria-prima e elaboração do projeto da imagem a ser esculpida até o trabalho em gesso, concreto ou pedra. É preciso lembrar que a escultura feita nesse sistema deveria, necessariamente, agradar ao comprador. Não havia espaço para grandes ousadias e voos artísticos⁸⁶.

Os artistas da madeira que, na década de 1930, foram desprezados por Odísio, passaram posteriormente a desdenhar daqueles que fabricam imagens em gesso, pois, sob o ponto de vista dos artesãos criativos, aqueles que modelam o gesso unicamente sabem colocar a massa dentro de uma forma e retirar depois de algum tempo. Mesmo a pintura das obras em gesso costuma ser feita com pouco cuidado, pois a rapidez e a alta produtividade são elementos mais valorizados que a qualidade. Já o artesão que usa a madeira costuma dedicar-se a apenas uma peça por vez, trabalhando durante diversos dias a mesma matéria bruta⁸⁷.

Quando chegou em Juazeiro, Odísio já atuava no ramo da escultura há muitas décadas. A região Sudeste era seu campo de trabalho. Lá, era conhecido e respeitado, e por muito tempo não lhe faltaram encomendas. Segundo sua neta, Vera Siqueira, o artista italiano decidiu mudar a rota de seu destino ao ler o suplemento do jornal carioca *Noite Ilustrada*⁸⁸ de 1 de agosto de 1934, que anunciava a morte de Padre Cícero:

Abaixo de Deus, para os nordestinos, estava aquelle velhinho, franzino de corpo, mas de espírito poderoso. Companheiro e chefe de todas as horas, cujo braço e cujas palavras lhes traziam a paz nos momentos aflictivos, o consolo e

⁸⁴ Odísio provavelmente se referia às figuras de maracatus originadas entre os bantos, que lembram bonecas e encarnam as forças de antepassados dos grupos.

⁸⁵ O escultor leu, sem dúvida, livros sobre o sertão. Inclusive afirma ter ouvido, ao chegar no Ceará, notícias sobre as secas que o surpreenderam, “[...] apesar de já ter conhecimento de muitas obras de valor que descrevem o flagelo”. ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 95.

⁸⁶ Maria Eliza Borges defende que, nesse tipo de organização do trabalho, “[...] o manufaturado artístico era apazível pela sua utilidade, pela sua feitura ou pelo significado religioso que possuía”. BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002, p. 49.

⁸⁷ RAMOS, Francisco Régis. **O verbo encantado**. A construção do Pe. Cícero imaginário dos devotos. Ijuí: Editora Unijuí, 1998. p. 113-114.

⁸⁸ Sua neta, Vera Odísio Siqueira, é a responsável pela informação de que a ideia teria surgido com a leitura de um artigo na revista *Noite Ilustrada*. Foi possível encontrar essa reportagem na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Depreende-se que esse é o texto ao qual Vera Odísio se refere. SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 68.

a orientação nos dias desesperadores. Para a sua compreensão rudimentar, castigada e exaltada numa vida de luta constante, sob clima inclemente, aquele homem milagroso, que fundara uma cidade de quarenta mil almas, que vencera todos os adversários, não podia ser feito da mesma massa de que fizeram as demais criaturas⁸⁹.

Em Juazeiro, àquela época, já existiam outros artistas-artesãos que fabricavam estátuas voltadas ao culto religioso. Talvez tais imagens não correspondessem a uma perfeita representação da figura humana, mas cumpriam a função a qual se propunham. Segundo Odísio, havia escultores que optavam por usar o machado como ferramenta para esculpir, por exemplo, São José. Conforme sua descrição, esses “fabricantes de imagens de madeira” eram apenas “[...] artistas primitivos, mas que preenchem toda e qualquer exigência dos fregueses, pois por o romeiro tudo é santo, desde que seja barato e encarnado”⁹⁰.

Tais esculturas rústicas, geralmente elaboradas em madeira, tornaram-se marca da arte e do artesanato em Juazeiro do Norte. Até os dias atuais, dezenas de santeiros continuam a esculpir figuras na umburana. Algumas dessas obras são também pintadas com tinta a óleo ou, mais recentemente, com tintas foscas. Os santos muitas vezes dão lugar a personagens mitológicos, animais híbridos e invenções totêmicas. São objetos admirados e vendidos nos mercados de arte local, nacional e internacional, e é justamente o aspecto rude, ou até mesmo tosco, que interessa àqueles que se sentem fascinados por uma arte considerada mais primitiva, ou *naïf*.

Odísio não apreciava esse tipo de trabalho. Formado pela Escola de Belas Artes de Turim, ele vinha de uma tradição diferente. Acostumado a esculpir bustos de figuras políticas e autoridades em geral, bem como a se dedicar à arte funerária e sacra, ele buscava imprimir o maior realismo possível em suas peças. Em seu caderno de memórias, o escultor se mostrou orgulhoso com os elogios feitos pelos juazeirenses à sua arte:

Entram e ficam tempão, olhando admirados as esculturas do padre Cícero, de todo tamanho, bem encarnados e, seja dita a verdade, bastante bem feitos; olham e ficam pasmos, perguntando si eu nunca tinha visto padre Cícero, e a minha resposta negativa disem que eu fui mandado por Nossa Senhora das

⁸⁹ FUNERAES do Padre Cícero. **A Noite: Suplemento**, Rio de Janeiro, p. 16-17, 1 de agosto de 1934.

⁹⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 64.

Dores, e que só um homem guiado por Deus e milagroso para fazer Padrinho Cisso tão vivo e com tanta = decência = (beleza).⁹¹

O gesso, matéria fluida – e barata –, era utilizado pelo autor para reproduzir com precisão figuras humanas, especialmente a figura do mais humano de todos os santos, Padre Cícero Romão Batista. Desse modo, as esculturas de Odísio diferiam das imagens conhecidas pelos devotos, que geralmente eram fabricadas a partir de uma matéria muito mais indócil, a madeira, através de instrumentos pouco precisos, como machadinhas, pranchas, formões e canivetes.

A arte funerária em São Paulo, primeiro local de pouso do italiano, era exercida majoritariamente por marmoristas estrangeiros. Muitos deles costumavam buscar seus patrícios e empregá-los no trabalho, pois a mão de obra especializada era escassa no Brasil de então. Outros chegavam a arregimentar seus aprendizes ainda na infância. Os pequenos artesãos estudavam a teoria e a prática da técnica escultórica nas próprias oficinas dos marmoristas. Segundo Borges, o estatuário (ou marmorista) “[...] rompe o mito da arte pura, abandona o papel de intelectual, transforma-se em um técnico profissional, aceitando lentamente a tecnologia industrial da produção”⁹².

Tais marmoristas tiveram amplo campo de trabalho nas regiões em que havia importante produção de café. A nova burguesia, em sua ânsia de afirmar poder mesmo após a morte, comprava túmulos, jazigos e estátuas funerárias cujos modelos geralmente ficavam expostos nas vitrines das oficinas. Havia ainda a opção de escolher diferentes propostas artísticas em catálogos que traziam imagens de obras realizadas anteriormente. Depois do projeto inicial, feito em tinta aguada, geralmente o exemplo da escultura era produzido em gesso, e só posteriormente era cinzelada a obra em mármore. Os escultores que trabalhavam o mármore sabiam, portanto, lidar bastante bem com o gesso. Odísio era um desses artífices. Contratado pelo patrício Natale Frateschi – que viria a ser seu sogro – para fazer um busto em Franca, atuou, ainda, em muitas outras cidades de São Paulo, bem como de Minas, utilizando diversos materiais, tudo isso antes de se dedicar quase que exclusivamente àquela matéria-prima maleável, modesta e fartamente disponível em território brasileiro: o gesso.

⁹¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 90.

⁹² BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002. p. 55.

As marmorarias funcionavam como empresas que navegavam na tênue linha entre arte, artesanato, indústria e comércio. Os trabalhos desempenhados por tais firmas geralmente não eram originais, mas cópias. Os artistas-artesãos enfrentavam, além disso, algumas práticas comuns nas antigas corporações, sendo admitidos como aprendizes que deveriam passar longos anos no serviço para que pudessem, finalmente, merecer maior remuneração e subir na hierarquia.

É preciso salientar que, além da fabricação de estátuas, tais companhias também se dedicavam à produção arquitetônica. Odísio, por exemplo, apresentava-se como escultor e arquiteto. Ele vinha, contudo, de uma situação peculiar: chegou ao Brasil com uma carreira relativamente consolidada, tendo estudado em Turim, Roma e Paris, e possuindo longa experiência adquirida na Escola Profissional Domingos Sávio. Sendo assim, já era um artista de formação, que desempenhou diversos trabalhos por encomenda imediatamente após aportar no país. Essa contradição o levou a admitir, em ensaio dedicado a seu filho Pedro, que as tarefas às quais se dedicou no Brasil jamais o fizeram plenamente feliz:

Na já minha longa existência, plasmei muito barro, criei muitas formas e risquei muito papel. Infelizmente, vicissitudes da vida e erros meus me forçaram a abandonar meu ideal de arte, para ganhar o amargo pão de todo dia. Quase sempre tive que mercadejar o meu trabalho, me curvar à vontade dos outros, e ao círculo fechado do dogma pelo qual quase sempre trabalhei.⁹³

O labor criativo ficava, portanto, em segundo plano, especialmente quando se tratava de obras sacras e/ou funerárias. De toda forma, Odísio declarava se sentir aliviado por saber que ao menos foi honesto em sua arte, procurando sempre difundir sentimento. É preciso notar, contudo, que a margem para a liberdade criativa era estreita, limitando-se principalmente a esculturas celebrativas, as quais figurariam em praças e outros espaços públicos.

Antes de chegar em Juazeiro, Odísio passou uma curta temporada em Fortaleza, enquanto esperava receber a matéria-prima que deveria ser levada para o interior. A encomenda de gesso se atrasou e ele aproveitou aquele tempo para passear pela cidade. Ali, fez questão de conhecer o cemitério e, conseqüentemente, o mercado de trabalho local, constatando que havia

⁹³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Introdução”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 21.

[...] algum bom serviço vindo do Rio, algum túmulo pequeno em mármore feito aqui, e o resto de alvenaria e cimento. Há duas fábricas de granito artificial, porém, não vi serviço deste material no cemitério, por informações obtidas, parece que os serviços funerários aqui têm pouca saída.⁹⁴

Era comum que as encomendas funerárias se concentrassem em obras de três categorias: sacras, alegóricas e/ou celebrativas⁹⁵. Os escultores que se dedicavam a esse setor do mercado de arte geralmente seguiam a corrente neoclássica, sobretudo quando projetavam estátuas de Cristo ou de santos católicos. O próprio Odísio possui, inclusive, diversos Cristos Redentores de sua lavra, espalhados por diferentes cidades e regiões do Brasil. Todos seguem essa tendência. Outra encomenda muito comum era a de anjos, que podiam ser figuras infantis ou adultas. Os anjos adultos geralmente encarnavam alegorias, como o Anjo da Morte que Odísio esculpia quando veio a óbito⁹⁶. Por fim, as esculturas celebrativas encarnavam pessoas públicas ou figuras de destaque econômico e cultural. Essa modalidade também era comum nos serviços encomendados por entes públicos ou privados, não possuindo necessariamente caráter fúnebre.

Por muito tempo, Odísio se dedicou a elaborar esculturas *para os mortos*. Tais imagens não eram, necessariamente, dedicadas a eles. Eram encomendadas por suas famílias e deviam marcar o fim de uma história. Padre Cícero deu a Odísio a oportunidade de elaborar uma escultura *para os vivos*. A representação do *Padrinho* elaborada por ele já não marcava o fim de uma história, mas o começo de outra.

Em Juazeiro, o trabalho de Odísio encampou diferentes possibilidades. Ele criou medalhões de Nossa Senhora das Dores e de Padre Cícero. Esculpiu figuras políticas, bispos, padres, e realizou serviços funerários para os filhos das nobres famílias carienses. A fidelidade com que reproduzia a imagem do santo local o levou a surgir como figura destacada na região, e suas obras passaram a ser procuradas e vistas por dezenas de pessoas diariamente. Odísio se decepcionava, contudo, com a miséria do

⁹⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 126.

⁹⁵ BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Arte. Sociedade. Ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 15.

⁹⁶ Segundo sua neta, Vera Siqueira, Odísio não se sentia bem desde o dia 27 de agosto de 1948, uma sexta-feira. Era portador de uremia e percebeu que não estava em condições físicas de trabalhar na oficina, por isso “[...] pediu a seu filho Pedro que levasse o trabalho que estava executando, para que pudesse concluí-lo em casa. Coincidentemente era o Anjo da Morte [...]”. Odísio faleceu no domingo, 29 de agosto de 1948. SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio, discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 256.

público-alvo de sua arte e com as peculiaridades do gosto artístico das elites cariarienses, que pouco se interessavam por imagens do *Padrinho*:

[...] há quem se ajoelhe e rese a frente de uma peça qualquer; quem pede a = meu padrinho = para lhe faserma graça de ganhar dinheiro para poder comprar uma = estauta = ou uma = redoma = (medalhão) e entra uma porção deles, saem, e entra outros, e não exagero em diser, ser pelo menos uns cinquenta por dia, e não só romeiros, mas de toda classe e até das cidades visinhas; pena é que aquelles que dariam a vida por comprar, não podem, e aquelle que poderiam só se interessam pela obra de arte.⁹⁷

Em breve, os romeiros já não precisariam buscar sua oficina para ver o *Padrinho*. A imagem colocada sobre um nicho em frente à Capela do Socorro, onde Padre Cícero foi sepultado, teria livre visitação. Não seria necessário fazer filas ou recorrer aos corretores de casas de santos, como quando ele era vivo. Após a morte, seria ainda mais acessível.

Quando buscou moradia no Cariri, Odísio provavelmente não esperava encontrar uma elite que desprezava o culto ao Padre Cícero. Percebeu, então, que seus clientes em potencial eram os pobres devotos que mal tinham o suficiente para o sustento do corpo. O realismo empregado por ele nos trabalhos funerários foi importante, no entanto, para que se estabelecesse como artista de relevo na cidade de Juazeiro.

Odísio trabalhou em diversas igrejas cearenses, além de receber encomendas para a realiza o de bustos, hermas e esculturas celebrativas. A certa altura da vida, porém, resolveu diversificar seus serviços, abrindo uma firma de mosaicos que teve ampla atua o, desde o Cariri cearense até o oeste da Paraíba.

Ele defendia que as obras de arte deveriam estar impregnadas pelos sentimentos e pensamentos dos artistas, embora essa não fosse uma constante em seu próprio trabalho⁹⁸. Se, por vezes, dedicava-se mais demoradamente   idealiza o de um santo ou uma personalidade pública, é preciso destacar que isso ocorria como exce o, pois na maior parte do tempo produzia bustos, estátuas e medalhões de Padre Cícero em série. Sua obra em gesso, apesar da fragilidade e do baixo valor comercial, teve um grande mérito: serviu de inspira o para as numerosas estátuas fabricadas, vendidas e apreciadas pelos atuais devotos de Padre Cícero.

⁹⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 90.

⁹⁸ ODÍSIO *apud* SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio, discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p.287.

É necessário lembrar que, antes da estátua pública produzida por Odísio e colocada em frente à Capela do Socorro, já existia na cidade uma outra, erigida quando o *Padrinho* ainda era vivo. Era a estátua da Praça Almirante Alexandrino (atual Praça Padre Cícero), esculpida em bronze por Laurindo Ramos e inaugurada em 1925. Assim como a estátua de Odísio, ela possui um caráter bastante realista, mas representa uma concepção cívica de Padre Cícero. É uma imagem moderna, política. Os romeiros e devotos não se aproximam dela com lágrimas nos olhos. Raramente fazem orações ou se ajoelham diante do Padre Cícero de bronze.

A escultura erguida por Odísio, no entanto, ganhou características diferentes. O sacerdote parece mais terno e compreensivo, e enverga a negra batina que habitualmente carregava, lembrando efetivamente as esculturas de santos. A imagem repousa do lado de fora da capela em que foi sepultado Padre Cícero, mas se encontra à sombra, tão protegido das intempéries da natureza quanto os santos do altar.⁹⁹

O Padre Cícero levantado em cimento por Odísio foi instalado num nicho em frente à igreja em que repousava o corpo do *Padrinho*, tendo sido inaugurado provavelmente em 1940 por José Geraldo da Cruz, então prefeito de Juazeiro. Além desse serviço, Odísio também elaborou, logo após ter chegado à cidade, em 1935, um importante apetrecho para a principal praça da cidade. Odílio Figueiredo, prefeito de então, teve a iniciativa de colocar, junto à estátua em bronze de Padre Cícero, uma “Coluna da Hora”, que foi encimada por um relógio fabricado pelo Mestre Pelúcio Correia de Macedo e entregue como presente ao Padre Cícero quando ele ainda era vivo. O relógio marcava, além das horas, as fases da lua¹⁰⁰. Odísio foi o responsável por essa grande obra, que pretendia trazer uma imagem de progresso e modernidade à cidade, reservando espaço para uma pequena placa em que se relembra o longínquo passado em que aquele fora apenas um humilde lugarejo¹⁰¹.

⁹⁹ Como enfatiza Ramos, “[...] Seu corpo, somente seu corpo, obteve permissão para ficar dentro dessa Igreja, direito adquirido por qualquer funcionário do Vaticano. Sua imagem não pode repousar sobre o altar das Igrejas: uma regra sem exceção. Afinal, seu estatuto canônico era claro: não se tratava de um santo”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 398.

¹⁰⁰ FIGUEIREDO FILHO, Odílio. **Odílio Figueiredo** – um juazeirense de expressão. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 44.

¹⁰¹ Segundo depoimento de Renato Dantas concedido à pesquisadora Adriana Botelho, “A Coluna da Hora, erguida na Praça Padre Cícero. Não foi uma questão de modismo, como acontecia no Brasil. Ela foi construída em 1934, e a ideia era mostrar pra todo mundo que Juazeiro não ia se acabar, pois havia pouco tempo o Padre Cícero tinha falecido, então um monte de gente achava que a cidade não ia sobreviver. O construtor foi o italiano Agostinho Balmes Odísio [ele também é responsável pela imagem/estatua do Padre Cícero que existe em frente a Capela do Socorro, um dos modelos mais reproduzidas na cidade. Odísio mudou, totalmente, a arquitetura do Juazeiro, e do Cariri, notadamente

Seu *Memórias de Juazeiro do Padre Cícero*, ao mesmo tempo em que imprime caráter *sui generis* às obras até então escritas sobre a cidade, não deixa de se enquadrar numa literatura muito comum no período, que aliava a experiência de repórter/informante em viagem por terras exóticas ao ensaio sociológico ou antropológico. Como tantos outros escritores de sua época, Odísio partiu do que viu e ouviu para escrever uma obra que, embora tivesse caráter supostamente íntimo, destinando-se aos membros da família, não deixava de elaborar ideias mais sofisticadas sobre o cotidiano de Juazeiro, inserindo-se inclusive numa tradição explicativa que, se não fora iniciada por Euclides da Cunha, pelo menos tinha nele o seu ícone.

Embora Odísio se detenha principalmente sobre as narrativas de sua própria experiência na cidade, ficam evidentes, ao longo de seu manuscrito, as marcas de trabalhos anteriores, os quais edificaram as mais diversas visões sobre Juazeiro, frequentemente comparando a cidade de Padre Cícero com o arraial de Antônio Conselheiro. O próximo capítulo pretende discorrer sobre tais aproximações entre Juazeiro e Canudos, que refletiam uma visão bastante estereotipada acerca das especificidades do Nordeste, do sertão e de seus personagens.

a arquitetura religiosa. Nossa arquitetura religiosa tinha características de um Barroco "pobre", onde as igrejas eram simples. O Odísio mudou tudo isso, inclusive introduziu o gesso aqui. Juazeiro não trabalhava com gesso. Nós tínhamos imaginários [estátuas de santos] só em madeira". Disponível em: <<http://www.sitededanielwalker.com/p/referencias.html>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

3 JUAZEIRO AINDA SERÁ CANUDOS?

3.1 O peso do passado

Quando se trata de Juazeiro sem Padre Cícero, os acontecimentos parecem não ser irreversíveis: a circunstância de sua morte, embora estabeleça uma ruptura, não modifica gravemente o arcabouço temporal. O sacerdote era cultuado em vida, e isso não se modifica com seu desaparecimento. Juazeiro recebia romarias, e não deixa de receber depois da sua morte. As peculiaridades sociais e urbanas da cidade lembravam Canudos, e a perspectiva de que ela se tornasse um reduto semelhante ao arraial baiano não desapareceu após 1934. Compreender tais permanências é exercer uma tentativa de desnaturalização do tempo histórico: 1934 é um marco não apenas de ruptura. É um marco de continuidade.

A morte de Padre Cícero não se estabelece como um momento de aceleração do tempo, de fim do “atraso” de Juazeiro, de incorporação da cidade na trama da modernidade. A nova temporada, iniciada com a morte do *Padrinho*, tornou-se um tempo velho, tanto pelos seus eventos quanto pelos prognósticos que ensejou. Contrariando as mais diversas expectativas acerca do evento, a cidade se modificou, mas não muito. Os cangaceiros não a destruíram, os devotos não a abandonaram, o culto ao sacerdote não desapareceu.

Entre o final do século XIX e o início do século XX, Crato e Juazeiro do Norte abraçavam, como tantas outras cidades do Brasil, a ideia de progresso. Crato se apoiaria na ideia de um passado heroico vocacionado ao futuro de sucesso. Juazeiro do Norte, localidade por muito tempo pertencente ao município de Crato, não tinha histórias tão gloriosas. O passado do Crato não lhe pertencia: Bárbara de Alencar, José Martiniano de Alencar, Tristão Gonçalves¹⁰² e outros personagens admiráveis da cidade vizinha não a representavam. O grande herói de Juazeiro passou a ser o também cratense Padre Cícero, responsável pela fundação, independência e desenvolvimento da cidade. Outros “grandes homens”, no entanto, viriam a constituir o panteão juazeirense. Um deles foi o Dr. Floro Bartolomeu. O trabalho de defesa empreendido por ele era árduo. Os discursos que maculavam a imagem de Juazeiro do Norte se

¹⁰² Bárbara de Alencar participou ativamente da Revolução Pernambucana de 1817 (evento que os cratenses por vezes intitulam como “Revolução Cariense de 1817”, “Revolução Cratense de 1817”, ou mesmo “Revolução dos Alencar”), assim como seus filhos Tristão Gonçalves de Alencar e José Martiniano de Alencar. A família tomou parte, também, da Confederação do Equador em 1824. José Martiniano de Alencar ordenou-se padre e tornou-se senador pelo Ceará em 1932, além de ter sido presidente da província duas vezes.

multiplicavam diariamente. Escritores, jornalistas e viajantes contribuíram, desde 1911¹⁰³, para disseminar a ideia de que a cidade era um antro de fanáticos e cangaceiros.

A obra do padre Alencar Peixoto e os escritos de Lourenço Filho são exemplos de publicações que afirmavam o atraso cultural, moral e urbano de Juazeiro do Norte. Padre Alencar Peixoto, ilustre inimigo político de Padre Cícero, lançou em 1913 o livro intitulado *Joazeiro do Cariry*, em que afirmava ser Juazeiro um “[...] desgraçado recanto do sul do Ceará”¹⁰⁴. Padre Cícero foi apresentado por ele como “[...] um complexo indefinível de orgulho, de presunção, de vanglória, de fanatismo e superstição, arrematado em um formidável monstro de ambição e avareza”.¹⁰⁵

Paradoxalmente, o padre Joaquim de Alencar Peixoto defendeu com veemência os romeiros de Juazeiro, permanecendo como aliado de Padre Cícero por bastante tempo, mesmo diante das pressões da Igreja. Foi, inclusive, redator-chefe de *O Rebate*, primeiro jornal juazeirense¹⁰⁶, e grande companheiro de Floro Bartolomeu nas lutas pela independência do povoado. Tornou-se inimigo de Padre Cícero após a emancipação do município, quando teve seus planos de poder frustrados. Os juízos propagados por Alencar Peixoto após esse rompimento não eram exceção, mas a opinião corrente, tanto entre os próprios caririenses quanto entre os visitantes da região.

Discursos depreciativos como os de Peixoto, no entanto, tinham seus críticos. Manoel Dinis, advogado e amigo pessoal de Padre Cícero, afirmou, na introdução de seu *Mistérios do Joazeiro*, o desejo de escrever uma narrativa imparcial. Quando elencava os objetivos de sua obra, no entanto, deixou clara sua crítica específica a Alencar Peixoto: “[...] o Patriarca jamais foi alvo de verrina tão grosseira e injusta, como a que consta que contra ele escreveu [...] o padre Joaquim de Alencar Peixoto [...]”¹⁰⁷

Padre Cícero não enfrentou, portanto, somente as disputas religiosas com o alto clero católico. Foi vítima também de duros combates no campo político e entre os membros da cultura letrada. Representações depreciativas sobre Juazeiro foram comuns no período em que

¹⁰³ Ano de emancipação do município.

¹⁰⁴ PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joaseiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 48.

¹⁰⁵ PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joaseiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 169.

¹⁰⁶ Em edição veiculada em 1909, respondendo às críticas que cratenses costumavam sustentar acerca dos habitantes de Juazeiro, Alencar Peixoto escreveu: “[...] porque eles, -- esses paralyticos da sympatia, pregados à cruz de nosso desprezo pelos cravos da verdade incorruptível, ameaçam á esta população laboriosa e pacífica, composta, em sua maioria, de mais de vinte e cinco mil romeiros? Romeiros! Não foram eles que dominaram por completo a ferocidade de nosso solo e escalaram as nossas serras? [...] E não concorrem eles com a sua somma de quarenta contos de reis annuaes para as arcas da câmara municipal e do tesouro estadual? Assim, pois, essas perseguições porque lhes fasem? Porque tramam à surdina contra eles, e na inconsciência de quem não mede as consequências?! Porque? Porque vêm n’elles, como por ahi alardeiam, um perigo iminente?!”. PEIXOTO, Padre Joaquim de Alencar. Onde o Perigo? **O Rebate**, p. 1, Juazeiro do Norte, 12 set. 1909.

¹⁰⁷ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1935]. p. 13-14.

Padre Cícero era vivo e, especialmente, quando os fenômenos do milagre, das romarias e do crescimento urbano amedrontavam ainda mais as autoridades políticas e clericais. Elas fundaram, de certa maneira, a opinião de muitos sobre a jovem urbe caririense.

O escultor Agostinho Odísio afirma, por exemplo, que estando a caminho da cidade (em outubro de 1934, logo após a morte de Padre Cícero), conheceu ainda em Fortaleza um engenheiro químico piemontês que lhe transmitiu a seguinte informação:

Juazeiro é um lugar formado por elementos de todo o norte, pessoas foragidas, cangaceiro fugido da polícia, toda sorte de aventureiros e sertanejos, à sombra do Padre Cícero, o qual, sendo uma força que nenhum governo podia atacar, gozavam de completa segurança... O lema deles é 'Juazeiro é nosso e forasteiro não conta prosa'.¹⁰⁸

O retrato reproduzido pelo engenheiro lembra as narrativas estampadas em jornais do período: Juazeiro seria uma cidade repleta de criminosos, por isso era conveniente que o escultor estrangeiro estivesse atento. Se para os romeiros a viagem a Juazeiro era uma dádiva, para o artista letrado parecia um castigo. A nova empreitada numa terra distante se mostrava cada vez mais arriscada. Odísio, ao receber tais informações, lamentou não poder voltar atrás:

E é para um lugar deste que vamos... Isto tudo me fez pensar no caso e tomar as precauções, porque, como me disseram, lá o culpado é quem morre, em vista disto, apesar dos meus fundos estarem já bem minguados, hoje vou comprar um revólver e munições... Homem avisado, meio salvo.¹⁰⁹

Os discursos de cidadãos cratenses (intelectuais geralmente respeitados, porém rivais de Juazeiro do Norte) e de viajantes e estrangeiros eram os que imperavam entre intelectuais do Ceará, tendo se propagado pelo Brasil. A religiosidade popular era enxergada como fanatismo, e havia certo imaginário de terror ligado ao fenômeno do cangaço. Juazeiro assustava e intrigava os possíveis visitantes vindos da “estreita orla de civilização litorânea”, que buscavam explicações científicas para compreender a esdrúxula realidade¹¹⁰.

¹⁰⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 126.

¹⁰⁹ Após receber as informações de seu conterrâneo, ponderou: “Enfim agora é tarde, seja o que Deus quiser! É tarde para retroceder e teremos que aguentar até ver o que dará tudo isto...” (ODÍSIO *apud* SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 126).

¹¹⁰ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 177.

As narrativas sobre Juazeiro publicadas entre o final do século XIX e o início do século XX estão impregnadas por teorias raciais. O pensamento de Charles Darwin teve impacto sobre diversos intelectuais ocidentais dedicados ao estudo da evolução. Os visitantes da terra de Padre Cícero seguiam essa tendência, sentindo-se irmanados com a cultura letrada nacional.

De acordo com Lilia Schwarcz, o darwinismo foi introduzido no cenário brasileiro a partir de 1870. No mesmo período, entraram no país teorias como o positivismo e o evolucionismo. De acordo com a autora, a obra de Darwin, publicada e divulgada em 1859, foi apropriada pelo pensamento social da época, que iria se preocupar então com temas como a seleção natural e a mestiçagem racial.¹¹¹

Na disputa nascente acerca de tais discussões destacavam-se duas correntes: a dos evolucionistas e a do darwinismo social. Os primeiros eram, de acordo com Schwarcz, “otimistas”, pois acreditavam que toda a humanidade passaria pelos mesmos estágios de evolução. Dessa maneira, o progresso seria obrigatório e certamente chegaria para todos, mesmo que em períodos diferentes. Os darwinistas sociais, por outro lado, afirmavam que as raças tinham caracteres específicos que jamais se misturariam. Portanto, todo cruzamento de raças seria um erro. Os tipos puros foram exaltados por esse grupo, e os miscigenados passaram a ser considerados degenerados. Sob essa perspectiva, assim como animais de diferentes espécies não deveriam procriar, também os indivíduos de raças diferentes precisariam se manter puros.

Desse debate nasceu a “eugenia”, teoria criada pelo cientista britânico Francis Galton. Em 1869, ele publicou um trabalho procurando provar que a evolução humana estaria associada à hereditariedade, e não à cultura. A eugenia tinha como finalidade compreender as leis da hereditariedade humana, estimular nascimentos saudáveis e evitar uniões consideradas nocivas a toda a sociedade.¹¹²

Por meio da eugenia, a hipótese evolucionista iria por terra. A humanidade, portanto, não estaria fadada à evolução e corria ainda o risco da degeneração, do desvio do progresso. Para Joseph Ernest Renan, por exemplo, os “[...] grupos negros, amarelos e miscigenados 'seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem

¹¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 56.

¹¹² Desse modo, “[...] as proibições aos casamentos inter-raciais, as restrições que incidiam sobre “alcoólatras, epiléticos e alienados”, visavam, segundo essa ótica, a um maior equilíbrio genético, “um aprimoramento das populações”, ou a identificação precisa “das características físicas que apresentavam grupos sociais indesejáveis”. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 60.

incivilizáveis”¹¹³. Tal concepção foi criticada por um dos narradores de Juazeiro, o educador Lourenço Filho, que afirmava:

Precisamos, já, urgentemente, imediatamente, – enquanto é tempo! – de aparelhos de verdadeira cultura [...]. Lampejos dessa verdadeira cultura, no sentido normal da palavra, tem produzido, com o mesmo homem rude dos sertões, com o mesmo mestiço que os pseudoletrados desabonam – maravilhas de vida e progresso [...].¹¹⁴

Manoel Bergström Lourenço Filho foi o inventor dos “testes ABC” (1928)¹¹⁵, que tinham como objetivo verificar a maturidade das crianças para a aprendizagem da leitura e da escrita e separá-las, criando grupos, em classes diferentes, de acordo com a capacidade cognitiva. Assim, alguns professores poderiam se dedicar às crianças que aprendiam mais lentamente, enquanto outros se dedicariam às mais rápidas.

Segundo a proposta de Lourenço Filho, numa mesma sala de aula não deveriam ser encontrados alunos muito diferentes, mas crianças com o mesmo nível de desenvolvimento. Interessante é notar que, para ele, bastava que as elites fossem educadas, pois sua influência se refletiria automaticamente na consciência popular. É preciso ressaltar ainda que seus estudos sobre educação primária têm como referência o Dr. José Paranhos Fontenelle¹¹⁶, que defendeu a existência de grandes diferenças cognitivas entre brancos, pardos e pretos (sendo os brancos e os pardos mais talentosos que os pretos).

Lourenço Filho é, portanto, uma figura controversa. Ao chegar em Juazeiro e estacionar o carro junto à casa do Padre Cícero, o educador afirmou ter visto uma rua repleta de pessoas que esperavam pela benção do *Padrinho*. E começou a descrevê-las: “À primeira vista, aquela massa apresentava unidade; expressões dos mais díspares caldeamentos de raça ali se confundiam, no entanto, e apenas um ou outro semblante mais puro ressaltava”.¹¹⁷

Assim, o autor também se dedicava a descrever os devotos de Padre Cícero partindo do componente racial. Na aparente homogeneidade mestiça, o autor percebeu, aos poucos, a heterogeneidade, e alguns semblantes supostamente puros lhe chamaram a atenção. Entre esses, uma jovem de pele branca despertou curiosidade e admiração especial no escritor, “[...] uma

¹¹³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 62.

¹¹⁴ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 181.

¹¹⁵ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Testes ABC: Para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

¹¹⁶ José Paranhos Fontenelle foi um médico higienista que também se dedicava a estudos de Estatística e Educação. Era, assim como Lourenço Filho, signatário do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova. Para dados relativos às pesquisas sobre cognição realizadas entre brancos, pardos e negros, cf. FONTENELE, J. P. **Aplicação dos testes ABC no Distrito Federal**. 1934. (Relatório).

¹¹⁷ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 51.

adolescente, cujo perfil quase puro e tez menos tisonada destacavam-na como uma flor de estufa em campo agreste”¹¹⁸.

Ainda acerca de Juazeiro, o educador afirmou que “[...] sobre a ignorância e o fundo supersticioso do caboclo, vivem em seu espírito tradições de messianismo e sebastianismo”¹¹⁹, associando as crenças religiosas heterodoxas a uma forte inclinação natural dos mestiços para tais convicções. Ao descrever o Nordeste brasileiro, Lourenço Filho defendeu que

A própria evolução etnográfica brasileira quase pode ser estudada numa viagem de penetração. Na costa, predomina o branco, fato que demonstra a preponderância ariana da nossa gente até hoje; a breve trecho, surgem, porém, expressões do mais violento caldeamento das três raças primitivas, com a presença muito rara do preto puro; depois, mais extenso e generalizado, o caboclo, tanto quanto o indígena, tanto quanto o ariano; noutros pontos, tapuias extremes, índios puros, com a só diferença, junto a seus primitivos, em não usarem tangas, terem idéias cristãs e vestirem calças de azulão...¹²⁰

Desse modo, no início do século XX, o educador paulista praticamente negligenciava a existência de negros no Brasil, preferindo destacar a alegada preponderância da população branca e de sua miscigenação com os nativos e descendentes de africanos escravizados. Essas declarações aparecem em seus textos por serem consideradas relevantes no estudo sobre o fanatismo sertanejo.

É preciso notar que tais afirmações parecem guardar relação com a discussão anteriormente promovida por Euclides da Cunha em *Os Sertões*. O jornalista, ao dissertar sobre o caráter “mestiço” da religião praticada em Canudos, afirmou que no sertão é possível encontrar o “[...] antropismo do selvagem, o animismo do africano e, o que é mais, o próprio aspecto emocional da raça superior, na época do descobrimento e da colonização”¹²¹, estabelecendo, assim, graus de hierarquia entre as raças e religiões dos povos autóctones, dos sujeitos escravizados e dos brancos colonizadores.

Lourenço Filho não foi o único, no entanto, a analisar as especificidades culturais e religiosas de Juazeiro a partir das teorias raciais e de uma concepção quase estratigráfica acerca das diferentes etnias do Brasil. Alguns estudiosos foram, inclusive, mais incisivos que ele. O Dr. Lucian Smith, responsável pela campanha de erradicação da febre amarela no Ceará, esteve em Juazeiro em 1927, a serviço da Fundação Rockefeller, e escreveu:

¹¹⁸ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 52.

¹¹⁹ Op. cit., p. 85.

¹²⁰ Op. cit., p. 28.

¹²¹ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 62.

A fama do padre de curandeiro miraculoso espalhou-se por todos os quadrantes. Os aleijados, os coxos, os cegos rumavam em bandos para ele, como se fosse um santuário. Alguns retornavam a seus lares, se tivessem um, mas muitos permaneciam na cidade, contribuindo com sua quota de ignorância, criminalidade e fanatismo, pobreza, doença e depauperação física e moral generalizada para a constituição social e econômica de Juazeiro no período de sua formação. Eles, os seus filhos e netos e outros da mesma laia compuseram a comunidade social hoje existente em Juazeiro. Não surpreende que o tipo de cidadão numericamente predominante no lugar exiba deficiências mentais tão marcadas, tamanho insucesso na adaptação ao ambiente, tão notáveis estigmas de degeneração física, resistência tão diminuída e tal suscetibilidade a doenças. O processo de eliminação em curso lá é, a um só tempo, o remédio e a punição da natureza para a assustadora aberração.¹²²

Lucien Smith faz parte de uma corrente de teóricos eugenistas que afirmava a fatalidade do desaparecimento natural de “doentes crônicos”. Para o médico, a criminalidade era associada à degeneração da raça: tais sujeitos não seriam apenas incivilizáveis, mas constituíram uma população doente e, portanto, criminoso. O pesquisador norte-americano defendia, ademais, que a população de Juazeiro se extinguiria naturalmente, pois tais elementos defeituosos perceptíveis nos homens e mulheres que ali viviam não dariam origem a crianças saudáveis¹²³.

Juazeiro era, para o Dr. Lucien Smith, um local repleto desses sujeitos anormais, cuja continuidade genética estaria fadada ao fracasso. Por isso, a violência e o crime seriam, ali, dados naturais. O médico higienista acreditava que a evolução das espécies proporcionaria o sucesso aos indivíduos mais fortes e adaptados. Os juazeirenses, portanto, estavam condenados ao desaparecimento.

Um dos assuntos recorrentes nas descrições de Juazeiro é, como se pode perceber na citação anterior, a grande quantidade de portadores de doenças psicológicas e psiquiátricas. Essa peculiaridade da cidade é notada por muitos viajantes e cronistas. Há muitas justificativas para essa particularidade local. Floro Bartolomeu da Costa tentou explicar, em seu *Depoimento para a História*, por que Juazeiro abrigava tantos doentes:

¹²² SMITH, Lucien C. 14 mar. 1927 Relatório de uma viagem à região de Juazeiro. RAC, RG 1.1., série 305, caixa 19, pasta 155. *Apud* LOWY, Ilana. “Representação e intervenção em saúde pública: vírus, mosquitos e especialistas da Fundação Rockefeller no Brasil”. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, fev. 1999, p. 212. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2013.

¹²³ Conforme Lília Schwarcz, circulava nesse período a *Gazeta Médica da Bahia*, cuja edição, publicada também em 1927, apresentou um artigo que “[...] defendia divisão entre mestiços redimíveis e aqueles absolutamente enfermos – ‘os alcoólatras, loucos, epilepticos e doentes’”. SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 216.

Se elle [o doente mental] é um louco manso, a família ainda o conserva tratando como se fosse um extranho; se, porém, as exacerbações se repetem, o enviam para o Juazeiro, afim de que o Padre Cícero o trate e o sustente. Já porque o padre é extremamente caridoso e se compadece desses infelizes, já porque elle tem um dom especial de dominar qualquer louco, – por lá se ficam, sustentados por elle, havendo casos de cura completa.¹²⁴

Na falta de um sistema de saúde que amparasse tais pessoas, o *Padrinho* se encarregava da acolhida e dos possíveis cuidados. Para Floro Bartolomeu, no entanto, a presença de tais sujeitos na cidade não significava a degeneração da raça. Eles estampavam, na verdade, a generosidade do *Padrinho*, que a todos acolhia e auxiliava. De acordo com Manoel Dinis, essa caótica situação se modificou somente após 1930, quando delegados “[...] fizeram ao Padre Cícero e aos vizinhos de sua casa, o benefício de exportarem, só de uma vez, 20 doidos ou malucos, para o hospital de Parangaba”¹²⁵.

O inspetor de obras contra a seca Paulo de Moraes e Barros¹²⁶ afirmou, em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, que o sertanejo cearense era “[...] extremamente degenerado não só pelo lado physico como pelo moral”¹²⁷, assertiva rebatida por Floro Bartolomeu da Costa, que em seu discurso – posteriormente transformado em livro –, afiançou: “[...] o sertanejo cearense é do mesmo typo, tem os mesmos hábitos, possui os mesmos característicos physicos e moraes do dos demais Estados do Norte do paiz”¹²⁸. Mais adiante, apoiando-se em Euclides da Cunha, o aliado de Padre Cícero afirmou que o sertanejo era um forte:

O indivíduo do littoral, especialmente o civilizado, ou tido como tal, é um eterno escravo da magnesia bizurada, do bicarbonato de sodio, da casacara sacra, dos tonicos, do mercurio, do soro hormônico e outros; da agua filtrada para evitar infecções intestinaes, do automovel para não se fatigar; dos capotes para não se resfriar, e de todos os cuidados capazes de evitar e corrigir incommodos e males. Entretanto, o sertanejo vive ao desabrigo de todos esses meios de defesa e, relativamente, gosa de melhor saude e é mais *forte*.¹²⁹

¹²⁴ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 128.

¹²⁵ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1935]. p. 142.

¹²⁶ O Dr. Paulo de Moraes e Barros visitou Juazeiro em 1922, acompanhado pelo deputado Ildelfonso Simões Lopes e pelo general Cândido Mariano da Silva Rondon. Os três eram membros de uma comissão a serviço da Inspeção Federal de Obras contra a Seca (IFOCS). A viagem tinha como objetivo a fiscalização e a avaliação das construções de açudes, ferrovias e estradas no Nordeste. Moraes e Barros também era médico sanitário e publicou, no *Estado de São Paulo*, em 1923, suas “Impressões do Nordeste”, que ofereciam uma descrição de Juazeiro bastante negativa, dando origem ao discurso de Floro Bartolomeu, que pretendia rebater seu texto.

¹²⁷ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 156.

¹²⁸ Op. cit., p. 157.

¹²⁹ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 159.

Mais uma vez, é possível notar a influência de Euclides da Cunha nos discursos sobre Juazeiro. Em *Os Sertões*, descobrimos a afirmação de que o sertanejo “[...] não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral”¹³⁰. O famoso jornalista afirmou ainda que, embora tais homens parecessem permanentemente fatigados, vítimas de uma preguiça invencível e de uma atonia muscular perene, a aparência de cansaço seria ilusória, pois os sertanejos seriam capazes de fazer uso de grandes energias adormecidas quando uma ocasião de urgência se apresentava.

Floro Bartolomeu, por sua vez, perguntava: “[...] qual a verdadeira causa real da degenerencia physica de um povo, senão a civilização?”¹³¹. É importante notar o paradoxo de o líder político de Juazeiro ter se tornado médico na Bahia, berço da medicina legal¹³². Ele contrariava sua própria escola médica ao afirmar que os sertanejos mestiços eram, com efeito, mais evoluídos, mais fortes e mais adaptados ao meio que os habitantes do litoral¹³³. Chegava, inclusive, a criticar determinado professor que tivera na Faculdade de Medicina da Bahia. De acordo com o Dr. Floro, tal catedrático defendia que “[...] o brasileiro é uma raça degenerada porque teve origem no maroto ladrão, assassino e peralta e no negro que é raça que não está sujeita ao progresso”¹³⁴. O principal aliado de Padre Cícero afirmava o contrário: que o sertanejo, definitivamente, não era um degenerado, mas uma raça mais forte que as demais.

Floro Bartolomeu não era o único a ter um pensamento pouco ortodoxo em relação às especificidades de Juazeiro. De acordo com Manoel Dinis, Padre Cícero não curava indivíduos considerados loucos, mas simplesmente os livrava da maconha, que era a verdadeira responsável pelos delírios, surtos e alucinações de homens e mulheres erroneamente considerados doentes. O advogado afirmou:

¹³⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 51.

¹³¹ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 166.

¹³² De acordo com Schwarcz, a medicina legal praticada na Bahia pretendia pensar nas possibilidades de uma ciência brasileira que estudasse os casos de degeneração racial. Assim, alcoólatras, portadores de doenças psiquiátricas, epiléticos e criminosos eram vistos como provas de que o darwinismo social estaria correto em seus pressupostos. A existência de tais exemplares alertava para a “[...] imperfeição da hereditariedade mista”. SCHWARCZ, Lília Moritz. **O espetáculo das raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 211.

¹³³ Não se pode atribuir a Floro Bartolomeu, todavia, a criação de uma nova teoria a respeito dos povos sertanejos. Segundo Nísia Lima, já existia, na obra de Euclides da Cunha e em produções intelectuais anteriores, uma outra forma de conceber a relação litoral/sertão, “[...] invertendo o sinal positivo atribuído ao litoral e às tendências modernizantes, Trata-se da leitura do dualismo litoral/sertão à luz da ideia que opõe civilização de copistas a civilização autêntica”. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 33.

¹³⁴ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p.168.

[...] muitas pessoas, mesmo das menos simplicias (sic), pensavam que certos tipos, particularmente pretos ou bem trigueiros, eram realmente doidos ou malucos, conduzidos, furiosos, à presença do Patriarca, para curá-los. Nem por sonho. Tais indivíduos que vimos mais de uma vez à porta do Patriarca, contidos por seus condutores, cavilosos ou não, no dia seguinte estavam bons e proclamando que tinham sido curados por milagres da benção do *Padim Ciço*. Quase todos esses tipos eram apenas liambados e nada mais.¹³⁵

Assim, o problema deixava de ser genético e passava a ser cultural, mas a culpa continuou recaindo sobre mestiços e negros, pois a liamba “[...] é cultivada por alguns indivíduos de origem africana”¹³⁶, também conhecidos pelo suposto fanatismo. Para Manoel Dinis, era comum encontrar em Juazeiro “[...] negros e cafusos evidentemente aliambados”¹³⁷, que podiam parecer loucos, mas não eram. Muitos deles, segundo o autor, faziam uso da erva em cultos de matriz africana. A existência desses cultos era negada por Floro Bartolomeu, que via tais manifestações religiosas como “remédios problematicos para o espírito”. Ao mencionar ocultistas, cartomantes, adivinhos, “candomblés, macumbas ou cangerês”, o aliado de Padre Cícero explicou serem práticas religiosas que “[...] não se encontram em Joazeiro, porque lá não existe esta casta de gente”¹³⁸. Manoel Dinis, por sua vez, discorreu também sobre doenças mentais e o uso de drogas naquela cidade:

[...] não inventamos *bicho de sete cabeças* quando nos referimos ao perigoso uso da liamba que é um verdadeiro presente de grego que os escravos africanos trouxeram-nos da África para, pérfida e sutilmente se vingarem de seus senhores, degradando-os, a ponto de ficarem inferiores aos próprios africanos. Infelizmente os nossos Governadores do Norte e do Nordeste, onde há os mais perigosos centros de cultura e uso da liamba, ainda não criaram serviço especial de polícia preventiva contra entorpecente tão perigoso, *que concorre não só para achinesar um povo, como para africanizar, que é muito pior*.¹³⁹

O advogado juazeirense, ao combater o uso da maconha, estabelecia também uma hierarquia racial em que orientais e africanos eram considerados elementos de degeneração racial. Os males da cidade do Padre Cícero, desta feita, seriam frutos da existência de tais indivíduos e do uso que faziam da erva. Manoel Dinis chegou mesmo a indicar a necessidade de haver uma polícia específica para combater o uso de entorpecentes, evitando a “degeneração” dos brasileiros.

¹³⁵ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1935]. p. 195.

¹³⁶ Op. cit., p. 196.

¹³⁷ Op. cit., p. 197.

¹³⁸ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p.191.

¹³⁹ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011[1935]. p. 194, grifos nossos.

A elite cratense não se apropriou da discussão sobre o uso da maconha entre os habitantes juazeirenses, mas também aderiu a teorias que pretendiam explicar a relação entre raça, comportamento e religião. Segundo o médico Irineu Pinheiro¹⁴⁰,

Em todo o Cariri eram as classes inferiores compostas de elementos ignorantes, analfabéticos, em que predominavam os *cabras*, mestiços do negro e do branco ou originários do cruzamento dessas duas raças com o elemento indígena. Eram os *cabras*, em geral, rixosos, turbulentos.¹⁴¹

Pinheiro justificava a presença de criminosos e cangaceiros através de uma explicação supostamente genética. O cruzamento de brancos, negros e indígenas seria o elemento explicativo do caráter violento dos habitantes locais. O auge de tais determinismos e descrições pejorativas de negros e mestiços pode ser encontrado em *Joazeiro do Cariry*, de Alencar Peixoto. No livro, a beata Maria de Araújo é representada como alguém que “[...] nasceu e criou-se em um dos aros mais surrentos e miseráveis” de Juazeiro, sendo seu pai um homem “[...] que andava quase sempre em tremulência; um negro”, e sua mãe “[...] uma *cabra* de cabelo ulótrico e mastigado”. Após a descrição física, Peixoto destacava que a genitora de Maria de Araújo “[...] servia fora de casa, mas muitas vezes não podia trabalhar e ficava de cama por causa das sovas que [...] lhe dava o macho, o marido”¹⁴².

Em vista disso, o pai de Maria de Araújo aparecia na narrativa como um homem negro que possuía os vícios da violência e do alcoolismo, enquanto sua mãe era uma mestiça de cabelo crespo que trabalhava fora e apanhava do esposo. Tais detalhes seriam relevantes na descrição dos caracteres genéticos herdados pela beata, assim identificada no suposto diálogo travado entre um amigo e o padre:

— A mulher de que falamos, se, como me dizes, e eu creio, é um produto, um cruzamento das *duas raças mais detestáveis*, não pode deixar de ser, em todos os sentidos, uma hibridez horrível.

— De fato, amigo, e tão horrível como talvez não imagineis. [...] Maria de Araújo deve orçar hoje pelos seus cinquenta anos, é de estatura regular; brunduzia, triste, vagarosa, estanguida, essencialmente caquética, porque tem ela ascendente de caquéticos ou tuberculosos.¹⁴³

¹⁴⁰ Irineu Nogueira Pinheiro foi um médico e intelectual cratense que nasceu em 1831. Fundou um jornal, o *Correio do Crato*, e foi colaborador de muitos outros. Seu primeiro livro *O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914*, foi publicado em 1938, no Rio de Janeiro, pelos Irmãos Pongetti.

¹⁴¹ PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMPEH, 2011 [1938]. p. 31.

¹⁴² PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 41.

¹⁴³ PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 41-42, grifo nosso.

Peixoto prossegue sua descrição concluindo que ela possuía “[...] a pele cor de azeitona em estado de putrefação” e que “[...] a semelhança do maxilar inferior, desafiando-lhe a protuberância do frontal, semelha-se ao de um homem de Darwin”. Por fim, afirmava ter feito cuidadosamente o estudo “[...] dessa cacodemoníaca criatura que deve de ser mulher, que assim o indica a pênula, a murça, a bata, o vestuário, sobretal, de beata”. Terminava sua explanação dizendo que “[...] a pintura é por demais mesquinha, apagada e fria em face do original”. A beata era descrita de maneira racista, e o padre Peixoto pretendia, com isso, destacar que sua personalidade havia se forjado no seio de uma indesejável “hibridez moral”¹⁴⁴.

As ideias associadas à eugenia foram utilizadas com o objetivo de aplicar um verniz científico a preconceitos raciais que envolviam os sujeitos pobres que se deslocaram até Juazeiro em busca do apoio espiritual e material de Padre Cícero. Tais discursos acerca das especificidades dos devotos de Padre Cícero criaram uma tradição de hostilidades que iria se cristalizar nas imagens acerca de Juazeiro e, por vezes, determinar prognósticos que envolviam a extinção futura da cidade e de seus habitantes.

3.2 A (des)confiança do futuro

Euclides da Cunha afirmou que as raças fortes suplantariam as raças fracas do sertão. Para o escritor, isso não justificava, contudo, o massacre de Canudos, qualificado por ele como um crime. Sob seu ponto de vista, tal cruzada se deu em nome de valores estrangeiros, de um conceito de civilização importado da Europa e, acima de tudo, ocorreu porque os brasileiros desconheciam as peculiaridades daquela parte recôndita do Brasil. Desse modo, a campanha era nada menos que o Brasil avançado e moderno a combater o Brasil atrasado, que ficara esquecido e abandonado na poeira do tempo. O jornalista afirmou, na “Nota preliminar” (1901) ao livro *Os Sertões*, que sua obra tinha o objetivo de

[...] esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexos de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra. O jagunço destemeroso, o tabaréu ingênuo e o caipira simplório serão em breve tipos relegados às tradições evanescentes, ou extintas.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Id., Ibid.

¹⁴⁵ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 1.

Euclides da Cunha pretendia, portanto, elencar e analisar as “sub-raças” em vias de desaparecimento. Para o escritor, o meio não seria responsável, *a priori*, pela formação das raças. No caso brasileiro, contudo, diversas novas raças se constituíram a partir daquelas três primeiras que vieram a habitar o território (índios, brancos e negros).

Para o escritor, as condições externas, na medida em que impulsionavam migrações e novos cruzamentos em todo o mundo, costumam influenciar a formação das raças num longo espaço de tempo. No Brasil, ao contrário, tudo ocorreu de maneira muito rápida. Por esse motivo, a (con) fusão de características das diferentes raças coincidiria com uma transfusão de tendências que não se dava numa longa temporalidade, como era o costume nas demais nações. Euclides da Cunha acreditava que esses grupos raciais “provisórios” que se formaram no Brasil experimentariam um “[...] período de fraqueza, nas capacidades das raças que se cruzam, alterando o valor relativo da influência do meio”¹⁴⁶. Dessa forma, as transformações bruscas forçariam um rápido processo de adaptação que levaria, necessariamente, à fraqueza das sub-raças formadas há pouco tempo. Essas novas distribuições étnicas, rápidas e forçadas, dariam origem a sujeitos que estampariam nos próprios rostos e compleições físicas a fraqueza¹⁴⁷. Tais homens e mulheres não teriam qualidades uniformes, tampouco constituiriam um “tipo brasileiro”; seriam apenas exercícios da natureza no rumo da composição de uma nova raça.

Essas ideias — e suas interpretações errôneas — tiveram impacto sobre o jornalismo, a literatura e o pensamento intelectual de todo o país acerca do sertão. Euclides da Cunha seria, daí em diante, uma influente referência sobre o tema. Suas ideias e seu livro inspiraram numerosos autores. Muitos narradores de Juazeiro, por exemplo, pareciam descrever também um lugar desconhecido, pitoresco, surpreendente e fadado à extinção. De acordo com Lourenço Filho,

O Nordeste não só apresenta estranhos aspectos da terra: faz emergir do seu seio, candente e adusto, casos sociais dos mais imprevistos e singulares. É que não lhe tem bastado o martírio secular das secas. Sobre o reflexo inevitável na existência humana das condições de vida possível nessa atormentada região, há incidido, por anos continuados, o peso fatal de erros e crimes da República. Um deles, por demais expressivo, porque não logrará nunca dissimular as responsabilidades dos governos, o do Estado em que aflorou, e o da União, que o permitiu e insufla, é o do Juazeiro do Padre Cícero, a Meca dos sertões cearenses – arraial e feira, antro e oficina, centro de orações e hospício enorme...¹⁴⁸

¹⁴⁶ Op. cit., p. 39.

¹⁴⁷ Essas ideias, muito infundidas por Nina Rodrigues, conduziram a uma tentativa de analisar a suposta loucura de Antônio Conselheiro através de um exame de seu crânio, realizado na Faculdade de Medicina de Salvador após a sua morte.

¹⁴⁸ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 17.

Desde o início do trecho, espera-se que a qualquer momento se revele uma descrição de Canudos, mas o objeto da exposição é, na verdade, Juazeiro. Ao fazer menção à cidade como um “arraial”, o autor remeteu claramente ao reduto de Antônio Conselheiro. Mais adiante, afirmou explicitamente que a Sedição de Juazeiro lembraria, “[...] no preparo militar da expedição, uma caricatura grotesca da luta do arraial do ‘Conselheiro’”¹⁴⁹.

Tais descrições de Juazeiro tornaram-se mais frequentes após 1914, quando aliados e devotos do Padre Cícero defenderam, durante o evento conhecido como “Sedição” ou “Revolta” de Juazeiro, o poder da oligarquia Nogueira Accioly no Ceará. Com o apoio de Floro Bartolomeu, romeiros, devotos e jagunços conduziram uma “revolução” em que buscavam depor Franco Rabelo, então governador do estado. A tropa de Juazeiro obteve êxito e “os jagunços” de Padre Cícero passaram a ter suas façanhas divulgadas em jornais de todo o país.

Notícias que associavam a figura do sacerdote de Juazeiro ao fanatismo e ao banditismo já eram comuns àquela época. Foi divulgado o boato de que Padre Cícero auxiliaria Conselheiro, quando, em agosto de 1897, foi obrigado a passar uma temporada no município de Salgueiro, interior de Pernambuco¹⁵⁰. Imediatamente, começaram a correr rumores de que o sacerdote estaria ali com o objetivo de aliciar cangaceiros para fortalecer a resistência de Canudos. O temor se espalhou e precisou ser aplacado por líderes de Salgueiro, Leopoldina, Granito, Ouricuri e Cabrobró, além do próprio governador do estado. Através de telegramas, os chefes locais afirmaram “[...] ser absolutamente falsa [a] notícia [de] padre Cícero deixar Joazeiro do Crato, procurando Canudos para prestar auxílio [a] Antônio Conselheiro”¹⁵¹. O próprio Euclides da Cunha escreveu que “[...] em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro”¹⁵².

Embora Padre Cícero utilizasse com eficiência seu prestígio político para assegurar a subsistência de Juazeiro, a imagem da cidade como um reduto de cangaceiros que poderia dar origem a uma segunda Canudos se manteve viva por muito tempo. A Sedição de Juazeiro foi um evento importante para a cristalização dessa impressão, pois muitos cangaceiros foram, de fato, participantes do combate. Em 1934, passadas duas décadas do conflito, Agostinho Odísio se viu motivado a esclarecer que

¹⁴⁹ Op. cit., p. 121.

¹⁵⁰ Segundo Amália Xavier, o governo de Pernambuco teria chegado a ordenar que as autoridades competentes “[...] prendessem o Padre Cícero como aliciador de bandidos para Antônio Conselheiro”. OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Ceará: Premium, 2001 [1969]. p. 115.

¹⁵¹ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 109.

¹⁵² CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 162.

[...] não há o menor termo de comparação entre Canudos e Joazeiro. Canudos era uma imensa tapera dentro [de] uma furna, em tudo comparado a selvagem areal africano, sem ruas, sem o primordial princípio de ordem, um amontoado de choças de barro com barracos para abitações, aonde vivia entocado o jagunço [...], reduto nefasto que envergonho[u] o paiz em armas de lutas para destruí-lo. Joazeiro [...] está preparado para futuro centro cívico, pois as suas ruas são amplas, com vastos largos e praças, bem alinhado, situado numa posição topográfica magnífica com clima bom, apesar de quentíssimo, e até salubre si existisse higiene.¹⁵³

Como é possível perceber, as ideias de urbanização, ordem, salubridade e civilização eram essenciais para distinguir Juazeiro de Canudos. Talvez por esse motivo Floro Bartolomeu tenha se aplicado tanto na tarefa de gestão urbana e moral de Juazeiro. Seu objetivo era, como se sabe, transformá-la em cidade progressista, com fortes características modernas. Esse projeto aparece claramente em seu já citado *Juazeiro e o Padre Cícero – Depoimento para a História*.

Em 1935, com a “Intentona Comunista”, intensificou-se a preocupação das elites nordestinas com o fantasma do comunismo. As autoridades começam a dispensar maior atenção ao Caldeirão, imaginando que o beato — capaz de reunir centenas de homens para o trabalho — também poderia organizar os mesmos homens para uma revolução. Em 1936, a comunidade foi destruída. Os oficiais justificaram a destruição do Caldeirão afirmando que ali estaria se constituindo uma segunda Canudos, um símbolo de atraso para a nação ou um possível antro de revoltosos. De acordo com o relatório do comandante José Góes Campos de Barros,

Em pleno século vinte, quando a humanidade parece prestes a chegar à ordem máxima da Civilização, esta forma grotesca de expansão mística deve, forçosamente, classificar-se no passado, entre fenômenos mortos na evolução humana, que o estudioso aprecia, com frieza e carinho, por se tratar de uma reminiscência antiga. Admiti-la no presente é negar a Civilização, consenti-la nos dias que correm, é tirar o esforço sadio e patriótico que fazemos, no sentido de elevar o nome do Brasil.¹⁵⁴

As esdrúxulas práticas dos habitantes do Caldeirão deveriam, segundo as elites cearenses, ser somente matéria de estudo histórico ou arqueológico. Não poderiam fazer parte do presente. Era inadmissível, para as camadas letradas, que tais hábitos permanecessem vivos

¹⁵³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 12.

¹⁵⁴ BARROS, José Goés Campos de. In: LOPES, Régis. **Caldeirão**: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 127.

em 1936. Trazer os religiosos da comunidade à civilização seria atribuição do Estado, e a destruição do agrupamento se estabelecia como um serviço patriótico¹⁵⁵.

As narrativas veiculadas acerca dos seguidores de José Lourenço eram as mais diversas. O *Diário Carioca* reproduziu, em matéria de capa, no ano de 1936, uma reportagem publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* (periódico fortalezense) sobre a captura dos beatos do Caldeirão:

Dentre os do grupo, uma mulher logo nos chamou a atenção. Com a cabeça coberta por um pano branco, varias medalhas pendentes do pescoço, estatura mediana, olhos pretos, penetrantes, faces magras, foi ella abrindo o grupo, empurrando os seus companheiros de viagem e dizendo:

– Espere que eu quero falar com o capitão (promoveu o tenente Cordeiro Neto). E dele se aproximando, começou a falar das suas “manifestações”. Disse que na primeira manifestação do ‘Divino Mestre’ (assim chama o padre Cícero), recebeu o nome de ‘Maria Quiteria’ e na segunda o de ‘Esquartelada da Anunciação’. Essa mulher, em Juazeiro, conseguiu, entre outras igualmente ignorantes, muitos adeptos às suas crenças esdruxulas. Armadas de espetos, saíam pelas casas, arrebatando quadros e imagens de santos. Diz a ‘Esquartelada’ – que não devemos adorar imagens, nem acreditar em ‘coroinhas’. Refere-se aos padres. Perguntamos-lhe, então, se ella era protestante, ao que nos respondeu: -- ‘acredite se quiser’... O comandante da escolta adiantou que a ‘Esquartelada’ não comia e que ella se alimentava apenas de agua. Foi um momento interessante porque a tal mulher se apressou em declarar que comia bolachas, não convindo que o soldado adiantasse inverdades...¹⁵⁶

A reportagem é peculiar, pois retrata uma mulher autodenominada protestante, mas que era, supostamente, afetada por manifestações espirituais do Padre Cícero. De acordo com o jornal, ela e outras pessoas da comunidade saíam às ruas armadas de espetos, com o objetivo de destruir imagens sacras. As histórias relativas aos devotos do *Padrinho* eram bastante excêntricas e teriam dado ao comandante a possibilidade de fantasiar, afirmando que a “Esquartelada” se alimentava somente de água.

Como afirma Régis Lopes, “[...] a destruição foi um ato preventivo, pois pensavam as autoridades que o Caldeirão causaria mais um episódio de ‘retrocesso e sangue’ como ocorrera em Canudos [...]”¹⁵⁷. Tanto o Caldeirão quanto Juazeiro são representados, muitas vezes, como elementos fora de ordem, contrários à República e à civilização, fadados a

¹⁵⁵ A ideia por trás de textos como esse é a de que esse passado de atraso, que envergonhava as elites, deveria ser sepultado, Conforme indica Michel de Certeau, “diferentemente de outros ‘túmulos’ artísticos ou sociais, a recondução do “morto” ou do passado num lugar simbólico, articula-se [...] com o trabalho que visa a criar, no presente, um lugar (passado ou futuro) a preencher, um “dever-fazer”. DE CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2007. p. 108.

¹⁵⁶ A POLÍCIA do Ceará vai acabar com os Beatos e Beatas de Juazeiro – Ladrões e Assassinos Explorando a memória do Padre Cícero para melhor tirar proveito das massas fanáticas. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1936, p.1.

¹⁵⁷ LOPES, Régis. **Caldeirão**: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 123.

desaparecer graças à evolução natural dos homens — no caso das teorias raciais — ou à imposição de uma cultura mais avançada (de acordo com os adeptos de teorias culturais). Assim, para os intelectuais que se preocuparam com o tema, haveria uma época em que “[...] mal soarão, como evocações de um passado omissos, as lembranças dos males sociais que não podem ser agora escondidas, como êsse, quase incrível, do Juazeiro do Padre Cícero”¹⁵⁸.

Além dos receios associados à constituição de uma segunda Canudos, rondava sobre Juazeiro a ideia de que seria um antro do cangaço. Em diversas descrições é possível perceber os temores dos visitantes diante dessa informação. De acordo com alguns narradores de Juazeiro, como Floro Bartolomeu, tais bandoleiros recorriam à cidade somente em busca de paz espiritual. Encontravam-se com o Padre Cícero para pedir perdão e procurar a regeneração. E o padre, através da famosa prédica “*quem matou, não mate mais, quem roubou, não roube mais*”, os perdoava e acolhia. Existem, no entanto, outras explicações acerca da grande concentração de criminosos na região.

Primeiramente, é importante notar que elucubrações acerca do caráter intensamente violento da população local existiam desde o século XIX. O viajante George Gardner afirmou: “Aqui foi, e até certo ponto ainda é, embora em menor extensão, um esconderijo de assassinos e vagabundos de toda a espécie vindos de todos os cantos do país [...]”¹⁵⁹.

O Cariri já possuía, há pelo menos um século, a fama de refúgio de bandidos, provavelmente por causa de sua distância em relação à capital. Tal imagem, no entanto, em determinado momento passou a ser propagada especialmente em relação a Juazeiro. Os forasteiros que chegavam pela devoção ao Padre Cícero foram imediatamente identificados como salteadores. Alencar Peixoto, por exemplo, afirmou que a cidade era “[...] quase que exclusivamente composta de *romeiros*, o que vale o mesmo que dizer – de assassinos, de desordeiros, de rufiões e de ladrões de cavalo”¹⁶⁰.

A passagem de Lampião por Juazeiro, em 1926, reforçou a constância de tais discursos. Padre Cícero e Floro Bartolomeu teriam convocado o cangaceiro para lutar junto ao Batalhão Patriótico contra a Coluna Prestes. Lampião atendeu ao chamado graças à promessa (frustrada) de que receberia em troca um prêmio: a patente de capitão, associada ao perdão de seus crimes. Esse evento é marcante na história local e acabou reafirmando a hipótese do apoio de Padre Cícero aos jagunços. Lourenço Filho, por exemplo, defende que “[...] ‘Lampião’ é um

¹⁵⁸ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 182.

¹⁵⁹ GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 94.

¹⁶⁰ PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 53.

expoente, apenas, da malta de celerados que tem feito do Juazeiro o seu quartel-general, como tem sido abundantemente provado”¹⁶¹.

É importante notar, todavia, que há anos o Padre Cícero vinha desenvolvendo estratégias para diminuir os embates entre líderes locais (e, conseqüentemente, entre os diversos grupos de jagunços). O célebre “Pacto dos Coronéis”, firmado pelo sacerdote em 1911, teve como um dos objetivos assegurar que “[...] nenhum chefe protegerá criminosos do seu município nem dará apoio nem guarida aos dos municípios vizinhos, devendo pelo contrário ajudar a captura destes”¹⁶². Conforme a resenha do livro de Reis Vidal publicada no *Diário Carioca* por Marcial Dias Pequeno,

Não foi como político, nem como administrador, que o ‘padrinho’ do sertão chegou a interessar o paiz. Isso ele conseguiu pelo poder magico da bondade. E como tal fez authenticos milagres. Pois não dominou alguns milhões de ‘jagunços’ Não corrigiu numerosos bandidos apenas com alguns conselhos? O próprio ‘Lampeão’ abandonou o crime por longo espaço de tempo, só voltando ao ‘cangaço’ em virtude de novos erros dos governos.¹⁶³

A ideia de que Padre Cícero protegia criminosos vinha frequentemente atrelada à opinião de que ele os dominava, chegando inclusive a converter alguns. Entre críticas mordazes e defesas apaixonadas do sacerdote, surgiram diferentes narrativas acerca de sua influência sobre os criminosos locais. Em artigo publicado por Gustavo Barroso em 1926 no *Correio da Manhã*, o *Padrinho* aparecia como uma influência importante para os povos ignorantes, incultos, místicos e revoltosos do Nordeste: “A sociedade anarchica e semifeudal dos sertões do Nordéste, cujas energias se perdem sem estímulo ou conduzem os indivíduos ao crime e à revolta, tem necessidade de centralizadores¹⁶⁴”. Desse modo, o povo sertanejo precisaria sempre de um guia que o comandasse. Em Canudos, Conselheiro representou essa liderança. Em Juazeiro, o papel foi desempenhado por Padre Cícero, que assegurou, por isso, a ordem e a paz da cidade. Mas os folcloristas e articulistas de jornais não eram os únicos a desenvolver hipóteses sobre a importância do sacerdote nos sertões nordestinos.

O naturalista alemão Philip von Luetzelburg trabalhou durante vinte e cinco anos no Brasil. Foi, assim como Paulo de Moraes e Barros, membro da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas, onde teve oportunidade de conhecer Juazeiro e o Padre Cícero. Em seu relatório

¹⁶¹ LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 114.

¹⁶² PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMPEH, 2011 [1938]. p. 169.

¹⁶³ PEQUENO, Marcial Dias. “Padre Cicero”. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 6, 7 ago. 1936.

¹⁶⁴ BARROSO, Gustavo. O Padre Cicero e o Folk-lore. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 13, 26 out. 1926. p. 13.

de 1922, afirmou que era importante “[...] combater o conceito generalizado pelo povo brasileiro de que o Padre Cicero exerce malefica influencia no povo nordestino; muito pelo contrario, devemos salientar as suas beneficicas e desinteressadas obras humanitárias”¹⁶⁵.

O *Padrinho* era considerado por Luetzelburg como a pessoa mais indicada para auxiliar e socorrer o povo nordestino. Ele não estava só. Floro Bartolomeu defenderia que o sacerdote tinha o poder de regenerar criminosos. Mas, para o médico baiano, caso os conselhos de Padre Cícero não fossem o bastante, a Justiça deveria entrar em cena. Por isso, quando esteve na liderança política de Juazeiro, assumiu a responsabilidade de eliminar os “elementos perturbadores da ordem” e assegurar que Juazeiro estivesse “dentro da lei”. Para tanto, utilizou diversos meios. Em seu *Depoimento para a História*, em 1923, contou:

Naquele mesmo periodo revolucionario, uma vez fui informado de que um cabra de nome Domingos, nos arredores da cidade de Iguatu, havia invadido uma casa de pessoas pobres, espancado os velhos e deflorado uma filha deles. Admirado da petulancia do cabra e muito mais revoltado contra a crapulice do mesmo, confesso com a maior sinceridade, mandei imediatamente cinco homens com o fim de verificar se era exacta a informação, com ordens terminantes de, no caso affirmativo, ser elle morto, para exemplo dos outros. Felizmente não era verdade, mas sim uma mentira propalada por desaffectedos.¹⁶⁶

Floro Bartolomeu sabia que, ao afirmar publicamente sua decisão de mandar eliminar tal homem, não sofreria censuras. Esta seria, a seu ver, uma medida saneadora¹⁶⁷. Na região, o líder baiano seria futuramente responsável pelos famosos “crimes de rodagem”, ou seja, extermínios de infratores realizados na estrada que ligava Crato a Juazeiro. Através de seu discurso, é possível perceber que as tentativas de expurgar, moralizar, modernizar e “civilizar” Juazeiro seriam levadas às últimas consequências. Os delinquentes, antes convenientes aliados em diversas situações, seriam, daí em diante, eliminados a qualquer custo.

Havia uma perspectiva que afirmava a hipótese de os jagunços e cangaceiros não terem procurado a cidade em busca de perdão, mas de serviços, como mercenários de uma missão específica durante o período da Revolta ou Sedição de Juazeiro. De fato, o combate ao governo de Franco Rabelo só se tornou possível graças à iniciativa de Floro Bartolomeu, que

¹⁶⁵ LUETZELBURG, Philipp von. **Estudo Botânico do Nordeste**. Rio de Janeiro: BNB, [1922]. p. 60.

¹⁶⁶ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 58.

¹⁶⁷ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 92.

arregimentou não somente devotos de Padre Cícero, mas, principalmente, criminosos dispostos a lutar, mediante recompensa, pela causa dos Accioly.

Ou seja, Juazeiro teria, durante a Guerra de 1914, recebido inúmeros bandos de jagunços que seriam responsáveis pela luta contra as forças estaduais. Com efeito, ao rebater os comentários de Moraes e Barros – que afirmava ser o banditismo uma profissão normal em Juazeiro –, Floro Bartolomeu admitiu que “[...] tanto em nossas hostes como nas do governo, que nós combatíamos, havia um número relativamente pequeno de indivíduos dignos de cangaceiros, elemento, alias, indispensável nesses períodos de agitação”¹⁶⁸.

O debate sobre a associação entre a população adventícia e a criminalidade era intenso. Grandes ondas migratórias chegavam diariamente quando a popularidade e a saúde de Padre Cícero estavam em alta. Muitos autores se dedicaram a descrever tais migrantes. Ao dissertar sobre as características desses novos habitantes, o advogado juazeirense Manoel Dinis defendeu:

Já houve quem disse que os romeiros do Juazeiro constituem a escória das populações do nosso Nordeste, mas não é assim: aqui moram e têm morado romeiros idiotas, romeiros cretinos, loucos, fanáticos, e romeiros inteligentes e bens (sic) como os mais legítimos representantes da brasilidade. É exato que no começo muitos criminosos se fizeram romeiros e penitentes mais ou menos sinceros, vindo residir junto ao Padre Velho, para cuidarem de sua regeneração e salvação, o que parte deles conseguiu, ao menos em relação à cadeia.¹⁶⁹

Mesmo Manoel Dinis, amigo do sacerdote, admitia que a cidade recebeu, portanto, romeiros “idiotas, cretinos, loucos, fanáticos e criminosos”. Entre os que se preocupavam com o fato de Juazeiro ter se transformado em conhecido refúgio para delinquentes, muitos defendiam que tais indivíduos errantes teriam se fixado definitivamente em Juazeiro após os combates de 1914. Por esse motivo, alguns temiam que, depois da morte de Padre Cícero, a criminalidade na cidade se tornasse incontrolável:

Outro perigo não menos temeroso diz respeito à ordem pública. Por enquanto os cangaceiros estão acorrentados aos gestos complacentes de um homem. É preciso, porém, não olvidar que esse homem é feito da mesma massa que os outros e conta 79 anos de idade; mais dia, menos dia, cumprindo o seu fado, como os seus semelhantes, terá de emigrar desta para melhor. [...]. Para prevenir o perigo imminente da eventual liberdade do cangaço, seria preciso cuidar, desde logo, com geitoso tacto, da sucessão da influencia da actual sotaina, que se assenta em mystica superstição por outra que se apoia na religião verdadeira, tolerante e arguta.¹⁷⁰

¹⁶⁸ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 89.

¹⁶⁹ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 54.

¹⁷⁰ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 152.

O inspetor Moraes e Barros defendeu a necessidade de forjar um novo líder capaz de substituir Padre Cícero na tarefa moralizadora. Tal líder, no entanto, não deveria ter sua autoridade pautada na “superstição”, mas no catolicismo oficial. Aparentemente, Barros não acreditava no poder das autoridades políticas sobre o cangaço, afirmando que somente o temor a uma liderança religiosa poderia garantir segurança à cidade. Odísio também descreveu, onze anos depois, as histórias que ouvira sobre bandoleiros apoiados pelas lideranças políticas locais:

[...] para Joazeiro vieram os desamparados do Norte, restos de Canudos, doentes de toda espécie, aleijões, loucos em quantidade e o pior de tudo, bandoleiros, ladrões, assassinos, que aqui ficaram a sombra do padre que a todos perdoava, porquanto promettessem de não incidir no erro, promessa que faziam jurando, mas nunca cumpriam, ficando assim este lugar o campo de acção de todos quantos eram fora da lei e precisavam fugir ao rigor das autoridades, a qual sempre foi barrada em Joazeiro por políticos interesseiros que se serviam do nome do padre Cícero para ter cabras armados a disposição.¹⁷¹

Para Odísio, no entanto, esse tempo já havia passado, e em 1934 Juazeiro se mostrava uma cidade operosa e preparada para o progresso. Com efeito, desde o início da década de 1920, Floro Bartolomeu da Costa fez esforços para implementar a remodelação urbana, a modernização da cidade e a moralização de seus habitantes. Exaltado com as acusações propagadas por Paulo Moraes de Barros, ele publicou, em 1923, um discurso que havia proferido, como já foi mencionado, na Câmara Federal.

Na preleção, apresentou Juazeiro a seu modo e contestou as informações divulgadas por Barros, que a teria descrito como: uma cidade cuja “[...] periphéria, só de casebres e mocambos de meia agua, é de ingrata apparencia, mais semelhando colossal e disforme acampamento [...]”¹⁷². Floro Bartolomeu desmentiu tais afirmações com veemência, defendendo: “Sua edificação, na parte central, é de predios regulares, alguns sobrados [...] e na periphéria, de casas na maioria de taipa, mas todas cobertas de telhas”¹⁷³.

Apoiado pelos deputados que assistiam ao seu discurso, o Dr. Floro lembrou que, tanto no interior quanto nas capitais do país, era comum que as casas da periferia fossem de taipa, porém “[...] o que ha de mais singular é que só em Joazeiro as casas não são de palha nem

¹⁷¹ Odísio, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 27.

¹⁷² COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 8.

¹⁷³ Op. cit., p. 11.

de palha cobertas, todas são de tijolo ou de taipa e cobertas de telhas”¹⁷⁴. Assim, afirmava a superioridade da cidade não só diante de outras do sertão, mas inclusive quando comparada às capitais brasileiras¹⁷⁵. O importante era garantir que Juazeiro não fosse igualada a um acampamento. Importa ressaltar que Floro Bartolomeu não foi o único a defender o avanço de Juazeiro. O naturalista Luetzelburg escreveu:

O interior da cidade espaçosa, com a praça avultadamente larga, orlada de casas de negocio bem sortidas, ruas em parte calçadas e bem conservadas, constitue o Juazeiro propriamente dito; satisfaz pela sua limpeza e construção solida, causando estranheza tal edificação em paragem erma, secca e desprovida d'agua. Deste centro commercial partem diversas ruas irregulares e poeirentas de 4 kms. De extensão em todas as direcções, margeadas de casas de pau a pique, de apecto pobre e rude, formando os suburbios da cidade [...].¹⁷⁶

Deste modo, o botânico alemão admitiu que o centro era bastante organizado, mas não deixou de observar a existência de uma poeirenta periferia. Outros viriam, alguns anos depois, reafirmar a existência de importantes problemas urbanos em Juazeiro. Em 1934, apesar de destacar os aspectos positivos da cidade, Odísio se espantou:

A higiene é pois palavra morta; existe é verdade a ‘Instituição Rockefeller’ com seus impregados mata mosquitos que todas semanas visitam as casas procurando destruir as águas paradas e focos de mosquitos, mas o que vale? Numa só sarjeta aonde se empoçam as águas que saem das casas destrói o trabalho de todos os mata mosquitos; e as sarjetas são muitas e com águas paradas dum fedor insuportavel na cidade toda [...].¹⁷⁷

As reflexões dos membros da cultura letrada levam a crer que a cidade de Padre Cícero deixaria de ser, num futuro breve, o ajuntamento de sujeitos pobres que foi até a morte do sacerdote. Para alguns, com o progresso material, Juazeiro se tornaria uma cidade culta, progressista e moderna, eliminando fanáticos, beatos e romeiros. Para outros, esse extermínio aconteceria de forma natural, pois as características genéticas da população impossibilitariam a reprodução de novas gerações. Havia, por fim, aqueles que imaginavam apenas a decadência econômica e social daquela cidade, acompanhada pelo crescimento da violência após a morte

¹⁷⁴ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 12.

¹⁷⁵ É importante lembrar que “[...] foi [...] sob o prisma das discussões sobre civilização e progresso na virada do século XIX para o XX, ou em torno do desenvolvimento e, em particular, sob a inspiração da teoria da modernização nos anos da década de 50 do século XX, que se produziu toda uma literatura sobre as relações entre sertão e litoral”. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 18.

¹⁷⁶ LUETZELBURG, Philipp von. **Estudo Botânico do Nordéste**. Rio de Janeiro: BNB, [1922]. p. 58.

¹⁷⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 54.

do *Padrinho*. De toda forma, as três perspectivas previam, de um modo ou de outro, o fim dos romeiros, resultado da ausência do santo a quem costumavam visitar.

3.3 A nova Canudos

Juazeiro e Canudos foram fenômenos que irromperam na fronteira temporal situada entre a Monarquia e a República. O reduto baiano parece carregar uma ligação mais evidente com o advento do regime republicano, mas é preciso lembrar que o prestígio de Padre Cícero cresceu justamente após 1889, quando teria ocorrido a transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo¹⁷⁸.

Tanto Canudos quanto Juazeiro atraíram milhares de sertanejos pobres, tolhidos pela fome, a sede e a seca. Naquele período, o Sudeste do Brasil dirigia boa parte de suas forças produtivas para a exportação do café e a industrialização ainda embrionária. O Norte, por sua vez, via a ascensão do chamado ciclo da borracha. No Nordeste, com a decadência da cultura do algodão, já havia um forte movimento migratório, que se intensificaria durante os períodos de seca. Canudos e Juazeiro se transformam, entre os séculos XIX e XX, em lugares de destaque para esses deslocamentos¹⁷⁹.

Canudos e Juazeiro tinham, de fato, muitas semelhanças. Eram lugarejos pobres do Nordeste, contavam com lideranças fortes cujos discursos estavam amparados na religião e repetidas vezes receberam e abrigaram inúmeros sertanejos que buscavam conforto material e espiritual. Desde 1850, com a Lei de Terras, as classes desfavorecidas já não conseguiam nem mesmo garantir o acesso à agricultura de subsistência. Por esse motivo, locais que contassem com um regime de distribuição de terras distinto (como Canudos e o Caldeirão) ou assegurassem condições mínimas de vida foram considerados refúgios importantes.

Tanto Padre Cícero quanto Antônio Conselheiro eram cearenses, embora este último tenha atuado na Bahia. Ambos garantiram, por algum tempo, paz e conforto aos seus seguidores. Segundo Euclides da Cunha, os sertanejos buscavam Canudos com uma intenção

¹⁷⁸ Para della Cava, inclusive, o fato de o país estar entrando num período de governo caracterizado pelo laicismo teria contribuído para a perseguição ao Padre Cícero e ao Juazeiro. Segundo o pesquisador norte-americano, “[...] encontrava-se a Igreja, na época, sob ataques crescentes dos republicanos. Em 1888, o bispo confiara ao Padre Cícero seus temores de que o problema da ‘liberdade religiosa’ estava se tornando cada vez mais crítico [...]. Talvez acreditasse dom Joaquim que os milagres de Joazeiro tenham sido enviados por Deus para confundir os descrentes”. DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977]. p. 56.

¹⁷⁹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. Juazeiro e o Caldeirão: espaços de sagrado e profano. In: SOUZA; Simone de (Org). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007. p. 355.

principalmente religiosa, já que a vantagem material era parca, pois o líder da comunidade permitia somente a propriedade pessoal de residências e objetos móveis, garantindo o compartilhamento absoluto das terras, pastagens e rebanhos. Sob a perspectiva do jornalista, “[...] os recém-vindos entregavam ao Conselheiro noventa e nove por cento do que traziam [...]. Reputavam-se felizes com a migalha restante. Bastava-lhes de sobra”¹⁸⁰. A mentalidade urbana pouco compreendia as necessidades e prioridades daquela população.

Padre Cícero, por sua vez, recebeu devotos vindos de diversas partes do Nordeste. Ao chegarem em Juazeiro – ou mesmo antes de se estabelecerem na cidade –, tais homens e mulheres pediam conselhos ao sacerdote sobre a melhor maneira de desempenhar suas atividades produtivas, e muitas vezes eram encaminhados por ele para os mais diferentes serviços.

Nos períodos de seca, principalmente, Juazeiro era vista como um abrigo, e o *Padrinho* fazia o possível para assegurar pelo menos a uma refeição diária à população pobre que buscava a região¹⁸¹. A cidade se transformou, assim, num refúgio alternativo aos campos de concentração criados pelo governo¹⁸². O sítio Caldeirão, por sua vez, vivia um regime de propriedade semelhante ao de Canudos, atraindo, por isso, a atenção dos intelectuais, das autoridades policiais e das elites, as quais temiam perder aquela mão de obra barata¹⁸³.

Canudos, em 1902, era descrita por Euclides da Cunha como um agrupamento bárbaro, uma urbe selvagem que lembrava ruínas já no momento de seu surgimento, onde não havia avenidas e era impossível distinguir as ruas. Segundo o escritor, o lugarejo se caracterizava por possuir

[...] becos estreitíssimos, mal separando o baralhamento caótico dos casebres feitos ao acaso, testadas volvidas para todos os pontos, cumeeiras orientando-se para todos

¹⁸⁰ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 84.

¹⁸¹ Segundo Barros, “[...] chegada a família no Juazeiro, o padre, após situá-la em alguma propriedade como rendeira, ou mesmo em terras devolutas, ajudava-a no início, fornecendo-lhe comida (se a pobreza fosse absoluta), sementes para iniciar o plantio. Quando da colheita, em sinal de gratidão, afluíam para seus paióis sacas e mais sacas de produtos agrícolas, trazidos pelos novos rendeiros ou proprietários de terras. Esse produto era distribuído entre os necessitados, aqueles que iriam começar a vida, e ainda sobrava muito para, junto com a sua própria produção, enriquecer-lhe os cofres. Dessa maneira aconteceu uma verdadeira circulação de riquezas na região, animando o povinho a migrar para Juazeiro”. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Juazeiro do Padre Cícero – A Terra da Mãe de Deus*. Fortaleza: IMEPH, 2008. p. 281.

¹⁸² Para maiores informações sobre os campos de concentração, cf. RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001.

¹⁸³ De acordo com Régis Lopes, “[...] em 1932, a organização do Caldeirão já estava tão bem estruturada que não houve grandes problemas no socorro aos flagelados. O depoimento de José Alves de Figueiredo garante que o beato chegou a abrigar mais de 500 pessoas: ‘ele gastou grandes depósitos de cereais que tinha em Caldeirão e toda farinha produzida em 600 tarefas de mandioca de sua cultura na Serra do Araripe (...). Fornecia uma única refeição diária, mas somente nesse jantar, eram empregadas 5 quartas de farinha, ou sejam, 400 litros’ (Figueiredo, 1934)”. LOPES, Régis. **Caldeirão: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 79.

os rumos, como se tudo aquilo fosse construído, febrilmente, numa noite, por uma multidão de loucos... Feitas de pau-a-pique e divididas em três compartimentos minúsculos, as casas eram paródia grosseira da antiga morada romana: um vestíbulo exíguo: um *atrium* servido ao mesmo tempo de cozinha, sala de jantar e de recepção; e uma alcova lateral, furna escuríssima mal revelada por uma porta estreita e baixa [...]. Traíam a fase transitória entre a caverna primitiva e a casa. Se as edificações em suas modalidades evolutivas objetivam a personalidade humana, o casebre de teto de argila dos jagunços equiparado ao *wigwan* dos pele-vermelhas sugeria paralelo deplorável. O mesmo desconforto e, sobretudo, a mesma pobreza repugnante, traduzindo de certo modo, mais do que a miséria do homem, a decrepitude da raça.¹⁸⁴

As características das residências espelhavam, segundo o texto de Euclides da Cunha, o reflexo das faces e personalidades de seus moradores. Eram pobres, miseráveis e degeneradas como os habitantes de Canudos. Lourenço Filho, em sua passagem por Juazeiro, mais de vinte anos depois da publicação de *Os Sertões*, descreveria o recanto do Padre Cícero com alguma semelhança:

As habitações quase todas se copiam por fora, em muros mal acabados, despidos ordinariamente de qualquer intenção estética, como se parecem no interior, pobríssimo e imundo [...]. Por dentro, uma sala, em toda a largura da habitação. Duas alcovas, as camarinhas, e a cozinha, tudo sem outro piso senão a terra batida, sem forro nem pintura [...]. Ordinariamente, não há, nas pobres habitações, nem cadeiras, nem mesas, nem camas. Em nenhuma delas falta, porém, pendurada à parede da sala, a efígie do Padrinho, em reprodução tipográfica, ou numa oleografia em que ele aparece miraculosamente rodeado de anjinhos, que tangem harpas celestiais, entre nuvens de incenso. Junto à gravura, na maioria das casas, ostenta-se um rifle.¹⁸⁵

Euclides da Cunha também começou descrevendo o arraial para, em seguida, especificar as residências e seus objetos, dando destaque às imagens religiosas e, posteriormente, às armas. Embora Lourenço Filho mude a intensidade da atenção dedicada a cada um desses itens, continua seguindo a mesma ordem em sua narrativa. O educador paulista, ao publicar seus escritos no jornal *O Estado de São Paulo* ao longo de várias edições de 1925, contribuiu para consolidar a ideia de que Juazeiro seria uma segunda Canudos.¹⁸⁶

Na década de 1920, Floro Bartolomeu trabalhou para dar visibilidade a aspectos até então pouco explorados quando se falava do município fundado pelo Padre Cícero. Seus planos de urbanização, moralização e mesmo sua perseguição em relação a sujeitos considerados criminosos ou “atrasados” contribuíram, de alguma forma, para que as reportagens sobre

¹⁸⁴ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 82.

¹⁸⁵ LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Joazeiro do Padre Cícero*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926]. p. 44-46.

¹⁸⁶ Conforme destaca Ramos, desde o século XIX, “[...] o motor dessas preocupações era praticamente o mesmo: avaliar em que medida Juazeiro assumia a condição de ‘cidade rebelde’ diante da ‘ordem social e política’”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O Meio do Mundo*. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 119.

Juazeiro, por vezes, levassem em consideração a imponência da cidade quando comparada a outros municípios interioranos. Para a cultura letrada do período, a “ordem” implantada pelo *Padrinho* e seu aliado não era o suficiente para denotar o progresso, mas era preferível ao caos em que parecia viver o restante do sertão. Em 1926, Gustavo Barroso publicou:

A Nova Jerusalém! ... Ao governo brasileiro cabe o inadiável dever de criar nos sertões as Jerusalens da Industria, como a Fabrica da Pedra de Delmiro Gouveia, as Jerusalens do respeito à Lei, da Instrucção, do Trabalho e do Progresso, afim de evitar as do Fanatismo, da Ignorancia do Abandono, como Canudos e o Joazeiro, embora estejamos crentes que a centralização de energias levada a efeito pelo padre Cícero, apesar de defeituosa, é preferível à anarchia completa a que o descaso dos poderes públicos há mais de um século votou o sertão.¹⁸⁷

Em 1931, Paulo Sarasate, em matéria publicada no jornal fortalezense *O Povo*, já apresentava as contradições da cidade. O jornalista avaliava a existência de duas Juazeiros: a primeira, agitada, dinâmica e promissora; a segunda, inculta, ignorante, atrasada, muito semelhante a Canudos:

Ao aproximar-se da residência do Padre Cícero, Joazeiro como se transforma subitamente. Toma outro aspecto. De cidade movimentada e alegre, empório comercial dos mais florescentes do sul do Estado, como se apresenta nas demais artérias públicas – transfigura-se ali, nas cercanias da mansão, patriarcal, num verdadeiro fóro de fanatismo. Não é mais a cidade clara e sorridente do Cariry, agitada pelo lufa-lufa quotidiano dos que trabalham: é o vilarejo inculto e retardado, a nova e pacífica Canudos dos sertões nordestinos, com a figura tradicionalmente discutida do padre e a ignorância contristadora dos romeiros.¹⁸⁸

Com o objetivo de resistir a observações que narravam somente o atraso de Juazeiro, muitas vezes foram veiculadas, pelas lideranças políticas locais, publicações sobre as indústrias da cidade, bem como sobre os estabelecimentos de educação. Provavelmente com o objetivo de combater as muitas visões depreciativas acerca do município, realizou-se, em 1934, a “Exposição de Artes e Indústrias de Juazeiro”.

Walter Barbosa afirma, em seu *Padre Cícero – Pessoas, Fatos e Fotos*, que o empreendimento, inicialmente, tinha a finalidade de apresentar ao restante do Brasil as tradições culturais nordestinas que se encontraram em Juazeiro graças às romarias. Contudo, os planos mudaram, e a feira acabou, por problemas de logística, substituindo a participação dos brincantes de folguedos populares pela exposição de objetos fabricados nas oficinas e indústrias da cidade:

¹⁸⁷ BARROSO, Gustavo. O Padre Cícero e o Folk-lore. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, p. 13, 26 out. 1926.

¹⁸⁸ SARASATE *apud* RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 144.

[...] muita coisa interessante e mesmo valiosa a ser apreciada: imagens, cerâmica, instrumentos de corda bem acabados, calçados admiráveis, molduras, giz, [...], vellas, objetos de chifres e de flandres e por fim até impermeável para capas, uma extraordinária realização do sr. João Fontes, o mesmo constructor do balão, talvez indústria única no ramo em todo o Brasil. Convem salientar aqui também o beneficiamento do couro, que é indústria própria em Juazeiro devido à capacidade e arrojo de um sertanejo em surpreender, o sr. José Pedro da Silva. É assim a única indústria local bem enraizada, isto é, aquella que possui machinas modernas de confecção. Tudo o mais apesar da maior perfeição, é fabricado por methods primitivos, encontrando entre os factores principais apenas a habilidade e a paciência do caboclo sertanejo.¹⁸⁹

Barbosa afirma, em seu já citado livro de memórias, que o próprio sacerdote teria tomado a iniciativa de promover a feira a fim de mostrar, mormente, as manifestações culturais presentes em Juazeiro. Segundo o memorialista, Padre Cícero teria dito ao jornalista Pedro Coutinho Filho que seria interessante aproveitar sua visita para levar ao Rio de Janeiro uma exposição da arte popular juazeirense. Pedro Coutinho, por sua vez, teria exposto a dificuldade de transportar grupos de folguedos, considerando a distância entre as duas cidades, mas sugeriu que fosse realizada uma exposição do artesanato local em que constasse a produção de ourivesaria, relógios, “[...] artefatos de palha de carnaúba, de ferro, de flandre, de instrumentos musicais e tantas outras...”¹⁹⁰. O objetivo era dar a conhecer uma nova Juazeiro, aquela que produzia objetos e cultura graças ao trabalho dos muito criticados romeiros.

Com efeito, os jornais anunciavam, em julho de 1934, “Juazeiro e o seu progresso”¹⁹¹. A exposição foi visitada por autoridades, políticos e representantes de diversas categorias funcionais. Padre Cícero, inclusive, enviou pessoalmente um regalo a Alzira Vargas, filha do então presidente Getúlio Vargas. Alzira foi presenteada com um terço confeccionado em ouro, e o general Góes Monteiro ganhou uma lamparina de prata, ambos fabricados nas oficinas de Juazeiro.

Àquela época os periódicos cariocas publicavam – e os jornais cearenses reproduziam – diversas matérias sobre o estabelecimento de Juazeiro como “capital do folclore e do artesanato”¹⁹², conferindo ao Padre Cícero o mérito de ter incentivado tais artes e ofícios entre seus afilhados e devotos. Era então 1934, e a ideia de mostrar ao mundo uma Juazeiro que não fosse somente fruto do fanatismo continuava em alta.

¹⁸⁹ EXPOSIÇÃO de Artes e Indústrias de Juazeiro. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 5, 10 jul. 1934.

¹⁹⁰ BARBOSA, Walter. **Padre Cícero** – pessoas, fatos e fotos. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980]. p. 114.

¹⁹¹ JUAZEIRO E SEU progresso. **Vida Nova**, Rio de Janeiro, 1 de julho de 1934 *apud* BARBOSA, Walter. **Padre Cícero** – pessoas, fatos e fotos. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980]. p. 115.

¹⁹² BARBOSA, Walter. **Padre Cícero** – pessoas, fatos e fotos. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980]. p. 115.

Conforme boa parte dos meios de comunicação, no entanto, mesmo o crescimento demográfico da cidade, a industrialização da produção e a morte de Padre Cícero não teriam livrado Juazeiro do risco de tornar-se uma nova Canudos. Segundo o texto publicado por Antônio Guedes de Holanda, em 1950, no periódico católico *A Cruz*,

Joazeiro, o Canudos do Ceará, após a morte do Padre Cícero Romão Batista, tornou-se insuportável. Nenhum padre poder-se-ia manter, contrariando à dogmática dos fanáticos – ‘Meu padrinho’ é a primeira pessoa da S. S. Trindade e Cristo Rei é o Anticristo, etc.; O Padre Juvenal foi açoitado e a polícia, para conter os jagunços, fuzilou uns dez, empoleirados no altar. O Joazeiro era pois um caso sério. Só mesmo um homem extraordinário; um sacerdote fora do comum poderia governá-lo espiritualmente. Este existia, era Mons. Joviniano Barreto! [...]. É na Tribuna Sagrada, dando a bênção à pedra fundamental de uma dessas instituições, que um louco vai apunhalá-lo.¹⁹³

O texto trata de dois episódios: um, de fundo político, mas associado à devoção a Padre Cícero; e outro, religioso. O primeiro ocorreu em 1934, quando o deputado Xavier de Oliveira fora acusado de tentar roubar os ossos do Padre Cícero e a imagem da Mãe das Dores. Os devotos ocuparam a Matriz de Juazeiro e, durante um embate, o pároco, Padre Juvenal, foi ferido, o que causou a represália dos policiais, que chacinaram uma dezena de fiéis dentro da própria igreja. O segundo evento ocorreu em 1950, quando Monsenhor Joviniano foi assassinado por um rapaz que pretendia obrigar o padre a celebrar seu matrimônio com uma mulher já casada. Embora o segundo evento não tivesse relação direta com a devoção ao Padre Cícero, também foi utilizado como exemplo para demonstrar o reino de insanidade e violência após a morte do *Padrinho*. Para alguns órgãos de imprensa do período, o homicídio de Monsenhor Joviniano teria deflagrado uma onda de barbárie, posto que havia despertado uma multidão disposta a linchar o assassino do vigário, levando mesmo a polícia local a realizar uma campanha de desarmamento após o evento:

Passados os primeiros instantes, o povo, indignado contra tamanho atentado, queria por força, linchar o criminoso. A polícia, porém, o garantiu. A multidão o acompanhou até onde se encontrava trancafiado. Mesmo assim, o povo, exaltado, ameaçou invadir a cadeia, sendo adotadas medidas acauteladoras afim de evitar vingança por parte dos paroquianos que, ao redor da mesma, investiam de quando em vez contra as grades. A muito custo, as autoridades policiais conseguiram dispersar os populares.¹⁹⁴

Para muitos articulistas preocupados com a morte de Padre Cícero, a falta de uma liderança – religiosa ou política – poderia trazer o caos às cidades sertanejas. Segundo teoria

¹⁹³ HOLANDA, Antônio Guedes de. Mons. Joviniano Barreto. *A Cruz*, Rio de Janeiro, 15 jan. 1950.

¹⁹⁴ ORDENADA UMA CAMPANHA de Desarmamento em Massa na Cidade de Juazeiro – Providência para Evitar a Invasão do Quartel pela população revoltada ante o Bárbaro e revoltante Assassínio de Mons. Joviniano Barreto. *Diário do Ceará*, Fortaleza, p. 4, 9 jan. 1950, p. 4.

levantada por Gustavo Barroso em artigo do periódico da Sociedade Brasileira de Geografia, no final da década de 1920, os habitantes do (então) Norte do país apresentavam uma peculiaridade psicológica que os levava a buscar a submissão a qualquer líder forte, fosse ele religioso, político ou bandido:

[Para os nordestinos], no fenômeno religioso, só existem as fórmulas e as fórmulas. Sua mentalidade não poderia alcançar o exame espiritual do fundo. Corre parelhas com esse estado psicológico digno de nota a necessidade de abdicar da sua vontade, de ter um guia espiritual, necessidade fatal, naturalíssima, de criar alguém visível ou invisível, que raciocine por ele, que do alto dirija a sua vida, que o proteja [...]. Dessa necessidade de centralização de forças e de volições, dessa necessidade de espíritos e guias e dominadores nasce o alto prestígio de que chegam a gozar no sertão, determinadas individualidades. Alicerçado na bravura criminosa, esse prestígio produz Antônio Silvino ou Jesuíno Brilhante; baseado no fanatismo ignaro e no misticismo rude, cria os Conselheiros e o padre Cícero; inundado no amor da liberdade, dá o Zumba e o Gagazuma, no quilombo dos Palmares; nascido da força de vontade e do progresso, mostra um assombroso Delmiro de Gouvêa, creador em torno da sua fábrica da Pedra, à beira da cachoeira de Paulo Affonso, duma Jerusalém da riqueza, do bem estar e da indústria, em contraposição às Jerusalens de taipa e de fanatismo do Cariry e do Vasa-Barris.¹⁹⁵

Euclides da Cunha, em *Os Sertões*, apelidou Canudos de “Jerusalém de Taipa”. Para o escritor, Antônio Conselheiro “[...] arrastava o povo sertanejo não porque o dominasse, mas porque o dominavam as aberrações daquele [...]. Obedecia à finalidade irresistível de velhos impulsos ancestrais”¹⁹⁶. O texto de Gustavo Barroso faz referência evidente – embora velada – à obra de Euclides da Cunha. Juazeiro seria, talvez, uma segunda fazenda Vaza-Barris, propensa a dar origem a uma nova Canudos.

Era comum que os articulistas, em geral influenciados pela obra de Euclides da Cunha, imaginassem que, diante do vazio estabelecido pela ausência de Padre Cícero, os nordestinos — já tão habituados a lideranças personalistas — precisariam criar novos líderes. De fato, as comparações entre Juazeiro e Canudos não cessaram com a morte do sacerdote. Chegaram, inclusive, a se intensificar com a perseguição aos seguidores do beato José Lourenço e à comunidade do Caldeirão. Em 1935 e 1936, era comum observar reportagens que recomendavam a destruição do aglomerado de pessoas, justificando esse posicionamento com o caso de Canudos. O *Diário Carioca*, por exemplo, afirmou:

Já que esse povo não se apercebe da torpe exploração, é tempo dos poderes públicos competentes exercer-lhe a curadoria protectora, evitando a continuação desse vae e vem, de todo o ponto de vista, lamentável e contristador. Deste município mesmo

¹⁹⁵ BARROSO, Gustavo. Raças do Nordeste. *Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, vol. 21, 1926-1927, p. 69.

¹⁹⁶ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 78.

[Petrolina], tem havido grande êxodo de fanáticos, a convite do sócio Severino. Prevenir é melhor que remediar. Canudos é uma lição recente.¹⁹⁷

É possível notar que as reportagens sobre semelhanças entre Juazeiro e Canudos se multiplicaram em três ocasiões: a primeira é aquela da Sedição de Juazeiro, em 1914; o segundo momento é quando Lampião passa pela cidade, em 1926¹⁹⁸. O terceiro período diz respeito à destruição do Caldeirão, em 1936. Em todos os eventos de repercussão nacional, tais comparações afluíam e inundavam os jornais.

Em 1926, a passagem da Coluna Prestes pelo Ceará — e o combate travado pelo governo federal contra ela — levou ao peculiar acontecimento que conduziria o famoso cangaceiro Lampião à cidade do Padre Cícero. O sacerdote, sempre diplomático, intermediou o aliciamento dos cangaceiros para que combatessem o exército de tenentistas que se movimentava pelo interior do país. O evento levou a imprensa nacional a afirmar que o sacerdote teria a capacidade de reunir uma porção de jagunços e edificar, desse modo, uma nova Canudos:

Estiveram em evidencia, faz pouco, duas figuras altamente interessantes: ‘Lampeão e o Padre Cicero...’. Representam ambas, o índice mais perfeito da ideologia bárbara do sertão. O resumo avançado das suas virtudes e das suas depressões. Uma, é a bravura artilosa e guerreira do jagunço; outra é a remanescente atávica do fanatismo, construindo cidadelas, provocando romarias e trazendo numa inquietude permanente a fragilidade temporária dos governos. Chama-se a primeira, Antônio Silvino ou ‘Lampeão’ e é o protesto violento do caipira ao abandono que lhe vota a gente que governa; a segunda, Santa Dica, Padre Cícero ou Conselheiro, e é o castigo bárbaro que desfaz, no laconismo dum despacho telegráfico, toda a pôze de paiz civilizado da nação que a abandona e entrega à fermentação perigosa das suas próprias tendências desencontradas. Ambas são u’a mancha. E trazem, ambas, na sua configuração chocante, a idiossincrasia de um caldeamento desastrado. Padre Cicero e ‘Lampeão’ podem muito bem representar toda essa longa teoria sociológica da formação cabocla. E da resultante anarchica de uma infinidade de causas preexistentes.¹⁹⁹

A análise publicada por Jarbas Peixoto na Revista *Fon Fon*²⁰⁰ em 1926 refletia boa parte do pensamento intelectual do período acerca das especificidades do Nordeste. Padre

¹⁹⁷ UMA CHANTAGEM Curiosa! **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 12, 21 fev. 1935, p. 12.

¹⁹⁸ Segundo Ramos, “[...] além da ‘Guerra de 14’, outros acontecimentos também alimentaram debates acalorados em torno do Padre Cícero, como a visita de Lampião a Juazeiro. Foram momentos que se transformaram em um complexo conjunto de imagens, que se excluem e se entrelaçam nas formas pelas quais a espacialidade de Juazeiro ganha sentido. Neste caso, a questão central não era definir a cidade como ‘centro de fanatismo’ e sim como ‘núcleo de banditismo’, que, no final das contas, era quase a mesma coisa, pois os ‘fanáticos’ estavam a um passo do ato criminoso”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. Narrativas em Fogo Cruzado – Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. **Trajeto - Revista de História da UFC**. Fortaleza, v. 2, n. 3, 2002, p. 164.

¹⁹⁹ PEIXOTO, Jarbas. Duas Syntheses. **Fon Fon**, Rio de Janeiro, p. 92, 2 out. 1926.

²⁰⁰ Revista semanal criada em 1907 e extinta em 1958. Tinha a pretensão de ser leve e bem humorada, embora também apresentasse artigos políticos e críticos. Começou a perder o caráter político em 1930, quando a linha editorial passou a se voltar para o público feminino, com publicações que envolviam moda, beleza e luxo. A

Cícero (ou Conselheiro) e Lampeão se equivaliam, representando manchas no projeto de progresso e de civilização da nação. Eram, ambos, frutos do abandono em que as instituições políticas deixaram a região, mas não só isso. Para a cultura letrada, afeita às teorias da eugenia, tais personagens se constituíam também como consequências do “caldeamento de raças” e do “atavismo caboclo”. O texto de Jarbas Peixoto mostra um pensamento regionalista que era calcado no naturalismo e já se encontrava em decadência na década de 1920²⁰¹.

Tais opiniões não eram observáveis somente nos jornais e revistas das capitais distantes. O *Diário do Ceará* veiculou, também em 1926, uma entrevista originalmente realizada pelo jornal carioca *A Folha* com o Dr. Luiz Vianna, “[...] um espírito lúcido e um estudioso beneditino”, em que este atribuía à omissão da política local a existência de cangaceiros e de jagunços, ao mesmo tempo em que associava, mais uma vez, Padre Cícero a Conselheiro e Juazeiro a Canudos:

Duas individualidades oferecem mão forte ao banditismo ou cangaceirismo. Uma está no litoral, consciente de seus deveres para com a sociedade e para com o semelhante: é o chefe político que habita a capital; a outra está no sertão, é o chefe do interior, inculto, cioso de mando, absorvente: é o ‘coronel’. Primeiramente – continuou – o ‘coronel’ é um fator anti-civilizante. Ignorante, imbuído de praxes antiquadas, pleno de amor próprio, cioso do mando, não quer ele abaixar-se ao império da lei. Por outro lado, a política da capital, com o fim de captar a sua *sympathia* e apoio, é de uma complacência criminosa, deixando que as coisas no sertão sigam ao critério ou vontade de tal individualidade. De sorte tal que, no ponto de vista ethico, não divergem fundamentalmente sertão e praia [...]. O banditismo, ou melhor, o cangaceirismo, impenitente, firma-se, graças a múltiplos factores, sendo, porém, da impunidade consciente, protegida por methodos politicos postos em prática, um fator de grande valia. Ao lado da impunidade, como elementos catalysantes, se perfilam as individualidades dos fanáticos revolucionários, taes como foram Antônio Maciel (Antônio Conselheiro), na Bahia, José Maria, no contestado, Paraná; Campello e padre Romão Baptista, no momento actual.²⁰²

As diferenças entre sertão e litoral são simbolizadas pelo coronel inculto e “anticivilizante” e pelo chefe político consciente da capital. Embora o autor apresente as duas

Era Vargas representou também um novo tempo para a revista, que começou a estimular a ideia de um modelo ideal de mulher.

²⁰¹ Segundo Albuquerque Jr., no Brasil, esse regionalismo antigo (cujo expoente seria o debate realizado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*), “[...] inscrito no interior da formação discursiva naturalista, considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio e da raça. As variações de clima, de vegetação, de composição racial da população explicavam as diferenças de costumes, hábitos, práticas sociais e política. Explicavam a psicologia, enfim, dos diferentes tipos regionais”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. p. 41.

²⁰² CANGACEIROS e jaguncismo. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 2, 21 jul. 1926.

regiões como equivalentes sob o ponto de vista moral e ético, não deixa de estabelecer comparações sobre as lideranças políticas existentes nessas diferentes espacialidades²⁰³.

Em 1924, um artigo anarquista publicado na coluna intitulada “No Meio Operário”, do jornal carioca *O Paiz*, dava conta não apenas das “monstruosidades” constituídas por Canudos e Juazeiro, mas também da possibilidade de que o fanatismo e a ignorância se espalhassem por outros estados do Nordeste, criando fenômenos semelhantes:

Rio Grande do Norte, o que te mata são os males universaes: a clerezia, o foot-ball, o funcionalismo, a associação comercial, os circos (círculos) católicos, a literatura decadente, animada de um falso pantheismo ou de endeixas mal cheirosas. É a fossilização dos historiadores, é a estreiteza dos institutos, é a apoteose da brutalidade primitiva symbolizada nos tiros de guerra, é a advocacia burracea e rapineira, são as agencias de despachos, as confrarias ou irmandades, as gazetas venaes... As secas dizimam teus sertões e as colectorias tuas cidades. Quando pretenderás extinguir a escravidão nos engenhos de assucar e rapadura, na descaroçagem de algodão, nas olarias e padarias, nos campos de criação? O professorado beija as patas da Igreja ou do Estado. E mandas teus filhos para essas escolas de onde só poderão sair a besta mysthica ou a besta patrioteira a escoucearem por todos os âmbitos da nação e a produzirem as monstruosidades como Canudos ou Juazeiro.²⁰⁴

O artigo publicado em *O Paiz* difere dos demais na medida em que não associa o misticismo de Juazeiro a causas naturais, psicológicas ou biológicas, mas apenas a ações políticas e sociais, tais como a exploração dos trabalhadores e a educação católica²⁰⁵. Demonstra, no entanto, mais uma vez, que a cultura letrada do período enxergava a fé em torno do *Padrinho* como um indício de atraso que deveria ser combatido (ou prevenido).

Em 1928, o temor de que o Padre Cícero utilizasse sua influência sobre os cangaceiros e jagunços ainda era uma constante. O sacerdote era considerado especialmente perigoso por não manter seu domínio apenas sobre uma pequena área, como ocorrera em Canudos, mas sobre todo o sertão nordestino:

²⁰³ Cabe ressaltar que, conforme Nísia Trindade Lima, “[...] sertão e litoral podem ser vistos como imagens espaciais e simbólicas que guardam estreita relação com esta ideia de dois tipos de ordem social. Aqui, o contraste ocorreria não entre formas distintas e historicamente sucessivas, mas pela justaposição de épocas históricas. Desse modo, a análise das relações entre sertão/litoral não pode ser compreendida apenas sublinhando-se a importância do espaço em nossa formação histórica [...]. Assim, mais do que a espaço, os significados atribuídos ao sertão e ao contraste enunciado no par sertão/litoral, referem-se fundamentalmente a temporalidades distintas e coetâneas”. LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 19.

²⁰⁴ BRAUNA, M. Cyclones e Arco-Íris. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 8 20 mai. 1924.

²⁰⁵ Nos anos de 1923 e 1924, foi concretizada uma aliança entre o Partido Comunista (PCB) e a Confederação Sindicalista-Cooperativista Brasileira (CSCB), patrocinada pelo jornal *O Paiz*. Na seção intitulada “No Meio Operário” foram publicados diversos artigos que tinham como protagonista a classe trabalhadora. Para maiores informações, cf. PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. A Classe Operária: uma temporada no Paraíso (1923-1924). **Projeto História**, n. 7, São Paulo, 7 de fevereiro de 1987, p. 91-126.

Um movimento, chefiado pelo padre Cícero, faria vibrar, no Norte, todos os elementos, que nada tem que perder, baixas camadas sociais, esses piores são capazes dos maiores desastros. Basta que surja um explorador desse mulador humano, para criar serias dificuldades de ordem política. Exemplo já o tivemos, quando da deposição do presidente Franco Rabello. Não há situação política capaz de manter-se contra as hostes do Juazeiro. É um Canudos novo e mais perigoso, porque não está restricto a uma zona, podendo chamar de muitos Estados verdadeiros exércitos de fanáticos. Urge que os governos se preocupem do Juazeiro [...]. A morte do padre não modificará no povo esse estado de espírito; ao invés disso, fará recrudescer o fanatismo, que há de estalar, uma vez que não se empreguem as medidas aconselhadas pelo bom senso.²⁰⁶

O reverendo Nunes, ao tratar sobre a questão de Juazeiro na entrevista concedida ao periódico *A. B. C.*, não mediu palavras para falar do perigo representado pelo Padre Cícero, afirmando ser Juazeiro uma cidade “onde o rifle é a suprema corte de apelação”²⁰⁷. Embora em 1928 Lampião já tivesse passado por Juazeiro sem maiores problemas, a impressão de que o sacerdote havia se aliado ao cangaceiro – e poderia se aliar ainda a muitos outros – continuava a povoar a imaginação de exegetas de Juazeiro.

A morte de Padre Cícero renovou todos esses temores. Em 1934, os jornais começaram a publicar novamente reportagens acerca do futuro de Juazeiro e dos perigos de que a cidade, sem o *Padrinho*, se tornasse uma Canudos maior e mais perigosa. Em março de 1934, o jornal *O Paiz* publicou um elogio, não assinado, em homenagem aos noventa anos de Padre Cícero, destoando dos artigos mais comuns em relação a Juazeiro, destacando o trabalho empreendido pelo sacerdote:

Há quem, de longe, combata o padre Cícero, julgando-o um fanático do typo de Antônio Conselheiro e mais feliz do que o herói de Canudos. É um erro. Porque esse austero subjugador de consciências é um homem culto e inteligente que tem os seus methodos de fascínio. Antes de fixar-se na zona dos Carirys, ele andou pela Italia, conheceu Leão XIII, trouxe de Roma e de Veneza impressões de arte e de governo, e acompanhou a marcha dos acontecimentos do mundo através da leitura constante dos livros que enchem sua biblioteca. Aliás, mesmo que ignorassem essas suas qualidades, seríamos constrangidos a admittir-lhe a superioridade, porque não é qualquer medíocre que consegue imperar sem contraste tanto tempo num meio perigoso como o em que o padre Cícero Romão Baptista armou a sua tenda. E talvez daqui a duzentos anos o seu papel social naquele ambiente mereça ser comparado ao dos apóstolos da selva no alvorecer da nacionalidade.²⁰⁸

Esse “elogio” levava em consideração a cultura geral de Padre Cícero, além de sua autoridade moral. Mas lembrava: o meio em que ele “armou sua tenda” era perigoso. Assim, era valorizado somente por conseguir garantir a manutenção de uma improvável ordem em

²⁰⁶ O THAUMATURGO do Juazeiro através das Impressões de um Sacerdote. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, p. 13, 6 out. 1928.

²⁰⁷ O THAUMATURGO do Juazeiro através das Impressões de um Sacerdote. *A.B.C.*, Rio de Janeiro, p. 13, 6 out. 1928.

²⁰⁸ O ELOGIO do Padre Cícero. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 3, 23 mar. 1934.

Juazeiro. Nesse discurso, ele não era a causa do fanatismo, mas sim o freio para as consciências naturalmente fanáticas. Consequentemente, sua morte, em julho de 1934, deixou os ignorantes sem breque. Uma nova era se iniciava e tudo poderia acontecer.

Rubem Braga, em publicação do *Diário de São Paulo*, afirmou, ao escrever o obituário do santo do sertão, que “[...] si ele desse uma palavra de apoio a Antonio Conselheiro, seriam necessários vinte Euclides da Cunha para escrever a epopeia de Canudos²⁰⁹. Cinco dias após a morte do *Padrinho*, Antonio Peregrino unia os dois fenômenos messiânicos numa única análise:

Canudos foi um arraial de fanáticos. Joazeiro é também um arraial de fanáticos. Se Antonio Conselheiro era um mystico, o padre Cícero não o era menos, apesar da sua inteligência lucida, do seu senso político, da sua cultura. O reducto que a civilização destruiu a tiros de canhão e a golpes de bayoneta, teve uma origem igual à da cidade cujos alicerces foram lançados pelo vigário cearense. Os rumos dos dois caudilhos é que se modificaram com o tempo [...]. Antonio Conselheiro atirou em Canudos a semente do fanatismo do Joazeiro.²¹⁰

Conselheiro seria, sob essa perspectiva, iniciador de uma tradição de credence e banditismo que iria se consolidar e dar origem a Juazeiro. Padre Cícero, embora carregasse alguns ornamentos de cultura, seria tão fanático quanto o líder de Canudos. Entre o arraial baiano e a cidade cearense haveria um salto, mas que não era dado em direção à diferença. Juazeiro seria, portanto, uma espécie de Canudos aprimorada.

Em 1941, sete anos após a morte de Padre Cícero e cinco anos depois da destruição do Caldeirão, era de se imaginar que estaria superada a ideia de que Juazeiro poderia vir a ser uma nova Canudos. Seu progresso econômico e seu intenso crescimento urbano e demográfico lhe concederam, inclusive, reportagem especial em revista dedicada à temática do urbanismo:

Joazeiro e Canudos, como centros populares, foram criações do fanatismo. Tiveram sua época de crescimento. O padre Cícero, ao morrer, deixou Joazeiro no esplendor; Antônio Conselheiro, ao ser morto, deixou Canudos em ruínas. Se a origem foi semelhante, o fim foi imensamente diferente. Hoje, Joazeiro é a cidade maior e mais populosa do interior do Ceará, e Canudos começa a ensaiar os passos para ressurgir no sertão da Bahia.²¹¹

Embora as duas localidades nordestinas tivessem semelhanças, era possível estabelecer diferenças. Antônio Conselheiro foi assassinado durante uma batalha que pretendia

²⁰⁹ BRAGA, Rubens. Cícero Romão. *Diário de São Paulo*, São Paulo, p. 3, 24 jul. 1934.

²¹⁰ PEREGRINO, Antonio. A morte de um homem-deus. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 2, 25 jul. 1934.

²¹¹ O FANATISMO creador de cidades. *Revista da Semana – Número Especial de Urbanismo*. Rio de Janeiro, maio de 1941, p. 64.

proteger o arraial, enquanto Padre Cícero viveu relativamente seguro, com o amparo de diversas lideranças políticas, abandonando a vida somente aos noventa anos, de maneira natural. Os dois líderes, conseqüentemente, deixaram seus lugares de atuação em fases diferentes de desenvolvimento. Canudos foi uma experiência interrompida de maneira violenta. Juazeiro, por outro lado, contou com discursos que a equipararam a Canudos, mas se manteve sem receber investidas com vistas à sua destruição. A revista de urbanismo estabelecia distinções entre as duas experiências, baseando-se nos díspares estágios em que se encontravam as localidades quando desapareceram suas lideranças. É preciso notar, no entanto, que ambas continuavam despontando lado a lado, num quadro comparativo sobre “o fanatismo criador de cidades”.

Mesmo em 1969, quando foi construído o grande monumento em homenagem ao Padre Cícero que hoje enfeita a Colina do Horto e recebe milhares de fiéis, reportagens da imprensa nacional ainda associavam Juazeiro a Canudos e ao cangaço, então comparado a uma espécie de crime organizado:

Há 35 anos, morria Cícero Romão Batista, o padre Cícero. Venerado como santo, impedira que Juazeiro se transformasse em outro Canudos, mas no momento de sua morte já havia perdido muito do prestígio religioso e todo o prestígio político. O tripé que sustentara a mitificação do Padim Ciço, como o chama a população rural, era composto pelos coronéis, jagunços e a miséria da população nordestina. Hoje, o cangaço é um negócio rendoso e bem organizado. A miséria não se define mais em função da seca, mas em função da incapacidade das indústrias nordestinas em absorver a mão-de-obra existente. Assim, um novo padre Cícero não tem muitas possibilidades de surgir, embora possam aparecer figuras que desempenhem, hoje, o papel por ele cumprido na época.²¹²

O banditismo tinha se transformado, a miséria era outra, e apenas a mitificação em torno do sacerdote se mantinha. A distância temporal permitiu que o *Padrinho* passasse a ser visto não como um novo Antônio Conselheiro, fanatizador das massas e chefe de cangaceiros, mas como um espírito iluminado e forte, capaz de conter os instintos mais selvagens dos sertanejos. O sacerdote se transformou, desse modo, num “anti-Conselheiro”. Recebeu louvores por ter garantido a ordem em Juazeiro e por ter feito dela algo mais que um acampamento. Mas décadas depois surgiram novas dificuldades, bastante distintas daquelas que atacaram as populações rurais auxiliadas nos tempos áureos do *Padrinho*.

A industrialização do Nordeste, segundo o articulista, corria em velocidade mais lenta do que seria necessário. Os problemas da falta de terras e da seca já não eram os únicos a enfrentar. Assim, em 1969, as fábricas da região não pareciam capazes de empregar toda a mão

²¹² PADRE CÍCERO: o fim de um mito. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4, 2 ago. 1969.

de obra existente. Era então o período da ditadura civil-militar no Brasil, e o incentivo à migração desses pobres sertanejos para o trabalho nas indústrias da região Sudeste era intenso e frequente.

O repórter Glauco Carneiro, enviado dos *Diários Associados* para uma reportagem sobre o monumento ao Padre Cícero recém-inaugurado em Juazeiro, apresentou, em 1969, sua descrença em relação ao suposto progresso da região. De acordo com sua análise, tudo aquilo que simbolizava o avanço no Cariri era fruto, na realidade, do grande atraso representado pelos romeiros. O jornalista, que viajou ao Nordeste com o objetivo de elaborar essa matéria, não conseguia enxergar vantagens no fato de tais devotos terem efetivamente se fixado no Cariri, formando uma mão de obra e um universo de consumidores que atraíam, por sua vez, mais investimentos. Segundo seu ponto de vista, essa migração era responsável somente por trazer mais retrocesso à cidade:

Informam-me que 90 mil pessoas moram na cidade do *Padim Ciço*, que possui: 17 praças, 77 indústrias e 100 mil visitantes por ano. Contemplo as fábricas alinhadas, baixas, no triângulo formado por Crato/Juazeiro/Barbalha, na mesma paisagem antropogeográfica, e não fujo de pensar que essas indústrias elegantes, ricas moradias de higiene, saúde e progresso em marcha estão ali servindo a um único fim: o romeiro. Penso que se os caminhões cessassem de chegar não trazendo essas figuras bisonhas provindas das brenhas de vários Estados, de repente tudo aquilo se esfacelaria, viraria pó. Quer dizer: é uma floração artificial, tão vívida como uma rosa de plástico, mas com a diferença que precisa de água mística para sobreviver.²¹³

Boa parte da imprensa nacional ainda acreditava que o município estaria fadado a conviver com o retrocesso. Desse modo, o fenômeno de crescimento, urbanização e desenvolvimento encontraria o fracasso caso os romeiros deixassem de procurar o lugar em que viveu Padre Cícero. A industrialização, conduzida pela ignorância e o fanatismo, parecia improvável e insustentável. Na mesma reportagem, o repórter afirmou considerar

[...] mais natural a presença sem rodeios de ‘Mestre Nosa’, Inocêncio da Costa Nick, um pernambucano que vive no Juazeiro desde 1912, talhando e esculpindo os santos da devoção do povo. Ou então a literatura de cordel de José Bernardo da Silva, o maior editor de libretos da poesia popular [...]. O que eles fazem sobreviverá sempre, porque o misticismo é produto do Nordeste e dos problemas da terra, feudalismo, credence, ignorância, messianismo e banditismo. Depois de percorrer esta terra árida ao sopé da Chapada do Araripe, conversar com estes romeiros que abandonam tudo para seguir uma recordação e uma imagem eu descreio da industrialização no Juazeiro.

²¹³ CARNEIRO, Glauco. Padim Ciço - a estátua do mito. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 8, 21 dez. 1969.

Juazeiro podia ter indústrias, estádios de futebol, amplas ruas, praças e comércio, mas continuaria sendo vista e refletida como reduto eterno da superstição, da ignorância, do banditismo e da ingênua cultura popular. Nem mesmo a construção de uma grandiosa escultura, elaborada por competentes profissionais e edificada com esmero pela prefeitura, provaria a vocação de Juazeiro para o progresso. Mestre Noza, artista popular já famoso àquela época, parecia ser uma figura mais “adequada” a Juazeiro, pois realizava seu pobre ofício em virtude da fé (ou credence) nordestina. Da mesma maneira, os folhetos de cordel, que se tornaram representativos meios de comunicação entre populações iletradas, sobreviveriam, sob esse ponto de vista, eternamente, pois os sertanejos de Juazeiro estavam fadados ao analfabetismo e à apreciação das formas supostamente mais rudimentares da cultura popular.

Para Carneiro, o sentimento que levava nordestinos a abandonarem suas residências em busca de “uma lembrança”, ou seja, da recordação do *Padrinho*, era um sintoma do atraso e do fanatismo que condenariam aquela localidade. A construção da gigantesca “imagem” de Padre Cícero parecia, nesse sentido, incrementar os atrativos para os rústicos devotos do Nordeste. Sob a ótica da cultura letrada, tais mentes bárbaras, ignorantes e crédulas seriam incapazes de colaborar para a industrialização de Juazeiro.

A dimensão cronológica parecia estar suspensa, acorrentada, desativada sob o céu do Cariri. O tempo de Juazeiro é dotado de uma sucessão diferenciada, em que a morte não representa o fim. Padre Cícero funcionaria, nesse sentido, como um ímã que atrairia para si todo o atraso. Sua morte representaria um evento que, sem dúvida, modificou as estruturas do cotidiano em Juazeiro. Ela não simbolizou, contudo, um momento de ruptura brusca e integral com as práticas recorrentes até então.

Por outro lado, muitos cronistas, intelectuais, jornalistas e memorialistas defenderam que Juazeiro, ao receber indústrias, trens ou energia elétrica, finalmente abandonaria o “tempo da natureza”, o ritmo agrário, as credences de camponeses e indígenas considerados selvagens, ingressando finalmente na era da técnica, da aceleração, do progresso e do adiantamento. Só então seria possível que a cidade renunciasse à era “pré-moderna” para encontrar a modernidade que já invadia o restante do país.

Em muitas das reportagens aqui citadas é possível perceber certa incompreensão em torno das especificidades de Juazeiro. Diversos foram os jornalistas e observadores responsáveis por construir a imagem da cidade como uma segunda Canudos. Houve ainda aqueles que estabeleceram a teoria de que o crescimento econômico da cidade advinha somente das romarias. Tais articulistas, cronistas e ensaístas negligenciavam as relações comerciais

travadas entre as oficinas e indústrias de Juazeiro e o mundo da produção e do consumo de diversas outras cidades²¹⁴.

De fato, Juazeiro não era uma segunda Canudos, mas também não seria jamais uma cidade como qualquer outra. Para a imprensa nacional, o padre que encima a Colina do Horto, carregando seu cajado e seu chapéu, “[...] retém na sua imobilidade de pedra o sentimento e o atraso de todo o Nordeste”²¹⁵. Sua escultura, erguida em concreto, serviria apenas para solidificar uma representação do retrocesso de Juazeiro.

Até quando – interrogo – perdurará esse estado de espírito, dentro do qual se exalta o nordestino iletrado, pobre, desassistido e periodicamente às voltas com a seca sem alma, expulso da casinha de taipa e telha para os caminhos – caminhos de terra, de rio e de mar – que levam ao Paraná, a São Paulo, à Amazônia e, por último, a Brasília? Ah, nesse estado de espírito, dentro dessa mentalidade, o sertanejo não pode e não deve esquecer o Pe. Cícero, como na Bahia ainda não foi esquecido o Conselheiro. Como no Contestado ainda não foi possível extirpar do pensamento de paranaenses e catarinenses incultos, desnutridos e abandonados à própria sorte, a figura meio lendária do ‘monge’ João Maria de Jesus. Ainda é tão sensível a presença de Cícero Romão no Nordeste que as estradas não se despovoam de romeiros – ontem a pé, agora de caminhão e de ônibus. É tão constante essa presença que frades franciscanos, apoiados no prestígio descomunal do seu órgão nos sertões, construíram majestoso templo e o dedicaram àquele poderoso santo, procurando – ah, como procuram – trocar por esse mesmo santo, na alma e na fé de milhões de nordestinos, o Pe. Cícero já morto e sepultado.²¹⁶

Jáder de Carvalho lembra as condições sociais dos sertanejos que impulsionaram os processos de migração. A pobreza, a fome, a seca, as precárias condições de vida, enfim, tangeram para Juazeiro do Padre Cícero milhares de pessoas, assim como levaram tantas outras, em diferentes partes do país, a buscar Canudos e Contestado. O articulista leva a crer que a falta de assistência do governo emprestou terreno fértil para o surgimento de lideranças que prometiam a tais homens e mulheres o vislumbre de uma vida melhor, nessa terra e além dela.

Desse modo, tais sertanejos, ainda na década de 1960, abandonados pelas instituições e autoridades locais e nacionais, continuavam a buscar em Padre Cícero um amparo. Não passou despercebida ao escritor a tentativa de substituir a crença no sacerdote pela devoção a outro santo querido dos pobres, São Francisco. Apesar disso, o *Padrinho*, mesmo morto, ainda atraía mais gente que o afamado santo europeu. Como se sabe, as lembranças, assim como os lugares em que são praticadas, não podem ser tão facilmente deslocados. A criação de um

²¹⁴ Conforme destaca Ramos, “[...] imaginar que todos giravam em torno de crenças sobre os poderes do Padre Cícero seria idealizar uma homogeneidade abstrata”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 139.

²¹⁵ CARNEIRO, Glauco. Padim Ciço - a estátua do mito. **Diário de Notícias**, Porto Alegre, p. 8, 21 dez. 1969.

²¹⁶ CARVALHO, Jáder. Prefácio. In: ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

espaço de culto dedicado a um santo estrangeiro apenas reverberou em ressignificações elaboradas pelos romeiros em torno desse novo espaço, mas sempre tendo o *Padrinho* em mente.

“Juazeiro ainda será Canudos?” A pergunta se avulta nas fontes examinadas. Em 1968, acreditava-se que “[...] o sertanejo não pode e não deve esquecer o Pe. Cícero, como na Bahia ainda não foi esquecido o Conselheiro”. O uso do termo “*ainda*” indica, como já notou Koselleck, uma relação de continuidade entre dois tempos, ou mesmo a reprodução de acontecimentos que retornam através da repetição de uma mesma constelação de eventos (as romarias, o cangaço, o culto ao Padre Cícero). O fato de o sertanejo não “poder” esquecer o sacerdote indica impotência, fraqueza, dependência em relação àquela liderança.

Para os intelectuais daquele tempo, o passado não deveria ser permanência. Existia somente para ser superado. O futuro representava um desejo de mudança que, no entanto, parecia impossível de se concretizar em Juazeiro. Koselleck fala sobre o “já” e “ainda”, termos presentes em boa parte das narrativas aqui estudadas, e importantes na ideia de temporalização. O “já” indica que no passado havia indícios de futuro. O “ainda” leva a crer que no presente permaneceram vestígios do passado.

As expectativas se baseiam na experiência (embora, na Modernidade, a experiência diga uma coisa e a expectativa mostre outra)²¹⁷. A experiência em Juazeiro era extraordinária. Uma cidade cuja trajetória era repleta de revoltas, crimes e milagres não poderia, de uma hora para outra, pegar o bonde e entrar nos trilhos da história.

É sabido que, na Modernidade, o presente é diferente do passado, assim como o futuro é diferente do presente. Koselleck lembra que na vida cotidiana e nas práticas populares, contudo, os regimes de temporalização são diferentes. Para a elite letrada de Juazeiro, há um temor relacionado à ideia do eterno “ainda”, à permanência da miséria e à imortalidade do santo *Padrinho*. Para os devotos, contudo, mais importante é o “sempre”, que assinala a proteção perene garantida pela devoção a um santo.

Foi justamente essa sobrevivência do Padre Cícero nas mentes e corações de seus afilhados que levou Agostinho Odísio a se deslocar até Juazeiro e ali iniciar uma nova fase em sua carreira profissional. Seu encontro com a cidade deu origem a um caderno de memórias que

²¹⁷ Koselleck afirma que a expectativa “[...] é ao mesmo tempo ligada à pessoa e ao interpessoal, também a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltado para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto. Esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade fazem parte da expectativa e a constituem”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 310.

iria expor as contradições e dúvidas existentes naquele período nebuloso em que a morte do *Padrinho* ainda não havia sido absolutamente digerida pelos devotos e romeiros em geral.

Os escritos de Odísio permitem entrever uma Juazeiro diversa daquela narrada por tantos outros visitantes temporários — ou moradores interessados — da cidade. Sua visão de estrangeiro captou peculiaridades e cenas locais que passariam despercebidas a muitos observadores. Nas páginas que escreveu, descobrimos não apenas aspectos da biografia de Padre Cícero, como em tantas outras páginas redigidas sobre Juazeiro, mas também o cotidiano dos sujeitos anônimos que habitavam a cidade. O próximo capítulo propõe, por esse motivo, observar Juazeiro sob as lentes de Odísio, mas levando sempre em consideração seu lugar social e as narrativas que o precederam e, muito provavelmente, o influenciaram.

4 A VIDA APÓS A MORTE

4.1 A rua e a casa

Muitas narrativas que descreviam o Juazeiro do Padre Cícero em livros e jornais concediam atenção aos modos de habitar. Enquanto os detratores procuravam demonstrar a existência de um aglomerado de casebres e palhoças semelhantes às de Canudos, os discursos elogiosos afirmavam que Juazeiro era uma cidade moderna, desenvolvida, com ruas largas e linhas retas. Agostinho Odísio entrou nessa discussão:

Quem anda nas ruas tem a impressão que todas as casas são habitáveis mas é engano, pois muitas e muitas é só a frente donde pelas aberturas se enxerga a palhoça por dentro, fato que veio por uma lei municipal a qual expropriava todas as casas do centro que não tivessem frente, disto o engano de ver as ruas do centro completas de casas; é caso de dizer ‘é só fachada’.²¹⁸

A lei municipal mencionada por Odísio faz entrever a urgência de a cidade assegurar ao menos uma imagem de desenvolvimento, mesmo que tal vulto exterior não correspondesse à vida levada entre quatro paredes. A título de exemplo, José Bernardo da Silva, futuro dono da Tipografia São Francisco, comprou em 1936 seu primeiro imóvel em Juazeiro, uma casa na Rua Santa Luzia, que “[...] de acordo com a escritura de compra e venda do imóvel [...] ainda estava em construção quando foi adquirida e apenas a fachada era de tijolos, o restante era de taipa deteriorada”²¹⁹.

É importante lembrar que, em discurso realizado em 1923, Floro Bartolomeu assegurava a inexistência de palhoças em Juazeiro, afirmando, inclusive, que tais moradias não existiam porque a cidade era carente de vegetação que proporcionasse matéria-prima para esse tipo de construção. Segundo o político juazeirense, “[...] por isso mesmo destôa, por completo, das demais localidades, até da de Crato, que é a mais importante da zona, que tem uma rua chamada ‘Rua da Palha’”²²⁰.

²¹⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 52.

²¹⁹ MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do verso: Trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Editora 7 letras, 2010. p. 73.

²²⁰ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História**. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 12.

Na década de 1930, de acordo com Odísio, era possível encontrar apenas “[...] três ou quatro casas forradas e assoalhadas, mesmo assim só a sala de visita e alguma dependência, a mais são todas casas sem forro, assoalho de tijolo e, creio, não se encontra uma com vidraças nem venezianas”²²¹. As folhas de vidro eram, desde meados do século XIX, sinal de modernidade, e já existiam naquele período nas fachadas de Recife, da Bahia e do Rio de Janeiro²²². Juazeiro, todavia, ainda engatinhava a caminho de moradias mais dignas e salubres.

Houve, entre Odísio e Juazeiro, um estranhamento. O escultor, para provar o que via e descrevia, colou ao seu caderno de memórias diversos retratos que identificavam Juazeiro: a praça em que se localiza a primeira estátua de Padre Cícero, esculpida em bronze por Laurindo Ramos quando o *Padrinho* ainda era vivo; uma rua repleta de pessoas que acompanham a banda de música em dia festivo; a lateral da mesma avenida, com suas formosas casinhas, todas enfileiradas simetricamente, portando belas fachadas e sustentando arvorezinhas diante das portas. Os registros seguem representando a “Pharmacia dos Pobres”, a avenida Padre Cícero, a rua Santa Luzia, por onde passeiam romeiros vestidos de preto, a estação de trem e o quartel da polícia com a “cavalaria local”: dois pequeninos e frágeis jumentinhos. A existência de tais fotografias denota o caráter documental do escrito, que pretendia confirmar com imagens aquilo que era dito em palavras.

²²¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero** - 1935. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 51.

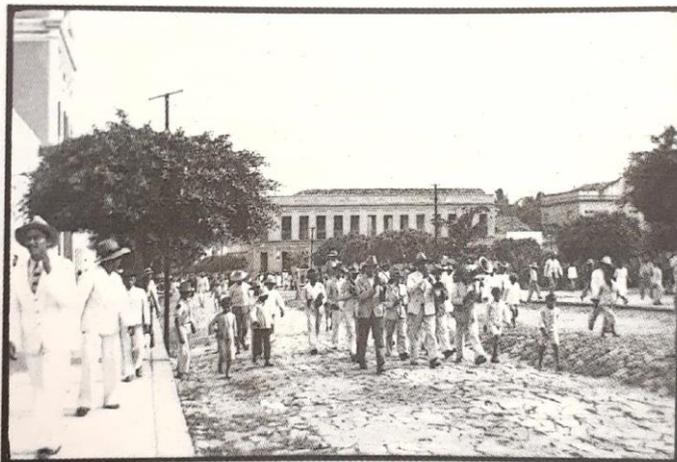
²²² MARINS, Paulo Cesar Garcez. **Através da rótula: Sociedade e arquitetura urbana**. São Paulo: Humanitas; FFLCH USP, 2001. p. 55.

Figura 1 – O centro de Juazeiro visto pela Kodak de Agostinho Balmes Odísio

O centro de Juazeiro visto pela Kodak



*monumento ao
padre Cícero
na praça principal
chamada de
Avenida
Padre Cícero*



*armistício em
dia festivo
passando
pela Avenida*



*Lado direito
da Avenida
por quem avista
a frente do
monumento*

A necessidade de produzir afirmações sobre o progresso de Juazeiro – já debatida nos capítulos anteriores – não era mero capricho: poderia ser um meio de garantir a sobrevivência da cidade. Por isso, os discursos pareciam interessar mais que as experiências vividas no dia a dia. Por outro lado, percebe-se que, no caderno de Odísio, é possível perscrutar o cotidiano, as habitações juazeirenses, as dimensões das casas, a quantidade de cômodos e o mobiliário mais utilizado pelos moradores dali.

De acordo com o próprio Padre Cícero, a cidade se transformou em “refúgio para os náufragos da vida”²²³. Por esse motivo, muitos devotos perguntavam, principalmente em cartas, se o padrinho aconselhava e permitia que se mudassem para o perto dele. Juazeiro era, no início do século XX, um asilo para “aqueles que viam a vida desandar”²²⁴. Nas missivas aparecem, inclusive, numerosos pedidos para que o sacerdote providenciasse abrigo e trabalho. Com efeito, o *Padrinho* afirmou em carta enviada em 1926 ao Pe. Rota:

[...] o Joazeiro foi uma cidade feita por mim e é constituída por uma população, na sua maioria, pobre em meio da qual existe uma grande quantidade de pessoas desvalidas (órfãos, viúvas etc.) que são sustentadas por mim. Seria, assim, uma calamidade se eu me visse na contingência de abandonar essa cidade, porque, além de mais, acredito e devo dizer-lhe francamente, o povo não se conformaria com uma tal medida, que talvez desse lugar a um movimento de desastrosas consequências.²²⁵

No período em que a carta foi enviada, Padre Cícero recorria ao Padre Rota em virtude da ordem que recebera como condição para ter acesso à sua reabilitação eclesiástica. A Igreja defendia que o perdão somente seria possível caso o patriarca de Juazeiro aceitasse se retirar da cidade e passasse a congregar numa ordem religiosa qualquer. O fundador de Juazeiro escrevia porque esperava que o Pe. Rota fosse seu procurador em Roma, recorrendo da decisão em virtude de sua frágil saúde e, principalmente, levando em consideração os pobres e desvalidos que precisavam do seu apoio.

²²³ Para maiores informações, cf. Carta do Padre Cícero ao Pe. Lúcio, 18 de julho de 1919. In: SILVA, Antenor Andrade de. **Cartas do Padre Cícero [1877 - 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982. p. 48.

²²⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel passado: Cartas entre os devotos e o padre Cícero**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 83.

²²⁵ SILVA, Antenor de Andrade. **Cartas do Padre Cícero [1877 – 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982. p. 307.

Como se sabe, a reabilitação não foi alcançada, e o *Padrinho* abandonou a cidade somente em 1934, com a sua morte. É relevante destacar, contudo, a consciência que ele possuía de seu carisma pessoal, afirmando (quase advertindo) que seu afastamento poderia causar revolta na população. De fato, o auxílio material que o sacerdote provia aos seus afilhados não era pouco. Odísio, anos depois, notaria que os devotos não eram gratos apenas pelos conselhos espirituais que receberam do santo padre: “[Padre Cícero] construiu diversas [...] casinhas que dava para habitar de graça, sustentou por dezenas de anos famílias inteiras com uma pensão desde cinco a vinte mil réis por dia, não havia miséria que não socorresse, nem esperto que não o lograsse”²²⁶.

Odísio defendeu veementemente o *Padrinho* – embora não o tenha conhecido –, sustentando que ele era caridoso a ponto de garantir teto e comida para os mais pobres. De fato, o fundador de Juazeiro deixou em seu testamento grande número de propriedades para a Congregação dos Salesianos e para Nossa Senhora das Dores. Algumas delas ficariam sob a tutela dos moradores – afilhados, parentes de Padre Cícero e beatas – até as datas de suas mortes, passando, posteriormente, a pertencer às organizações religiosas que figuravam como herdeiras.

Os adversários de Padre Cícero o acusavam de tirar proveito da pobreza e da ingenuidade dos devotos. Em 1913, Alencar Peixoto, por exemplo, asseverou, em seu *Joazeiro do Cariry*, que o *Padrinho* alugava casinhas às beatas e depois expulsava as moradoras das habitações quando bem entendia. Peixoto afirmou ainda que o Padre tinha o costume de comprar terrenos e casas deromeiros e devotos a preços muito baixos, conduzindo os vendedores à miséria²²⁷.

Embora os rumores sobre os empreendimentos imobiliários de Padre Cícero sejam muitos, só se sabe ao certo o destino dos seus protegidos mais próximos, que herdaram pequenas propriedades ou puderam continuar morando nas habitações cedidas até o fim da vida. Pouco se conhece, contudo, sobre o rumo do restante da população: os romeiros, retirantes e migrantes em geral que buscaram repouso em Juazeiro durante a vida de Padre Cícero e ficaram desamparados após o seu desaparecimento. O caderno de memórias de Odísio pode oferecer pistas sobre o tema.

As *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero* foram adornadas por fotografias feitas pelo escultor, que costumavam levar legendas bem-humoradas do dia a

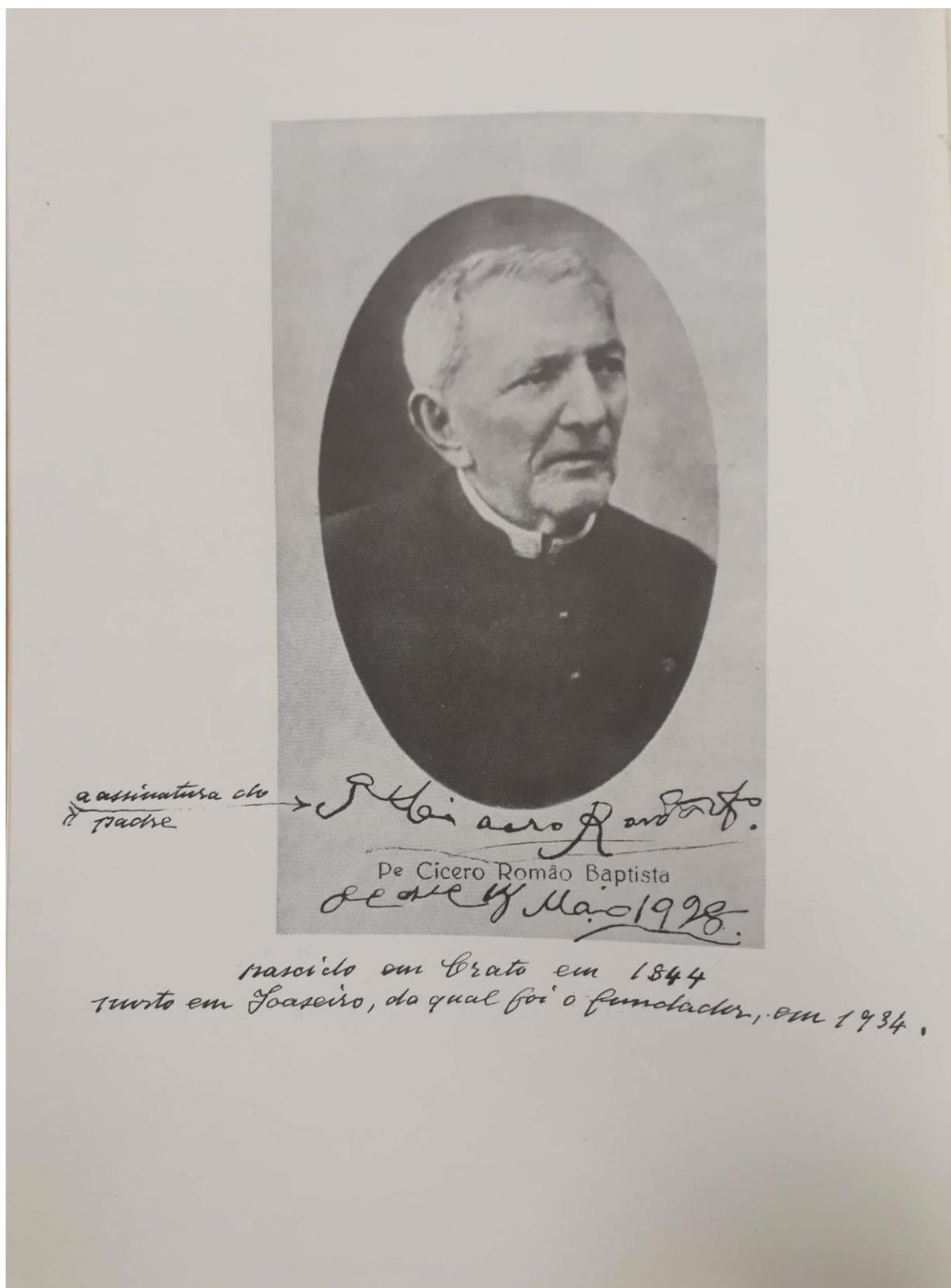
²²⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 35.

²²⁷ PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 94.

dia de Juazeiro. Ao todo, são oitenta e sete imagens. A primeira foto, que surge logo nas páginas iniciais, no entanto, não se debruça sobre o cotidiano. É um retrato do patriarca da cidade. Foi capturado em 1911 e autografado em maio de 1928. É a foto oficial do Padre Cícero prefeito. Mostra um *Padrinho* ainda rijo e forte, portador dos cabelos brancos da experiência e de um olhar sério e compenetrado. É provável que esse retrato tenha, inclusive, inspirado a estátua concebida pelo escultor, que informa ainda, em sua legenda, o fato de o sacerdote ter nascido no município de Crato, em 1844, e morrido em Juazeiro, “do qual foi seu fundador, em 1934”²²⁸. As indicações iniciais do escultor permitem entrever o objetivo do diário: discorrer sobre Juazeiro e, conseqüentemente, sobre o Padre Cícero, já morto no período em que o texto era escrito.

²²⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

Figura 2 – Retrato de Padre Cícero afixado ao caderno de memórias de Odísio



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

Posteriormente, Odísio escreve sobre os jegues que pastam alegremente nos canteiros urbanos. Também se dedica a falar sobre o meio de transporte que leva os viajantes da estação de trem até o centro da cidade. Mas não são só as vias públicas e a mobilidade que interessam ao escultor. Diferente de tantos outros autores, que só conheciam certos espaços públicos de Juazeiro, ele irá mostrar como eram, em detalhes, as casas dos juazeirenses.

Figura 3 – O Jegue Mucuba



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

Uma das fotografias grudadas por Odísio em seu diário mostra o escultor vestido, dos pés à cabeça, num traje branco. A calça, a camisa, o terno e o chapéu contrastam com as paredes cor de barro da fachada de sua residência. O retrato faz perceber que sua primeira moradia em Juazeiro é bastante tosca. É uma típica casa do

sertão, feita de pau a pique, com portas de madeira. O telhado, contudo, não é de palha, mas de telha.

Figura 4 – Fachada da casa em que Odísio residiu quando chegou em Juazeiro



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 6.

Daí em diante, o texto e as fotografias voltam a retratar a cidade de Juazeiro propriamente dita, mas sempre em relação com o seu patriarca, como a rua em que se localizava a casa em que Padre Cícero morreu e a fachada do prédio, já encimada por um “medalhão” elaborado por Odísio; as casas de santos que recebem os romeiros; a Capela do Socorro, onde está enterrado o *Padre Cícero*. O escultor destaca que ali “[...] não existe nem uma lapide que o recorde porque o clero diocesano e o Bispo não permitem”²²⁹.

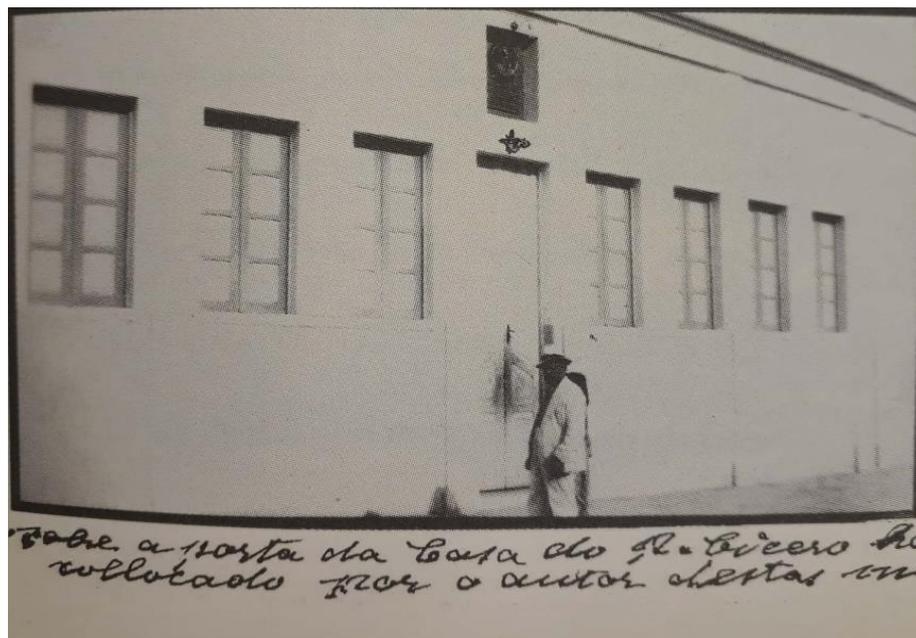
²²⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 18.

Figura 5 – A rua em que Padre Cícero viveu



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 17.

Figura 6 – A última casa em que Padre Cícero morou



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p.17.

Figura 7 – A Capela do Perpétuo Socorro



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 18.

Figura 8 – Casa de santos Padre Cícero



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 19.

Além dos retratos, o escultor recém-chegado em Juazeiro utilizou estatísticas para evidenciar as informações concedidas ao longo do texto. Os números apresentados — admitindo-se o hiato de cinco ou seis anos entre a escrita do caderno e o Censo realizado em 1940 — são curiosamente próximos aos indicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

A cidade de Joaseiro, que dizem contar mais de quarenta mil habitantes, é ainda no seu estado embrional; conta oito mil e seiscentas casas, mas só podem assim ser chamadas perto de dois mil, apesar de só ter umas quinhentas com alguma ideia arquitetônica, contando com uns vinte sobrados, o quartel, o prédio do correio e a estação bem regular [...].²³⁰

Com efeito, ainda em 1940, o Censo registrava a existência de pouco mais de doze mil unidades prediais e domiciliárias em que viviam trinta e oito mil moradores²³¹.

²³⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 57.

²³¹ Para maiores informações, Cf. BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**: Série regional. Parte VI – Ceará – Tomo I – Censo

Vinte e cinco residências eram compostas por dois pavimentos, e havia uma com três pavimentos. Como se pode notar, as condições habitacionais também denotavam a pobreza dos residentes, agora desamparados pelos poderes públicos e desprovidos do apoio de Padre Cícero.

Embora mesmo antes da partida de Padre Cícero muitos tentassem vender a ideia de uma cidade moderna, adiantada e desenvolvida, tanto as residências quanto as próprias ruas da cidade testemunhavam o contrário. Ainda discorrendo sobre sua chegada em Juazeiro, Odísio lembrou que não havia iluminação nas proximidades de sua nova casa, pois

[...] a luz gerada por uma caldeira a vapor, velhíssima, com combustível de caroços de algodão, só existe no centro da cidade e apesar de ser fraquíssima, encenca a toda hora, de forma que é mais o tempo que falha que funciona, sendo apagada toda noite inexoravelmente às onze e meia²³².

Desde 1890, como se sabe, grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo passavam por processos de ordenamento, disciplinarização e mesmo “desodorização”, como afirma Margareth Rago em seu *Do cabaré ao lar*. Os médicos sanitaristas, preocupados com a higiene e a saúde da população, começaram a determinar condutas e práticas que deveriam ser seguidas pelos habitantes, assim como pelos gestores. Até a década de 1930, essas questões foram prementes em algumas das capitais mais importantes do Brasil. A Juazeiro do Norte de 1935 foi vista a partir dessa lógica sanitária:

Na zona das palhoças e taperas a qual conta com oitenta por cento das habitações e que é toda em roda da cidade, nem é bom procurar sintetizar em que estado se encontra a higiene; poças d’água fedorenta, agora que já serviu nas bibocas para lavar roupa, couros, pratos, urina dos porcos, esterco de todos animais até os racionais; imagina-se que foco de miasmas deve ser esta cloaca aonde vivem amontoados os habitantes de seis mil e tantas taperas e palhoças, piorado por o clima quente ao desespero, onde passam às vezes anos sem chover, sob um sol calcinante.²³³

A preocupação com os miasmas — emanções transmitidas pela água e pelo ar, causadoras de doenças — era uma constante, desde o século XVIII, entre os defensores

Demográfico. População e habitação – quadros totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Quadros sinóticos por município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950, p. 286.

²³² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 7.

²³³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 53-54.

da teoria dos fluidos, e afligia também o escultor italiano. Odísio forneceu, além disso, uma explicação sobre o modo como se dava o abastecimento de água em Juazeiro. Após informar que não havia água encanada ou esgotos, ele explicava que “[...] a água é fornecida à cidade por diversas cacimbas municipais, pagando os fornecedores que vendem a água à porta da casa dez mil reis por mês à prefeitura municipal”.²³⁴

O escultor não menciona a existência de chafarizes e tanques ou o uso das águas dos rios para finalidades higiênicas ou de lazer. É possível imaginar, portanto, que existiam muitas pessoas trabalhando nos serviços de fornecimento ou transporte de água. Odísio dedica alguns retratos de sua lavra ao abastecimento, mostrando “uma cacimba municipal do Arisco”²³⁵, um fornecedor cadastrado para a entrega da água e um jegue responsável por transportar o líquido precioso.

Figura 9 – Cacimba Municipal



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 52.

²³⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 52-53.

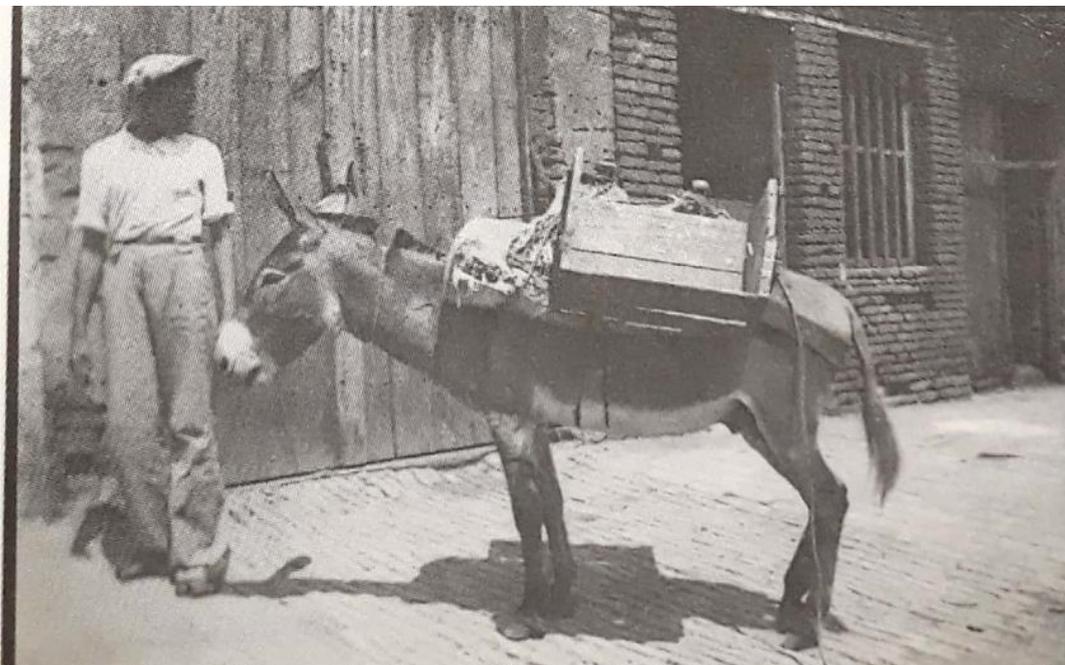
²³⁵ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 52.

Figura 10 – Fornecedor de água



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 53.

Figura 11 – Transporte de água

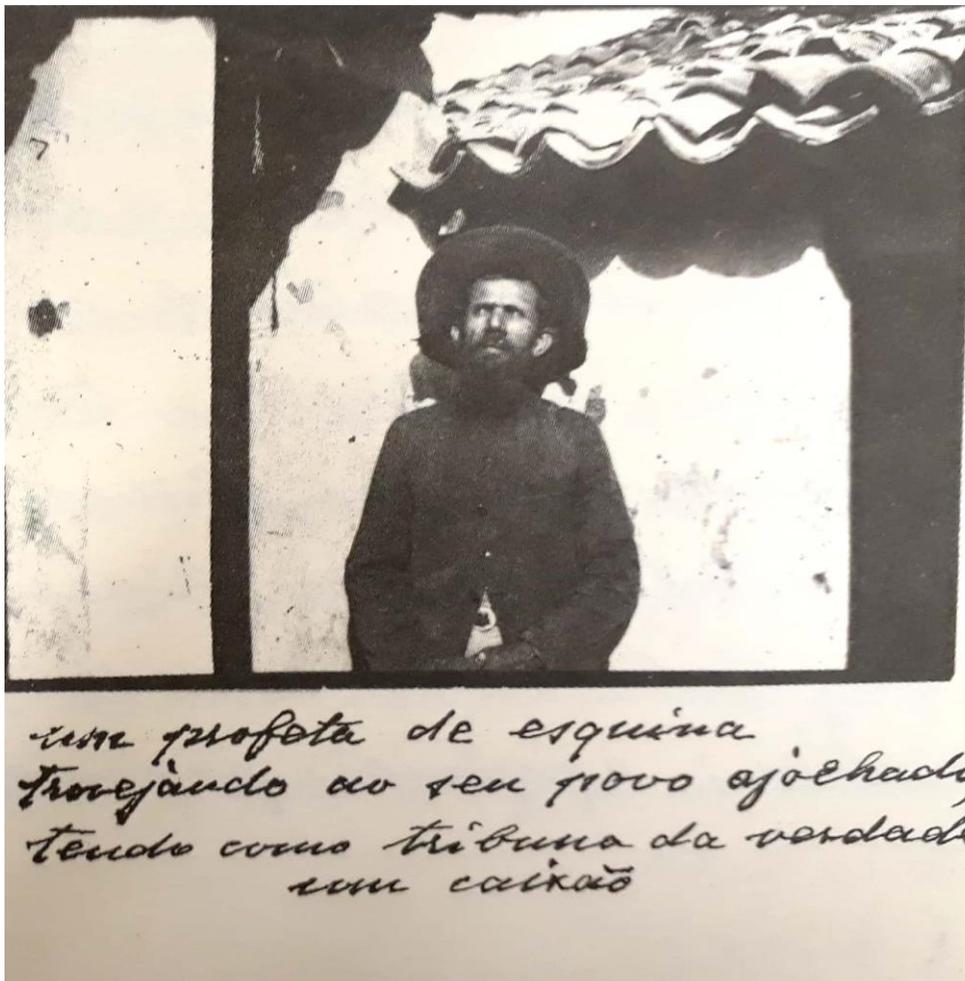


Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 53.

O caderno de memórias é um meio de lembrar a Juazeiro do Padre Cícero, mas não apenas isso: é um meio de provar a existência daquele estranho lugarejo, com os seus pormenores. Apenas o texto não basta. As imagens pretendem capturar peculiaridades de uma cidade que caminhava, teoricamente, para uma intensa transformação após a morte de seu fundador. Desse modo, as fotografias de Odísio, afixadas ao suporte que pretendia fazer circular entre seus familiares, exibiam tudo aquilo que existia de mais característico ou peculiar — a décima quinta e a décima sexta fotos do diário, por exemplo, já não mostram localidades de Juazeiro ou fachadas de prédios, mas tipos populares que transitavam pela cidade.

Figura 12 - Uma pedinte





ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 39.

Odísio fotografou uma pedinte cega e “[...] um profeta de esquina trovejando ao seu povo ajoelhado, tendo como tribuna da verdade um caixão”²³⁶. Tais retratos, feitos sempre em locais públicos, com temas específicos, pretendem apresentar aquele que era o novo campo de trabalho de Odísio: o Juazeiro de/sem Padre Cícero.

A cidade já foi apresentada aqui sob os olhares de diversos narradores da elite letrada: era um antro de fanatismo ou um adiantado centro do Nordeste, a depender das inclinações daquele que a descrevia. Odísio não se identificava como um defensor ou detrator da cidade, um nativo ou um visitante esporádico, mas como alguém que ali se instalou com esperanças de lucrar e progredir. Ele acabou fazendo parte de uma nova

²³⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 39.

categoria de adventícios, aquela que buscava a terra do *Padrinho* justamente por causa da prosperidade ligada à fé juazeirense, mas que não necessariamente acreditava nos milagres do sacerdote. Seus escritos abordam aspectos do cotidiano que muitas vezes passaram despercebidos por sujeitos que possuíam outros interesses — intelectuais, religiosos, políticos ou econômicos — relacionados a Juazeiro. Entre os temas explorados por Odísio, o da habitação pode ser situado na discussão sobre o progresso ou o atraso do recanto de Padre Cícero:

As taperas e palhoças desta gente tem, sem variar, o mesmo mobiliário; as redes para os velhos e casais e esteiras para os moços e pequenos, banquinhos toscos, mesas de caixões, com pé de pau, um girau, latas velhas e alguma panela de barro por cozinhar no fogão de barro fora de casa, no pequeno quintal onde há o jegue, porcos, galinhas, carneiros etc.²³⁷

Muitas casas eram cobertas com palha (elemento malvisto por lembrar as habitações indígenas e “incivilizadas”). A escassez de objetos era habitual em tais moradas brasileiras, que cultivaram a tradicional penúria mobiliária colonial durante séculos. O fogão do lado de fora da casa constituía também um uso popular. Em casas de madeira e palha, era essencial que as cozinhas fossem dispostas desse modo para evitar o contato do fogo com a matéria inflamável. A pequena criação de animais era uma estratégia para garantir alimentação em tempos mais duros. Vale lembrar que grande número de pobres buscou Juazeiro do Padre Cícero para fugir da miséria. Alguns se mantinham no campo, outros, na zona urbana. Havia, porém, aqueles que só conseguiam viver de esmolas e restos:

Seis horas da tarde; acaba a feira, todos voltam às suas casas, enquanto legiões de pobres e aleijados que esmolaram o dia inteiro catam os restos que ficou no chão, feijão, farinha, sal, fruta podre, guardando tudo em caos dentro de imunda sacola, sendo eles os únicos varredores dos restos da feira; as imundícies se amontoam por si nas sarjetas a custa dos pontapés dos transeuntes e passam assim duma mesma pela outra só destacadas pelas águas sujas que vertem das casas, as quais ajudam a tudo apodrecer com o auxílio do sol inclemente, largando um bafo e fedor que não se descreve; apesar disso em Joazeiro goza-de saúde.²³⁸

²³⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 21.

²³⁸ Op. cit., p. 79-80.

O fato de os juazeirenses não adoecerem mesmo diante de um ambiente precariamente higienizado²³⁹, embora surpreendesse Odísio, não deixava de afetá-lo, causando uma evidente decepção. Como homem letrado, vindo da Europa, conhecendo os benefícios e o conforto promovidos pela urbanização, o escultor italiano descreveu severamente as condições sanitárias da cidade. Bem diferente, no entanto, foi a opinião que teceu sobre Fortaleza:

Há o [mercado] da carne e do peixe, amplíssimo, todo de mármore, limpíssimo, com jatos de água e toda higiene, e o dos cereais, frutas e outros gêneros, mercado todo de cimento armado, amplíssimo e muito limpo; na hora que visitamos os mercados, é de mais movimento, muita gente, mas tudo em ordem, sem confusão, nem gritos. Noto muita fartura e preços se não caros, pelo menos iguais a São Paulo. Muitas rendas, redes, objetos variadíssimos, e fora do mercado, em pátio de propósito, muitos jumentinhos, bonitos, pequenos, todos filosoficamente carregados com duas cestas [...]; pessoal todo alinhado, quase todos de branco, mulheres chics, e gente do povo, modestos, mas limpos; mesmo os carregadores, todos fardados, e até os pobres que pedem esmola, pobres sim, mas limpos.²⁴⁰

A passagem acima transcrita está no livro de autoria de Vera Odísio Siqueira, neta de Odísio, e se refere ao dia 7 de outubro de 1934, quando o escultor italiano passou por Fortaleza a caminho de Juazeiro. Suas memórias ásperas, sarcásticas e por vezes cruéis acerca da terra do Padre Cícero talvez possam ser melhor compreendidas caso observemos o encanto que Fortaleza exerceu anteriormente. Sem dúvida, há também certa ilusão, pois os espaços descritos em seu diário eram principalmente aqueles pertencentes às elites. É preciso lembrar, ademais, que a capital havia passado por uma remodelação recente²⁴¹, que a cobriu de jardins e obras de embelezamento. De todo modo, certos aspectos causam surpresa: mesmo os jumentos enfileirados são “filosóficos”, e os pobres não fogem à higiene que parece emanar de toda a cidade: “pobres sim, mas limpos”.

²³⁹ Floro Bartolomeu chegou a defender, uma década antes, que a “civilização” era a verdadeira causadora das moléstias: “Enquanto o sertanejo não se civilizar, há de ser uma raça físicamente forte, salvo se nesse tempo os meios prophylaticos forem de molde a evitar simultaneamente o depauperamento produzido pela civilização [...]. O que vale a hygiene, neste caso, senão para evitar a total degeneração do organismo combalido pelo inevitável depauperamento consequente às condições do meio civilizado? Tanto assim que quanto mais se adianta um povo, tanto mais são redobradas as medidas hygienicas pelos Governos, não para manter a resistência primitiva do organismo – o que é impossível – mas para evitar que o pouco que ainda não foi perdido seja, com dificuldade, conservado. COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 166-167.

²⁴⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 122.

²⁴¹ É o momento que se costuma chamar de “Belle Époque”. Para maiores informações, cf. PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque**: Reformas urbanas e controle social (1860 – 1930). Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

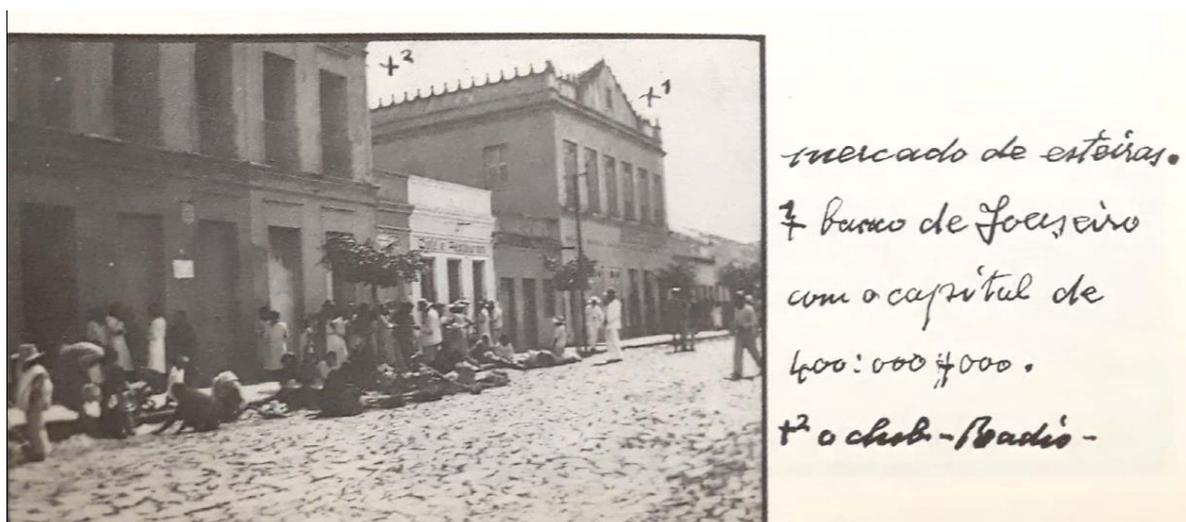
Ao concluir seu diário de viagem, redigido a bordo do navio e complementado nos portos e cidades por onde passou ao longo do percurso, Odísio não poupou o leitor das inquietações acerca de seu novo destino: “Confesso que não vou satisfeito, estou muito triste e parece-me que alguma coisa se quebrou dentro de mim, enfim, vamos ver o que será, o nosso destino é este”²⁴². Chegando em Juazeiro, Odísio começaria a se dedicar à composição de outro caderno. Suas memórias sobre a nova terra, impregnadas de surpresa, medo, decepção, desalento, humor e saudade, transformam-se aqui em importante fonte sobre o período em que o *Padrinho* desapareceu.

4.2 Cotidiano, lazer e trabalho

Em Juazeiro, Odísio descreveu as feiras dos sábados, com seus vendedores de rapaduras, carne seca, peixe salgado, cereais, farinha, frutas e sal. As barracas de “gelada”, assim como o comércio de café e alimentos, não foram esquecidos. As vendas de calçados, objetos de barro, artigos de palha, redes, aves, ovos e bugigangas também estão presentes. O memorialista aproveitou para fotografar todos esses aspectos do comércio, não deixando de lado as bancas de jogos e roletas. Nos retratos capturados por ele, as ruas de Juazeiro em 1935 parecem repletas de gente, e são também contempladas algumas edificações mencionadas no texto: o posto de saúde que não funciona e o Club Rádio onde os “engravatados” da cidade buscam diversão, por exemplo.

²⁴² ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 127

Figura 13 – Venda de esteiras na feira semanal



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 67.

Figura 14 – Comércio de rapadura na feira



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 67.

Um dos objetivos desse tópico é apresentar os meios de vida descritos por Odísio. Ele se dedica a descrever não apenas o trabalho masculino, mas também as atividades exercidas por mulheres e crianças que habitavam Juazeiro do Norte durante 1934 e 1935. Suas memórias elencam ofícios que garantiam não necessariamente o sustento do mês, mas ao menos o sustento da semana ou do dia:

É no sábado que grande parte desta gente ‘cava’ o sustento pela semana, fazendo o mediador de negócios, ajudando a carregar mercadorias, armar barracas, ajudar a vender, guardar animais, roubando aqui e acolá, pedindo esmola, ajuntando os restos, cavando enfim – o deles de mil formas, que a nós parecem fúteis, mas que para eles é meio de vida para a semana toda, tempo que ficam vadiando, armando freges, jogatinas e amolando quem trabalha [...].²⁴³

Segundo o escultor, a feira semanal era o espaço em que a maior parte da população buscava a manutenção da vida. Este aspecto remete à ainda atual inclinação da cidade para os serviços relacionados ao comércio. A passagem acima também demonstra certo juízo de valor do autor, que sugere a vadiagem de tais trabalhadores ao longo do restante da semana.

É interessante notar que a feira não é percebida apenas como local de trabalho, mas também como oportunidade de tirar proveito dos produtos remanescentes, pedir esmolas e até mesmo roubar. São alternativas que configuram soluções menos ortodoxas — ou mais reprováveis — para a pobreza em que vivia grande parte da população. Contudo, nem todos os homens e mulheres pobres de Juazeiro buscavam sustento na feira. As pequenas indústrias e manufaturas também garantiam a vida de muitos:

A maior indústria é dos sapateiros com mais de cinquenta casas que fabricam alpercatas de toda forma, gênero e prego, sendo aqui o maior ponto de fornecimento de todo o nordeste deste artigo, o qual não perfuma a cidade ‘à côté’, mas sim de um fedor rançoso e insuportável de couro mal curtido e grude azedo. Os salários dos operários são irrisórios, ganhando o melhor dele dois e quinhentos por dia, trabalhando sem [h]orário, às vezes até dez horas da noite, sendo a média dos ordenados dois mil réis; poucos são porém afortunados que ganham tais salários, sendo a grande maioria trabalhadores adventícios, fornecedores d’água, carregadores e homens de fretes, sendo todos feitos à cabeça de homem ou lombo de burro os transportes, não existindo uma só carroça ou carrinho de mão [...].²⁴⁴

Além de se submeter a uma jornada de trabalho que não era previamente delimitada, o operário passava o dia todo exposto à cruel lida com o couro, geralmente a céu aberto. A atividade nos curtumes da cidade era bastante insalubre. De acordo com o autor, no entanto, era um privilégio possuir uma função que pagasse tão generosamente, pois grande parte da população vivia em penúria.

É necessário considerar que muitos dos devotos estabelecidos em Juazeiro não conseguiam encontrar trabalho fixo, vivendo, portanto, de atividades temporárias ou

²⁴³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 66.

²⁴⁴ Op. cit., p. 65-66.

recorrendo a outros expedientes, tais como: “[...] pedir esmolas, improvisar negócios miúdos nas urdiduras do comércio ambulante, criar galinhas, carneiros e porcos ou trabalhar em pequenas plantações [...]”²⁴⁵. Como já se sabe, Padre Cícero se preocupava em manter ocupadas as pessoas que chegavam, pois o regime agrário local não era capaz de absorver toda a mão de obra camponesa²⁴⁶. Por esse motivo, estimulou a expansão do artesanato e da manufatura. A distância do Cariri em relação às capitais fez com que a região desenvolvesse relativa independência, fabricando produtos que demorariam certo tempo no deslocamento desde Fortaleza até o interior, e cujos preços sofreriam encarecimento ao longo do percurso. Por esses e outros motivos, em Juazeiro surgiram pequenas fábricas, principalmente de calçados, mas também de outros utensílios:

Fazem espingardas, primitivas mas que tem alvo certo e matam que é um gosto; maquinas de costura, barulhentas como fords velhos, mas que servem; muita variedade de facas e punhais, alguns dos quais bem bonitos [...]. Fazem toda sorte de bijouteria, primitiva e pouco elegante, anéis, broches, brincos, cruces etc fabricados com ouro baixo e prata; fabricam toda sorte de enfeites, alguns bem engraçados, brinquedos, redes, rendas, chapéus de tecido de algodão, aqui chamado “de massa”, chapéus de palha, balaies, cestas, esteiras, artigos grosseiros para cozinha feitos de pau, foices, candeeiro, copos de lata; grande variedade de artigos de barro, potes, moringas, alguidares, panelas, vasilhas, etc, tudo fabricado muito primitivamente, mas de óptima qualidade [...].²⁴⁷

É possível notar que boa parte dos objetos domésticos, de vestuário e mesmo dos instrumentos de trabalho eram fabricados na própria cidade. Muitos moradores de lugarejos mais afastados costumavam viajar para comprá-los em Juazeiro, e o município passou a ter certo destaque dentro da economia regional. Em 1934, como já foi mencionado, aconteceu, em Fortaleza, a Exposição de Artes e Indústrias do Juazeiro, que buscou mostrar a produção manufatureira e fabril da cidade. A descrição do evento no jornal *O Nordeste* já indica quais eram os objetos de fabricação local mais comuns:

Alguns objetos chamaram a atenção dos industriaes e comerciantes que se interessaram por detalhes [...]. Assim aconteceu com a indústria das facas, redes, selas, chapéus de palha de carnaúba [...], vinhos de caju e jurubebas, etc. No terreno das curiosidades foram muito apreciadas as fotografias da cidade de Juazeiro, a sua já avultada coleção de jornaes, entre os quaes um diário, o que é de admirar numa cidade do interior do Nordeste, as fotografias de alguns

²⁴⁵ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 116.

²⁴⁶ VITORIANO, Germana Coelho. **A invenção da arte popular em Juazeiro do Norte**. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, 2004. p. 39.

²⁴⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 63-64.

objetos que pelo seu volume não puderam figurar na exposição, tais como: um formidável relógio de 4 metros de altura fabricado pelo sr. Pelusio Correia de Macedo, que marca segundos, minutos, horas, dias, meses, phases da Lua e até os anos bissextos; uma locomotiva em miniatura confeccionada pelo Sr. José Martin, bem acabada; [...]; um balão de fabricação do sr. João Fontes, etc.²⁴⁸

De um lado, havia a produção artesanal de objetos que eram fabricados com matérias-primas naturais, como metal, algodão, palha e couro. Por outro, existiam elementos que apontavam para a “civilidade” de Juazeiro, tais como os jornais, à época pouco comuns em cidades pequenas — que geralmente possuíam grande número de analfabetos. Por fim, havia criações de grandes inventores, sendo Pelúcio Correia, fabricante do relógio que encima a Coluna da Hora de Juazeiro, o mais famoso deles.

A exposição provavelmente pretendeu apresentar Juazeiro como uma cidade ordeira, trabalhadora, moderna e repleta de indivíduos talentosos. Com efeito, a reportagem d’*O Nordeste* (publicada, curiosamente, no dia da morte de Padre Cícero) nota que em Fortaleza não se conhecia verdadeiramente o laborioso recanto caririense, pois geralmente as descrições envolviam lendas e crendices, mas ninguém “[...] teria ouvido falar no Joazeiro moderno, Joazeiro industrial, na collectividade fabril, trabalhadora, inteligente, habilidosa, bastando-se, a bem dizer, a si própria?”²⁴⁹. O que mais surpreendia os visitantes, portanto, era a relativa autonomia produtiva desenvolvida pela cidade ao longo dos anos.

Na cidade de Juazeiro já havia também, em 1934, grande quantidade de artesãos que se dedicava a fabricar produtos relacionados à religiosidade, como medalhinhas, estampas e esculturas de madeira. Basta observar que, quando Odísio chegou ao Ceará, já existiam estátuas do *Padrinho* elaboradas na imburana pelos artesões locais. No desenvolvimento de sua atividade de artista e comerciante, o autor de *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero* conviveu com pessoas das mais diversas camadas sociais. Comumente passava os dias em sua oficina, mas também costumava caminhar pela cidade com o objetivo de realizar trabalhos de arquitetura e vender as esculturas fabricadas. Ele lembra que nessas caminhadas era comum ver não apenas adultos trabalhando nas ruas de Juazeiro, mas também crianças²⁵⁰:

²⁴⁸ EXPOSIÇÃO de Artes e Indústrias de Juazeiro. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 4-5, 20 jul. 1934.

²⁴⁹ EXPOSIÇÃO DE ARTES e indústrias do Joazeiro. **O Nordeste**. Fortaleza, p. 5, 20 jul. 1934.

²⁵⁰ O Censo realizado pelo IBGE em 1940 não apontava a existência de trabalho infantil em Juazeiro. Essa ausência demonstra a relevância de uma fonte como o caderno de Odísio, que descreve aspectos da vida cotidiana não captados pelos documentos oficiais. A pesquisa do IBGE, por outro lado, indicava o predomínio das atividades rurais e do trabalho doméstico e escolar, dados que não aparecem no relato do escultor.

Continuamente ve-se nas ruas meninas e meninos esfarrapados, quase nus, só cobertos de trapos imundos reduzidos a tiras, carregando na cabeça feixes de lenha, balaio de frutas e toda qualidade de gêneros, andando o dia inteiro nessa soalheira que torra e cega, oferecendo de porta em porta as suas mercadorias à venda, havendo entre eles criancinhas pequenas de cinco ou seis anos no máximo.²⁵¹

A cidade era, como dizia o próprio Padre Cícero, refúgio para muitos desvalidos. Havia mulheres e homens pobres. Havia viúvas, órfãos, crianças abandonadas. Todos deviam trabalhar para garantir o sustento do corpo. A infância não era poupada. Os pequenos comerciantes, ajudando a família, trabalhavam como homens grandes. E, geralmente, não frequentavam as escolas, ainda destinadas em boa parte aos filhos da elite.

Juazeiro não era um município grande do ponto de vista da extensão territorial e, com o tempo, seu perímetro urbano foi se tornando mais habitado que a zona rural. O *Padrinho* passou a incentivar a instrução formal e as atividades artesanais entre seus devotos. A cidade se tornou uma grande oficina, pois numerosos moradores possuíam pequenas manufaturas nos próprios quintais e se dedicavam a algum ofício. Manoel Dinis afirma que Padre Cícero

Mandava que os meninos fossem para as poucas escolas primárias particulares ou públicas existentes, auxiliando a muitos meninos pobres com o pagamento das despesas necessárias. Entretanto, encarando o lado prático da vida, determinava que os pais colocassem seus filhos nas oficinas de sapateiros, ourives, funileiros, ferreiros, etc. Desta forma se habilitaram muitos que atualmente aqui e nos sertões vizinhos têm nas suas artes, meios de viverem ao menos com modesta independência.²⁵²

Desse modo, Juazeiro se transformou num grande mercado de produtos elaborados manualmente. Os trabalhadores do comércio e da manufatura eram, frequentemente, devotos de Padre Cícero e migrantes que se deslocaram até a cidade em busca de um guia espiritual que, além de assegurar conforto à alma, provia também alento para o corpo.

Diversos memorialistas contam que Padre Cícero tinha o hábito de convocar a população para o trabalho em mutirões através de um mecanismo peculiar: saía à janela

²⁵¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 118.

²⁵² DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 125.

e conclamava aqueles que quisessem ajudar a cultivar suas lavouras. Ele pedia que no primeiro dia da semana viessem, por exemplo, os que carregavam nomes comuns, como José e Pedro. No próximo dia, iriam os Joaquins e Antônios. Posteriormente, cada Manoel e João teria a oportunidade de se dedicar ao labor abençoado. Por fim, aqueles que tivessem nomes menos comuns também se uniriam para colaborar com a benfeitoria²⁵³.

Os trabalhadores de Juazeiro recebiam as refeições diárias e, além disso, o mais importante: a bênção do *Padrinho*. Aqueles devotos que se esforçavam para ajudar o Padre Cícero não necessariamente o faziam porque precisavam comer. Geralmente eram homens que forjavam seus próprios modos de sobrevivência, mesmo que precariamente. A doação do tempo de trabalho acontecia porque tais sujeitos se interessavam pela participação numa atividade santa. Essas “[...] empreitadas dos que labutavam em nome do sagrado encerram-se com a morte do Padre Cícero, em 1934”²⁵⁴. Juazeiro, contudo, continuou a ser uma cidade viva, que produzia, vendia, fabricava, crescia.

Odísio chegou à localidade nesse período. Ele pode ser considerado um sujeito singular: estrangeiro, letrado e artista numa terra repleta de nordestinos analfabetos ou semianalfabetos, comumente submetidos aos trabalhos manuais e/ou mecânicos. Estava, no entanto, inserido na vida cotidiana de Juazeiro como qualquer outro habitante. Embora tenha escrito reflexões repletas de perplexidade em torno de hábitos que lhe eram estranhos, participava em muitos aspectos da rotina do restante da população.

Elementos como a organização do trabalho e da vida privada, o lazer, o descanso e a atividade social são partes orgânicas da vida cotidiana²⁵⁵ de cada comunidade. Tais elementos podem ser perscrutados no caderno de memórias do escultor. Ele afirmava, por exemplo, que na Juazeiro de 1935 era

[...] praxe não prestar o mínimo serviço de graça e da mais pequena coisa querem tirar lucro, abertamente, sem receio ou vergonha; ‘Menino, me informa onde é a tal casa?’. Resposta: ‘Quanto ganho?’; ‘Homem, você vai ao Crato, não é?’ ‘Sim, sinhô’. ‘Pois faça o favor de me comprar tal coisa, custa tanto,

²⁵³ Cf. SOBREIRA, 1969, p. 245 *apud* RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 126.

²⁵⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 129.

²⁵⁵ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra. p. 32.

dou-lhe o dinheiro, é um favor que me faz'. Resposta: 'Pois não, mas quanto o sr. me dá pelo serviço?'²⁵⁶

Tal comportamento denota não apenas falta de cortesia, mas uma grande miséria que será descrita ao longo de toda a exposição de Odísio. De acordo com o escultor, na feira semanal havia “[...] bancas de bugingangas de ferros velhos, aonde se encontra até pregos já usados e endireitados vendidos a seis um tostão, e agulhas vendidas a duas um tostão”²⁵⁷. A população de Juazeiro buscava as mais diversas formas de garantir a subsistência.

Em 1926, o folclorista Leonardo Motta (que costumava assinar como “Leotta”) publicou, no *Diário do Ceará*, peculiar descrição das atividades mais comuns e rentáveis em Juazeiro. Entre elas, descreveu a pujança da indústria de fogos e o grande número de barbearias alagoanas. Aproveitou para destacar o parco apuro linguístico dos trabalhadores recém-chegados:

Ninguém ignora que a população de Juazeiro é, em grande parte, adventícia. As levas de romeiros se sucedem diariamente, anunciadas as respectivas chegadas pelo espoucar de foguetes. Dia e noite, se queimam gyrandolas. Por isso, a pyrotechnica é ali negocio dos mais rendosos. Se fossem multados, como em Fortaleza, os que soltam foguetes, o município pagaria, em pouco tempo, a divida externa do Estado...

A maior colônia domiciliada em Juazeiro é a de gente provinda de Alagôas. ‘Barbearias alagoanas’ existem muitas. Numa delas anotei este letreiro vistoso e nada lacônico nem gramatical:

‘Barbearia Alagoana

Peço a Deus bôa freguezia

Aseita chamados de seus bons freguez...’²⁵⁸

Assim, Leotta apontava, num único parágrafo, o vigor da indústria de foguetes e a falta de instrução dos romeiros alagoanos que se dedicavam à barbearia. Outra atividade apresentada por Leotta em seu artigo “A Mecca dos sertões” era a de engraxate. Como se sabe, essa atividade é desempenhada majoritariamente pelas classes menos favorecidas. Em Juazeiro não era diferente; no entanto, uma peculiaridade se destacava. As alcunhas desses trabalhadores sempre remetiam a nomes de pássaros, talvez pela agilidade ou, ainda, pela liberdade evocada por esses animais: “Coisa original:

²⁵⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 87.

²⁵⁷ Op. cit., p. 77.

²⁵⁸ NA MECA dos Sertões. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 3, 30 jun. 1926.

todos trazem gravado nas caixas um nome de guerra, isto é, de pássaro, e é por ele que accodem: este é o CANARIO, esse é o CORRUPIÃO, aquelle é o PAPACU...”²⁵⁹

Leonardo Motta recebeu, devido à sua atividade como folclorista, diversos títulos nobiliárquicos: além de membro da Academia Cearense de Letras, foi consagrado “Príncipe da Poesia Popular, Rondon das Letras Matutas, Bandeirante do Brasil Caboclo, Embaixador do Sertão e Judeu Errante do Folclore nacional”²⁶⁰. Esses títulos o singularizavam, garantindo seu lugar de honra nos estudos da cultura popular. Conforme defende Albuquerque Jr., as investigações de Leotta — assim como as dos demais folcloristas — foram fundamentais para a construção de uma ideia de cultura nordestina.

As elites letradas, preocupadas em produzir conhecimento sobre as mais diversas expressões do saber regional, buscaram se aproximar das fontes populares para delas extrair os produtos da “alma rústica e ingênua”. Os estudos de Motta, por exemplo, procuravam reproduzir a linguagem sertaneja. Ele costumava entrevistar pessoas comuns em busca não apenas do conteúdo da fala, mas também dos modos de falar. Seus livros sobre cantadores e violeiros são exemplos desse interesse.

Quase dez anos depois de Leonardo Motta, Odísio também descreveu as peculiaridades de Juazeiro. Como uma espécie de estudo de caso, ele se dedicou principalmente a discorrer sobre Romualdo:

O Romualdo, moço de vinte anos presumíveis [...] me foi apresentado e recomendado por o relojoeiro Sr. Pelúcio, como bom moço, sério e inteligente; empreguei-o ganhando dez tostões por dia, e dele estou contente pois é de facto bom moço, muito fiel e obediente, activo mais inculto e completamente analfabeto, como aliás são todos os da sua classe [...]. Outra vez ao contarmos níqueis para comprar fructas no mercado, atrapalhou-se na conta na qual chegava até dois cruzados (oitocentos réis) e devendo somar oito com nove ficou embasbacado ao que eu disse que ignorância assim era demais pela sua idade, e ele me respondeu para desculpar-se, mortificado ‘Ih! Chenti! Problema assim dirfici só é pra dotô’.²⁶¹

Numa sociedade em que o analfabetismo predominava, Romualdo representava apenas o exemplo corriqueiro de alguém que mal sabia fazer contas. O ajudante de Odísio não conhecia o próprio sobrenome, tampouco lia ou escrevia. Além disso, ignorava quantos anos tinha vivido. Garantia a subsistência realizando pequenos

²⁵⁹ NA MECA dos Sertões. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 3, 30 jun. 1926.

²⁶⁰ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A feira dos mitos – A fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.

²⁶¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 86.

serviços, pelos quais o escultor lhe pagava um valor irrisório, suficiente para comprar na feira semanal vinte agulhas ou sessenta pregos “usados e endireitados”, segundo o próprio Odísio²⁶². O seu ordenado estava bem distante dos dois mil réis diários que supostamente sustentavam a maioria dos trabalhadores. Odísio, como um folclorista, deu atenção ao linguajar dele, não para absorver a sua poética popular, mas para denotar a peculiar ignorância dos sujeitos de Juazeiro.

A relação de trabalho entre Romualdo e Odísio era frouxa, e o salário, insuficiente para as necessidades básicas. O ajudante se alimentava, como os demais habitantes da cidade, poucas vezes ao dia. Proteínas de origem animal não faziam parte de sua dieta. Muitas vezes, inclusive, ele comia as sobras do patrão:

[...] a comida que a pensão manda nas marmitas é muita, mas eu só me sirvo de alguma coisinha, o resto que fica, mais de três quartos, é devorado pelo moço que trabalha em casa, o Romualdo, e por ele, que sempre comeu feijão e farinha uma vez por dia, é muita sorte almoçar e jantar com tanta fartura; é preciso ver com que entusiasmo esvazia os pratos, lambendo até o último restinho, revirando os olhos de satisfação, e olhando de esgueio com inveja os pedacinhos que dou a ‘benvinda’, uma gata que apareceu em casa e que nunca mais saiu [...].²⁶³

É possível notar, por meio do linguajar e da alimentação, a hierarquia que se estabelece entre Odísio e seu ajudante. Romualdo pleiteava as sobras da comida ofertadas à gata do patrão. Essa disputa faz lembrar que a miséria grassava entre os trabalhadores de Juazeiro. Odísio chegou a afirmar que a alimentação típica dos habitantes da cidade era composta apenas por uma refeição diária, constituída de “[...] feijão cozido na água e sal, sem tempero, com um punhado de farinha de mandioca”²⁶⁴. O cronista destacou ainda que tais hábitos alimentares pioravam durante períodos de seca, quando os produtos agrícolas passavam a ter preços exorbitantes e a cidade recebia grande número de retirantes.

Conforme afirma Fernández-Armesto, desde o Paleolítico “[...] a comida já desempenhava um papel diferenciador”²⁶⁵. Durante muitos séculos, a quantidade consumida por um indivíduo denotava seu prestígio social. Com o passar do tempo, no entanto, foram surgindo hábitos responsáveis por diferenciar os alimentos de ricos e pobres. Condimentos raros ou modos de preparo complexos começaram a caracterizar os

²⁶² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 77.

²⁶³ Op. cit., p. 87.

²⁶⁴ Op. cit., p. 62.

²⁶⁵ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Comida: Uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p.162.

pratos mais sofisticados. A apresentação quase artística de refeições elaboradas com ingredientes caros e vistosos também passou a ser um fator de distinção.

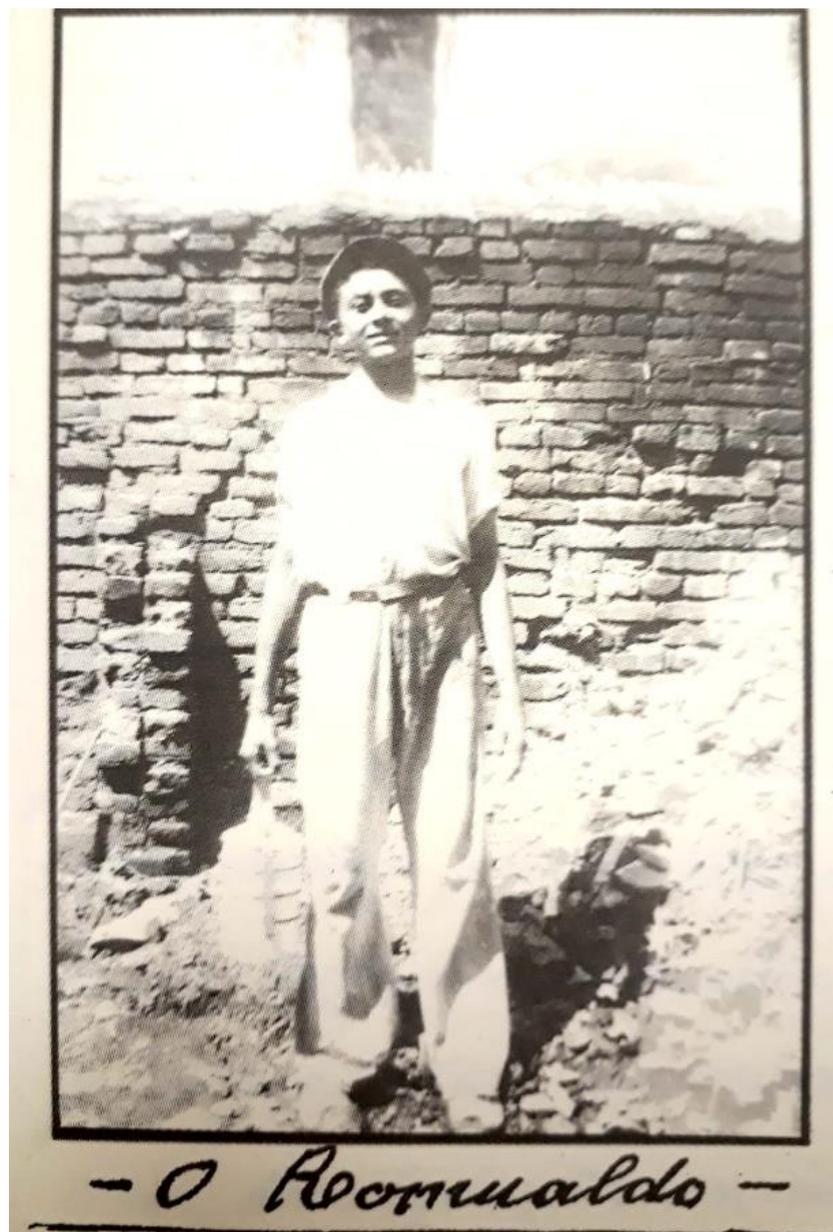
O consumo de iguarias e acepipes só se torna distintivo, no entanto, caso seja feito em público, com alguma visibilidade. Por esse motivo, os ricos passaram a promover banquetes ou festas que permitem ostentar luxo e riqueza. Os pobres, contudo, também fazem parte do jogo. De acordo com Fernández-Armesto, compartilhar alimento é uma maneira de trocar presentes, e constitui uma espécie de cimento em diversas sociedades. Para o estudioso, as práticas de distribuição de comida “[...] são algemas sociais. Elas criam relacionamentos de dependência, sufocam revoluções e mantêm as classes dependentes em seu devido lugar”²⁶⁶.

É possível que Odísio não tivesse consciência de tais dimensões sociais quando compartilhava seu alimento com um empregado. Mas nos momentos em que agia dessa forma, estava, sem dúvida, consciente de sua superioridade: não apenas não passava fome, mas ainda tinha a oportunidade de distribuir comida a alguém mais pobre ou a um animal indefeso. Finalmente, o escultor italiano não se contentava apenas em compartilhar, por falta de fome ou excesso de solidariedade, sua refeição diária, mas também cria ser necessário dar publicidade a tal ato em seu caderno de memórias.

Romualdo, o ajudante, ganhou, nesse suporte de papel, um iluminado retrato. Na fotografia, veste camisa e calça, protege-se do sol com um pequeno boné e carrega a marmitta em uma das mãos. A sua imagem é a última a ilustrar uma passagem escrita do diário.

²⁶⁶ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. **Comida**: uma história. Rio de Janeiro: Record, 2010, p. 164.

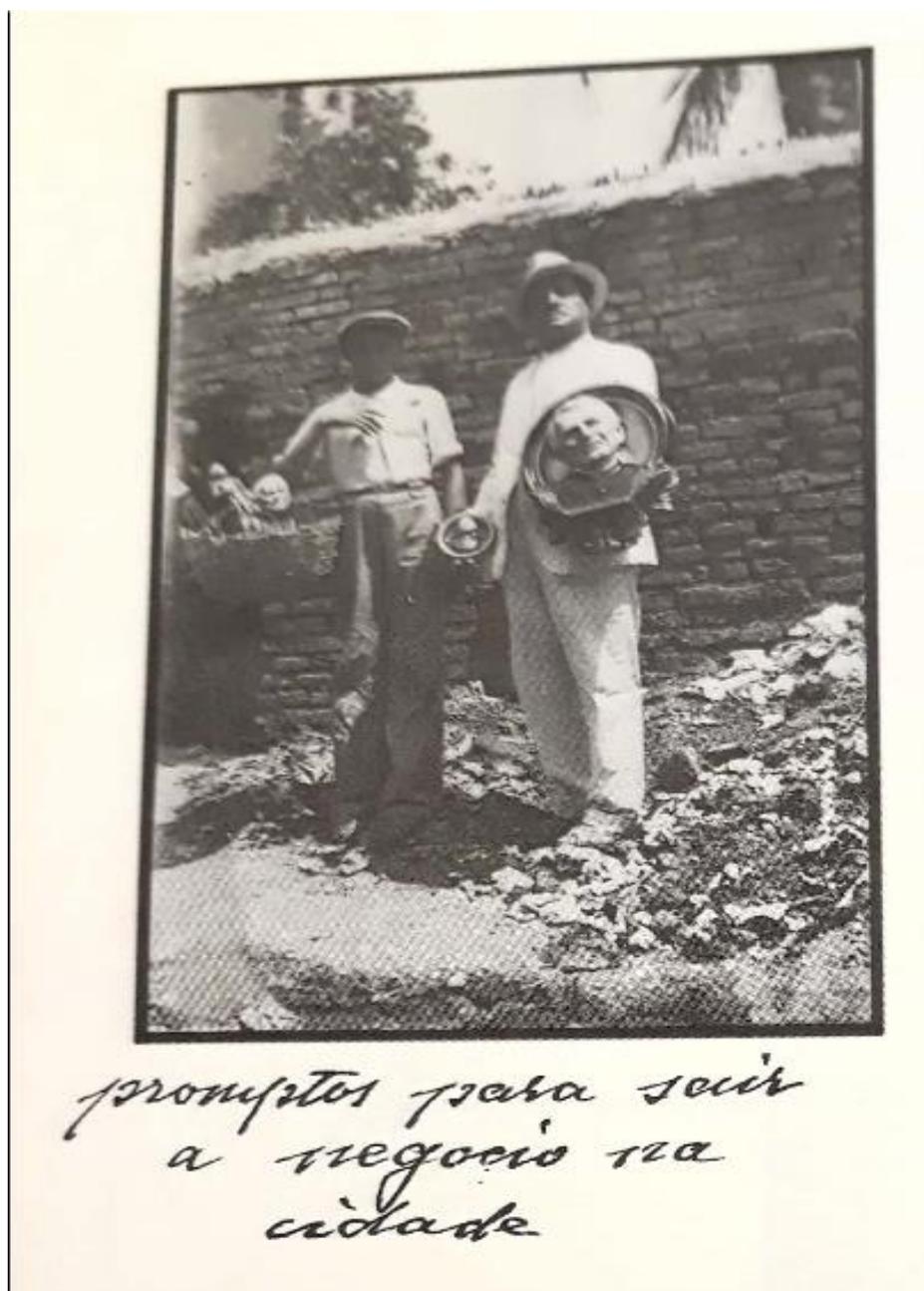
Figura 15 – Fotografia de Romualdo



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 84.

Nas páginas seguintes, é possível encontrar Odísio e Romualdo “prontos para sair a negócio na cidade”, “Romualdo alegre chegando com o almoço”, o “traje de viagem para o sertão” (chapéu de couro e espingarda), “um romeiro que comprou o seu padrinho”, a gata Benvinda e Romualdo brincando, Romualdo rezando antes de almoçar. São cenas do cotidiano de Odísio.

Figura 16 – Odísio e Romualdo saindo para vender imagens do *Padrinho*



ODÍSIO, Agostinho Balmes. *Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 128

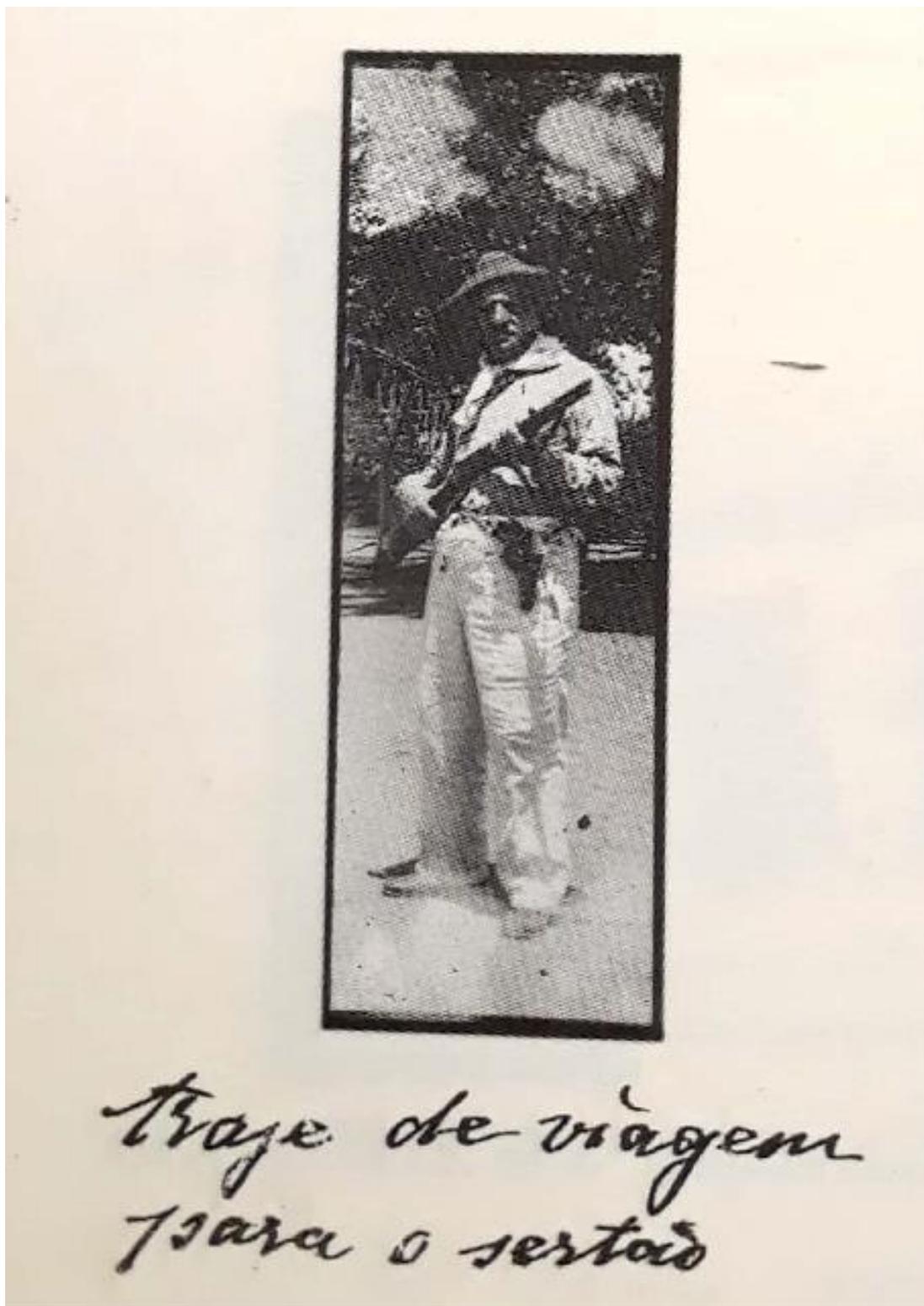
Figura 17 – Romualdo e o almoço



*Romualdo alegre,
chegando com o almoço*

ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 128

Figura 18 – Odísio carregando uma espingarda



ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 128.

Figura 19 – Um romeiro que adquiriu busto de Padre Cícero feito por Odísio



ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 128.

Figura 20 – Romualdo e a gata Benvinda



ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 130.

O escultor parecia considerar extremamente relevante a descrição da pobreza e da ignorância comuns na cidade. Por isso, dedicou algum tempo de seu relato à explicitação das condições de vida de seu ajudante por meio de fotos e texto. Descreveu, por exemplo, uma conversa que teve com Romualdo acerca de seus possíveis planos e sonhos para o futuro:

Perguntando-lhe um dia qual era o seu desejo de ficar na vida, se operário, artista, etc, ele cismava e fechando os olhos respondeu sério ‘Sei não, só se então for ter banca de gelada nas feiras e casá com morena mucufa e aranjá famia’.²⁶⁷

Odísio tentou, nesse diálogo, demonstrar que as expectativas dos trabalhadores de Juazeiro eram consideravelmente limitadas: ter uma barraca na feira (e adquirir certa independência, passando a viver sem patrão), contrair matrimônio com uma bela morena e constituir família eram os sonhos mais gananciosos que Romualdo poderia ter. Numa sociedade com pouca mobilidade social, a possibilidade de cumprir as típicas funções associadas à masculinidade – sustentar a casa, ter esposa e filhos – era uma das poucas que restavam.

²⁶⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 87.

Figura 21 – Romualdo rezando antes do almoço



ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 130.

Em Juazeiro havia um forte componente moral e religioso a nortear boa parte das práticas cotidianas. Essa especificidade tornava certas atividades de diversão pouco aceitas, especialmente entre as classes populares. Os juazeirenses remediados, que geralmente tinham acesso à educação formal e costumavam ser menos devotos de Padre Cícero, aparentemente tinham maior liberdade e possuíam opções mais diversificadas:

Enquanto as beatas e os romeiros santificam o tempo, os ‘de gravata’ procuram ter um pouco de vida social, se divertem, tem um club denominado ‘Radio Club’ (sem radio porém), jogam, dançam, dando a nota mundana do lugar, sendo estes divertimentos execrados pelos romeiros que os chamam de ‘festas e pagodes do cão’.²⁶⁸

Embora o relato de Odísio afirme que beatas e romeiros condenavam os chamados “pagodes do cão”, é preciso destacar que outros vícios comumente condenados pelos católicos, em geral, eram exercitados em Juazeiro sem grandes barreiras. Os jogos de azar, por exemplo, sempre foram bastante aceitos e praticados por todas as camadas sociais — desde os mais poderosos até os mais pobres. Não somente os “de gravata” se dedicavam com paixão a essa atividade: o viajante George Gardner já havia observado, ainda em 1839, o grande apreço dos caririenses pelos jogos, como podemos observar no trecho a seguir.

A moral dos habitantes de Crato é, em geral, baixa. E o jogo de cartas sua ocupação principal. Durante o dia, quando faz bom tempo, veem-se grupos de todas as classes, desde os que se chamam gente boa até os de ínfima condição social, sentados nos passeios à sombra das casas, profundamente absorvidos no jogo. Os mais respeitáveis jogam dólares, os pobres ou jogam moedas de cobre ou usam grãos de feijão como tentos. Levantam-se então frequentes brigas que muitas vezes se resolvem a ponta de faca.²⁶⁹

Se a dança era malvista e o alcoolismo, praticamente interdito, restava somente a oportunidade de ter experiências emocionantes e lúdicas nos jogos, os quais não necessariamente envolviam dinheiro. Essa prática, no entanto, rotineiramente levava a brigas e agressões. Walter Barbosa afirma que o jogo de baralho, especialmente, foi combatido com muita atenção por Padre Cícero, pois “[...] naquele tempo, a morte imperava nos lugares aonde se organizavam as bancas”²⁷⁰. Conforme Floro Bartolomeu,

[...] quem conhece o sertão sabe que os sertanejos, nos dias festivos [...], não dispensam os jogos de roletas, caipiras, jaburus, e tantos outros que podem ser feitos nas praças publicas, como distracção popular. Só os de cartas não são permitidos pelas autoridades, nem por eles também são desejados [...]. Esses jogos [...] constituem nesses dias um divertimento indispensável ao sertanejo,

²⁶⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 103.

²⁶⁹ GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. p. 153.

²⁷⁰ BARBOSA, Walter. **Padre Cícero – pessoas, fatos e fotos**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980]. p. 28.

que durante o ano não se diverte. Não jogam por vício, mas tão somente para se distraírem.²⁷¹

É importante observar que, de acordo com numerosos memorialistas, Floro Bartolomeu foi proprietário de muitas casas de jogos em Juazeiro. A negação do político juazeirense no que concerne às jogatinas — afirmando que elas só ocorriam em períodos de festas — leva a crer que eram comuns e traziam certos transtornos à cidade. Mesmo nos dias atuais, há romeiros que, não raro, procuram casas de jogos quando visitam a terra do *Padrinho*.

Clandestinamente, no entanto, as cartas também eram objetos de lazer dos juazeirenses e adventícios desde quando Padre Cícero habitava a cidade. O aspecto peculiar a ser notado na narrativa de Odísio é que, segundo suas observações, o jogo em Juazeiro não costumava envolver, concomitantemente, o consumo de álcool, pois:

A generalidade do povo não bebe álcool; não me refiro à cerveja, a qual tem preço proibitivo e não é vendida gelada, pois uma garrafa de prateleira custa três mil réis; falo da ‘branca’ aqui chamada ‘água ardente’ que apesar de ser barata e boa, não tem adeptos; nunca vi um bêbado e pode-se afirmar que poucos ou quase ninguém ‘toma’ [...]. O = camarada = beberão é aqui posto ao ostracismo, não tem amigos, é considerado um ser perigoso [...].²⁷²

Odísio acreditava que o alcoolismo havia sido condenado e atenuado na região graças à postura moralizadora de Padre Cícero, contudo Freire Alemão já observara fenômeno semelhante quando esteve no Cariri em meados do século XIX: “Coisa notável: não se vê um bêbado; é isto observação que temos feito desde a capital. Raríssima é a pessoa do povo que se vê bêbada pelas praças e ruas; o mesmo temos observado pelo sertão”²⁷³. É difícil precisar o motivo de o consumo de álcool, comum especialmente entre os homens, ser supostamente pouco cultivado no Ceará. Faz-se necessário destacar, todavia, que os processos criminais do período já elencavam numerosos casos de delitos praticados durante bebedeiras.

Os escritos de Odísio revelam, portanto, a precariedade da vida do trabalhador urbano durante a década de 1930 em Juazeiro do Norte. Seu caderno de memórias traz certas informações pouco discutidas nas demais fontes sobre a localidade, tais como a

²⁷¹ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 16-17.

²⁷² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 105-106.

²⁷³ ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato (1859). Vol. I. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006. p. 20.

importante presença do trabalho infantil. Além disso, nota-se a grande participação feminina na economia de Juazeiro.

4.3 Mulher, negra, trabalhadora e juazeirense

Em 1926, Nicolau de Assiz²⁷⁴ publicava, no *Diário do Ceará*, um artigo em que descrevia o trabalho comercial como um perigo para as mulheres. Apoiava-se, para isso, em dois argumentos: o primeiro dizia respeito à suposta falta de habilidade com os cálculos; o segundo alertava para o perigo de as belas moças perderem, ao longo do exercício do trabalho, seus mais valiosos atributos:

As que de parecerem belas, para prenderem os olhares do rapazio elegante fazem cuidado constante; as que de serem delicadas de feição e frágeis de talha se envaidecem, não imaginam que perigo tremendo corre o sexo disputando ao homem na vida comum os lugares, os empregos, nas repartições de governo e nas casas de commercio, etc. [...]. O emprego comercial, por exemplo, é próprio de homem, porque o calculo é trabalho improprio de mulher que, não tendo um cérebro capaz de executa lo sem perda enorme de reservas orgânicas a eles persiste em dedicar-se [...]. O organismo da mulher sofre em tal atividade, vae-se aos poucos adaptando, perdendo a fragilidade, a delicadeza, as feições gracis, tomando feições grosseiras, em termo, masculinizando-se [...]. Não se temerão as mulheres de perderem a sua beleza?²⁷⁵

Três dias depois, Mario Trevo publicaria no mesmo jornal sua opinião a respeito das mulheres que buscavam ocupações “masculinas”. Entre outras afirmações, dizia que a mulher, “[...] durante toda a existência, deve ocupar-se zelosamente dos cinco cc: -- casa, costuras, cosinha, creança e cama”²⁷⁶. Afirmava ainda que uma mulher jamais teria as aptidões do homem para o trabalho. E em seguida reproduzia o discurso do amigo José Pedro, funcionário público, a saber:

-- Mulher em repartição não dá certo. Você vê, antes de se inscreverem nos concursos, são expoentes maximes de sabedoria que assombam os pobres funcionários antigos. Recommendações e pistolões não faltam. A gente chega mesmo a depositar confiança no reclame que trazem. Inscrevem-se; e começam os aperreios para aquisição dos pontos. Algumas, mais inteligentes, não querem os pontos; mas o ponto a ser sorteado. E justificam-se: nos concursos ninguém mostra preparo, mas felicidade, porque exame é loteria. Depois de nomeadas, quando assumem o exercício do cargo, é que a decepção

²⁷⁴ O jornalista Nicolau de Assiz possuía uma coluna no *Diário do Ceará* com o objetivo de discorrer sobre a vida de mulheres brasileiras que se casaram com sírios e passaram a viver no Oriente. Com o tempo, contudo, passou a se dedicar sobre diversos temas da vida feminina, inclusive o trabalho.

²⁷⁵ ASSIZ, Nicolau de. Um Perigo para As Mulheres. **O Diário do Ceará**, p. 2, Fortaleza, 1926.

²⁷⁶ TREVO, Mario.. Os cinco CC... **Diário do Ceará**, p. 2, Fortaleza, 26 ago. 1926.

chega. A maioria delas não sabe redigir um officio; de aritmética, mal conhecem as quatro operações, são incapazes de resolver de prompto, sem consultarem, uma regra de três ou de cambio; traduzem com dificuldade o francês. Eu é que não as quero trabalhando commigo; prefiro um rapaz relativamente analfabeto...²⁷⁷

Em 1926, portanto, intelectuais proferiam abertamente sua predileção por dividir postos de trabalho com rapazes, mesmo que menos escolarizados que as mulheres. Se negavam a dividir espaço com moças instruídas, alegando que, mesmo quando concursadas, elas teriam menor capacidade intelectual. É comum imaginar que, diante desse cenário, as mulheres vivessem ainda prioritariamente como “rainhas do lar”, devendo se dedicar somente às atividades domésticas e aos cuidados com a casa, a costura, as crianças, a cozinha e a cama.

Em parte, essa observação faz sentido. Em Juazeiro, por exemplo, o Ginásio Santa Terezinha, que se destinava à educação da “juventude feminina”, preparava, desde 1935, as moças de elite para o curso Normal Rural de Juazeiro, mas posteriormente, em 1943, transformou-se numa escola doméstica, conferindo diplomas de “donas de casa” às alunas que concluíam os estudos. Ali, as garotas aprendiam técnicas de primeiros-socorros, “educação social” (civildade, polidez e bom comportamento, educação religiosa e artes domésticas — como bordados, tapetes, labirintos, pinturas, flores, bolos confeitados etc.)²⁷⁸. Odísio afirma que essas moças da elite cariense tinham um *modus vivendi* todo especial:

As moças das famílias da ‘gente de gravata’ exibem algum luxo, fazem o passeio na Avenida e são algo espevitadas e faceiras, caçando o peixe marido, animal raro de se pescar aqui, aonde o percentual é de sete mulheres para um homem. As solteironas abundam, conservando até os vinte e cinco anos esperança de encontrar a vítima, para depois serem postas a lado do torneio casamenteiro, nada restando que abraçar definitivamente a vida mística, dizendo não ter-se casado para servir a Deus com mais amor e liberdade.²⁷⁹

Odísio comete certo exagero estatístico ao afirmar a grande desproporção entre os dois sexos, mas o importante é destacar que existiam, efetivamente, muitas mulheres pobres e solitárias, e suas preocupações na vida eram bem diferentes daquelas que recaíam sobre as moças de classes remediadas. Elas travavam uma dura peleja contra a

²⁷⁷ TREVO, Mario.. Os cinco CC... **Diário do Ceará**. Fortaleza, 26 de agosto de 1926, p. 2.

²⁷⁸ LEITE, Francisco de Assis; ALVES, Joaquim (Org). **Almanaque do Cariri – 1949**. Fortaleza: 1949. p. 259-260.

²⁷⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 105.

fome e a miséria, muitas vezes sustentando seus filhos sem o auxílio de um companheiro. Algumas trabalhavam nas feiras, outras na indústria. Havia ainda aquelas que se prostituíam. Floro Bartolomeu já contava em 1923 o caso de uma

[...] rapariga de Alagoas, de dezoito anos de idade, que, prostituída na sua terra, ali foi parar. Justamente em uma noite em que ella curtia fome, por não possuir um real siquer, apareceu-lhe um sujeito que, ‘desfructando-a’ não lhe recompensou e ainda espancou-a. No auge da cólera, valeu-se de uma faca e matou-o.²⁸⁰

As adolescentes da elite juazeirense buscavam maridos e, se não os encontravam, passavam a se dedicar à vida religiosa. Moças pobres, porém, não tinham opções tão honrosas. Jovens migrantes, negras, brancas ou mestiças, solteiras ou casadas, com ou sem filhos, precisavam garantir o próprio sustento e o da família. Nesse combate, todas as alternativas e armas eram válidas.

Odísio apresentou as mulheres da cidade com certo humor cruel que atualmente poderia ser, talvez, classificado como misoginia. Partindo do aspecto físico, generalizou em sua descrição o uso de roupas pretas, que possivelmente ainda eram comuns por causa do luto em respeito à morte de Padre Cícero: “As mulheres, quase todas, vestem preto, saias varrendo o chão, desajeitada blusa matinê e grande xale preto na cabeça escondendo a cara, o que é caridade, pois aos trinta anos já são velhas e aos quarenta viragos com caras de megeras [...]”²⁸¹.

As mulheres pobres de Juazeiro envelheciam cedo. Com a saúde debilitada, trabalhando sob o sol, dedicando-se a atividades religiosas ou ensinando nas escolas da cidade, eram presença constante na vida cotidiana. Não havia, entre elas, a tradição de reclusão comum às habitantes do sertão profundo que viviam sob a tutela dos pais ou esposos. Era necessário construir autonomia e independência para resistir à vida que levavam. Mesmo considerando o dado que afirma a superioridade numérica da população feminina, é importante recordar que nesse período as atividades remuneradas eram eminentemente reservadas aos homens.

Em Juazeiro, no entanto, era grande a quantidade de mulheres envolvidas em atividades domésticas, escolares, comerciais e na indústria de transformação. Conforme afirma Francisco Régis Lopes Ramos, “[...] a divisão entre sexo no trabalho não era muito

²⁸⁰ COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 173.

²⁸¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 23.

rígida. Por exemplo: não raramente era possível encontrar mulheres em oficinas de fazer foguetes”²⁸². Muitas delas se achavam sem o suporte financeiro de uma figura masculina. Em 1940, existiam na cidade mais de duas mil viúvas, além de centenas de moças casadas que perderam o contato com seus esposos. Foram contabilizadas, ainda, algumas poucas separadas, numerosas solteiras e outras com estado conjugal não declarado²⁸³. Odísio descreveu a situação de muitas dessas mulheres:

[...] as mulheres com filhos sem maridos, apesar de casadas, sem ser viúvas, são legião, encontrando-se uma delas numa casa sim e outra também; muitos fatores são a causa deste fato; a miséria, indo o marido à procura de trabalho em outras zonas, as secas, as revoluções e mais de que tudo a ignorância.²⁸⁴

Segundo o escultor italiano, essas mulheres, mesmo que fossem abandonadas pelos seus esposos e exercessem isoladamente as atividades remuneradas que garantiam o sustento da casa, não possuíam o direito de estabelecer elos com novos companheiros. Elas mantinham suas reputações de mulheres casadas ilibadas, pois havia um forte componente de coerção moral na cidade. Ele contava que

[...] apesar de ter tantas mulheres em disponibilidade, raro é aquela que cai em falta, porque aqui o povo desculpa e acha natural ser assassino, cangaceiro, ladrão, mas não admitem ter na família uma ‘fêmea cadela’ pois é para eles a maior vergonha; esta não é pois terra para conquistas, e os Dom Joãos são avisados, si não querem receber cargos de lenha verde o servir de bainha para ‘paraibanas’ (facões de meio metro).²⁸⁵

Os homens da cidade, segundo Odísio, não permitiam que as mulheres solteiras ou “casadas sem marido” se envolvessem com “galanteadores”. Elas estavam proibidas de aceitar os favores de estranhos. Eram obrigadas a adotar um ofício e incentivavam seus filhos a “cavar o sustento” através do trabalho ou da mendicância. Seu destino era bastante diverso daquele assegurado às moças da elite juazeirense, ou mesmo

²⁸² RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 132.

²⁸³ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**: Série regional. Parte VI – Ceará – Tomo I – Censo Demográfico. População e habitação – quadros totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Quadros sinóticos por município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

²⁸⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 24.

²⁸⁵ Op. cit., p. 105.

àquelas amparadas pelas Casas de Caridade²⁸⁶. Eram mães e trabalhadoras independentes que tinham suas liberdades cerceadas pela comunidade local.

Em 1940, a população da cidade era constituída por mais de 38.000 pessoas — as mulheres em maior número. De acordo com o Censo, a distribuição racial de tais habitantes contava maioria de negros, havendo ainda pardos, amarelos e habitantes de cor não declarada. Havia uma diferença referente à quantidade de homens e mulheres que saltava aos olhos: 4.263 mulheres excediam o número de homens. Um elemento peculiar dessa pesquisa, além da indicação de uma população majoritariamente negra, é o grande volume de operárias trabalhando na “indústria de transformação”, ou seja, nas manufaturas. Existiam praticamente duas mil mulheres a mais que homens nessas atividades. Aliás, em Juazeiro havia um número bastante pequeno de mulheres em condição inativa ou economicamente improdutiva²⁸⁷.

Através do Censo de 1940 e de narrativas de cronistas do período, é possível saber que eram muitas as mulheres negras que exerciam, em Juazeiro, atividades remuneradas relacionadas aos “serviços do lar”: cozinhavam, limpavam, lavavam roupa, engomavam²⁸⁸. Como se sabe, no Ceará (e especialmente no Cariri) o trabalho escravo era eminentemente doméstico. Esse tipo de atividade parece ter sido passado de mãe para filha, principalmente nas classes mais pobres e menos escolarizadas — sabe-se, ademais, que isso era ainda mais comum entre as mulheres negras. Odísio descreve, por exemplo, a atuação daquelas que trabalhavam na pensão que lhe provia alimentação:

[...] cozinheiras desgrenhadas e imundas cozinhando no escuro em panellas velhas e gordurentas, no meio do enchame de moscas que pretejam o ambiente; os pratos são lavados dentro de um cocho de pau, feito canoa, por uma velha

²⁸⁶ As Casas de Caridade foram criadas pelo padre e missionário José Antônio Pereira Ibiapina. Padre Ibiapina era cearense, mas percorreu todo o Nordeste em sua missão evangelizadora pelos sertões. Em muitos dos locais pelos quais passou, fundou Casas de Caridade que pretendiam abrigar os mendigos, enfermos, mulheres piedosas e órfãs. Em seus trabalhos, era comumente auxiliado por beatas, mulheres que dedicavam suas vidas à oração e ao cuidado com os necessitados. As Casas de Caridade também educavam moças de famílias ricas e pobres, alfabetizando-as, ensinando prendas e preparando-as para o casamento ou para o trabalho. Para maiores informações, Cf. NASCIMENTO, Maria Célia Marinho do. **Filhas e Irmãs do Padre Ibiapina**. Educação e devoção na Paraíba (1860-1983). 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

²⁸⁷ BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**: Série regional. Parte VI – Ceará – Tomo I – Censo Demográfico. População e habitação – quadros totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Quadros sinóticos por município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

²⁸⁸ Para maiores informações, verificar o Censo de 1940.

negra, a qual, incrível mas verdade, até entra com os pés dentro da água na qual lava os pratos [...].²⁸⁹

As trabalhadoras de Juazeiro eram, muitas vezes, mulheres que não tiveram acesso à educação formal, mas é preciso considerar que hábitos pouco higiênicos foram também atribuídos a gente de classes sociais mais elevadas. O que interessa é ressaltar a existência de grande participação feminina nas atividades remuneradas, inclusive no que tangia ao trabalho associado a atividades domésticas.

As trabalhadoras juazeirenses se dedicavam usualmente, também, às tarefas comerciais. Segundo Agostinho Odísio, na feira era possível encontrar “[...] fósforos a cem réis a caixa, feitos aqui por mulheres as quais se servem de caixas servidas que moleques apanham na rua e a ellas vendem a duzentos réis a dúzia”²⁹⁰. Muitas fabricavam e vendiam doces, assim como suas ancestrais escravizadas o faziam com frequência. As pobres idosas, descritas com certa crueldade por Odísio, também procuravam garantir o sustento da casa: “[...] velhas sórdidas e desgueladas, sentadas no chão com a frente uma cesta, vendem amendoim, castanhas de caju assadas (boas), catolés enfiados como contas e doces de fructa feito tijolinhos, sobre os quais banqueteam enchames de moscas [...].”²⁹¹.

Um elemento que deve ser considerado, no entanto, é o número relativamente alto de mulheres alfabetizadas. Provavelmente isso — e o fato de as atividades relacionadas à instrução serem associadas principalmente às mulheres remediadas — explique a grande quantidade de trabalhadoras atuantes nos estabelecimentos educacionais de Juazeiro. Mas havia também homens que se dedicavam a essa tarefa. Walter Barbosa conta a história de João Alves Melo, que, tendo procurado Padre Cícero em busca de trabalho, teria recebido dele a incumbência de alfabetizar as crianças juazeirenses:

Ora, se você sabe ler e escrever, não deseja fazer o mesmo trabalho de dois grandes santos da cristandade que tiveram o nome de João? E continuou: você vai levar a luz para os que não a têm. Vai abrir uma escola. Eu o ajudarei. São João Batista preparou o caminho do Senhor, você vai preparar através da escola, do ensino, o caminho para os padres Salesianos que hão de vir para Juazeiro. E, quando eles chegarem para abrir as suas escolas profissionais e os seus colégios, devem encontrar esse povo alfabetizado para facilitar o trabalho dos discípulos de D. Bosco [...]. Uma coisa eu lhe peço, mesmo quando eu morrer, você continuará a ensinar a todos que lhe procurarem.²⁹²

²⁸⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 82.

²⁹⁰ Op. cit., p. 77.

²⁹¹ Op. cit., p. 78-79.

²⁹² BARBOSA, Walter. **Padre Cícero** – pessoas, fatos e fotos. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980]. p. 76.

No trecho acima, é possível entrever a preocupação de Padre Cícero não apenas com os devotos que o buscavam em vida, mas também com a população de Juazeiro que permaneceria carente de trabalho e estudo após a sua morte. O patriarca de Juazeiro planejava instruir os habitantes em artes e ofícios por intermédio da educação salesiana. Por esse motivo, boa parte de sua herança foi dedicada a essa congregação. Ele imaginava que tal aprendizado asseguraria a manutenção da vida entre seus devotos.

É possível perceber que as mulheres de Juazeiro, desprovidas do comum suporte financeiro masculino, buscavam meios de vida na manufatura, no comércio, nos serviços e onde mais pudessem atuar. O trabalho as tornava feias. Ainda na juventude, já pareciam velhas. Eram também reprimidas moralmente pela comunidade local, que via com maus olhos aquelas que, mesmo viúvas ou abandonadas, estabelecessem novas relações amorosas.

Muitas das habitantes da cidade eram devotas que escolhiam viver como beatas, orando e realizando pequenos serviços para garantir o próprio sustento. Padre Cícero, inclusive, amparou algumas delas em seu testamento, deixando um sítio e quinhentos mil réis para as beatas Maria das Malvas, Maria de Jesus (vulgo Babá), Teresa Maria de Jesus (Teresinha do Padre), Jerônima (vulgo Geluca) e Maria Eudóxia da Assunção²⁹³. Elas, assim como muitos outros, ficaram quase desamparadas após a morte do *Padrinho*.

4.4 O alimento e a fome

A alimentação de um povo configura importante fator cultural que costuma, no entanto, ser negligenciado nas pesquisas dos historiadores. Quando se trata da historiografia do Nordeste, o problema é ainda mais flagrante, pois numerosas migrações se deram nessa região justamente por causa da escassez, da desigualdade social e da fome. A busca da abundância, da prosperidade ou da sobrevivência levou nordestinos a grandes movimentos, seja para as regiões Sudeste e Norte, seja para áreas mais úmidas do próprio Nordeste.

Quando se discute sobre o Nordeste e suas migrações, costuma-se falar da seca e da fome como problemas mais ou menos genéricos. Na região Sul do Brasil há grande número de pesquisas acerca dos hábitos alimentares da população em diversos

²⁹³ BAPTISTA, Padre Cícero Romão *apud* LOURENÇO FILHO, Manoel B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926], p. 200-201.

períodos, talvez pela influência da culinária estrangeira herdada dos imigrantes europeus. O mesmo não acontece em relação ao Nordeste. Excetuando-se obras de culinária regional (sem cunho historiográfico) ou pesquisas sobre alimentação brasileira organizadas por regiões, escassas são as publicações recentes sobre o tema.

O presente tópico não pretende, evidentemente, sanar o problema da falta de informações sobre a alimentação nordestina, mas discutir alguns temas tratados por Agostinho Odísio em seu caderno de memórias. O escultor italiano descreveu os hábitos alimentares dos habitantes de Juazeiro com bastante entusiasmo, e iniciou tal exposição lembrando a pobreza que conduzia tais pessoas a uma alimentação precária:

No alimento o sertanejo é sóbrio, duma frugalidade espartana, apesar de ser robusto, resistentíssimo, feixe de ossos e nervos; um punhado de farinha e paçoca de carne ou virado de feijão, peixe seco e mandioca, jerimum com leite ou um naquinho de carne de sol assada é o seu alimento; com a maior naturalidade, pessoal daqui, vendedores ambulantes de bugingangas, empreendem viagens através dos sertões, carregados de mercadoria, a rede, a cabaça da água e o embornal de mantimentos a tiracolo.²⁹⁴

Três elementos mencionados por Odísio nessa passagem fazem parte do tripé culinário do Brasil colonial. Paula Pinto e Silva elenca a farinha, o feijão e a carne seca — aqui apresentada compondo a paçoca — como os alimentos primordiais da infância do Brasil, os quais ainda eram amplamente consumidos em 1934. Montanari explica que as classes subalternas fazem uso de alimentos que são abundantes e baratos, assim como daqueles que podem ser facilmente preservados. As preferências populares seriam definidas, principalmente, por alimentos que possuem “[...] capacidade de preencher, afastando a angustiante mordida da fome. Explica-se assim o gosto alimentar pelos farináceos [...]”²⁹⁵. O viajante Gaspar Barléu afiançou, entre 1637 e 1644, que cada habitação indígena possuía “ao redor seu mandiocal e seu feijoal”²⁹⁶. Tanto o feijão quanto a farinha de mandioca estavam presentes na alimentação da maior parte da população do Brasil, inclusive entre as classes mais abastadas. É preciso considerar, no entanto, que os mais ricos possuíam também outras opções, enquanto os pobres costumavam se nutrir sobretudo do tripé “feijão, farinha e carne seca”.

²⁹⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 106.

²⁹⁵ MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. São Paulo: Senac. p. 110.

²⁹⁶ ZERON, Carlos Alberto (Org) **Fichário Ernani Silva Bruno** – Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: Alimentação. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000. p. 202.

Como se sabe, a criação de gado foi responsável pela ocupação do interior da colônia, inclusive de boa parte do Nordeste. Os rebanhos eram, no entanto, geralmente mal alimentados. O produto final, conseqüentemente, tinha má qualidade. O clima também não favorecia e a carne costumava entrar em estado de putrefação em pouco tempo. A solução encontrada para o problema da conservação foi a produção de carne seca, que além de tudo era de fácil transporte. O ambiente pouco úmido do sertão garantia que a carne, seca ao sol, mesmo não sendo salgada, pudesse ser consumida por mais tempo. Nas épocas de estiagem, no entanto, mesmo essa carne desidratada se tornava rara. Desse modo, boa parte da população passava longos períodos sem consumir nenhum tipo de proteína de origem animal.

Paula Pinto e Silva lembra que, no Brasil colonial, os alimentos eram preparados costumeiramente ao modo indígena, ou seja, “[...] no que diz respeito ao seu ponto de cozimento: sempre cozidas ‘a mais’, ou, em termos culinários, ‘passadas do ponto’, com todo o seu caldo quase seco”²⁹⁷. A autora afirma que isso não se dava de maneira aleatória, mas com o objetivo de garantir que a comida não se estragasse com facilidade. A questão não era somente de sabor e textura, mas de conservação. As carnes fritas, por exemplo, geralmente eram banhadas em óleo e levadas até o ponto máximo, ficando ressecadas e aproximando-se da possibilidade de queimar.

Odísio consumiu em Juazeiro alimentos com as características próprias da cozinha sertaneja. Seus pratos eram constituídos por arroz, farinha, feijão e carne abundantes, mas o escultor afirmava que tudo era seco e mal temperado. O feijão, por exemplo, era cozido somente com água e sal, sem grande variedade de temperos. Talvez essa prática tivesse relação com o fato de os habitantes da cidade não apreciarem legumes e verduras “[...] porque têm medo de infecções [...], sendo também esta cultura não própria para este clima, requerendo muito trabalho e cuidado”²⁹⁸. Com efeito, tais temores de infecções, caso existissem, não seriam infundados. A higiene parecia ser rudimentar àquela época. O memorialista destaca, por exemplo, os problemas de distribuição de água:

[...] existem varias cacimbas privadas nos quintaes mas a única agua que é mais = potável = é do Arisco, perto da estação, a parte mais alta da cidade, pois as outras cacimbas dos quintaes correm perigo de ter as aguas inquinadas devido a cidade não ter esgotos e todas as = sentinas = são buracos, sem fossas nem primordial cuidado de higiene da desinfecção com cal. Escusado é diser que

²⁹⁷ SILVA, Paula Pinto. **Farinha, feijão e carne-seca: Um tripé no Brasil colonial**. São Paulo: Senac, 2005. p. 100.

²⁹⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 74-75.

esta agua boa é bebida por a menor parte da população, a = gente que pode =; o setenta por cento que talvez não disponha de quinhentos reis por dia, ou bebe a agua das cacimbas infectas ou deve recorrer a agua do brejo, coberta de limo e quase vermelha de tão turva.²⁹⁹

As condições de saneamento e distribuição de água eram duvidosas em toda a cidade. Mas existiam ainda distinções de classe: a água de qualidade servia somente à população mais abastada, estabelecendo uma situação paradoxal, qual seja, a população da periferia habitava o local em que era possível encontrar água de qualidade, mas o líquido precioso se destinava somente aos privilegiados que moravam no centro. A água potável, essencial à higiene e à alimentação, passava a ser regalia de poucos.

Nos estabelecimentos públicos que comercializavam alimentos, a situação não era muito melhor. Odísio garantiu que na pensão em que adquiria suas refeições diárias,

A água é servida, com muita parcimônia e a custa de repetidos pedidos, em copos mal lavados aonde se notam as impressões digitais sobre o vidro, dentro e fora; a água de beber é guardada em potes descobertos, aonde o homem do jegue verte a água das latas todos os dias, passando meses sem lavar o fundo dos potes, aonde ficam camadas de barro, baratas, e, duma vez, vi botar fora um ratículo morto afogado.³⁰⁰

Ao longo do caderno de memórias de Odísio há muitas referências à mesma pensão e à qualidade dos alimentos servidos. O estabelecimento era o que atualmente se classifica, em Juazeiro, como “rancho”, visto que também servia de pouso para os romeiros. O restaurante se constituía como um espaço auxiliar desse alojamento, garantindo a alimentação dos visitantes da cidade:

[...] a quantidade e variedade dos alimentos é bastante, baratíssimo tudo, de forma que numa casinha aonde houvesse quem saiba cozinhar, poderia-se passar, se não lautamente, pelo menos bem, com pratos variados e sustanciais. Ao contrário, aqui isto não se passa, porque ninguém sabe cozinhar; na pensão aonde tomamos alimento, a qual é sem dúvida a primeira da cidade, apesar de apresentar em cada refeição mesa abundante, a comida é intragável, sendo todos os dias, mês passa mês, igual, desesperadamente igual, no almoço e na janta.³⁰¹

²⁹⁹ Op. cit., p. 54.

³⁰⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 83.

³⁰¹ Op. cit., p. 80-81.

É sabido que o apreço por determinados tipos alimentares não nasce somente das condições práticas da vida, sejam elas sociais ou econômicas. Há sempre fatores culturais e simbólicos envolvidos. O gosto por frutas e verduras, por exemplo, não era disseminado no Nordeste na década de 1930, pois os trabalhadores de então consumiam principalmente gêneros ricos em “sustância” (comidas gordurosas ou farináceas). Apesar disso, em 1935, a feira já apresentava grande variedade de frutos saborosos e baratos, que eram, segundo Odísio, pouco apreciados pela população:

[...] montes de abacaxi, o rei da fruta do norte, vindo da serra do Araripe, bons a cem reis, e os de Pernambuco, cheirosos e deliciosos que é verdadeira delícia a duzentos réis; bastante laranjas, porém de qualidade inferior, montes e mais montes de cocos da praia cheios de água saborosa a trezentos réis, montes de mangas rosas e espada, cinco por tostão, melancias, melões, abacates, artocunus, sapotis, buritis, graviolas, catolés, cajúes grandes como maçãs, atas-pinhas, deliciosas, macaúbas, maracujás, pitombas, e mais a fruta elixir do sertão, fruta silvestre que resiste até o último as secas, o umbu [...].³⁰²

É possível imaginar que o juazeirense comum preferisse optar pelo tripé “farinha-feijão-carne seca” a gastar seus míseros cobs com frutas que, embora fossem saborosas, não proveriam energia suficiente durante a jornada de trabalho. Para Odísio, que era economicamente privilegiado e exercia um trabalho mais intelectual que mecânico, parecia estranho que tais dádivas da natureza fossem preteridas. Duas culturas alimentares bastante diversas se confrontavam naquele momento: a dos nordestinos pobres e a do escultor italiano.

Há um consenso entre os historiadores da alimentação: por muito tempo a diferença entre a alimentação dos ricos e a dos pobres esteve intrinsecamente ligada à quantidade. Ao longo dos últimos séculos, no entanto, essa distinção passou a ser associada ao que convencionamos chamar de qualidade. No decorrer desse processo, certas crenças determinaram os diferentes regimes alimentares que seriam próprios das várias classes sociais.

Montanari lembra que já no século XV havia um paralelismo entre as hierarquias dos alimentos e dos homens. Deste modo, “[...] bulbos e raízes, estando em contato mais estreito com o elemento terra [...] ocupavam posições mais baixas”³⁰³. Os

³⁰² Op. cit., p. 73-74.

³⁰³ MONTANARI, Massimo. **A fome a abundância**: História da alimentação na Europa. São Paulo: EDUSC, 2003. p. 116.

frutos das árvores eram considerados os mais nobres alimentos, pois estavam mais próximos do céu. Estabeleceu-se, assim, um “imaginário do gosto”.

Segundo o pensamento comum da Idade Média (associado à teoria galênica dos humores), cada indivíduo deveria consumir alimentos conforme sua necessidade e suas atividades. Assim sendo, convencionou-se que os grosseiros estômagos dos pobres não seriam apropriados para assimilar alimentos refinados, devendo estes preferir comidas pesadas e gordurosas³⁰⁴. O prazer era associado, mormente, à alimentação dos ricos, já que os trabalhadores deveriam comer unicamente com o objetivo de suprir as necessidades vitais.

Aparentemente, boa parte dos habitantes de Juazeiro se satisfazia com alimentos que cumpriam somente a função primária de assegurar a sobrevivência. Odísio lamentou o fato de não sentir prazer ao comer, pois na cidade “ninguém sabe cozinhar”. Mas o que seria “saber cozinhar”? O escultor, ao que parece, referia-se à importância da variedade de ingredientes e sabores disponíveis na cidade, mas que pareciam ser pouco explorados pela população. Por muito tempo, saber cozinhar significou “saber temperar”, ou seja, dar aos alimentos sabores distintos daqueles que eles possuíam originalmente. Em Juazeiro, Odísio afirmava que não se sabia temperar, e que poucos ingredientes eram utilizados na alimentação cotidiana. Ele criticava o uso invariável dos mesmos gêneros e condimentos. A cozinha de sua pensão não era, portanto, suficientemente criativa.

É possível encontrar paralelo com o protesto de Thomaz Davatz, em 1855, contra a dificuldade de o colono suíço “[...] obter por si só aquilo de que necessite”. Davatz afirmava que os imigrantes não conseguiriam “[...] apreciar o milho, o arroz e o feijão sem tempero algum, como sucede com os escravos negros”³⁰⁵. O consumo de alimentos por prazer seria privilégio das elites. Não se pode dizer, no entanto, que os pobres jamais tiveram direito a certos manjares. De acordo com Odísio, em Juazeiro

Há também alguma verdura e legumes, mandioca e aipim em penca, jerimum (abóbora como o nosso morango) mastodônticos, os quais fervidos formam o prato cobiçado desta gente que se abandona com suprema delícia ao seu quitute predileto do qual falam com água na boca – jerimum cozido com leite; poucos tomates, quiabos e algum raro pé murcho de alface, cebolinha miúda e alhos pequenos, batata doce e nada [de] batata inglesa da qual nunca mais comi depois do Rio – repolhos, couves, selga, seralha, e outras verduras nem são conhecidas [...].³⁰⁶

³⁰⁴ Op. cit., p. 113.

³⁰⁵ ZERON, Carlos Alberto (Org.) **Fichário Ernani Silva Bruno** – Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira: Alimentação. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000. p. 110.

³⁰⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 74-75.

Os cereais foram considerados, durante a Idade Média, comidas típicas dos pobres. A sensação de saciedade produzida por eles era essencial aos trabalhadores, mas pouco indicada aos senhores, que supostamente seriam capazes de sentir satisfação somente com alimentos mais delicados. Na Juazeiro de 1935, apenas três cereais se destacavam entre as classes populares: o arroz, o feijão e a farinha de mandioca. Eram ingredientes que estavam nas mesas de todo o Brasil, possuindo destaque ainda maior entre pessoas que raramente comiam carne:

O mercado dos cereais apresenta os seus produtos no chão aos montes, como [...] o sal; o feijão chamado de rama, miudinho e redondo nada apreciável, o arroz pequeno como canjica de cor enferrujada, montanhas de farinha de mandioca e de sal; o mercado do peixe seco, apresentado no chão com folhas abertas de fumo seco, fardos de ‘carne de sol’ (carne seca), lascas de toicinhos magro que vendem em molhos presos a uma embira. Montes de rapaduras em tijolinhos de quarenta centímetros em quadro, café em pó, torrado, e ainda em sacas, banha de porco e de coco, mel em garrafas com qualidades de raízes e plantas e cascas para remédio, vendidas pelo curandeiro que dá consulta em plena rua.³⁰⁷

Os relatos acerca da alimentação nordestina citam menos frequentemente o arroz, talvez por ele ser produzido em menor escala na região, ou ainda por causa do sabor peculiar da variedade selvagem mencionada pelo escultor italiano. As fontes indicam que os sertanejos mais carentes se alimentavam, nesse período, prioritariamente de feijão e farinha de mandioca. Um “tempero” já comum nessa época, no entanto, era o pequi: “[...] fruta de árvore parecida com a mangueira cujo caroço de um sabor esquisito e cheiro activo a queijo é muito empregado como tempero do arroz”³⁰⁸. A carne de sol e o peixe seco eram, por outro lado, opções de proteínas mais acessíveis, inclusive devido à durabilidade garantida no processo de desidratação utilizado em ambas as carnes.

Mas o juazeirense não vivia apenas de feijão, farinha e carne seca. O café era, segundo Odísio, a bebida mais consumida, sendo geralmente adoçado com a rapadura. Como se sabe, o processo de branqueamento do açúcar é caro e dispendioso. O interior do Nordeste substituíva então o açúcar refinado pela rapadura, que servia à feitura de diversos doces.

³⁰⁷ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 75.

³⁰⁸ Op. cit., p. 75.

Certos alimentos eram também vistos como aliados da saúde. As ervas, plantas e raízes, acrescidas do mel, misturavam-se e distinguiam-se de outros ingredientes por suas propriedades curativas. Algumas ervas aromáticas, tais como manjeriço, alecrim e hortelã, eram pouco apreciadas na alimentação, mas bastante utilizadas no preparo de chás medicinais.

Odísio não descreveu somente os alimentos consumidos em Juazeiro. Ele também lembrou aqueles que consumiu ao longo de sua viagem entre Minas e o Ceará, especialmente nas capitais do Nordeste. Sua mais longa estadia foi em Fortaleza, onde teceu numerosos elogios ao dono da pensão em que ele e seu ajudante, Paulino, estiveram hospedados:

[...] ontem disse a ele que gostaria de experimentar o afamado peixe ‘cavala’ tão decantado, e que me ensinasse aonde poderia encontra-lo; à noite, já encontrei na janta o tal peixe, a fruta sapoti, e disse-me que eu podia pedir o que fosse, que ele aprontaria, a cozinha é boa, de bom tempero e ótimo paladar, e os macarrões, que todos os dias são servidos, excelentes, pois são feitos com farinha italiana... Tomara não acabasse esta mina...³⁰⁹

A comida do interior parecia possuir pouca semelhança com aquela que ele conheceu na capital do Ceará. É preciso considerar, contudo, que os turistas que visitavam Fortaleza provavelmente eram mais exigentes que os sertanejos famintos que buscavam a cidade santa, Juazeiro. De toda maneira, a crítica feita à alimentação que Odísio consumia diariamente na cidade de Padre Cícero parecia ser inversamente proporcional aos elogios feitos à comida de Fortaleza, que ele comparava à italiana.

Uma opção comum para os pobres europeus era a massa. Especialmente na Itália, país de origem de Odísio, o macarrão se tornou alimento típico de pobres. O trigo, contudo, não é produzido abundantemente no Brasil. Assim, a principal matéria-prima dos pobres europeus tornava-se dispendiosa no país em que Odísio passou a habitar. A alimentação brasileira era, mesmo no século XX, baseada no tripé colonial “farinha, feijão e carne seca”.

O escultor afirma que, embora existissem massas de qualidade, a população de Juazeiro supostamente não as apreciava ou não sabia cozinhá-las. Mais uma vez, optava por fazê-la “passar do ponto”, como ocorria com todos os outros alimentos:

³⁰⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 125.

O pão aqui é excelente e o macarrão também pois são feitos com ótima farinha de trigo americano, mas quando, raras vezes, cozinham o macarrão, o fazem tão mal feito que fica uma papa – verdura ou legumes nunca aparecem a não ser batata doce ou mandioca cozinhada nágua – ovos só sabem servi-los duros ou estrelados na banha, secos e quase queimados. Parece impossível, mas é assim, e por quanto tenha pedido de fazer esta ou tal comida na forma, aliás muito simples, que eu desejo, nunca obtive resultado.³¹⁰

Nessa passagem, o escultor demonstra que tais pensões por vezes variavam seus alimentos, servindo legumes cozidos, ovos fritos e até mesmo macarrão. Ao que tudo indica, o macarrão não era um alimento de uso universal na região. A título de ilustração, é possível transcrever uma anedota publicada no *Diário do Ceará* quase dez anos antes, assinada por “Emme”:

Conhecido coronel cariryense, em visita a Fortaleza, foi hospedar-se em nossa casa. Parente, íntimo portanto, era exigente nas refeições. Café a toda hora e peixe no almoço e no jantar. Queria voltar para sua terra suficientemente cheio de peixe do mar, visto que dagua doce já se enfartara. Lá um dia servimos-lhe succulento macarrão à italiana, coisa que via pela primeira vez, e uma farófia de xarque. O hospede mostrou-se-nos um verdadeiro gastrônomo. E ao regressar, levava consigo três kilos de macarrão e outros tantos de xarque, para mostrar o que era bom a seu povo. Certo dia, mandava-nos as suas impressões, em longa carta:

<< Meu amigo. O povo teve receio de comer o xarque, porque dizem que é de carne de jumento fabricada na Argentina. Agora do macarrão foi caso serio: vegetal ninguém estranhou. Não chegou p'ra quem quis. Logo que você receber esta, me despache na estrada 10 kilos de carne velha e uma arroba de macarrão. Tome cuidado na escolha dele, pois os vizinhos estão me pedindo uma porção de mudas, e eu quero plantar pelo menos a metade no nosso sitio. Com quanto tempo fica botando?>>

E foi obedecido o seu pedido...³¹¹

“Emme” depreciava a cultura alimentar interiorana, assim como Odísio, que demarcou diferenças sociais e culturais a partir do gosto. O escultor italiano pretendeu estabelecer seu lugar de poder a partir da crítica ao modo juazeirenses de cozinhar. A alimentação da pensão lhe parecia pouco atraente, sendo descrita da seguinte maneira:

Feijão [h]horrível, de péssima qualidade e mal temperado; arroz mofado, cozinhado até ficar um bolo de grude, o resto, carne, carne, carne, sempre carne mal preparada, nadando em banha e colorau, sem gosto algum; sopa, algumas vezes, mas feita dos restos do arroz e feijão, com gordura demasiada³¹².

³¹⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 81.

³¹¹ UMA MUDA de macarrão. **Diário do Ceará**, Fortaleza, p. 2, 5 jun. 1926.

³¹² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 81.

Apesar da falta de sabor relatada, o escultor se nutria lautamente, pois sua alimentação sempre envolvia “carne, carne, carne”, produto escasso e extremamente caro para boa parte da população. A comida muito gordurosa, criticada por ele, é típica de comunidades que precisam de refeições pesadas para suportar o trabalho e experimentar a sensação de saciedade. A banha de porco era a gordura mais utilizada em Juazeiro, tendo preponderância sobre a manteiga, de preparo mais lento, dependente de bom gado e bom pasto. O alimento produzido na pensão tinha coerência com as condições sociais dos consumidores, assim como possuía relação com as especificidades climáticas da região.

As carnes abundantes nos pratos de Odísio — frequentemente distribuídas entre seu empregado e a gata Benvinda — eram geralmente comercializadas na feira de Juazeiro. Num passeio por esse importante evento semanal, o escultor indicou algumas opções e seus valores. Após descrever as aves (frangos e galinhas) e seus derivados (os ovos), o escultor elencou ainda “[...] perus, leitões, bodes e carneiros, pois aqui não se come o cabritinho nem o cordeirinho mas o ‘bode’ em toda a sua plenitude, e o carneiro de um ano, sendo a carne macia e saborosa”.³¹³

Havia proteínas relativamente diversificadas e saborosas no sertão, mas a existência de bons ingredientes não assegurava a boa cozinha. Era também preciso saber criar, preparar e temperar os alimentos. Tais ações realizadas ao pé do fogão, no entanto, ainda não seriam o bastante para garantir prazer durante a refeição. Odísio irá, a seguir, narrar o momento sagrado do consumo de alimentos e sua dificuldade em tolerar os comportamentos daqueles que serviam sua comida:

É uso comum de toda gente aqui assoar o nariz com os dedos, o que também fazem as cozinheiras em plena função, não se incomodando que assoaram o apêndice facial, o bife e a carne para deitar à panela. Também é natural de quem serve a mesa, enquanto com uma mão carrega um prato de comida ao hóspede, se assoar com a outra, dentro da sala de refeições, quase não virando a cabeça do prato que tem na mão.³¹⁴

Tais atividades, consideradas pouco higiênicas, causavam repugnância em Odísio, que passou a solicitar que a comida fosse entregue em casa, evitando, assim, presenciar o modo como ela era preparada. As lições de etiqueta difundidas na Europa e,

³¹³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 76.

³¹⁴ Op. cit., p. 82.

talvez, nas capitais do Brasil ainda não haviam chegado às pensões de romeiros frequentadas pelo escultor.

Montanari defende que “[...] em todos os níveis sociais, a participação no convívio à mesa é o primeiro sinal de pertencimento ao grupo”³¹⁵. Odísio não se sentia confortável ao dividir a mesa com os romeiros de Juazeiro. Ao contrário, evitava a companhia de tais pessoas. Desse modo, demarcava certa superioridade em relação àqueles que comiam os mesmos víveres:

Diz o ditado ‘o que não mata, engorda’, mas eu segui o outro ‘o que olhos não vê, coração não pena’ (sic) e por isto comprei um porta comida e mando buscar as refeições; a comida vem pior, porque comendo na mesa sempre a gente é mais bem servida, mas em compensação tenho a vantagem de não comer acotovelado com os bandos de romeiros que chegam de longe, suarentos e catingudos, e não assistir as cenas do ambiente que reviram o estômago até dum soldado de polícia.³¹⁶

A escolha pela alimentação solitária envolvia o temor de observar a falta de higiene da cozinha, mas também a compreensão de que “[...] no ritualismo convivial, o significado dos gestos é confiado à definição das regras que servem para delimitar o campo de ação, excluindo quem não as conhece”³¹⁷. Não tendo a possibilidade de excluir todos os romeiros do local destinado a eles, Odísio preferia se retirar.

³¹⁵ MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac. p. 159.

³¹⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 83.

³¹⁷ MONTANARI, Massimo. **Comida como cultura**. São Paulo: Senac [2013]. p. 162.

5 LUGAR DE MEMÓRIA OU LOCAL DE RECORDAÇÃO?

5.1 Entre a piedade e a fama: o lugar de Juazeiro

Em Juazeiro, os locais são sujeitos da História. Eles corporificam uma continuidade da duração. São úteis para a fixação afetiva da presença de Padre Cícero. Como um deus das religiões politeístas, tudo indica que o sacerdote quer ser procurado e adorado em seu lugar. As primeiras romarias a Juazeiro após a morte dele, inclusive, já não tinham como destino apenas sua casa, mas também seu túmulo. O *Padrinho* havia morrido, mas continuava ligado àquela terra, agora eternamente.

A piedade é o sentimento fundamental diante do morto. Ela obriga os vivos a celebrarem sua memória através de preces e visitas ao túmulo. Todos os defuntos têm direito a esses momentos de reverência e rememoração, não somente aqueles que adquiriram fama ao longo da vida. A tradição católica diz que os familiares devem velar seus mortos, orar pelas almas e visitar os falecidos pelo menos uma vez por ano. No caso do Padre Cícero, no entanto, essa piedade cresce e se renova diariamente. Sua vida e seu desaparecimento são celebrados e lembrados por devotos e afilhados.

De acordo com Aleida Assmann, “[...] a memorização dos mortos tem uma dimensão religiosa e outra mundana, que se opõem entre si como *pietas* e *fama*”³¹⁸. O *Padrinho* de Juazeiro consegue unir essas duas facetas da memorização: a recordação de sua morte possui sentido de devoção, mas a fama política que construiu ao longo da vida também está ligada à sua santidade e às visitas que seu corpo atraiu e atrai até os dias atuais. Em Padre Cícero, *pietas* e *fama* se conectam, se comunicam e se confundem.

A *Fama*, contudo, não se constitui sozinha. Atos grandiosos, fenômenos misteriosos, milagres, batalhas, vitórias, perseguições, execução de importantes papéis políticos: nada disso garante imortalidade. Para que um nome seja lembrado, é necessário que existam meios de recordar. Assmann propõe o estudo de cinco diferentes meios: metáforas, escrita, imagem, corpo e locais. A autora lembra que, quando se trata de uma cultura não letrada, a escrita pode ser substituída pela oralidade. No caso do fenômeno de Juazeiro, por exemplo, os cordéis, lidos em voz alta e recitados por cantadores e

³¹⁸ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 37.

apreciadores da arte, cumpriram a função de levar o nome do Padre Cícero para distantes fronteiras. A imprensa nacional também trabalhou nesse sentido, produzindo notícias e veiculando telegramas, cartas e outros documentos ligados à atuação do *Padrinho*. Os membros da cultura letrada tiveram ainda uma importante participação nesse processo, produzindo e disseminando representações elogiosas ou reprovadoras de Juazeiro e de seu patriarca.

Com Padre Cícero, portanto, ocorre o contrário daquilo que acontece com os homens comuns e públicos em geral, que podem ter relativa fama durante a vida, mas são esquecidos quando mortos, restando apenas monumentos desprezados e uma memória que é preservada brevemente por seus familiares. Ele teve certa *fama* (dessacralizada e contraposta à sua presumida santidade) durante a vida, principalmente no que diz respeito à carreira política que desenvolveu. Com sua morte, contudo, cresceu a *piiedade* popular que acompanha seu nome. Um morto não pode mais pecar. Assim, o desencarne do sacerdote o arrebatou da convivência com os fiéis, mas também o santificou. Trata-se de um culto ao grande padrinho morto, portanto, de um culto à vida eterna de um homem santo.

Em Juazeiro, Padre Cícero foi sepultado, mas nunca repousou. Permanece ativo e presente. Por isso tanto se fala, tanto se escreve e tanto se crê nele. A fama de Padre Cícero, no entanto, não é como a dos grandes homens políticos: não precisa ser armazenada em museus, monumentos ou memoriais para existir. Vive internalizada em cada um de seus seguidores. Os meios de recordar existem, mas não se constituem apenas como *lugares de memória*³¹⁹. São complementos da recordação.

Os heróis costumam ser eternizados pelos poetas, mas os poetas também podem ser eternizados por cantarem grandes feitos e heróis. Desse modo, muitos escritores, jornalistas, pesquisadores, cordelistas e artistas plásticos se tornaram populares graças às histórias que envolviam o querido santo nordestino. Odísio é um deles: sua trajetória no Ceará ganhou projeção graças às imagens de Padre Cícero que elaborou, tanto no gesso quanto no papel.

No período em que Odísio escreveu seu caderno, estudos sociológicos a respeito do sertão nordestino eram frequentes. Ele é herdeiro dessa tradição e também pretendeu fazer, através da própria experiência, uma análise da cidade de Juazeiro. À

³¹⁹ Lugares de Memória, segundo Pierre Nora, são suportes externos da memória, geralmente construídos com o objetivo de abrigar conhecimento sobre acontecimentos ou sujeitos que seriam esquecidos caso tais memórias não fossem arquivadas. Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.

página quarenta e seis, mais ou menos no meio de seu *calhamaço*, Odísio declarou que “[...] explicar o fenómeno que fez surgir Juazeiro e dissecar a figura psicologica do seu fundador, é tarefa par(a) um [h]istoriador psico analítico”³²⁰, dando a entender que não era esse seu propósito. Esse parece um momento de modéstia do autor, que não pretendia encerrar o assunto sobre o qual escreveu. Mas, ao mesmo tempo em que afirmou não ser capaz de realizar tal análise, apresentou a estrutura de seu caderno: na primeira parte, abordaria o fenômeno de Juazeiro, embora sem a pretensão de explicá-lo. Na segunda, passaria a descrever “o lugar, seu povo e seu meio”³²¹. Desse modo, é revelada certa composição previamente organizada, o que leva a crer que o manuscrito pode não ter sido, necessariamente, produzido ao correr da pena, como o autor afirmara anteriormente.

Ao final de seu caderno, dedicou a obra aos seus filhos “[...] para que dela tirem proveito, aquilatando quanto vale a instrução e a cultura na vida do homem, de um núcleo, de uma nação”³²². Há certa função moral atribuída às suas memórias: ao mesmo tempo em que analisou Juazeiro e correlacionou a miséria local à carência de instrução, Odísio ensinou a seus filhos que o saber letrado deveria ser valorizado. O tema apareceu à página 60:

Eis a situação triste deste lugar a respeito do problema maximo por um povo, a instrução, a qual aqui é quase nulla, sendo os analfabetos completos, o noventa por cento, e não só os velhos, mas moços de vinte anos que não conhecem siquer os números, completamente brocos, conhecendo em dinheiro só os niqueis nem as horas do relógio, só sabem o nome de baptismo e quase nunca o sobrenome, nem a idade certa e ficam espantados a qualquer pergunta respondendo o infalível = sei não! = [...] ³²³.

Como homem ilustrado que era, tendo vivido na Itália e numa região mais escolarizada do Brasil, Odísio parecia se espantar com a falta de instrução dos juazeirenses. Embora a estatística alardeada seja hiperbólica, é preciso mencionar que nesse trecho o escultor tocou num ponto importante de sua própria trajetória: a valorização da cultura erudita. Ele mesmo escreveu ensaios e peças teatrais. Fez parte de um círculo de homens cultos — ou que assim se consideravam. Provavelmente, também conheceu os relatos de viajantes que circularam pela Europa em fins do século XIX e início do século XX. Seu próprio caderno, aliás, assemelha-se a um registro de viajante.

³²⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 46.

³²¹ Op. cit., p. 26.

³²² Op. cit., p. 125.

³²³ Op. cit., p. 60.

Odísio afirmou que a escrita de seu *calhamaço* ajudou a passar o tempo e a atenuar a saudade que sentia dos seus, “[...] saudade que continuamente me morde a alma”³²⁴. Teceu também elogios à esposa, possível leitora, quando falou sobre sua relação com os alimentos de Juazeiro: “Quantas vezes falei com esta gente que si estivesse aqui a minha Dosolina eles iam ver quantos pratos bons e variados saiam das suas mãos [...]”³²⁵. Odísio possuía consciência, contudo, de que aquilo que chamou de “mais que humilde obra” era, na verdade, um livro, com pretensões de descrição e interpretação de Juazeiro³²⁶. O escultor, inclusive, abriu seu manuscrito afirmando:

Estas memorias [...] não tem valor literário, porque nelas falta forma, língua e gramatica. Quem aqui escreveu é um simples trabalhador o qual só procuro[u] fixar impressões e verdades. Quem quer leia e não proteste depois, porque lealmente avisei. O autor, ilustre desconhecido.³²⁷

A ausência de caráter literário em sua obra, portanto, apareceria relacionada à falta de conhecimento do idioma. O conteúdo, em si, não é mencionado nesse aviso. Talvez, à vista disso, a análise da cidade e de sua relação com Padre Cícero seja a maior contribuição do escrito, segundo o esquema de valoração proposto pelo próprio autor. Odísio imaginava a possibilidade de que seu texto fosse desfrutado por pessoas de fora do seu círculo familiar. Essa perspectiva fica mais ou menos evidente ao assinar o manuscrito como um “ilustre desconhecido”. Ora, se a obra se destinava a pessoas próximas, quem seriam os que não o conheciam?

O fato de Odísio ignorar a norma culta da língua portuguesa não o impediu, inclusive, de criticar aqueles que cometiam tropeços no âmbito da oralidade. Seu ajudante Romualdo foi, com frequência, vítima de tais censuras pouco veladas. O escultor comentou, por exemplo, que certo dia lhe fez um pedido não muito complexo:

[...] que depois do almoço tinha que levar um filme no photographo para revelar; obediente, depois de ter religiosamente lambido as marmitas, veio e me disse todo lampeiro: = Seu Gustinho, são horas de eu ir dechá o fio para melá no phrotoço, vou num raio que nem cachorro da moléstia (cão idrophobo) e falo com o homem para melá logo que o sr está = vexado = (apressado)³²⁸.

³²⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 125.

³²⁵ Op. cit., p. 81.

³²⁶ Op. cit., p. 125.

³²⁷ Op. cit., s/p.

³²⁸ Op. cit., p. 85.

Após escrever essa passagem, Odísio colou uma fotografia de seu ajudante no canto da página. Esse é um indício de que o texto foi escrito antes e passado a limpo posteriormente, pois as fotos são dispostas de maneira organizada, sempre representando o conteúdo de um texto que, aliás, não possui rasuras. Ao reproduzir a hipotética fala de alguém que sabia menos que ele, que chamava o filme de “fio” e confundia o ato de revelar com o verbo “melar”, Odísio afirmou a própria superioridade. O autor fez questão até mesmo de reproduzir em seu manuscrito as peculiaridades e os percalços da linguagem oral, acrescentando “traduções” quando acreditava que o conteúdo de tais palavras seria irreconhecível para os leitores desabitoados ao falar popular. Tal ato indica que o escultor, ao mesmo tempo em que admitia não ter o conhecimento da língua portuguesa adequado a um literato, sabia também que conhecia a língua melhor que muitos nativos. Além disso, fornece pistas para a existência de leitores que deveriam ser informados da significação dos termos desconhecidos presentes em sua obra. O caderno se configura como uma espécie de diário de viagem, sendo iniciado justamente com a chegada do escultor em Juazeiro:

Em outubro de 1934, eu e o meu companheiro Paulino, causa imprevistos da vida, deixamos o nosso Juiz de Fora de Minas, com rumo ao Ceará. O vapor = Comte Ripper do Loid = nos levou do Rio de Janeiro a Fortaleza, e num trenzinho algo primitivo vencemos as cem léguas que separam a bela capital do Ceará ao Joaseiro, nosso ponto de destino, numa viagem estafante devido ao calor e a poeira que em nuvens invadia o carro.³²⁹

Ao descer do comboio, Odísio buscou a “sopa” que o dono da pensão Guarany havia prometido quando o trem passava ainda pela cidade de Missão Velha. O escultor conta que, ao ser abordado pelo sujeito que lhe oferecia hospedagem em Juazeiro, perguntou se a hospedaria ficava muito distante do local em que o trem aportaria, recebendo de Olegário Brasileiro a resposta de que não era necessário se preocupar com isso, pois a sopa os esperaria pronta na estação. Estranhando o fato, Odísio começou a refletir: “[...] é verdade que estávamos no Ceará, a clássica terra da fome e da sede, mas nunca teria imaginado que tal flagelo chegasse ao ponto [...] de fazer encontrar a sopa na estação para logo alimentar os passageiros”³³⁰.

³²⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 1.

³³⁰ Op. cit., p. 2.

Ao ser conduzido a uma jardineira que os levaria até o hotel, Odísio perguntou pelo alimento, sendo informado de que já estava nela. A “SOPA” era o meio de transporte utilizado entre a estação e o centro da cidade. O veículo público, apelidado dessa forma pelos juazeirenses, foi associado a uma série de elementos que, para Odísio, caracterizavam o Ceará: “fome, sede, flagelo”. Havia em torno da nova terra um léxico de palavras que imediatamente era acionado. Palavras que não indicavam a paz e a prosperidade que o escultor fora buscar.

Figura 22 – A “Sopa”



Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 3.

Odísio era duplamente estrangeiro: vinha de um país do Hemisfério Norte, a Itália, e, ao mesmo tempo, do Sudeste brasileiro, um ambiente em quase tudo diferente daquele lugar em que agora iria habitar. O impacto da sua chegada ao Brasil não foi registrado em escritos, mas algo diferente ocorreu quando aportou em Juazeiro. A necessidade de aprisionar as recordações o fez escrever. Talvez houvesse, entre Turim e Juiz de Fora, menos distância que entre Juiz de Fora e Juazeiro:

Quem, como nos, vem do sul do paiz, estranha a diferencia da paisagem, pois não encontra a luxuriante vegetação das nossas verdes campinas e dos nossos ubérrimos montes, mas sim poucas arvores raquíticas, matto sem verde, e rios sem agua em cujo leito pastam magras rezez, procurando minguidos fios derva.³³¹

A paisagem é o primeiro choque da viagem. Nada lembrava fartura ou fortuna. A vegetação e os rios secos só remetiam ao sofrimento e à morte, opostos daquilo que se procura numa mudança de vida. O verde de uma região sempre fértil e razoavelmente fria já era familiar ao escultor italiano, que falava das “nossas verdes campinas e ubérrimos montes” como se brasileiro fosse.

Odísio retirou-se para Juazeiro graças à morte de Padre Cícero. Em outubro de 1934, quando chegou ao Nordeste, já eram celebrados três meses da partida do *Padrinho*. Seu caderno, contudo, incluiu numerosas menções ao sacerdote. Quanto a isso, é preciso lembrar que o manuscrito se propõe a registrar *memórias*, e não recordações. Segundo Friedrich Jünger, os conteúdos da memória podem ser adquiridos sozinhos ou aprendidos, “[...] mas as recordações, não posso nem aprender por mim mesmo nem ninguém pode me ensinar”³³². Memórias podem ser armazenadas numa máquina ou num caderno, mas só aos homens é reservado o privilégio de recordar. Muitas das supostas lembranças de Odísio foram, no entanto, aprendidas. Suas opiniões sobre Padre Cícero, sobre a Guerra de 14 e sobre o cangaço não são opiniões de quem viveu e conheceu, mas de quem escutou, julgou e estudou.

Ao chegar em Juazeiro, ele foi acomodado num quarto escuro de pensão que continha a típica mobília sertaneja: duas redes e um tamborete. O escultor solicitou um cabide para dependurar as roupas e rapidamente foi atendido com “uns pedaços de paus desconjuntados”³³³. Também foi apresentado ao banheiro do estabelecimento, que descreveu como “um rancho com uma lata dagua turva e uma cuia”³³⁴. A pensão era, como tantas outras, destinada aos romeiros. O escasso conjunto de móveis chegava a lembrar a mobília descoberta por Euclides da Cunha em visita às residências de Canudos:

Quando o olhar se acomodava à penumbra daqueles cômodos exíguos, lobrigava, invariavelmente, trastes raros e grosseiros: um banco tosco; dois ou

³³¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 1.

³³²JÜNGER *apud* ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 33.

³³³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 4.

³³⁴ Op. cit., p. 4.

três banquinhos com a forma de escabelos; igual úmero de caixas de cedro, ou canastras; um jirau pendido do teto; e as redes. Eram toda a mobília. Nem camas, nem mesas [...].³³⁵

Em Juazeiro existiam muitas hospedarias semelhantes àquela que abrigou Odísio. Funcionavam como lojas de santos, ranchos para romeiros, restaurantes para os visitantes. Ofereciam um pouso não muito requintado, e assim ganhavam consumidores, que adquiriam as peças ali vendidas e pagavam pela alimentação. Geralmente, os dormitórios eram compartilhados. O escultor italiano parece ter encontrado, pelo menos, a opção de uma hospedagem com quarto individual. Odísio apresenta tais pensões da seguinte maneira:

Toda a hierarquia de santos é encontrada nestas casas, as quais tem ranchos de propósito para fornecer pouso aos romeiros, os quais são esperados e disputados por agenciadores de negócio pagos pelos santeiros para ir cercar os romeiros de fora, até dez léguas antes de chegar à cidade. Nestas casas tudo é vendido; santos, comida, flores murchadas sobre o túmulo do padre, relíquias, orações e até fios das barbas do padre, vendidas ou ‘troçadas’ aos romeiros, que tem a obrigação de comprar em virtude de ter recebido o pouso grátis.³³⁶

Outra opção para os visitantes era garantir pouso na residência de um bom e hospitaleiro juazeirense ou alugar um domicílio temporariamente. Odísio escolheu a segunda opção. O escultor havia sido recomendado ao prefeito de Juazeiro pelo major Juarez Távora³³⁷. Após um breve descanso, teve a oportunidade de sair sob o sol causticante para conhecer a cidade. Sua primeira impressão não foi boa. Graças à amizade influente, contudo, o chefe do Poder Executivo Municipal lhe ofereceu um guia que, em apenas um dia, encontrou lugar para o escultor morar e trabalhar. Ao mencionar esse fato, Odísio afixou ao caderno uma fotografia sua junto à nova residência. No retrato, vestia calça, terno e chapéu brancos que contrastavam com a parede de taipa e as rústicas portas de madeira do edifício. A casa era de pau a pique, o forro não existia, havia muitos buracos nas paredes e o chão era de terra batida. As portas não tinham fechaduras ou escoras. O escultor explicou que todos os domicílios disponíveis para aluguel eram desse tipo, enquanto os melhores, de tijolos, seriam reservados aos proprietários. Após improvisar a mobília juntamente com seu ajudante, Paulino, chegou a hora da mudança:

³³⁵ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902]. p. 82.

³³⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 20.

³³⁷ Militar cearense ligado ao Tenentismo. Em 1934, quando recomendou Odísio às lideranças locais, era Ministro da Agricultura do Governo Vargas.

Assim, as nove e meia da noite deixamos a pensão e afundando no escuro e no areião, carregando as nossas malas de mãos, marchamos rumo ao nosso ‘chateaux’ onde dois enormes sapos, convidados de honra, nos esperavam a porta de casa, fidalgamente recebidos por mim a valentes pontapez; primeiro cuidado, depois de se iluminar feericamente a casa por poder do nosso magico candeeiro, foi revistar todos os cantos e atraz das malas por se acertar se não havia novidades e cobras que aqui são muitas e venenosas e entram a vontade nas casas a procura de fresco e agua; quantas delas não matamos depois, encontradas passeando em casa ou escondidas atraz do pote da agua!³³⁸

A descrição de sua mudança apresenta a visão de mundo de um homem citadino, de classe média, acostumado às comodidades modernas, agora confrontado com o sertão que se revelava uma selva: ali não existia água encanada, não era possível acender a luz elétrica, não se encontrava calçamento; o conforto urbano não existia, sendo comum descobrir sapos e cobras. Além disso, era necessário enfrentar os perigos da natureza mesmo dentro do próprio lar.

Odísio registrou que a primeira noite após a mudança foi passada em branco graças às fortes emoções do longo deslocamento e aos cantos de animais — sapos e jegues — existentes nas proximidades. E assim começou a trajetória do escultor italiano na terra de Padre Cícero. Suas impressões iniciais são as seguintes:

Os que aclamam Joaseiro como centro cívico adiantado e progressista, criado por um homem de valor extraordinário, julgo que assim escreveram, ou por cabotinismo ou por deferência e servilidade a políticos e ao mesmo Padre Cicero, que continuamente era assaltado por jornalistas cabotinos e dos quaes com muita ingenuidade se deixava iludir, pagando caras as bajulações exageradas, porque, apesar de não se poder destruir o feito do Padre Cicero, ele demonstrou de não ter sido o perfeito e iluminado espirito decantado, porque Joaseiro teria surgido melhor e com mais critério.³³⁹

Recém-chegado em Juazeiro, Odísio já se sentia suficientemente seguro para defender algumas ideias sobre a cidade e seu patriarca, inclusive a teoria racial que atribuía aos mestiços o pendor para o fanatismo, como Euclides da Cunha já fizera anteriormente. Outra hipótese tecida pelo escultor apreendeu Juazeiro não como Jerusalém prometida, mas como terra de sacrifícios. Talvez esse fosse o modo como o próprio escultor encarava sua passagem pela cidade sertaneja:

³³⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 8.

³³⁹ Op. cit., p. 11.

Porem por muito tempo ainda a sua figura será vista com prisma diferente, isto até que as gerações dos seus romeiros de Joaseiro e de tudo sertão não tenham desaparecido. Por enquanto os romeiros, que constituem o noventa por cento do povo do Joaseiro, julgam o padre Cicero como um santo profeta que veio ao mundo encarnando o espirito de Elias, de São João Baptista e mesmo do Christo. Por eles, padre Cicero não morreu so = foi embora =, como eles dizem, mas voltará, e neste lapso de tempo, mesmo de longe aonde foi visitar Nossa Senhora das Dores, quem determina tudo em Joaseiro é ele, a não ser os factos maus e trágicos os quaes são atribuídos ao cão (demônio).³⁴⁰

É relevante destacar que o uso do advérbio de tempo “*ainda*” indica, como já se enfatizou, uma situação de continuidade que torna possível entrever certo sentido histórico³⁴¹. Algo que existiu insiste, teimosamente, em permanecer, embora não se saiba até quando. A figura de Padre Cícero, por muito tempo, receberia olhares condescendentes. Para Odísio, contudo,

[...] era natural que junto a estas romarias de humildes bem intencionados, se juntasse a jagunçada, bandoleiros perseguidos e criminosos de tudo quilate, e também era natural que estes povos dos sertões, incultos e profundamente crentes, carregassem com o sangue das suas três raças ancestraes o fanatismo produto mestiço de três crenças, ainda mais porque o Joaseiro representava por eles não a terra de promessa, mas o lugar de sacrifício, de tudo desconforto, de amargura, mas de certa preparação para a escalada ao ceu, guiados pela santidade do padre Cicero.³⁴²

Sob a perspectiva do autor, o cangaço em Juazeiro não era responsabilidade do Padre Cícero, mas uma consequência do movimento migratório. Tais criminosos aproveitariam o anonimato na nova e populosa cidade para encontrar refúgio. O suposto fanatismo, por sua vez, seria fruto de uma peculiar junção entre três diferentes crenças advindas de três miscigenadas raças, reunidas sob o atraso do sertão. Suas observações, como é possível notar, pouco destoavam das demais teorias que buscavam explicar as peculiaridades de Juazeiro e do culto ao seu patriarca.

Entre outras fotografias do caderno de memórias, é possível observar, à página dezoito, dois registros da Capela do Perpétuo Socorro, apresentada por Odísio como “lugar em que está sepultado Padre Cicero aos pés do altar”³⁴³, acrescentando não haver ali nenhum monumento que indicasse a presença do corpo santo. Justamente em

³⁴⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 16.

³⁴¹ Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 121.

³⁴² Op. cit., p. 14.

³⁴³ Op. cit., p. 18.

frente a essa capela seria erguida talvez a sua obra mais importante: uma estátua em gesso do *Padrinho*:

Não há romeiro que não visite pelo menos uma vez por semana o túmulo do P. Cícero, ainda há peregrinação contínua dos romeiros domiciliados na cidade e dos de todo sertão que chegam aos magotes, percorrendo a pé até cem léguas para cumprir a promessa e depositar dinheiro na caixa perto do túmulo.³⁴⁴

O fato de “ainda” haver peregrinação mesmo após o falecimento do sacerdote denotaria uma conexão temporal peculiar que surpreendia a muitos. A construção de uma estátua que efetivamente recordasse o *Padrinho* no local em que ele fora sepultado foi uma ideia muito bem recebida pelos romeiros e fiéis do Padre Cícero. Odísio conta que sua obra foi imediatamente acolhida pelos devotos, conferindo ao próprio escultor uma inesperada aura de proteção:

[...] si amanhã quisesse levantar este povaréu de romeiros era só dar a voz que eles eram prontos até morrer, como já muitos e muitos me disseram e eu creio, por ser eu o = homem que faz padrinho Cisso quase vivo =. Uma coisa lucrei; a certeza absoluta que não serei roubado, como nunca o fui, não me tendo faltado um prego apesar de ter entrado e entrar tanta gente.³⁴⁵

Conforme revela Salatiel Barbosa em sua pesquisa intitulada *Joaseiro Celeste*, os romeiros costumam depositar chapéus, fitas, cordões de São Francisco, flores e muitos outros objetos sobre o túmulo do *Padrinho*, mas objeto de igual ou até maior veneração é o nicho que guarda a escultura em frente à Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Conforme o pesquisador, “[...] o que chama mais a atenção dos romeiros é a vivacidade dos olhos esverdeados do *Padrinho*, de cuja mão direita – a do cajado – pende uma penca de fitinhas multicoloridas”³⁴⁶. Salatiel lembra ainda que é esse o espaço em que se queimam as velas, proibidas de arderem dentro da igreja. Quem vê de fora, portanto, observa que a estátua parece mais enfeitada e florida que o próprio túmulo, frequentemente nu ou coberto de objetos que são retirados imediatamente após terem sido “abençoados”³⁴⁷.

³⁴⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 18.

³⁴⁵ Op. cit., p. 91-92.

³⁴⁶ BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joaseiro celeste: Tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007. p. 90.

³⁴⁷ Id., *ibid.*

A ideia de que o “povareú de romeiros” estaria pronto para morrer por causa do escultor pode parecer, contudo, um tanto exagerada. Leva a crer que Padre Cícero perde por um momento o protagonismo na história, sendo substituído por Odísio, que afirmou em outra passagem:

Eu; sem querer, tornei-me aqui um homem popular e de muito respeito, sendo cumprimentado na rua com toda deferência e até muitos vem por me beijar a mão e tomar a bençã; aparecem bastantes para que eu lhe de remédios para os seus males, e a minha resposta de não ser medico ficam tristes e dizem que eu não faço caso porque são pobres porque é impossível que um homem que faz meu padrinho sem tel-o visto, com tanta = decência = não saiba dar remédio [...].³⁴⁸

Odísio, de certa forma, integrou-se à vida da elite juazeirense. Era respeitado e adquiriu alguma fama. A população, carente de cuidados médicos, chegou a procurá-lo acreditando que estava apto a prescrever medicamentos. Essa situação era comum no sertão, e os habitantes locais frequentemente imaginavam que todo homem letrado era doutor, podendo, desse modo, socorrer os doentes³⁴⁹. De acordo com Odísio, esse voto de confiança lhe era depositado graças ao seu talento artístico. Saber “fazer o padrinho” era algo reservado a poucos. O escultor italiano, portanto, tirava certos proveitos de sua fama e de seu dom.

A fama é diferente da *pietas*. Enquanto a primeira se ergue como autoeternização e autoencenação, a piedade envolve a verdadeira recordação. Por isso Odísio foi, aos poucos, esquecido pela população de Juazeiro, embora em certo momento houvesse, segundo o escultor, gente disposta a dar a própria vida para defendê-lo. Hoje, ninguém busca o túmulo de Odísio para fazer romarias. O *Padrinho*, por outro lado, continua a abençoar seus devotos diariamente, através de seu corpo sepultado, de suas imagens esculpidas, ou de sua alma eternizada nos céus.

Odísio, ao construir um meio de recordação — ou dois, se considerarmos a estátua do padrinho e o caderno de memórias —, vê-se com uma estatura semelhante à do herói recordado. O escultor, por outro lado, tornou-se famoso em Juazeiro justamente por

³⁴⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 90-91.

³⁴⁹ Para maiores informações sobre História da Saúde e da Doença no Cariri, Cf. ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. **Quando o “Anjo do Extermínio” se aproxima de nós: Representações sobre o cólera no Semanário cratense o Araripe (1855-1864)**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

saber “fazer” o *Padrinho* quase vivo. Sua fama não foi construída individualmente, mas alicerçada na figura de um homem santo.

5.2 Entre a memória e a recordação: a escrita de Odísio

Segundo Blanchot, “[...] o interesse do diário é sua insignificância”³⁵⁰. O diarista costuma escrever com certa regularidade, mesmo quando coisas aparentemente pouco significativas ocorrem. Seu objetivo é salvar os dias, pouco importando o conteúdo dos acontecimentos. O caderno de Odísio se diferencia dos diários na medida em que tenta registrar somente eventos considerados relevantes para a tarefa de oferecer um panorama da cidade de Juazeiro. Existe, no entanto, um forte aspecto de diário nesse suporte: a datação que ocorre esporadicamente.

O presente tópico pretende discorrer sobre eventos vividos por Odísio e escritos no “quente das horas” em seu caderno de memórias. Tais trechos do caderno configuram o que mais se assemelha à experiência de um diário. Dentre esses eventos, destaca-se um que teve ampla repercussão nos jornais estaduais, regionais e nacionais: a visita do deputado Antônio Xavier de Oliveira a Juazeiro, que surtiu grande revolta na população local, gerando inclusive um intenso confronto no qual morreram alguns devotos de Padre Cícero. Odísio testemunhou o acontecimento e o narrou:

A última explosão de fanatismo eu assisti em outubro de 1934, três meses depois da morte do padre Cicero, poucos dias depois da nossa chegada. Já fazia mais de um mês que um grupo de romeiros estava em polvorosa guardando armados a matriz, dia e noite, sempre aumentando, brutalmente ameaçadores a quem se encontrasse ao altar de Nssa Sra. Esta atitude dos romeiros foi por ter mal interpretado um sermão do padre Esmeraldo³⁵¹, vigário já falecido, o qual disse do púlpito que a época era triste, que não esmorecessem de rezar e pedir a Nssa Sra das Dores, padroeira do Joazeiro, a fim que o comunismo não vingasse, porque corriam o perigo de ver os lares destruídos, as imagens santas derrubadas e as igrejas confiscadas, como aconteceu na Rússia comunista; os romeiros ficaram de atalaia e, insuflados por alguns mais fanáticos e turbulentos, começaram a vigiar por turno a matriz a fim que o tal homem chamado = comuniz = (que diziam ser alto dois metros e meio) não viesse derrubar a imagem de Nssa Sra da Dores que está num nicho sobre o altar mor,

³⁵⁰ BLANCHOT, Maurice. **O Livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013. p. 273.

³⁵¹ Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva foi o primeiro vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores. Era cratense e fundou também o Colégio São José. Veio a óbito em outubro de 1934, enquanto celebrava uma missa. Padre Esmeraldo foi fiel à Igreja até o último momento, combatendo, sempre que possível, o culto ao Padre Cícero. Não obstante, foi também o responsável por confessar o *Padrinho* momentos antes de sua morte.

sempre de sentinela em roda da igreja e do altar, impedindo a livre entrada aos fiéis, podendo só o vigário funcionar quando eles queriam.³⁵²

O jornal carioca *Diário de Notícias* publicou, em 6 de novembro de 1934, um artigo sobre a passagem do deputado Xavier de Oliveira pelo Juazeiro, quando teria se espalhado o boato de que ele seria o “comuniz” encarregado de roubar os restos mortais de Padre Cícero e a imagem de Nossa Senhora das Dores. Os devotos se uniram para impedir tal acontecimento, promovendo um conflito que levou a diversas mortes dentro da Igreja da Matriz:

Houve o diabo em Joazeiro do Ceará, o reducto fanático do padre Cicero Romão Baptista, redivivo ou ‘immorrível’. Meteram na cabeça do povo que os comunistas iam roubar a padroeira dos Carirys e a ossada do padre, e essa maldade bastou para amotinar a população da zona, contra a qual interviu brutalmente a policia, travando-se conflito, de que resultaram mortes. Já houve quem lembrasse o precedente de Canudos, que começou assim. Em vez de soldados, mande o governo mestres, médicos, juízes, progresso para o Joazeiro.³⁵³

Segundo o jornal, Padre Cícero, o “imorrível”, continuava vivo através de seus devotos, que fariam o que fosse necessário para protegê-lo. Mas essa religiosidade *sui generis* não deveria ser punida com a violência dos soldados. Somente o progresso, representado pela educação, a justiça, a higiene e a saúde, seria capaz de libertar Juazeiro do destino infeliz já experimentado por Canudos.

Antônio Xavier de Oliveira, professor de Clínica Psiquiátrica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, não era comunista, mas um árduo defensor da Igreja Católica. Foi, inclusive, deputado federal pela Liga Eleitoral Católica entre 1933 e 1937. Interessante é notar que seu pai havia intercedido anteriormente junto ao clero do Crato para que, a pedido de Floro Bartolomeu, Padre Cícero pudesse continuar a edificação da Capela do Socorro. A permissão foi concedida com a condição de que o sacerdote não atuasse junto à construção³⁵⁴.

³⁵² ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 28-29.

³⁵³ PARA TODOS. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 27 nov. 1934.

³⁵⁴ Floro Bartolomeu conta que, estando o Padre Cícero doente, uma senhora chamada Hermínia prometeu a Nossa Senhora do Socorro que construiria uma capela junto ao cemitério caso o sacerdote recobrasse a saúde. Tendo sua graça atendida, procurou o Dr. Floro com o objetivo de cumprir a promessa. O líder político procurou Padre Cícero, que optou por não tomar a frente da construção em virtude da proibição anterior de Dom Joaquim em relação à igreja dedicada ao culto do Sagrado Coração de Jesus no Horto. Floro Bartolomeu explica que, não querendo tratar pessoalmente do assunto, falou com José Xavier de

O médico e deputado juazeirense contou, em entrevista concedida ao *Diário Carioca*, que durante sua visita — em campanha política — ao Ceará, adversários teriam espalhado boatos a seu respeito. Ele atribuiu ao deputado Fernandes Távora, ao prefeito de Juazeiro do Norte, José Geraldo da Cruz, e a um jornalista e militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB), Pedro Coutinho Filho, um plano que poderia arrancar-lhe a vida no momento de sua passagem pela cidade:

O caso foi simples: partidários do deputado Fernandes Távora, guiados pelo prefeito de Juazeiro, o sr. José Geraldo e, por um desclassificado [...] o sr. Coutinho Filho, tramaram meu assassinio por ocasião de minha chegada naquela cidade. O plano foi engenhoso e interessante. Esse desclassificado (Pedro Coutinho), que se diz engenheiro sem ser engenheiro, e que se diz professor do Collegio Pedro II, do Rio, sem o ser, tendo vindo antes de mim, espalhou e fez espalhar entre os bons romeiros de Juazeiro que eu sou comunista e que ia àquella cidade para realizar três cousas:

- 1ª – Substituir a estatua do padre Cicero pela de Christo-Rei ‘que é maçom’ – acrescentava ele aos romeiros.
- 2ª – Roubar a imagem da Virgem das Dores de seu altar na matriz de que é milagrosa padroeira.
- 3ª – Roubar os ossos do padre Cicero de sua sepultura.³⁵⁵

Xavier de Oliveira comentou no mesmo texto que já estava informado das movimentações em sua cidade natal há algum tempo e tinha consciência de que sua chegada traria conturbações. Recebeu conselhos e indicações de amigos, parentes e correligionários, que pediam que se mantivesse distante de Juazeiro, mas resolveu continuar em campanha, deslocando-se até o Cariri. Ao chegar no município, a confusão efetivamente se instalou. O evento também foi noticiado pelo *Diário de Notícias*, que afirmou:

[...] seus adversários espalharam em Joazeiro que sua ida àquella cidade tinha três objetivos; 1º substituir a estatua do padre Cicero pela do Christo-Rei, que é maçom, segundo eles; 2º, roubar a imagem da Virgem das Dores de sua igreja e; 3º, arrancar de sua sepultura os ossos do padre Cícero. O resultado dessa manobra eleitoral foi que quando o sr. Xavier de Oliveira chegou a Joazeiro, cerca das 23 horas, duas mil pessoas estavam reunidas em torno da estatua do padre Cicero, para impedir o sacrilégio.³⁵⁶

Oliveira, que “[...] entendeu-se com o vigário, que é o atual Bispo do Crato, e obteve a licença, sob a única exigência do Padre Cicero não ter a menor interferência no trabalho”. COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 60-61.

³⁵⁵ SENSACIONAES AVENTURAS de um candidato a deputado na Joazeiro do Padre Cicero. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 11, 24 out. 1934.

³⁵⁶ AS ARENGAS do Major Távora. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, p. 2, 23 out. 1934.

O periódico carioca concedeu uma informação delicada: a de que existiriam milhares de devotos resguardando a escultura. De acordo com outros noticiários, o número de fiéis não chegava a uma centena, e se concentravam na Matriz, não junto à estátua do Padre Cícero. Durante esse evento, segundo o *Jornal do Recife*, o vigário, padre Juvenal Colares, teria estimulado os devotos a abandonarem a igreja, mas “[...] os fanáticos se opuseram, pelo que foi pedido o concurso da polícia, a qual também não conseguiu afastá-los facilmente, travando-se seria luta da qual resultou a morte de 9 fanáticos”³⁵⁷. Restaram ainda alguns feridos, inclusive o próprio vigário. Em suas memórias, Odísio lembrou, inclusive, ter sido contratado pelos católicos da cidade para construir uma imagem com o objetivo de expiar a mácula provocada pela morte de tantas pessoas dentro de um templo sagrado. Atualmente, tal estátua, que representa Nossa Senhora das Dores, permanece encimando a torre da matriz³⁵⁸. Conforme o testemunho de Odísio,

A nada serviu as palavras e conselhos de paz do prefeito e das pessoas mais conceituadas e as exortações do próprio vigário explicando no erro que eles estavam; a barafunda continuou em procissões com cânticos dia e noite, sermões feitos por eles, incitando a resistir, sempre armados, cismados que o mesmo vigário fosse de acordo com o tal de = comuniz = para roubar a imagem e leva-la ao Crato aonde seria destruída; já tinham várias vezes ameaçado o padre de não se encostar ao altar, e em sabendo que o vigário estava confessando, o arrancaram incontinenti da igreja; eu vi passar da porta da nossa choça a força correndo e como já tinha algum conhecimento com o capitão o qual me fora apresentado pelo prefeito, perguntei-lhe da porta o que havia de novo, ao que ele respondeu correndo que iam para a matriz; como já estava interessado com o que se passava vesti-me as pressas e fui para ver o que tinha acontecido, quando, já perto da matriz, faltando uns cem metros, ouvi medonho estrondo de tiros vindo de dentro da igreja, barulho e gritos, e logo depois gente fugir a precipício e soldados de baioneta calada crescendo as portas [...].³⁵⁹

O trecho acima remete à experiência pessoal de Odísio, que viu os policiais passarem correndo e perguntou o que ocorria, escutando o capitão informar para onde

³⁵⁷ QUANDO GUARDAVA o túmulo do Padre Cícero. *Jornal do Recife*, Recife, p. 1, 6 nov. 1934.

³⁵⁸ Odísio teria sido ainda responsável pela reforma da Matriz de Juazeiro. Conforme depoimento concedido por Renato Dantas em abril de 2013 ao pesquisador Paulo Wendell Alves de Oliveira, “É [...] um grande artista que morou no Juazeiro, um italiano, não é só porque ele é um italiano, mas é porque ele modificou totalmente o pensamento das artes no Juazeiro, modificou, influenciou e foi influenciado [...]. Isso já foi na modernidade da matriz de Juazeiro, porque hoje já é pós-modernidade, a matriz de Juazeiro está pós-moderna, porque a modernidade foi feita em 1934, com a morte do Padre Cícero, com a intenção de apagar a memória. Então este artista contribui muito para apagar essa memória e não apagou, pelo contrário, houve a ressignificação pelo romeiro e a sacralidade permaneceu [...]”. OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Memória da cidade: Transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014. p. 197-198.

³⁵⁹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 30-31.

estavam indo. Como um repórter que devesse observar as ações *in loco*, o escultor se apressou com a intenção de verificar o que acontecia. A confusão que se desenrolou não foi revelada inicialmente pelo olhar, mas pelo ouvido, que escutou tiros e gritos. Posteriormente, o escultor avistou apenas os fugitivos do confronto, continuando sem compreender o que houve. Assim, teve que recorrer à narrativa do capitão para descrever a sequência dos eventos:

Chegada a força à matriz o capitão deu ordem de prisão aos romeiros que dentro estavam, ao que, eles todos correram atrás da balaústra ao pé do altar, trincheirando-se, o capitão, sempre intimando-os de se renderem mandou avançar a força de baioneta calada, mas os romeiros em vez de se render assaltaram os soldados derrubando um sargento a foçadas e ferindo uma praça, ao que o capitão se viu obrigado a ordenar a defesa da qual caíram mortos seis romeiros e mais de vinte feridos, alguns gravemente a bala e pontaço de baioneta. A luta passou dentro da capella mor e os mortos ficaram estendidos ao pé do altar, os feridos leves fugiram pelo mato e os graves levados a pharmacias para o tratamento, pois aqui não existem [h]ospitais.³⁶⁰

Na ânsia de apresentar um panorama do acontecimento, Odísio mesclou o próprio testemunho às informações colhidas de fontes oficiais, que possuíam interesses muito bem demarcados. Desse modo, abdicou da narrativa pessoal, autoral, optando por uma versão que repetia a explicação das autoridades policiais sobre o tema. O evento presenciado pelo escritor aparece em seu caderno de memórias com uma interpretação que não é de sua própria lavra e que contribui para a fixação da imagem de Juazeiro como uma terra repleta de bandidos e fanáticos ignorantes, perigosos, selvagens e incontroláveis.

Odísio deixou de ser testemunha e passou a repetir a variante do capitão, afirmando que os romeiros iniciaram a batalha, “obrigando” o oficial a tomar medidas mais rígidas. Após reproduzir o discurso sem apresentar dúvidas sobre o que havia ocorrido no interior da capela, o escultor aproveitou o ensejo para informar que os feridos não foram levados a hospitais porque tais estabelecimentos não existiam na cidade. Seguindo ainda a narrativa do capitão, informou:

Parte foram presos e levados ao quartel aonde ficaram encarcerados, confessando depois que já haviam feito o plano: no sábado da tragédia estava marcado para expulsar o vigário e tomar conta da igreja, na quinta-feira assaltar as casas comerciais e no sábado seguinte matar as filhas de Maria porque estavam de acordo com o comuniz. Eu fiquei horrorizado quando entrando na

³⁶⁰ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 31.

igreja com o capitão logo depois do acontecido, vi o pavimento cheio de sangue, os mortos estendidos e os feridos gemendo e berrando; porém logo depois me convenci que estas scenas e factos em Joazeiro devem ser comuns, porque a mesma noite numa casa perto da igreja, aonde ainda jaziam os cadáveres, dançavam alegremente ao som de uma sanfona por uma festa de aniversário.³⁶¹

Em que situação tais confissões teriam acontecido (isto é, se de fato aconteceram), é difícil saber. De todo modo, Odísio afirmou, sem contestar, a existência de um plano macabro que teria sido admitido pelos detentos, incluindo assaltos e assassinatos. O que o impressionou, no entanto, não foi o tal plano, mas a banalidade da violência, já que não presenciou grande consternação na cidade diante da tragédia. Pelo contrário: enquanto muitos jaziam mortos, alguns celebravam, desinibida e alegremente, a vida.

Outra era, no entanto, a versão oficial do caso. Segundo nota publicada no jornal católico *O Nordeste* em 5 de novembro de 1934, o vigário Juvenal Colares Maia teria sido agredido por “fanáticos”. Após o incidente, a guarda municipal teria comparecido à matriz com o objetivo estabelecer a ordem, mas foi atacada pelos devotos de Padre Cícero e, posteriormente, sentiu-se “obrigada” a fazer uso das armas. A versão oficial não menciona os nomes dos mortos, provavelmente devotos humildes de Padre Cícero. Foram citados nominalmente somente o vigário, o prefeito e os membros da elite civil e da força policial feridos durante o confronto. De acordo com a *Nota Oficial* da Interventoria Federal no Estado do Ceará,

O Exmo. Sr. Cel. Interventor Federal recebeu, hontem, um telegrama do Prefeito Municipal de Joazeiro, comunicando-lhe que, no dia 3, às 17 horas, havia sido agredido, a cacetadas, por um grupo de cerca de 50 fanaticos, o vigário da freguesia, padre Juvenal Collares Maia. Tendo a força comparecido à matriz, onde ocorrera o incidente, afim de restabelecer a ordem, foi agredida pelos fanáticos, sendo obrigada a fazer uso das armas. Do conflictio, em que a polícia foi auxiliada espontaneamente por numerosos populares, resultaram seis mortes e ferimentos em varias pessoas, entre ellas, o comerciante Antonio Cruz, Capitão Firmino Araujo, Cicero Ferreira, 3º Sargento Raymundo Marques e soldado Ananias Pereira. A ordem foi restabelecida, effectuando-se 15 prisões.³⁶²

É interessante notar que, dias antes, em 13 de outubro de 1934, o prefeito municipal tinha desmentido, em telegrama ao interventor federal, os rumores de conflitos

³⁶¹ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 32.

³⁶² NOTA oficial. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 1, 5 nov. 1934.

no Juazeiro, assegurando que ali reinava completa paz e afirmando serem inteiramente infundados os “[...] boatos contrários exploradores intuítos facciosos. Inexistem intuítos agressão deputado Xavier Oliveira, que transitou cidade destino Crato onde permanece livre vontade”³⁶³. Assim, notava-se mais uma vez a tentativa de defender a ideia de civilidade em Juazeiro, embora estivesse clara a fuga do político cearense à cidade ao lado, onde efetivamente se encontraria a salvo dos devotos de Padre Cícero.

O jornal carioca *A Noite* publicou em 24 de outubro de 1934 um artigo de autoria de Humberto de Campos intitulado “O culpado sou eu!”, no qual ele especulava sobre a suposta fonte do boato que encurralou Xavier de Oliveira. Ao longo do texto, Campos informava que o deputado era seu médico e amigo próximo e sabia que existiam duas questões que o afligiam: a debilidade da própria saúde e um problema financeiro.

Humberto de Campos contou que havia comprado uma casa através de procuração concedida a um amigo. Passou muito tempo, contudo, esperando receber o imóvel. Procurando descobrir o motivo da demora, soube que a casa havia sido hipotecada pelo procurador. Xavier de Oliveira conhecia toda a situação, inclusive porque o dito procurador era seu parceiro de chapa nas eleições. O deputado afirmava querer ajudar Humberto de Campos de alguma forma. A solução encontrada por Xavier de Oliveira teria dado origem ao boato. Segue a explicação do escritor:

Xavier de Oliveira conhecia essa situação quando, há quatro ou cinco mezes, foi informado de que o meu antigo procurador seria seu companheiro na chapa como candidato da Liga Eleitoral Catholica a deputado federal pelo Ceará. Tendo de seguir para aquele Estado, veio despedir-se de mim. Falei-lhe, ainda uma vez, da minha casa e da minha saúde. Elle coçou a cabeça enorme, de nordestino inteligente, e opinou:

– Homem, eu quero muito bem a você, e, por você, estou disposto a todos os sacrificios. A sciencia tem feito o impossível para que você se restabeleça, ou melhore, e inutilmente. Por que você não recorre a Nossa Senhora das Dôres, de Joazeiro?

– Recorrer, como, Xavier? Eu não posso ir lá...

– Eu trago a santa aqui.

– Você?

– Eu, mesmo. É perigoso, vou por a minha vida em perigo, mas não relutarei. Irei a Joazeiro, metterei a santa na mala, e, dentro de algumas semanas, você a terá no Rio de Janeiro.

– Mas, depois, você leva... – aventurei.

– Ah, com certeza! E você pode estar certo que ficará bem.

Xavier estava sentado. Puz-me de pé e, comovido, ensopei a sua cabeça de lagrimas [...]. E aventurei:

– Xavier, a Senhora das Dôres do Joazeiro não fará também o milagre de obrigar aquelle nosso amigo a prestar-me contas da procuração que lhe passei? Elle vae ser deputado, e deputado catholico... A Senhora das Dores não terá influencia sobre ele?

³⁶³ NOTA oficial. **O Nordeste**, Fortaleza, p. 3, 13 out. 1934.

Xavier de Oliveira fez uma careta:

– Não, não acredito que tenha, não. Com aquelle, em matéria de negócios, não há santo que possa.

De repente, acendeu os olhos miúdos. O rosto se iluminou:

– Mas, tenho uma idéa! Eu posso lhe arranjar uma relíquia capaz de obrigar aquelle camarada a prestar contas a você!

– Uma relíquia, Xavier?

– Uma relíquia, sim! Os ossos da mão direita do padre Cicero!

– E você me arranja isso, Xavier? – gritei, chorando de novo, e beijando-o outra vez.

– Trago. Você terá aqui os ossos da mão direita do padre Cicero juntamente com a imagem da Senhora das Dores. [...]

E embarcou para o Ceará. Semanas depois, veio dali o telegrama insidioso, dizendo que Xavier de Oliveira queria roubar o esqueleto do padre Cicero, por inteiro, e mais a imagem da Senhora das Dores. Era, evidentemente, um exagero, pois como se viu, ele pretendia trazer e levar outra vez a santa, e não queria senão os ossos da mão direita do piedoso fundador de Joazeiro.³⁶⁴

A história, em seu absurdo, tem algum grau de verossimilhança, embora seja, evidentemente, apenas um exercício de inventividade do escritor. De toda forma, o ficcionista deixa evidente, em tom de gracejo, a possibilidade de interpretações extremas — e consequências perigosas — sobre qualquer informação que envolvesse a figura do *Padrinho*.

O *Padrinho* foi entrevistado em 1931, portanto poucos anos antes de sua morte, por Paulo Sarasate, redator do jornal fortalezense *O Povo*. Durante a conferência, o repórter fez diversas perguntas sobre aspectos políticos do país, concluindo com uma questão sobre o comunismo, à qual Padre Cícero respondeu de maneira bastante combativa. É possível que tais ideias anticomunistas tenham influenciado os devotos, que pretenderam proteger a Igreja arriscando suas próprias vidas.

Para encerrar a palestra, que já se prolongava, interrogamos o thaumaturgo de Joazeiro sobre o comunismo. E foi com extraordinária vontade de rir que lhe escutamos a opinião:

– ‘O Comunismo’ – afirmou empaticamente o Padre Cícero – foi fundado pelo demônio. Lucifer é o seu chefe e a disseminação de sua doutrina é a guerra do diabo contra Deus. Conheço o comunismo e sei que é diabólico. É a continuação da guerra dos anjos maus contra o Creador e seus filhos.

Tomou alento e prosseguiu mais pathético:

– ‘Conheço a Rússia desde a minha meninice e sei que ella é um campo imenso de assassinatos, cometidos por governos que querem destruir moral e materialmente a nação. Lenine foi um sargento do exercito e nada mais. Era, além disso, um judeu pelo espirito e pelo sangue. Só os seus discípulos consideram-no um grande homem. Os espíritos sensatos não pensam desse modo. O partido de Lenine é o partido do Anti-Christo, dito e anunciado por S.João, no Apocalypse. E chegará a governar o mundo, quando faltarem três anos para o incêndio final, porque tudo isso está escripto nos livros santos’...³⁶⁵

³⁶⁴ O CULPADO sou eu. **A Noite**, Rio de Janeiro, p. 2, 27 out. 1934.

³⁶⁵ SARASATE, Paulo. Na Casa do Padre Cícero. **O Povo**, Fortaleza, p. 5, 18 fev. 1931.

Desse modo, é possível notar que o ódio (ou o temor) da implementação de um suposto regime comunista no país não havia brotado naturalmente nos devotos do *Padrinho*, mas era fruto de longos e intensos discursos proferidos entre religiosos, políticos e a imprensa católica com o objetivo de minimizar a influência dessa postura política no Nordeste e no Brasil, tendo sido absorvido pelos afilhados de Padre Cícero durante as homilias do próprio sacerdote.

O memorialista Geraldo Menezes de Barbosa possui uma versão reveladora dos mesmos acontecimentos, que ele chama de “Tragédia dos Caceteiros”³⁶⁶. Segundo o professor juazeirense, o evento se deu somente em consequência de um sermão de Padre Esmeraldo. A visita de Xavier de Oliveira não chega a ser mencionada em seu relato. De acordo com o cronista,

O vigário, Mons. Pedro Esmeraldo, ocupava o sermão da missa para transmitir aos fieis o horror da intentona comunista rebentada no País, onde foram assassinados soldados inocentes que dormiam nos quartéis do Exército e do banho de sangue que os insurretos prometiam continuar, atacando as igrejas, eliminando padres e freiras com a implantação do regime escravo. Na sua justificada angústia, o celebrante alertava o povo católico a preparar-se para o pior, antevendo a possibilidade dos comunistas entrarem em Juazeiro. E proclamou em alto brado:

– É chegada a hora. Os inimigos da Igreja já se aproximam. Agora é que eu quero ver se existe romeiro com coragem de dar seu sangue em defesa da Santa Madre Igreja.

Ao fim da frase o Padre levou a mão à cabeça como se tivesse explodido algo no seu cérebro e caiu ao pé do altar. O povo acorreu apenas para escutar-lhe os últimos suspiros. Morreu celebrando.³⁶⁷

Barbosa afirma que o evento funesto deu força ao sermão, tendo sido amplamente comentado entre os romeiros. Além disso, a morte do padre, no altar, passou a ser vista como uma ação divina. Assim, pela periferia de Juazeiro começou a surgir o rumor de que os comunistas retirariam a imagem de Nossa Senhora das Dores da Matriz e a substituiriam por um rei pagão da besta-fera. O memorialista afirma que, por esse motivo, os devotos foram, aos poucos, reunindo-se no interior da igreja, munidos de

³⁶⁶ A memorialista Amália Xavier afirma que tais homens receberam a alcunha de “Cerca-Igrejas”, e defende que o estopim para o movimento foi uma ordem do Padre Pedro Esmeraldo para que fosse derrubada uma das torres da Igreja, que se encontrava deteriorada pelo tempo. Cf. OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci**. Rio de Janeiro: [s/n], 1969. p. 266.

³⁶⁷ A incongruência nesse relato é o fato de a Intentona ter ocorrido somente em 1935. A morte do Monsenhor Pedro Esmeraldo e o evento narrado por Odísio se deram, por outro lado, em 1934. De toda forma, o teor de anticomunismo da derradeira homilia do padre Esmeraldo é, mais uma vez, assinalado. BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do Padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte: Edições I.C.V.C., 1992. p. 127.

armas brancas como foices, cacetes e punhais. Alojaram-se no local e passaram a cozinhar e dormir ali mesmo. O padre Juvenal Colares, substituto do vigário falecido, e o prefeito Geraldo da Cruz começaram a temer o pior. Foi aí que chamaram a polícia e se deu a tragédia.

É preciso considerar que Barbosa situa o evento em novembro de 1935, ano da Intentona Comunista, contradizendo os jornais e a versão de Odísio, que narram o evento em outubro de 1934. O anacronismo, contudo, não invalida a versão do escritor juazeirense, que é relevante por afirmar a importância do discurso de padre Esmeraldo e dos temas anticomunistas no período.

Em outubro de 1934, portanto, o sacerdote continuava muito presente entre seus fiéis. E, em certa medida, aqueles que se preocupavam com a força da ausência de Padre Cícero estavam certos: as muitas interpretações sobre a palavra do *Padrinho* tinham a capacidade de gerar graves conflitos — a exemplo do que envolveu o deputado Xavier de Oliveira.

Aleida Assmann defende que a memória pode ser armazenada, mas somente a recordação é ativada de maneira espontânea. Odísio, em seu *Memórias de Juazeiro do Padre Cícero*, tenta acionar recordações com o objetivo de apresentar as especificidades da cidade no período posterior à morte do *Padrinho*. Um evento vivido e registrado pelo artista italiano foi a visita às ruínas do templo que Padre Cícero planejara construir no Horto. O escultor considerou relevante descrever a localidade:

Ao norte de Juazeiro, longe três quilômetros da cidade existe uma pequena serra sobre a qual, no ponto mais culminante, o padre iniciou a vasta construção de um templo, ao qual baptizou de 'Horto'; *ainda* existem os paredões, colossais, largos metro e meio, levantados até poucos metros da terra; esta obra devia coroar a missão de templário do padre Cícero, mas infelizmente não pode ter fim. Domingo passado fui visitar este lugar de onde se descortina magnífica vista de todo o Cariri.³⁶⁸

Com efeito, a construção do santuário voltado à devoção do Sagrado Coração de Jesus foi interrompida em 1896 pelo bispo diocesano, que acreditava estar sendo erigido ali mais um elemento de fomento ao fanatismo. O sonho acalentado por Padre Cícero desde 1889 — período de grande seca no Nordeste — foi, como de costume, cerceado pela Igreja Católica. Segundo Floro Bartolomeu, a ideia da construção surgiu

³⁶⁸ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 112.

quando os padres Felix de Moura, Alexandrino de Alencar e Cícero Romão Batista vislumbraram a seca que se aproximava do Cariri. Era o mês de março, e nenhuma gota d'água havia caído no sertão. Assim, prometeram construir uma igreja na Colina do Horto caso houvesse bom inverno. Logo depois, miraculosamente, a chuva caiu. Padre Cícero precisava cumprir a promessa e, após obter a doação de um terreno, buscou a concordância do bispo Joaquim Vieira para iniciar a construção de uma capela no alto da serra dedicada ao Coração de Jesus³⁶⁹. Conforme a narrativa de Floro Bartolomeu,

A capella do Coração de Jesus, na serra do Horto, que seria um dos mais belos templos do paiz, não conseguiu ser concluída, ficando interrompido o serviço nas proximidades da cobertura, porque, em portaria terminante, o bispo, D. Joaquim Vieira, prohibio, alegando ser aquella obra o meio mais seguro de propagar o fanatismo.³⁷⁰

Conforme é possível notar na narrativa de Odísio, o fato de os paredões “ainda” existirem ao final de 1934 era curioso e digno de menção, mas deixava entrever a possibilidade de um dia “não-mais” permanecerem de pé. De fato, em 1944, as ruínas daquele sonho seriam também destruídas. A mudança nessa situação temporal era prevista por Odísio, e ocorreu num curto espaço de tempo. Ali, uma história foi interrompida. Uma história que se materializava em ruínas. As paredes da igreja eram vestígios; representavam sobras do que deixou de existir. Para que aquela história fosse definitivamente esquecida, os paredões abandonados também foram destruídos.

As dificuldades que envolveram todo o processo de construção da Igreja do Horto continuam constituindo, até os dias atuais, eventos que ferem a sensibilidade dos devotos. Em seu testamento, Padre Cícero suplicou “[...] aos mesmos Padres Salesianos que terminem a construção da Capela do Horto”³⁷¹. Com a chegada da Congregação Salesiana na região³⁷², o sonho voltou a parecer viável. Mas os Salesianos viram como

³⁶⁹ Dom José Joaquim Vieira foi o segundo Bispo do Ceará. Desde 1884, momento de sua posse, mostrou ser um importante representante do processo de romanização promovido pela Igreja Católica. Conforme lembra Renata Marinho Paz, “[...] a atuação da Igreja romanizada no sentido de restaurar o prestígio do aparelho eclesiástico, de diminuir a distância entre este e os fiéis fundava-se no princípio de que o catolicismo popular é uma fonte de fanatismo, desviante da verdadeira religião, algo a ser rejeitado e combatido”. PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 70.

³⁷⁰ COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923], p. 57.

³⁷¹ MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O Santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946, p. 222.

³⁷² A Congregação Salesiana chegou em Juazeiro do Norte somente no ano de 1939. Como herdeira da maior parte dos bens de Padre Cícero, ela deveria guardar o compromisso com a construção de um colégio para as crianças pobres e com a continuação da obra da Igreja do Horto.

solução (ou prioridade) a instalação de sua própria igreja, em frente ao Colégio Salesiano, que também fora construído mediante exigência de Padre Cícero em seu testamento.

O Santuário do Sagrado Coração de Jesus, conhecido pelos juazeirenses e devotos como “Igreja dos Salesianos”, é um templo que não possui conotação afetiva para os romeiros. Muitos deles, inclusive, preferem ignorá-lo quando estão em Juazeiro. Apesar disso, o frontispício do edifício ostenta uma placa com o dístico “Padre Cícero Romão Batista, os Salesianos atenderam ao seu pedido. Tenha sua alma tranquila no céu”, e há quem costume chamá-lo de “Santuário da Promessa”, em alusão à demanda de Padre Cícero.

No interior da igreja, uma bela imagem do Senhor Morto repousa dentro de um mostruário de vidro, sobre um suporte de madeira com as seguintes palavras: “Deixo para os padres salesianos a imagem em vulto grande do Senhor Morto que me veio de Lisboa.’ Test. do Padre Cícero”. Todas as afirmações fazem crer que os herdeiros teriam realizado o desejo do sacerdote. Os fiéis, contudo, não concordam, e lembram que o *Padrinho* solicitara, na verdade, a construção do grande templo em outro espaço e com outra fisionomia. Seu testamento pedia que o Sagrado Coração de Jesus fosse cultuado no Horto, numa igreja construída conforme planta e maquete preexistentes.

Os salesianos ergueram na Colina do Horto, muitos anos depois, uma igreja que em nada se parece com a planta original importada de Roma pelo *Padrinho*. A construção original, de caráter quase medieval, transformou-se num edifício moderno que se distancia bastante da estética sertaneja. Odísio apresentou em suas memórias uma explicação peculiar sobre a decisão da Igreja de proibir a continuidade da primeira construção:

Trabalhava nas obras da igreja um mestre de pedreiro já entrado em anos, o qual um bello dia ficou convencido de ele ser o profeta Elias. Este coitado era sifilítico; sua bossa mística talvez tivesse uma origem microorganica. Há gente impulsionada pelas spirochetas, como há talentos sublimes e assassinos sadistas resultados mórbidos do traponema. O tal pedreiro, alias profeta Elias, logo teve adeptos ao seu novo credo espiritual, o qual devia, no dizer dele, acabar com a religião catholica que era uma porcaria podre e safada, e voltar a fé primitiva dos antigos patriarcas e profetas.³⁷³

O psiquiatra e político Xavier de Oliveira explicava a fé juazeirense através do conceito de misticopatía. Odísio, por sua vez, apegava-se à possibilidade de que

³⁷³ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 113.

crenças peculiares surgissem de maneira secundária, derivando de doenças fisiológicas. Após uma exposição fortemente cerebral, supostamente elevada e marcadamente moderna, que procurava racionalizar e elucidar por meio da ciência quaisquer práticas ou comportamentos considerados desviantes, Odísio descreveu o estranho fenômeno. Na versão do escritor italiano, o tal mestre de obras, portador de sífilis, provavelmente teria desenvolvido um misticismo proveniente de certo desequilíbrio físico e/ou microrgânico. A partir de sua doença, teria inventado uma seita que chegou a contar com dezenas de seguidores.

De acordo com Odísio, o grupo de adeptos se organizou elegendo diáconos, sacerdotes e mesmo santos. Segundo seu relato, os santos foram criados “não de gesso como em qualquer igreja católica, mas sim de carne e osso”³⁷⁴:

São José foi encarnado num velho servente, e Nossa Senhora numa mulata beijuda e nadeguda com mammas de vacca; os santos e apóstolos foram facilmente arrumados e a corte celestial estava ao completo para poder, aos domingos, todos trajados com trapos multicolores [...] pontificar solenemente. O menino Jesus, negro como um tição, no meio, deitado sobre palha com o boi sagrado ao lado, toda a corte celestial, fedorenta e catinguda, em roda, e o profeta Elias, vestido com um camisolão branco sobre um amontoado de pedra feito de nuvens.³⁷⁵

A descrição se desenvolve como se Odísio tivesse conhecido o próprio beato e sua corte. Há detalhes físicos sobre Nossa Senhora (“mulata beijuda e nadeguda”) que denotam forte teor de discriminação racial. É certo que Floro Bartolomeu espalhara, num tempo mais remoto, histórias semelhantes na cidade, com o objetivo de justificar a destruição de qualquer grupo heterodoxo. Não fica explícita, no entanto, a fonte de onde o escultor retirou qualitativos tão violentos. Ao descrever o menino Jesus “negro como um tição”, mais um elemento de racismo se impõe, demonstrando que o problema com tais homens e mulheres não era referente apenas à possível quebra do dogma católico, mas também à cor da pele dos praticantes desse suposto credo. O comentário é finalizado com a descrição da corte celestial como “fedorenta e catinguda”. Os predicados agressivos poderiam indicar que Odísio testemunhou tal agrupamento de pessoas, o que se revela não ser verdade. Desse modo, mais uma vez, descreve algo que viu — as ruínas da Igreja — a partir de uma narrativa que escutou e que optou por tomar como sua.

³⁷⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 114.

³⁷⁵ Op. cit., p. 115.

O escultor e memorialista afirmou ainda que tais seguidores subvertiam a moral, transformando o concubinato em ordem do dia. De acordo com Odísio, a diocese, ao tomar conhecimento do fato, resolveu interditar a obra da igreja com o objetivo de dissolver o grupo. Segundo sua narrativa, porém, as pessoas permaneceram no local e se apossaram do templo inconcluso. Assim, o bispo, Dom Quintino, teria solicitado o auxílio de Floro Bartolomeu para reestabelecer a ordem. A versão de Odísio defende que o líder político juazeirense subiu ao Horto acompanhado de homens armados. Durante a perseguição, “[...] o menino Jesus apanhou uma sova valente, Nossa Senhora e São José conseguiram fugir (talvez não ao Egípto)”³⁷⁶. Conforme Odísio, o beato Elias teria lutado até a morte. Alguns discípulos escaparam, outros foram presos.

É importante observar que Xavier de Oliveira estudou, em seu *Espiritismo e Loucura*, a figura do beato Elias, afirmando ser ele um misticopata. Sua tese era a de que a misticopatia não possuía relação alguma com a miscigenação. Desse modo, subvertia a perspectiva de Nina Rodrigues³⁷⁷ acerca da relação entre as diversas doenças mentais e a mistura de etnias. Além disso, lançava um novo olhar sobre Antônio Conselheiro e a influência do “caldeamento racial” sobre doenças psiquiátricas. Estudando um homem branco, italiano, portador da mesma (presumida) enfermidade, distanciava-se de explicações eugênicas e aproximava-se de discussões sociológicas. Sua contribuição nesse sentido foi importante, embora tenha disseminado os peculiares rumores sobre o beato Elias.

Na década de 1940, as ruínas da Capela do Sagrado Coração de Jesus que ainda permaneciam de pé no Horto foram destruídas. Quando a centenária Timbaúba de Padre Cícero (ou “Pé de Tambor”³⁷⁸) foi retirada para que a Colina recebesse uma antena

³⁷⁶ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 116.

³⁷⁷ Nina Rodrigues realizou a craniometria de Antônio Conselheiro em 1939, afirmando ser possível perceber na análise do crânio de Conselheiro sua condição de mestiço. Sua pesquisa chegou à seguinte conclusão: “Pelo próprio estágio evolutivo em que se encontravam, os jagunços eram, religiosamente falando-se, politeístas. Tais especificidades caracterizavam a crise social e religiosa que atravessavam. Em ambiente propício, surgiu a loucura de Antônio Conselheiro, decorrente de uma predisposição hereditária, pois descendia de uma família com recursos, porém belicosa. Sua loucura provocou a contaminação das massas, geradora de condições para a emergência das qualidades atávicas dos jagunços, ou seja, o espaço para a satisfação dos instintos guerreiros”. Cf. CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, n. 2, p. 35.

³⁷⁸ O Pé de Tambor era uma frondosa árvore localizada no Horto, nas proximidades do Cruzeiro e da antiga capelinha. A tradição oral conta que a árvore foi destruída para dar origem a uma torre de televisão. Diante da revolta da população, que considerava o pé-de-tambor sagrado por ser o local de repouso e meditação de Padre Cícero, teria surgido a ideia de construir o grande monumento que atualmente se encontra no alto da Colina do Horto. Cf. ARAGÃO, Raimundo Freitas. Um estudo geográfico sobre geopolítica da visibilidade, marcação espacial, conflitos e tensões do patrimônio religioso urbano

de televisão, na década de 1960, a capelinha do Beato Elias também foi aniquilada. A versão de Floro Bartolomeu sobre o grupo do beato Elias conta somente que

[...] na ladeira do Hôrto se deu um conflito entre um doido e alguns indivíduos conhecidos por ‘Penitentes’ e o inspetor policial do quarteirão. Havendo ferimentos, foram presos os implicados por crime de natureza leve. De acordo com o padre Cicero, procurei, por meios brandos, conseguir acabar com a pratica dos actos dos ‘Penitentes’ [...]. Eles me informaram que, às vezes, praticavam aquelle ritual pelo habito de suas terras, com o consentimento dos vigários e na intenção de sufragarem as almas do Purgatorio, o que realmente não me era estranho.³⁷⁹

O beato Elias Gilli possuía origem italiana. Segundo os rumores populares, atuou no Nordeste por muito tempo como pistoleiro. Antes de ser beato, era conhecido pela alcunha de “Mané Tiro Certo”. Costumava acompanhar, no entanto, as pregações de Frei Damião. Diz-se que se tornou beato após um momento crucial de sua vida, quando flagrou a traição de sua esposa com seu chefe em sua própria casa. Depois de atravessar dias vagando sem rumo, passou a aderir a um discurso místico. O homem que tomou sua esposa, contudo, alimentava grande temor de uma possível vingança. Assim, ordenou a morte de “Mané Tiro Certo” que, com efeito, morreu com um tiro nas costas. O caixão foi encomendado e o pistoleiro foi enterrado numa cova rasa. Segundo a tradição popular, ele teria ressuscitado poucos dias depois, tendo sido visto pulando o muro do cemitério vestido num estranho camisolão. A partir desse retorno à vida, tornou-se beato e começou a pregar. Não teve dificuldades em encontrar discípulos. Diz-se que ele era muito amado entre os devotos de Padre Cícero, e se tornou o responsável pelos cuidados da capela erguida junto ao casarão do *Padrinho* localizado no Horto. Xavier de Oliveira o descreveu como

[...] o typo mais perfeito de fanático que conheço. Nem lhe falta o acidente sexual [...], tendo abandonado a esposa, em Napoles, para, agora, velho já de 70 anos, prevaricar contra uma virgem em Juazeiro, o que deu motivo ao Pe. Cicero tirar-lhe a batina de beato e tomar-lhe as chaves da sua egrejinha do Horto, que lhe tinham sido confiadas havia tantos anos.³⁸⁰

estátua de Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil. *Élisée, Rev. Geo. UEG* – Anápolis, v. 4, n. 2, p. 34-58, jul./dez. 2015.

³⁷⁹ COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 98-99.

³⁸⁰ OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e cangaceiros**. História Real, observação pessoal e impressão psychologica de alguns dos mais celebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro: s.n., 1920. p. 49.

A versão da escritora juazeirense Amália Xavier — neta de Xavier de Oliveira — situa no início da década de 1920 os eventos narrados por Odísio. Ao elaborar uma hierarquia de beatos, estabelecendo a superioridade daqueles que se dedicavam a atividades agrícolas, ela critica os penitentes que não trabalhavam, sustentando-se apenas de esmolas e ficando entregues à “ociosidade”:

Lá pelos anos de 1920 e 1921, reuniu-se um grupo destes ociosos, bastante numeroso, instalando-se numa gruta no Caminho do Horto, perto de uma Cruz, colocada numa pedra sobre uma ligeira elevação de terreno que chamavam ‘Monte Sinai’. Logo deram a este grupo de falsos penitentes, o nome de ‘*Corte Celeste*’ porque eram conhecidos pelos nomes de Santos como: São José, São João, Santa Filomena, etc. etc. foi esta Corte Celeste que o Dr. Floro mandou dissolver pela polícia comandada pelo delegado especial, Manoel Temóteo. Os santos reagiram contra o delegado e a polícia atirando pedras e manejando o pau, causando alguns ferimentos leves. Foi necessário um aumento de soldados para prender os componentes da Corte, que tiveram raspadas as cabeças e as barbas; as vestes e as cruzes foram queimadas e os ‘Santos’ presos por algum tempo. Depois foram dispensados com a promessa de não mais se reunirem nas grotas, sob pena de sofrerem castigos mais rigorosos. Alguns voltaram as suas terras e outros entregaram-se aos trabalhos; corrigida a ociosidade, acabou o vício.³⁸¹

As narrativas de Xavier de Oliveira e de memorialistas locais carecem de verossimilhança e coerência. São muitos os rumores em torno da figura do beato Elias. Segundo Lourenço Filho, ele era um penitente que arregimentava grande quantidade de homens caracterizados por compridas barbas e longas túnicas. Seus seguidores viviam longe dos povoados e costumavam se reunir junto aos cemitérios e cruzes para rezar pela alma dos defuntos. As orações eram “[...] intercaladas com atos de ‘disciplina’, isto é, de castigos físicos produzidos por chicote e cilício”³⁸². Como é sabido, o hábito da penitência era visto com maus olhos na região do Cariri³⁸³. Talvez esse tenha sido o motivo maior da perseguição ao beato.

A versão contada por Odísio remete ainda à história do Boi Mansinho, geralmente associada ao sítio Baixa Danta, administrado pelo beato José Lourenço. O escultor afirma que o boi, morto no matadouro público da cidade, era considerado sagrado pela população local, que guardou suas relíquias e se recusou a comer outros animais mortos no mesmo lugar. Assim, a compra de carne caiu drasticamente e foi necessário

³⁸¹ OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci** - Verdadeira história de Juazeiro. Fortaleza: Premius, 2001 [1969]. p. 268.

³⁸² LOURENÇO FILHO, M. B. **Juazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Melhoramentos, [1926]. p. 172.

³⁸³ Para maiores informações, cf. BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: Memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

construir um novo matadouro no prédio de propriedade da Beata Mocinha. Odísio termina sua narração afirmando:

Sabedor de toda esta istoria, contemplando os paredões mofados da igreja que não pôde ser, fiquei sismando: Não é só em Roma que as pedras das antigas Ruínas falam a istória; também em Joazeiro, na igreja do Horto, as paredes abandonadas e as casinhas humildes contam a sua tragédia.³⁸⁴

Odísio faz uso da cultura material — e de uma modalidade de patrimônio ainda pouco discutida nos dias atuais, as ruínas — como fonte para elaborar uma narrativa a respeito de Juazeiro. É relevante destacar que o escultor chega a comparar Juazeiro a Roma: ambas são cidades santas, cujos antigos destroços, grandiosos ou humildes, contam uma história.

De acordo com a versão oficial dessa mesma história, o bispo Dom Joaquim José Vieira teria informado ao Padre Antônio Alexandrino de Alencar, em 1896, que o Padre Cícero continuava a estimular a crença nos milagres de Maria de Araújo, recebendo inclusive dinheiro de fiéis ingênuos. A punição para essa teimosia seria o impedimento de celebrar missas no bispado e a proibição de continuidade da construção:

Outrossim: constando-nos que o mesmo Sacerdote está construindo uma Igreja ou Capella nas imediações de Joazeiro, sem previa autorização nossa *in scriptis* e sem as condições exigidas pelo Direito Canonico, haja V. Rma., de declarar-lhe que nós não consentimos na continuação dessa obra irregularmente iniciada, como não consentimos que o mesmo Rdo. faça reunião na Capella do Joazeiro sob qualquer pretexto que seja; pois que seus actos e palavras revestem-se sempre do espírito de revolta contra os ensinamentos da Santa Egreja [...].³⁸⁵

Dessa forma, a proibição surgia como mais um elemento entre as punições ao Padre Cícero, não mencionando nenhuma das informações concedidas por Odísio acerca dos estranhos cultos supostamente conduzidos pelo beato Elias. Foi justamente esse conjunto de punições que levou Padre Cícero a apresentar sua versão dos fatos em Roma.

Em 8 de julho de 1903, Padre Cícero pediu que o Padre Quintino intercedesse pela causa da construção da Igreja, alegando já ter sido dispendida uma grande soma de dinheiro. Para evitar o desperdício, o *Padrinho* chegou a introduzir a possibilidade de que o edifício fosse destinado a outro fim, como uma casa para doentes. Em resposta, o bispo

³⁸⁴ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 117.

³⁸⁵ CASIMIRO, Antonio Renato Soares de (Org). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro – A Questão Religiosa**. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012. p. 713.

afirmou que não poderia permitir, porque a continuidade da construção “[...] daria azo à continuação das tropelias e torpezas dos taes irmãos da Cruz, cujas façanhas e escândalos não lhe são desconhecidos”.³⁸⁶

A passagem acima destacada substitui as Cortes Celestiais mencionadas por Odísio e identifica os crentes do Horto como Irmãos da Cruz. Somente uma carta do Padre Quintino a Dom Joaquim esclarece quais seriam as tais “tropelias e torpezas” praticadas por esse grupo, afirmando que o oratório da serra havia se transformado num Santuário dedicado ao “Bom Jesus do Horto” e que

[...] o italiano Elias, que conservando ali num casebre, à guisa de oratório, um quadro do Coração de Jesus e outros, explora largamente, à vista do Padre Cícero, a credência de muita gente, que não obstante as instruções do Parocho da freguesia, lá se vão cumprir votos [...]. Consta que será transportada para ali a imagem do Sagrado Coração, vinda de Roma, e que a despeito da proibição de V. Exc.^a é exposta à veneração de quem quer; ou uma outra do Senhor Morto, mandada vir da Europa, e benzida não sei por quem.³⁸⁷

De acordo com numerosos periódicos da época, o beato Elias e os membros dos Irmãos da Cruz eram basicamente penitentes que acreditavam na salvação pela prática da autoflagelação. O hábito era malvisto pela Igreja, que, como se sabe, passava à época por um processo de disciplinarização do clero e dos fiéis³⁸⁸. Assim sendo, a versão oficial dos fatos ocorridos no Horto ficava num meio-termo entre a versão de Odísio e a variante que compreende a paralisação da construção como mais um elemento na suspensão das ordens do Padre Cícero. Embora os beatos não fossem necessariamente protagonistas dos desregramentos descritos pelo escultor, foram responsáveis por práticas de cunho popular já bastante criticadas pelo clero. Além disso, o beato Elias se transformou num concorrente do pároco (única autoridade eclesiástica efetivamente reconhecida pela Igreja Católica), na medida em que muitos devotos procuravam sua igrejinha para os votos.

As ruínas da igreja do Horto e a persistência de cultos ali realizados mesmo após a morte de Padre Cícero levam a crer, mais uma vez, que os sonhos do *Padrinho* continuavam vivos através de seus fiéis. A Igreja estava em escombros, mas a fé dos

³⁸⁶ CASIMIRO, Antonio Renato Soares de. (org). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro** – A Questão Religiosa. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012. p. 780.

³⁸⁷ Op. cit., p. 789.

³⁸⁸ Para maiores informações acerca da resistência da Igreja diante da prática da autoflagelação, cf. BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias: Memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

devotos continuava de pé. Mesmo após as últimas paredes do templo terem sido derrubadas, a pressão popular permaneceu sobre os salesianos, que se comprometeram com a construção de um novo santuário no local.

A passagem de um deputado contrário ao fanatismo e a visita a um templo inconcluso continuavam a lembrar Padre Cícero, o “imorrível”. Por causa dele — ou de sua lembrança — os devotos arriscavam suas vidas, trazendo à tona mais uma vez o temor que as autoridades possuíam de que Juazeiro se tornasse uma nova Canudos. Em vida, o padre controlava seus “fanáticos”. Após sua morte, a fé seria incontrolável.

Agostinho Odísio redigiu suas páginas com o objetivo de representar, para os leitores, a experiência que viveu na cidade de Juazeiro. Mas o caderno não era apenas um registro de sua trajetória: também contava com informações e relatos advindos de outras fontes, configurando-se, simultaneamente, como um diário reflexivo e um apanhado de narrativas sobre as peculiaridades da exótica cidade de Juazeiro.

5.3 Entre a vida e a morte: Padre Cícero encadernado

Falar sobre Juazeiro não é o mesmo que falar sobre Padre Cícero. É fácil entender o porquê. Se durante muito tempo o que havia era uma tentativa de desqualificar aquele pobre refúgio de sertanejos, de situá-lo como abrigo de doentes, fanáticos e cangaceiros, a situação se transformou com a morte do líder religioso. Já não interessava tanto saber se a terra santa seria uma cidade moderna ou um amontoado de casas de palha. O assunto mais premente envolvia aquele que acabara de se despedir da vida.

Após a morte de Padre Cícero, poucas foram as obras literárias que se dedicaram a examinar os aspectos urbanos de Juazeiro. Já havia passado o tempo em que a terra santa era comparada a um arraial. Continuaram surgindo, no entanto, numerosas biografias do *Padrinho* que tentavam explicar sua influência sobre o cotidiano do Nordeste. Essas explicações defendiam, geralmente, que o sacerdote teria enfrentado um período de decadência política e mesmo religiosa nos anos que precederam sua morte. Otacílio Anselmo, por exemplo, chegou a traçar um “antes” e um “depois”, afirmando que Padre Cícero foi santo durante um período mais ou menos longo, tornando-se político daí em diante e perdendo progressivamente, desde então, os aspectos de santidade, até a morte de Floro Bartolomeu, quando trocou a liderança política pela liderança religiosa novamente. Para Anselmo, o sacerdote teve alguma relevância na cena pública até

meados de 1920, quando teria caído no ostracismo. Em 1934, ano de sua morte, estaria “reduzido à simples condição de condutor de fanáticos”³⁸⁹.

As notícias publicadas nos jornais do Nordeste, contudo, contradiziam essa tese. Na década de 1950, eram inúmeras as reportagens acerca das constantes romarias que deixavam o interior do Nordeste e percorriam longos caminhos até Juazeiro. Em 1951, o jornalista Edmar Morel, estimulado pela ideia de observar o fenômeno, tomou uma decisão:

De Fortaleza, aproveitando o dia de Finados, fui até Juazeiro, onde deparei uma multidão de romeiros em peregrinação ao túmulo do padre Cícero. Eu diria melhor, em visita ao padre Cícero, porque, apesar de falecido em 1936 (sic), a maioria deles o tem ainda como vivo. Sua casa continua arrumada para recebe-los e frequentada, como se ele ainda lá residisse.

A uma senhora que cuida de uma ave deixada pelo padre, perguntei se havia sido mesmo dele.

– Havia sido, não; é – respondeu-me secamente.

De outra, que viera de muito longe, ouvi contar que quase sempre o meu padrinho padre Cícero vai visita-la em sua palhoça longingua. E assisti logo cedo a uma procissão de fieis carregando à cabeça pedras para um novo templo.³⁹⁰

O Dia de Finados rapidamente se consolidou como um momento importante de romaria a Juazeiro, em que devotos frequentam, com muita ternura, o túmulo do morto mais querido do Nordeste. No entanto, havia algo estranho: não parecia uma rotineira ação de honra ao morto, mas uma visitação a alguém que ainda vivia. As palavras dos devotos confirmavam essa aparência, asseverando que o *Padrinho* continuava vivo e ativo, inclusive frequentando os seus.

Os jornalistas brasileiros lamentaram a perda de um assunto quando Padre Cícero morreu e, ao mesmo tempo, pareceram satisfeitos com a sua sobrevivência nos corações sertanejos. Alguns empreenderam viagens a Juazeiro com o objetivo de descrever as romarias. Trinta anos após o desaparecimento do *Padrinho*, era possível constatar a consolidação de tais peregrinações. No jornal *O Diário de Pernambuco*, Henrique de Figueiredo descreveu o que viu em sua visita à cidade:

Em Joazeiro ainda continua a pulular, como em vida o Padre Cícero, agora, ao redor do seu sepulcro, uma palpitante multidão, nômade e erradia de fanáticos;

³⁸⁹ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 574.

³⁹⁰ ESCOLHIDO o secretariado alagoano. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 1-3, 14 jan. 1951.

de cangaceiros; de libertos de cadeia, após o cumprimento da sentença, de mulheres perdidas; de espoliados; de mulheres adúlteras; dos fracassados do amor; de doentes, de chegados, de obsessados, de possessos, de paranoicos, de parias sociais, de rebotalhos humanos, que ali se vai acantonar, dois ou três dias, mansa e pacificamente. Afirmam que o Padre Cícero não morreu. Foi fazer uma viagem para pedir a Deus proteção para os romeiros.

A sua volta se fará, não como a de Jesus para julgar os vivos e os mortos, mas para que a vida continue com a felicidade que ele foi buscar no Céu para distribuir com os seus devotos...³⁹¹

Para a cultura letrada, era surpreendente notar que Juazeiro continuava. Mas logo adiante, o jornalista destacou que “[...] muita gente boa e honesta, matronas respeitáveis, senhoras de alta linhagem, cavalheiros de fino trato, senhores de engenho, latifundiários, fazendeiros, comerciantes”³⁹² também acreditava ter sido agraciada pelos milagres do *Padrinho*, e acendia velas sobre seu túmulo.

Nesse período, na verdade, as romarias se intensificaram, o que pode ser observado nos jornais de circulação nacional, que frequentemente comunicavam acidentes automobilísticos com os caminhões que levavam romeiros até Juazeiro. Em 1969, ano de inauguração do monumento erigido no Horto, houve relatos até mesmo de um acidente aeronáutico envolvendo romeiros:

Uma avaria no sistema hidráulico do trem de pouso do Avro que procedia de Juazeiro do Norte, transportando romeiros que tinham participado dos festejos ao padre Cícero, quase provoca sério acidente em Fortaleza, ontem. A falha foi constatada após a decolagem em Juazeiro e o piloto do avião preferiu seguir viagem para Fortaleza, onde a pista do aeroporto oferecia melhores condições para um pouso forçado. Na aterrissagem, a Avro percorreu mais de 2 mil metros de pista, sem maiores consequências. Segundo frei Ambrosio Maria, de Fortaleza, o perigo foi afastado porque, quando pressentiu o desastre, começou a rezar em intenção do padre Cícero. Outras pessoas acompanharam a devoção do religioso.³⁹³

Na década de 1960, tomou força a tese que pretendia explicar o fenômeno de Padre Cícero e de Juazeiro sob o ponto de vista econômico. O grande precursor dessa tradição foi Rui Facó. Sua obra *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas* divulgou amplamente a ideia de que o *Padrinho* teria sido, de fato, um coronel. O autor afirmava que Padre Cícero, bem como os outros proprietários de terra da região, “[...] tinham

³⁹¹ FIGUEIREDO, Henrique de. Padre Cícero. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 9, 8 out. 1954.

³⁹² Id., *ibid.*

³⁹³ ROMARIA TEM final trágico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 5 nov. 1969.

interesse na concentração de ‘fanáticos’ em Juazeiro, precisamente como reserva de mão-de-obra barata”³⁹⁴.

Nascido aí, vivendo aí, desfrutando aí de enorme popularidade, dispondo de tudo quanto fazia de alguém um *coronel*, por que não seria ele um *coronel*? Apenas por que vestia batina, ordenara-se padre, fazia ‘milagres’? Na verdade, nada diferenciava o Padre Cícero Romão Batista de qualquer dos latifundiários da zona. Utilizava, e em enorme escala, os mesmos métodos familiares àqueles, como dar abrigo a capangas e cangaceiros e aproveitá-los ou permitir que outrem os aproveitassem para a consecução de objetivos políticos que também eram os seus.³⁹⁵

Padre Cícero era, segundo o marxismo de Rui Facó, uma liderança identificada com as classes dominantes, não com os despossuídos. As características de um regime concentrador de propriedade da terra, a distância em relação às grandes cidades, a influência do clero missionário e retrógrado, aliados ao suposto atraso cultural, teriam efetuado uma equação que deu origem ao tal fanatismo de Juazeiro. Para Facó, a religião seria a única ideologia possível para aquela população miserável e inculta. Por esse motivo, o autor defendia que a principal experiência positiva relacionada ao fenômeno do Padre Cícero seria a existência do Caldeirão. O chamado “misticismo” de seus fiéis, contudo, foi visto como uma força revolucionária, que resistia ao poder econômico e político dos potentados locais. Dessa forma, o *fanatismo* poderia ser, conforme Facó, uma força impulsionadora da emancipação”³⁹⁶.

Rui Facó é o ícone de uma geração que pretendeu explicar o fenômeno de Juazeiro por uma vertente marxista, muitas vezes compreendendo o Padre Cícero como alguém que tirou proveito dos miseráveis devotos nordestinos. Por muito tempo, a ideia de que o sacerdote era um “coronel de batina” prevaleceu, havendo adeptos ainda nos dias atuais. Embora o autor admitisse que Padre Cícero provavelmente não possuía ambição pessoal, defendeu que os presentes e bens adquiridos em doação constituíram uma riqueza muito maior que qualquer ganho com o sacerdócio e os sacramentos.

³⁹⁴ FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: Gênese e lutas**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/faco/1963/03/cangaceiros.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

³⁹⁵ Id., *ibid.*

³⁹⁶ Segundo Albuquerque Júnior, essa região teria virado tema preferencial das esquerdas brasileiras a partir da década de 1950. O fim do cangaço e o surgimento das ligas camponesas contribuíram para o fenômeno, levando intelectuais marxistas a elaborar uma reflexão sobre a ética insubmissa e mesmo guerreira dos sertanejos. Para o autor de *A invenção do Nordeste*, “[...] a certeza dos beatos de que o mundo estava no fim se aproximava [...] da certeza das esquerdas de que o capitalismo estava no fim”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. p. 204.

Segundo o estudioso, o *Padrinho* acumulou, com isso, grande quantidade de terras e de reses, tornando-se mais rico que numerosas famílias tradicionais da região. Essa discussão retirava a centralidade do debate religioso, que foi reduzido a um debate econômico. Os cangaceiros, nesse contexto, foram concebidos como membros de uma classe desafortunada que se rebelava contra seus exploradores, mas simultaneamente era cerceada em seus desejos de revolta pelo Padre Cícero, que agia como um conciliador entre as classes.

A imortalidade do *Padrinho* se confirmava nas elaborações teóricas acerca de sua influência sobre o povo nordestino, e estas não se encerraram com sua morte. Biógrafos e estudiosos do patriarca continuavam surgindo, assim como jornalistas que se dedicavam a analisar a permanência do culto em Juazeiro. Ao contrário do que se imaginara, as perseguições e tentativas de apagamento de sua memória jamais surtiram o efeito desejado.

Em 1944, dez anos após a morte de Padre Cícero, o jornalista Edmar Morel visitou Juazeiro e, em uma de suas reportagens, considerou que o patriarca não parecia estar morto. Entre outras coisas, observou que seu túmulo era pouco visitado. Sob seu ponto de vista, os principais locais de culto e lembrança eram a cama em que ele passou seus últimos dias e a estátua esculpida por Odísio e colocada em frente à Igreja do Perpétuo Socorro:

Em Joazeiro tudo ainda é misticismo. O tumulo do padre quase não é visitado pelos romeiros. A cama onde o sacerdote morreu continua enfeitada com corôas. Num altar armado diante da igreja de Nossa Senhora do Perpetuo Socorro, mãos piedosas colocaram uma estatua do padre do tamanho natural. E neste local homens e mulheres vindos de todos os recantos do nordeste, afluem em massa, venerando a figura do sacerdote, entre choro e lamentações que entram pela madrugada.

– Meu ‘padim’, tenha piedade de mim!

Aproximei-me de uma velha suja e faminta e perguntei se ela acreditava que o padre Cicero tinha morrido.

– Moço, você já viu um santo morrer.. Ele está junto de Nossa Senhora. O meu ‘padim’ vai voltar no ‘Dia do Juízo’...³⁹⁷

Padre Cícero não morreu. Fez uma viagem para interceder pelos seus romeiros junto a Nossa Senhora e retornará quando chegar o Fim dos Tempos. Cabe pensar sobre o fato de seu túmulo, supostamente, não ser o local mais visitado pelos

³⁹⁷ MOREL, Edmar. Devassando o arquivo do Padre Cícero – O mais poderoso senhor do Nordeste retardou uma operação melindrosa por falta de dinheiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 10, 10 set. 1944.

devotos. Conforme lembra Aleida Assmann, a sepultura é sempre um espaço de veneração nos casos em que o morto angaria alguma fama³⁹⁸. Por qual razão, então, muitos romeiros pareciam preferir visitar a estátua que reproduzia sua imagem, ou a cama em que o *Padrinho* costumava repousar? Esses parecem ter sido objetos que se acoplaram à memória coletiva, produzindo uma espécie de memória social.

O túmulo seria a morte? Conforme Edmar Morel, “[...] para os fanáticos, a pedra de mármore não quer dizer nada. Para eles, o ‘padim Ciço’ não morreu”³⁹⁹. O autor considerava, no entanto, que a situação em breve se modificaria, pois, “[...] para a geração que surge em Juazeiro, o mármore indica que o sacerdote não era santo. Era um homem de carne e osso, igualzinho aos outros homens”⁴⁰⁰. Morel considerava que a pedra sobre o corpo do *Padrinho* o sepultaria definitivamente. Era só uma questão de tempo. Enquanto essa transformação não ocorria, os devotos e romeiros tentariam negar a morte do sacerdote.

Apesar de tais expectativas, o culto ao Padre Cícero prosseguiu nos anos seguintes. A relevância de sua figura para a história de Juazeiro conduziu, inclusive, a um processo que pretendia modificar o nome da cidade, transformando-a em “Cicerópolis” ou “Juazeiro do Padre Cícero”. Existiam, no entanto, forças opostas a essa medida. Um artigo do *Diário de Pernambuco*, por exemplo, afirmava:

É uma infantilidade dar a Juazeiro o nome de Ciceropolis [...]. Aliás, pesados os prós e os contras, não há razão para que Juazeiro fique tão arraigado à tradição do padre Cicero, que estava longe de ser um padre Ibiapina. No primeiro, prevalecia o fanatismo, puro e simples; no outro havia a preocupação do social, do humano. Todos os depoimentos publicados sobre o padre Cicero lhe são desfavoráveis. Os próprios bispos sempre o tiveram à distância.⁴⁰¹

O artigo do *Diário de Pernambuco* tentava minimizar a importância da liderança de Padre Cícero para Juazeiro. Essa tentativa de provocar uma dissociação entre a cidade de Juazeiro e o protagonismo do Padre Cícero foram constantes após a sua morte.

Em 1944, outra matéria do mesmo jornal afirmava ser “[...] lamentável [...] que mesmo no Ceará ainda haja quem pense que o Juazeiro é uma cidade só habitada por

³⁹⁸ “Enquanto a morte é uma grande democrata, reservando a todos o mesmo destino, a fama [...] é uma grande selecionadora e filtradora, eternizando os nomes de alguns e deixando decair os de outros.” ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 64.

³⁹⁹ MOREL, Edmar. Devassando o arquivo do Padre Cicero – O mais poderoso senhor do Nordeste retardou uma operação melindrosa por falta de dinheiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 10, 10 set. 1944.

⁴⁰⁰ Id., *ibid.*

⁴⁰¹ NOMES DE cidades. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 3, 24 set. 1943.

fanáticos que crêm [...] na divindade do padre Cícero”⁴⁰². O texto dizia que Juazeiro não podia ser representada pelo atraso, pois se destacava como uma cidade progressista, moderna e repleta de trabalhadores operosos. Aliás, a prova cabal da evolução econômica e social da cidade era demonstrada através da observação de que “[...] na época atual, a classe dos fanáticos está quase extinta e dentro em breve terá desaparecido”⁴⁰³.

Apesar de tais afirmações, como se sabe, o culto ao *Padrinho* estava longe de fenecer. Em 1943, um ano antes da afirmação de que o “fanatismo” seria uma manifestação em processo de extinção, jornais cariocas e pernambucanos anunciavam que corria uma denúncia no Tribunal de Segurança Nacional envolvendo “[...] o sr. João Batista da Silva, o qual, diante da estatua do padre Cícero do Juazeiro, atacou a Igreja, os padres e principalmente os salesianos, classificando-os de falsos herdeiros do Padre Cícero”⁴⁰⁴. No mesmo período, os tabloides publicavam, na seção de classificados, numerosos agradecimentos ao *Padrinho* pelas graças alcançadas. Além disso, noticiavam as constantes romarias a Juazeiro. Os fiéis sertanejos continuavam a usar caminhões, carros, animais e, principalmente, os próprios pés, para pedir a bênção ao *Padrinho*.

As elites do país, preocupadas em encontrar as causas da perseverança do “fanatismo” em Juazeiro, escreviam e publicavam artigos sobre o tema, especialmente nas gazetas das capitais. Os repórteres lembravam que o sacerdote havia sido um homem bom, caridoso, manso, pouco vaidoso e mesmo desinteressado por dinheiro, carregando somente a culpa de abraçar a carreira política por uma fraqueza psicológica que embaçava sua racionalidade e o levava a seguir os conselhos das lideranças que pretendiam tirar proveito de seu carisma. Para tais autores, o humilde sacerdote tomou decisões imprudentes graças a esses arroubos de megalomania:

O seu caso pessoal era, no entanto, de clínica psiquiátrica, perfeitamente sentido e descrito, classificado com todas as suas minúcias. Os fatos aí estavam confirmando. Quando se deu uma grande batalha ou perseguição contra os judeus, na Rússia, telegrafou ao Czar e mandou suspender toda e qualquer ação anti-judaica. E, contava, risonho, o Czar providenciou imediatamente. Durante a guerra dos Balcãs – narrava – telegrafou ao Imperador Francisco José e mandou por fim à luta, sendo logo atendido. Esses seus pedidos poderiam partir de quem se julgasse humilde; mas, tal não aconteceu. O tom era de igual para igual ou até mesmo de superior, tanto assim que não deixava de fazer ver que fora obedecido imediatamente, como se o seu pedido houvesse descido dos céus.. Seria uma ordem do Senhor...⁴⁰⁵

⁴⁰² O PADRE CÍCERO E A evolução de Joazeiro. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 3, 16 mai. 1944.

⁴⁰³ Id., *ibid.*

⁴⁰⁴ DENUNCIADOS AO T.S.N – Atacou a Igreja e os Padres. **Diário de Pernambuco**, p. 1, Recife, 2 jul. 1943.

⁴⁰⁵ PRAZERES, Otto. O mistério do Padre Cícero. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 21 fev. 1945.

O sacerdote, mesmo após morrer, continuava sendo analisado e diagnosticado com doenças psicológicas ou psiquiátricas. A ciência desejava compreender e explicar o envolvimento de um carismático e modesto líder religioso com o profano e arriscado mundo político. A explicação científica pretendia dar conta dessa peculiaridade, afirmando que o *Padrinho* não conseguia resistir ao próprio narcisismo. Ao mirar o espelho, o Patriarca via um enviado de Deus, e passava a se comportar como tal. Não era mais um simples padre, um prefeito ou deputado: era um arauto da vontade do Senhor, e tinha estatura suficiente para agir, de igual para igual, entre líderes de diversas nações. Com o passar dos anos, contudo, começou a ser menos frequente o questionamento sobre sua postura política, ganhando relevo a discussão sobre a intensificação do culto religioso devotado a ele.

Entre 1934 e 1944, havia jornalistas que apostavam em atribuir as excentricidades do sacerdote às suas supostas doenças psiquiátricas, mas também existiam aqueles que defendiam ter sido ele mais uma vítima da ignorância. Frequentemente, o seu conhecimento de teologia e filosofia, adquirido no Seminário da Prainha, era questionado. Para o *Diário Pernambucano*,

[...] poder-se-ia interrogar: seria o Padre Cícero Romão Batista um animador, um fomentador desse fanatismo irrompido em Juazeiro? Ou seria ele, por razões atávicas ainda não suficientemente investigadas, também um fanático? Não o favorecia, na defesa dessa hipótese, uma formação cultural e científica capaz de defende-lo dos perigos de uma crença deturpada. Apesar de inteligente não possuía o patriarca de Juazeiro sólida formação teológica ou científica, mesmo porque o Seminário do seu tempo ressentia-se das possibilidades de fornecer tais elementos aos seus educandos.⁴⁰⁶

Por outro lado, muitos argumentaram a favor da cultura e da ciência de Padre Cícero, inclusive com o objetivo de afirmar que ele conheceria os compostos capazes de elaborar uma reação química que simulasse a transformação da hóstia em sangue⁴⁰⁷. Também existiam aqueles, por outro lado, que o enxergavam como um sacerdote inteligente, porém com rala educação, muito mais seduzido pelo misticismo popular que

⁴⁰⁶ A HISTÓRIA DAS SECAS. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 1-4, 11 jul. 1934.

⁴⁰⁷ O Padre Antonio Gomes de Araújo tem uma versão diferente: afirma que Padre Cícero foi enganado por José Marrocos, responsável pelo preparo químico que produzia o efeito de transformação da hóstia em sangue, e pela beata Maria de Araújo, que agia como sua cúmplice. ARAÚJO, Padre Antonio Gomes de. *Apostolado do embuste*. Crato: Edições Itaytera, 1956. p. 5.

pela pureza teologal da doutrina católica. Tanto uns quanto outros, no entanto, afirmavam que ele poderia ter feito mais pela instrução dos juazeirenses.

Um repórter norte-americano afirmava que a permanência de tais devotos na “cidade santa” se relacionaria à ideia de que Padre Cícero retornaria um dia para Juazeiro. Segundo Bruce Handler, “[...] many peasants in this region are convinced that Padre Cicero, who died in 1934 at the age of 90, will return to Earth to settle accounts with his enemies and nonbelievers – a sort of Brazilian-style Judgment Day”⁴⁰⁸. Se Padre Cícero poderia voltar a qualquer momento, os milhares de romeiros queriam estar por perto para presenciar o maravilhoso momento. Suas relíquias, os objetos em que tocou e os lugares em que viveu eram considerados sagrados. Causou polêmica, por exemplo, o rumor de que a cama do *Padrinho* seria retirada do local em que ele manifestou seu último suspiro:

Em dias desta semana, como se fosse um raio correu célere a notícia desagradável de que se tencionava retirar da Casa antiga de morada do Ver. Pe. Cicero, a sua cama pequena, aonde expirou os últimos instantes. Varias pessoas da terra, sem procurar entender-se cuidadosamente sobre a notícia, sentiu-se revoltada (sic) pela possibilidade deste acontecimento, causando na cidade um farto comentário de protesto justo. [...]. Ao que apuramos, os dirigentes da Ordem Salesiana tencionam fazer um museu histórico, com armário e secções dividamente cuidadas afim de que o povo não só veja a cama em questão, como também muitas outras preciosidades pertencentes ao Pe. Cicero, como livros, cartas históricas, documentos, batinas, rosários, etc., dando uma expressão de maior carinho pelas lembranças deixadas por ele.⁴⁰⁹

Os salesianos, ao se instalarem em Juazeiro, tentaram organizar o acervo deixado pelo *Padrinho*. Todavia, como se sabe, todo elemento relacionado à sua existência era venerado pelos romeiros. A cama, especialmente, é alvo de cultos, promessas e práticas diversas até os dias atuais. Portanto, nada mais compreensível que a vigilância assegurada pelos devotos em torno de tais objetos.

Efetivamente, havia quem acreditasse no retorno do *Padrinho*, assim como havia quem estimulasse essa crença. Mas a categoria dos romeiros e devotos não era formada somente por aqueles que permaneceram esperando reencontrar Padre Cícero na cidade. Ela era representada, principalmente, por aqueles que visitavam Juazeiro

⁴⁰⁸ “Muitos camponeses nesta região estão convencidos de que Padre Cícero, que morreu em 1934, aos 90 anos, voltará à Terra para acertar as contas com seus inimigos e incrédulos – uma espécie de Dia do Julgamento à brasileira”. HANDLER, Bruce. *Dead Priest Continues To Stir Up Memories. Observer-Reporter*. Washington, 18 de agosto de 1973, p. 3. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=6w2ZCmoKEM0C&dat=19730818&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 28 set. 2016.

⁴⁰⁹ A CAMA do Pe. Cicero Ficar. *Correio do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, p. 1, 11 set. 1949.

regularmente, em busca dos conselhos e das graças do sacerdote. Eram pessoas que não moravam em Juazeiro, mas se deslocavam anualmente, ou em alguns períodos específicos, à procura de remédios para o corpo e a alma. Após a morte do sacerdote, a despeito de todas as previsões, tais visitas continuaram.

Em 1951, José Almeida publicou um texto sobre as diversas romarias brasileiras no *Diário de Pernambuco*. O jornalista criticou as peregrinações feitas a Juazeiro e a outras cidades do Nordeste, ressaltando que não se tratava de turismo, mas de fanatismo:

Mas, as romarias continuam. Diariamente caminhões deixam essas plagas e se destinam a Juazeiro do Padre Cícero [...]. São os romeiros que deixam os seus afazeres, os seus lares e demandas àqueles centros. E o resultado dessas romarias? Endemias de que, vez por outra, são portadores; gastos dos seus parcos recursos. Se pelo menos fosse uma viagem de turismo, ainda vá lá, mas é o fanatismo que fala bem alto. E desse fanatismo, os sabidos do Joazeiro [...] tiram proveitos. Depenam sem dó nem piedade os pobres matutos, os incautos matutos que de lá voltam trazendo apenas fadiga, doenças e quando muito felizes, não acontecem desastres semelhantes aos que nós referimos linhas acima.⁴¹⁰

O texto criticava as peregrinações por desestabilizarem financeiramente os romeiros, além de afirmar que as grandes aglomerações urbanas produziam endemias. Considerava os pobres viajantes como homens e mulheres ignorantes que eram vítimas de aproveitadores e da própria fé extremada. Por fim, lembrava o perigo dos acidentes automobilísticos – que, nesse período, já eram muitos – durante essas empreitadas.

A reportagem assinada pelo major Optato Gueiros⁴¹¹ em 1951 demonstra a vulnerabilidade dos devotos aos apelos dos comerciantes:

Em todas as casas desses romeiros encontra-se o retrato do Padrinho Cicero em todos os formatos. O povo de Juazeiro sabe muito bem tirar partido da ingenuidade dessa gente e por isso, vendem aos milhares retratos do venerado sacerdote, onde ele aparece nas nuvens dos céus de Juazeiro ou nas do vaticano, e assim por diante. É o Juazeiro a ‘cidade santa’ das peregrinações dos nordestinos. Ao descortinarem aquela cidade do Ceará, quando descambam na parte inclinada da Serra do Araripe, rezam, e têm umas palavras de saudação àquele ‘Vaticano-mirim’. O negócio que se faz ali, de foguetes, rosários, cruzes, imagens de todos os santos, predominando a do Padrinho, que é esculpido em diversas posições e tamanho, é de pasmar. Ouvi muitos desses fanáticos afirmar ser o padre Cicero o próprio Deus em forma humana, outros: o Espírito Santo. Há porém os que o têm como um profeta. Existe geralmente a crença de que o ‘reverendo vai ressuscitar por esses dias’, em pleno Juazeiro.

⁴¹⁰ ALMEIDA, José. Notas Matutas. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 9, 1 dez. 1951.

⁴¹¹ Militar pernambucano conhecido como “caçador de cangaceiros” por ter comandado as forças que mataram Lampião em 1938.

É costume, entre os mesmos crentes, ‘ajudar-se’ a morrer fazendo-se as seguintes advertências aos moribundos: ‘Lembra-te do nome de Jesus. Maria, José e meu Padrinho Cícero!’. [...] Alguns padres têm procurado arrancar ao povo de suas paróquias a fé excessiva que depositam no Padrinho Cícero, mas, quando percebem a impopularidade em que vão caindo, resolvem abandonar a ideia.⁴¹²

Embora o clero continuasse, ano após ano, tentando arrefecer a fé em Padre Cícero, o objetivo estava longe de ser atingido. Regularmente, as romarias continuavam ocorrendo, assim como os ganhos econômicos que as envolviam. O *Padrinho*, conforme é possível perceber ao longo das muitas matérias jornalísticas produzidas a respeito do tema, *ainda* vivia. Koselleck lembra que os historiadores devem estar atentos aos termos e advérbios que indicam mudanças ou permanências temporais, pois eles falam muito acerca dos conceitos de progresso, aceleração, constância e atraso⁴¹³.

Em Juazeiro, muitos esperavam que a morte de Padre Cícero trouxesse consigo, imediatamente, a aceleração do tempo, a integração à modernidade, o progresso vindo a galope. A constatação de que, após 20 de julho de 1934, muitos ainda insistiam em visitar Juazeiro e em crer na santidade do *Padrinho* representava uma decepção, um desgosto e até um tormento para aqueles que sonhavam com uma cidade laica, racional e integrada às teias dos demais municípios desenvolvidos do Brasil. Para os romeiros, aliás, aquele “ainda” significava um “sempre”. Padre Cícero morreu, mas permanecia vivo nos corações dos seus devotos.

⁴¹² GUEIROS, Optato. Memórias de um ex-oficial de Volante – XIV. Padre Cícero Romão Batista, Patriarca. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 11, 30 set. 1951.

⁴¹³ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 122.

6 JUAZEIRO DEPOIS DO PADRE CÍCERO

6.1 Amigos e inimigos da memória de Padre Cícero

Em 1936, Lauro Reis Vidal publicou o seu *Padre Cícero – O Joazeiro visto de perto*. No livro, reproduziu uma das primeiras notícias acerca da morte do *Padrinho*. É uma carta pessoal, enviada em 21 de julho de 1934 pelo radialista Lourival Marques de Melo ao tabelião Augusto Nicodemos, narrando o momento de tristeza e desespero vivido em Juazeiro. Essa carta foi publicada no jornal *O Semeador*, de Maceió. Lourival Marques era afilhado não de Padre Cícero, como tantos juazeirenses, mas de Floro Bartolomeu. Era também filho de um dos secretários do sacerdote. Na carta, ele contou:

Dia 20 de julho. Eram 6 horas da manhã e eu ainda estava dormindo. Acordei pelo tropel de gente que corria pela rua. Fiquei sem saber a que atribuir aquelas carreiras insólitas. Depois, o sino principal da matriz badalou a finados... depois outro... e outro mais. Espantei-me de ouvir todos os sinos da matriz dobrarem a finados. [...]. Quando cheguei à janela tive a impressão de que alguma coisa monstruosa sucedia na cidade. Que espetáculo horroroso, esse de milhares de pessoas alucinadas, correndo pelas ruas afora, chorando, gritando, arrepelando-se... Foi então que se soube... O Padre Cícero falecera... Eu, sem ser fanático, senti uma vontade louca de chorar, de sair aos gritos, como toda aquela gente, em direção à casa desse homem, que não teve igual em bondade e nem teve igual em ser caluniado.⁴¹⁴

Entre intelectuais, figuras públicas e demais grupos que não eram compostos por “fanáticos”, havia também defensores do *Padrinho*, pessoas que afirmavam sua bondade e repeliam as ofensas. Tais sujeitos, tendo convivido com o sacerdote, buscaram reestabelecer sua honra após a morte. Eram os “amigos da memória” do *Padrinho*⁴¹⁵. Manoel Dinis e Reis Vidal foram, talvez, os maiores representantes da categoria, sendo seguidos ainda por Teófilo Machado, Tristão Romero e outros escritores juazeirenses que buscavam se opor às ideias geralmente veiculadas pelas elites cearenses.

Sabe-se que não é de bom tom disseminar os defeitos dos recém-mortos. No caso do fundador de Juazeiro, especificamente, não se tratava de um morto qualquer, mas de um homem que, embora fosse considerado como santo por uma multidão, ainda era malvisto pela imprensa nacional e pela cultura letrada. Após sua morte, começaram a

⁴¹⁴ VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936, p. 120-121.

⁴¹⁵ MACHADO, J. **Dois Palavras** – excertos da vida do Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1948, p. 3.

surgir obras que não se dedicavam mais (somente) a dissertar sobre o fim de Juazeiro e a possibilidade de que aquele estranho recanto viesse a se tornar uma nova Canudos. Os livros lançados após 1934 pretendiam falar, especialmente, sobre a vida e a obra do ilustre padre. Décadas após seu falecimento, alguns temores se atenuavam e sua trajetória — com qualidades e defeitos — se consolidou como o tema mais explorado. Era um capítulo da história que havia terminado, e deveria ser registrado. Se durante sua existência tudo estava em aberto, podendo Padre Cícero ser santo, revolucionário, coronel ou milionário, a partir de 1934 seria possível colocar tais aspectos na balança e dizer, de fato, quem ele foi.

O fato de o biografado estar morto possibilitou um distanciamento daqueles que pretenderam escrever sua história. Já não havia o problema da invasão de privacidade, e os biógrafos puderam ser menos cautelosos⁴¹⁶. De fato, por muito tempo pulularam divagações acerca do que seria o destino de Juazeiro após o desaparecimento do sacerdote. Não se ousava, contudo, escrever sobre sua vida como se ela já tivesse se encerrado. O foco central das narrativas, por muito tempo, foi Juazeiro. Essa tendência, contudo, sofreu transformação. A partir de 1934 é possível analisar Padre Cícero sem se deter sobre Juazeiro.

Foram redigidas numerosas obras de cunho biográfico após o desaparecimento do sacerdote: a primeira delas surgiu já em 1935, quando Manoel Dinis aproveitou-se da proximidade que tivera com o santo do sertão para lançar seu *Mistérios do Joazeiro*, obra de caráter local, mas que obteve certa circulação, sendo citada — apesar das muitas críticas e reservas — por praticamente todos os biógrafos que vieram a seguir. Segundo o advogado juazeirense, seu objetivo era elaborar uma “[...] concisa e imparcial narrativa histórica sobre o Padre Cícero Romão Batista, o Juazeiro do Padre Cícero e algo de seu folclore”⁴¹⁷. É fruto de depoimentos e conversas casuais que tivera pessoalmente com o sacerdote. Parece ser, na verdade, a biografia de um vivo. Ou de um quase-morto.

Padre Cícero – o Santo do Juazeiro, de autoria de Edmar Morel, foi o primeiro esforço de elaboração de uma obra de grande circulação, escrita por alguém que não conheceu pessoalmente o *Padrinho*, e mais fundada sobre a documentação escrita que sobre a oralidade. O jornalista a lançou em 1946, após passar algum tempo

⁴¹⁶ Conforme Sergio Vilas Boas, a morte é uma parte essencial de qualquer biografia. “Fazer uma biografia de alguém vivo é algo incompleto, porque o morrer faz parte do viver. À biografia de um vivo falta um elemento crucial – a morte [...]” BOAS, Sergio Vila. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2008, p.174.

⁴¹⁷ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935], p. 13.

pesquisando em Juazeiro. Patrocinada pelos *Diários Associados*, a obra é um ataque contra Juazeiro. Morel preparou um amplo estudo em que buscava, entre outras coisas, compreender as principais ideias do sacerdote sobre os grandes temas da política nacional de seu tempo. Segundo ele, “[...] os assuntos palpitantes e pelos quais [Padre Cícero] tem simpatia, são recortados e pregados num livro, cuja capa é uma estampa litografada de uma mulher, página de um almanaque mundano ali colocada pela inconstância de alguma beata”⁴¹⁸. Esses recortes constituíram fontes fundamentais para a biografia que escreveu.

Em 1968, foi a vez do escritor Otacílio Anselmo realizar volumoso trabalho no sentido de concretizar uma minuciosa pesquisa acerca do tema. É preciso mencionar que outros autores ainda se dedicaram ao assunto no mesmo período. Para efeito de estudo, no entanto, serão analisados aqui mais detidamente os livros que alcançaram grande público e trouxeram informações novas sobre a vida do Padre Cícero e o cotidiano de Juazeiro.

Essas obras buscaram elaborar histórias coesas, capazes de contar como foi possível que tantos sertanejos seguissem Padre Cícero. Excetuando *Mistérios do Joazeiro*, que procurou trazer certos aspectos mais íntimos da vida do sacerdote, as biografias escritas por Edmar Morel e Otacílio Anselmo procuraram explicar a personalidade de Padre Cícero através da ideia de que ele era produto de seu meio. Se, inicialmente, as narrativas em torno do sacerdote tinham como foco o modo como emancipou e conduziu o povoado, transformando-o em arraial ou grande cidade — a depender do narrador —, os escritos posteriores à sua morte buscam compreender como o Padre Cícero foi transformado por aqueles sertanejos, ou como nunca deixou de ser um deles.

Segundo Reis Vidal, só seria possível fixar os traços predominantes da personalidade de Padre Cícero caso ele fosse estudado “[...] inteiramente fora do alcance das sugestões do meio ambiente”⁴¹⁹. É exatamente o oposto do que defendem outros biógrafos. Para Edmar Morel, “[...] o padre não consegue o milagre de sobreviver ao ambiente. É facilmente dominado pelo meio”⁴²⁰. Do mesmo modo, Otacílio Anselmo defende que “[...] enclausurado num recanto do sertão, em contato apenas com tabaréus, o Pe. Cícero não poderia realizar a obra social e religiosa que lhe atribuem seus

⁴¹⁸ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O Santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 115.

⁴¹⁹ VIDAL, Reis. **Padre Cícero: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 18.

⁴²⁰ MOREL, Edmar. Op. cit., p. 2.

apologistas”⁴²¹. Padre Cícero jamais poderia ser analisado sem que fosse estudado também o povo que o seguiu e o lugar em que ascendeu à fama. O santo juazeirense, portanto, é constantemente avaliado em conexão com o meio em que viveu e atuou.

Há de se recordar que, entre 1930 e 1960, havia, como bem notou Durval Muniz, uma forte literatura regionalista, que abraçava a dicotomia civilização *versus* barbárie quando abordava o Nordeste. Os discursos da classe média urbana que escrevia sobre a região tanto poderiam se mostrar interessados na manutenção da ordem burguesa quanto na transformação daquela realidade social. Eram, de toda forma, olhares “civilizados” sobre um Brasil arcaico, rural e tradicional⁴²². Edmar Morel está entre os intelectuais que observavam esse espaço com uma postura de superioridade — a postura do cearense que foi morar no Rio de Janeiro, conviveu com grandes personagens, atuou na imprensa nacional, teve contato com pensadores simpatizantes do marxismo e lamentava que seus conterrâneos não tivessem a mesma sorte, vivendo na pobreza e ignorância.

É necessário notar ainda que os biógrafos que publicaram nesse período parecem se inspirar, em certa medida, na principal tendência literária daquela ocasião, o Neorrealismo. Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado dedicavam-se, à época, a falar sobre o Nordeste, numa espécie de literatura em que o lugar e o homem tinham o mesmo peso. Os aspectos sociais do sertão eram, senão moda, curiosidades que interessavam a todo o Brasil. Livros e mais livros sobre o tema eram publicados e vendidos. Entre os biógrafos de Padre Cícero, poderia existir, claro, interesse por sua personalidade, associado ao fato de serem cearenses e terem, por tanto tempo, percebido a influência do sacerdote na região. Mas não se pode descartar, ainda, certo senso de oportunidade, considerando as vendas crescentes de obras sobre o Nordeste, a seca e os problemas sociais daquela parte do país. Grande parte dos biógrafos de Padre Cícero, inclusive, cita o grande ícone desse tema, Euclides da Cunha e seu *Os Sertões*, tendo, por vezes, admitido explicitamente a inspiração.

⁴²¹ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 62.

⁴²² Segundo Albuquerque Jr., para esses intelectuais, “[...] os cangaceiros ou as volantes, por exemplo, são formas violentas e ilegais. Tais discursos tendem a valorizar a sociedade da lei, da disciplina, dos códigos escritos, da despersonalização dos conflitos, do império dos códigos abstratos, dos conflitos retirados da esfera do privado para a esfera pública. As ‘revoltas primitivas’ seriam produto da falta de luzes, de consciência, seriam instintividade, barbárie. Busca-se sempre retirar dessas manifestações as imagens que mais chocam, que mais ressaltam sua diferença em relação à ordem futura que se quer criar”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. p. 194.

É preciso acrescentar que o desaparecimento de Padre Cícero despertou rapidamente o interesse de “apressados biógrafos”⁴²³, como Manoel Dinis e Reis Vidal. As obras de Edmar Morel e Otacílio Anselmo vieram depois, com maiores pretensões, tais como a de corrigir os possíveis erros e parcialidades dessas primeiras biografias. O público de Juazeiro acompanhou os muitos lançamentos literários sobre o assunto, sempre reagindo às obras sobre Padre Cícero, cobrindo-as de elogios ou de críticas. Anselmo chega a afirmar que os primeiros leitores de seu livro recomendaram que ele não o publicasse, temerosos de “consequências desagradáveis ou mesmo funestas”⁴²⁴ que poderiam vir a ocorrer quando chegasse às mãos dos devotos e seguidores do *Padrinho*.

Edmar Morel e Otacílio Anselmo partem da premissa que o fundador de Juazeiro era um padre inculto, dado desde os mais tenros anos a experiências místicas, como sonhos e visões, que o afastaram da doutrina católica. Ambos destacam, por exemplo, seu mau desempenho nos estudos e a necessidade de o Coronel Antonio Luiz ter intervindo em sua defesa para que fosse ordenado padre, contra a vontade de Pierre-Auguste Chevalier, então reitor do Seminário da Prainha, que o considerava confuso e teimoso. Ao contrário disso, Reis Vidal defendeu que eram magníficos os ensinamentos que a privilegiada cultura de Padre Cícero “[...] ministrava a quantos dele se acercavam, nos assuntos pertinentes à sociologia, à filosofia, à teologia, ao direito canônico e enfim a todas as ciências devassadas pela sabedoria humana”⁴²⁵. Vidal, deste modo, destacou-se como um apologista de Padre Cícero, enquanto Otacílio Anselmo, por exemplo, iniciava a introdução de sua obra se defendendo: “[...] ao contrário do que poderão dizer certos críticos, este livro não visa a denegrir a reputação de ninguém, como, por exemplo, a do seu personagem principal”⁴²⁶. Toda essa onda de biógrafos, que se atacavam e se contradiziam, afirmava buscar a “narração da verdade”.

No período aqui estudado (1934 a 1969), numerosas obras foram publicadas sobre o Padre Cícero: Irineu Pinheiro publicou *O Joazeiro do Cariri e a revolução de 1914* em 1938. Em 1948, José Teófilo Machado traz à luz seu *Duas palavras*. Uma tipografia local editou o livreto *Vida completa do Padre Cícero Romão Batista – Anchieta*

⁴²³ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O Santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 131.

⁴²⁴ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p.s.n.

⁴²⁵ VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 18-19.

⁴²⁶ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. s.n.

do século XX, de autoria de Tristão Romero (Francisco de Assis Leite), em 1950. Antônio Gomes de Araújo publicou *Um civilizador do Cariri* em 1955 e *Apostolado do Embuste* em 1956. *Rosário, rifle e punhal* foi a contribuição de Nertan Macedo em 1965. Por fim, o Padre Azarias Sobreira mostrou ao mundo seu *O patriarca de Juazeiro* em 1968. É possível que algumas publicações ainda tenham ficado de fora da lista aqui mencionada. Os livros que mais se destacaram acerca do tema, no entanto, são as biografias redigidas por Edmar Morel, Otacílio Anselmo e Azarias Sobreira, publicadas por editoras de sucesso — a Civilização Brasileira e a Editora Vozes —, que garantiram a ampla circulação dos títulos.

A biografia é um gênero que pode trazer uma mistura entre fabulação e experiência vivida. No caso de Padre Cícero, essa especificidade é levada ao limite, já que milagres, sonhos premonitórios, bilocações e outros fenômenos extraordinários são descritos costumeiramente, por vezes sendo negados e, noutros momentos, defendidos como verdadeiros. Manoel Dinis, por exemplo, parecia acreditar no dom da bilocação de Padre Cícero. “Queremos crer mesmo, que a maior parte de sua vida foi dirigida por meio de sonhos e talvez do fenômeno de bilocação a que parece-nos que ele se prestava, adormecendo momentaneamente, como tivemos ocasião de observar muitas vezes [...]”⁴²⁷ Aqui, o biógrafo é testemunha de um fenômeno que considera factível. As fronteiras entre memória e imaginação são tênues, e isso será notado pelos leitores e críticos que virão a seguir.

Embora a biografia seja um gênero que não deixa de utilizar o ficcional para preencher lacunas ou alcançar uma tese central em torno do biografado, há amarras que a prendem ao acontecido, assim como ocorre com o trabalho do historiador⁴²⁸. Praticamente todos os biógrafos de Padre Cícero eram jornalistas e se apoiaram, senão no acontecido, na documentação encontrada sobre o que aconteceu. Edmar Morel, por exemplo, apresenta, no início de sua obra, uma espécie de manifesto: “Nunca, na minha vida de jornalista, abandonei o fato. A ficção é para o romancista, o poeta, o dramaturgo. O repórter vive de informação que não admite contestação”⁴²⁹. Como jornalista, apegaria-

⁴²⁷ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 29.

⁴²⁸ Segundo François Dosse, contudo, “[...] o gênero biográfico encerra o interesse fundamental de promover a absolutização da diferença entre um gênero propriamente literário e uma dimensão puramente científica – pois, como nenhuma outra forma de expressão, suscita a mescla, o caráter híbrido, e manifesta assim as tensões e as convivências existentes entre a literatura e as ciências humanas”. DOSSE, François. **O Desafio biográfico** – Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2000. p. 18

⁴²⁹ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O Santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 1.

se à defesa da verdade dos fatos, seguindo uma tendência descrita por Boas, que afirma a ideia jornalística de que “[...] a verdade só poderia estar nos fatos, porque os fatos são o real, o real concreto; e o real concreto é aquele que se apresenta materialmente à nossa percepção”⁴³⁰. Nesse jogo, o importante papel simbólico desempenhado pelo biografado — no caso, Padre Cícero — é negligenciado, por ser impalpável⁴³¹. Algo semelhante ocorrerá com Otacílio Anselmo, que descreverá seu livro como uma obra repleta de citações e referências, devendo constituir, segundo sua ambição, “[...] uma retificação histórica, elaborada sem outro objetivo a não ser a narração da verdade [...]”. Havia em Anselmo a ânsia de corrigir todos os seus antecessores. Ele não era, porém, o primeiro: muitos autores escreveram com o mesmo objetivo.

No quesito “transparência”, os biógrafos de Padre Cícero são razoavelmente honestos; revelam bastante de suas fontes e métodos. Não se sabe, contudo, quais documentos e narrativas foram descartados na feitura de seus livros, assim como pouco se sabe sobre o motivo de terem escolhido Padre Cícero, e não qualquer outro personagem, para biografar. Otacílio Anselmo, por exemplo, encarou um desafio de alta envergadura. Afirmou, inclusive, que seu livro seria algo imprudente:

[...] porque a verdade – para quem vive à sombra da farsa e da mentira e de sua exploração – incomoda e dói, irrita e enfurece. Mas foi justamente inspirado nela – na verdade – que me propus a escrevê-la em termos inacessíveis a intelectuais prudentes, que há de sobra neste País. Determinado a esse desiderato, consumi cerca de oito anos de estudos e pesquisas, durante os quais mergulhei em cartórios e bibliotecas, rebusquei arquivos públicos e particulares, transcrevi documentos e tomei depoimentos pessoais, resultando de tamanho esforço um acervo documental abundante e irrefutável.⁴³²

Para Anselmo, o fato de basear-se em documentos oficiais tornaria seu livro uma obra conclusiva e indiscutível. Partindo dessa premissa, ele chega mesmo a contestar a data de nascimento de Padre Cícero, comemorada sempre em 24 de março. Ao encontrar um documento assinalando o nascimento do sacerdote em 23 de março de 1844, Anselmo passa a defender que o salto teria o objetivo de vincular o nascimento do *Padrinho* ao dia

⁴³⁰ BOAS, Sergio Vila. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. p. 162.

⁴³¹ Conforme afirma Albuquerque Jr. sobre aqueles que se dedicaram a estudar o Nordeste, “[...] o discurso dos intelectuais marxistas tende a abordar fenômenos como o cangaço, o messianismo e o coronelismo a partir de seus determinantes sociais, reduzindo-se quase sempre a mera explicação econômica”. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006. p.196.

⁴³² ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. s.n.

25 de março, quando se comemora a Anunciação de Nossa Senhora. O autor de *Padre Cícero – Mito e realidade* afirma ainda que “[...] admitindo-se que a ideia dessa transposição de data tenha partido dele, a fraude se ajusta à vaidade doentia de que foi portador”⁴³³. Essa “descoberta” de Otacílio Anselmo, exposta logo no início de seu livro, vem demonstrar parte de seu processo de escrita, que, embora seja baseado em documentos oficiais, não se nega a emitir juízos de valor⁴³⁴.

Enquanto Morel e Anselmo buscavam corrigir os erros de narradores anteriores e mostrar a verdadeira — e má — face de Padre Cícero, Manoel Dinis, Reis Vidal, Teófilo Machado, Assis Leite e tantos outros afirmavam ter o objetivo de fazer justiça. Os primeiros tinham mais método e menos empatia. Os últimos tinham mais empatia do que método. De toda forma, cada um desses sujeitos elaborou sua própria teoria acerca da influência de Padre Cícero sobre Juazeiro, ou sobre a influência de Juazeiro sobre Padre Cícero.

Para Morel e Anselmo, ele era um exemplar típico do homem sertanejo: rude, indisciplinado, agressivo, inculto. Seus defensores, por outro lado, o pintavam como exceção máxima, raro exemplar de homem ilustrado no sertão. O Padre Azarias Sobreira, por exemplo, afirma ter publicado, em 1968, seu *O patriarca de Juazeiro* por um imperativo de consciência, porque Deus assim quis. Declara que, após ter venerado o *Padrinho* na infância, foi hostil na adolescência, chegando à maturidade, finalmente, com o objetivo de ser justo. No balanço geral dos estudos publicados até 1968, Sobreira avalia:

Já se editaram obras e obras de puro devaneio ou de manifesta difamação em torno dessa tão discutida figura de sacerdote e patriarca dos sertões nordestinos. Eis porque já me parece azado o momento de pôr no devido relevo as suas qualidades positivas, as virtudes cristãs que o exornaram e dele fizeram o maior centralizador de energias do *hinterland* brasileiro [...]. Quem quer que

⁴³³ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 18.

⁴³⁴ Amália Xavier refuta alguns dados e se mostra extremamente ofendida com informações referentes à sua família publicadas por Otacílio Anselmo. Segundo Anselmo, em 1926 teria sido elaborado um plano para assassinar Floro Bartolomeu. Miguel Jordão, romeiro do Padre Cícero, foi contratado para efetivar o plano. Teria partido para o Rio de Janeiro, recebendo pagamento, armas e dinheiro. Lá chegando, entregara uma carta de José Xavier de Oliveira para o filho, Antonio Xavier de Oliveira, em que tudo era explicado. Anselmo afirma que o autor de *Beatos e cangaceiros* não permitiu que o crime se realizasse, prevendo ainda que Floro Bartolomeu, pelo estado de saúde em que se encontrava, em breve morreria. A escritora juazeirense visitou Miguel Jordão da Silva, que lhe concedeu um documento afirmando que jamais entregara carta alguma. Assim, Amália afirma que Anselmo “[...] publicou no seu livro *a mais negra calúnia* que se poderia atribuir a uma pessoa” OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu conheci - Verdadeira história de Juazeiro**. Fortaleza: Premius, 2001 [1969]. p. 365. A autora acredita que Otacílio, embora se apoie bastante em documentos oficiais, muitas vezes se baseia sobre narrativas que podem ser falsas.

se propões, até hoje, estudar a figura do Patriarca de Juazeiro, viu-se embaraçado entre os hosanas populares e o tom reticente e suspicaz das classes pensantes.⁴³⁵

De um lado, Manoel Dinis, Reis Vidal e Tristão Romero escrevem para defender o sacerdote de qualquer injúria, assim como para elogiar seus feitos e garantir que, graças a ele, Juazeiro se transformara em cidade grande e industrial. Seus livros, elaborados com pouco método, escritos com poucos recursos e publicados por pequenas editoras, tiveram pouca circulação. Por outro lado, Edmar Morel, Otacílio Anselmo e Azarias Sobreira lançaram extensas publicações com ampla circulação, fartamente salpicadas de citações bibliográficas, atingindo todo o Brasil e tornando-se referência naquilo que dizia respeito ao *Padrinho* e a Juazeiro.

As biografias de Padre Cícero, portanto, dividem-se entre aquelas que tratam de sua ascensão e decadência (nesse caso, ele levaria consigo o município que fundou) e aquelas que promovem uma espécie de embalsamamento de seu corpo morto: as vísceras são eliminadas, bem como tudo aquilo que cheira mal, restando somente o cândido fruto de uma operação plástica. É o que ocorre, por exemplo, com o livro escrito por Lauro Reis Vidal. De acordo com o jornalista e cineasta, o Padre Cícero, ao longo de sua existência em Juazeiro, passou “[...] tranquilamente os dias entregue apenas à nobilitante missão de evangelizador das almas, semeando o bem e a cordura, espalhando o amor entre os homens, num verdadeiro apostolado”⁴³⁶.

É preciso destacar que todas essas narrativas, embora tenham sido escritas entre 1934 e 1969, não se detêm sobre seu próprio tempo, mas sobre o período em que viveu Padre Cícero. Há, assim, uma lacuna sobre os eventos ocorridos após o desaparecimento do sacerdote, que foi preenchida, de certa maneira, somente por Agostinho Odísio.

6.2 O Juazeiro de Padre Cícero

Em 1968, Otacílio Anselmo afirma que, após a morte do sacerdote, “[...] voltou à tona, e com igual vigor, aquela literatura louvaminheira que tanto enaltecera Pe.

⁴³⁵ SOBREIRA, Pe. Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 11.

⁴³⁶ VIDAL, Reis. **Padre Cícero: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 19.

Cícero”⁴³⁷. Com efeito, os primeiros ensaios biográficos lançados após o desaparecimento do *Padrinho* foram escritos por autores que conviveram com ele e o enchem de confetes e louvores. São amigos do santo sertanejo, e suas obras pretendem destacar as melhores qualidades que possuiu. As duas tentativas iniciais de biografar Padre Cícero vieram de Manoel Dinis e Reis Vidal, como já foi dito.

Manoel Dinis conheceu o sacerdote em fevereiro de 1912. Afirma que, logo após ter se graduado em Direito, na cidade de Recife, teria se deslocado ao sul do Ceará porque tinha o intuito de “[...] colher dados positivos, para publicar um livro contra o Padre Cícero e o Juazeiro”⁴³⁸. Foi o primeiro advogado de profissão a se instalar na cidade, onde chegou a fundar um colégio. No final de 1912, mudou-se para o Pará, mas retornou em 1914. Conviveu de perto com o sacerdote por muitos anos, travando com ele conversações sobre os mais diversos temas.

Já em 1935, um ano após a morte do *Padrinho*, Dinis publicou o seu *Mistérios do Joazeiro*. Sobre o livro, afirmou que seria uma narrativa neutra e objetiva. No entanto, logo nas primeiras páginas, atacou nominalmente um dos maiores detratores do *Padrinho*, afirmando: “Alencar Peixoto é um leigo e muito despeitado com o Patriarca, por interesses que foram prejudicados, por motivos que ele atribui ao hoje ilustre morto”⁴³⁹. Embora tenha assegurado escrever uma obra imparcial, Dinis fez intenso uso das citações de críticos de Padre Cícero para rebater, sempre que possível, as censuras feitas ao sacerdote.

Lauro Reis Vidal também publicou uma biografia pouco tempo após a morte do *Padrinho*, mais especificamente em 1936. Era cearense, como praticamente todos os outros biógrafos do sacerdote, e esteve em Juazeiro várias vezes, por longos períodos de tempo, mantendo relação íntima com o Padre Cícero e tendo, inclusive, hospedado-se em sua casa. Atuou como jornalista e produtor de filmes e foi um dos responsáveis pela tentativa de reabilitar o nome do sacerdote entre os intelectuais do país. Sua obra tem forte caráter de propaganda. Vidal, logo no início de seu *Juazeiro visto de perto – O Padre Cícero Romão Batista, sua vida e sua obra* defendeu que era necessário desfazer a

⁴³⁷ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 583.

⁴³⁸ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p.174.

⁴³⁹ Op. cit., p. 18.

impressão de que Juazeiro seria um “[...] meio infenso à evolução natural das sociedades hodiernas”⁴⁴⁰.

Edmar Morel e Otacílio Anselmo acreditavam que a produção intelectual de Reis Vidal tinha como objetivo a obtenção de vantagens políticas junto ao *Padrinho*. Segundo Morel, a morte de Floro Bartolomeu obscureceu a vida de Padre Cícero que, a cada dia mais velho e doente “é cercado por uns cavalheiros sem profissão definida e jornalistas com rótulos de escritores, quase todos ambicionando o lugar de deputado federal, vago com o falecimento daquele médico”⁴⁴¹. Otacílio Anselmo também acredita que, após a morte de Floro Bartolomeu, padre Cícero passou a ser cercado por diversas personalidades que buscavam apadrinhamento político. O sacerdote, descontente pela falta de influência política na esfera federal, teria adquirido a ideia fixa de substituí-lo. Assim, teria sido assediado uma porção de pretendentes ao cargo: “[...] disputavam-no, em primeiro plano, Raimundo Gomes de Matos e Juvêncio Santana, seguidos de Pedro Coutinho e Reis Vidal”⁴⁴².

Tanto Manoel Dinis quanto Reis Vidal construíram narrativas que pretendiam situar Padre Cícero como fator de progresso para Juazeiro e a região, o oposto do que havia sido defendido por inúmeros escritores e jornalistas até então. Manoel Dinis, por exemplo, afirmou que o sacerdote

[...] fez do povoado de Juazeiro um seio de Abraão, ao contrário do que fora antes de sua chegada aqui, quando é notório que pessoas que viajavam da feira do Crato, para Missão Velha, se desviavam para não passarem pelo Juazeiro, receiando (sic) ser vítimas ou testemunhas de alguma arruaça, cachaçada, tiro ou facada de uma molecagem insubordinada que vivia aqui, onde o mau costume era o tipo local, pois para tanto infelizmente tinha corrido com o exemplo da sua má vida de mancebia, o Capelão anterior ao Padre Cícero [...].⁴⁴³

A função moralizadora de Padre Cícero é citada por numerosos biógrafos. Mesmo aqueles que ficaram conhecidos como detratores do sacerdote costumam elogiar a vida casta e proba que levou, censurando por vezes somente seu autoritarismo ao

⁴⁴⁰ VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joazeiro visto de perto, o Padre Cicero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 22.

⁴⁴¹ MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 111.

⁴⁴² ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 550.

⁴⁴³ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 33.

castigar, até mesmo fisicamente, os “pecadores”⁴⁴⁴. De acordo com as mais diversas narrativas, no início de sua trajetória, o *Padrinho* não era um poço de afeto, mas um duro fiscal dos sertanejos que moravam no povoado⁴⁴⁵. Segundo os biógrafos mais simpáticos ao sacerdote, foi desse modo que Juazeiro deixou de ser um local evitado, passando a ser procurado. O *Padrinho* já influía positivamente na vida do povoado antes mesmo do milagre de 1889.

Reis Vidal tentou demonstrar ainda que Padre Cícero não atraía bandidos para Juazeiro com o objetivo de utilizar a mão de obra criminosa, como faziam os demais coronéis, mas era responsável, ao contrário, por controlar e converter aqueles que saíam dos trilhos. Ao defender que Padre Cícero protegeu sua terra do cangaceirismo, por exemplo, Vidal assegura que Padre Cícero tentara, até o fim, converter Lampião. Aos que afirmavam ser o Juazeiro uma espécie de inferno na terra, o jornalista afirmava bastar uma visita ao município para que se percebesse uma cidade que refletia as qualidades de seu fundador:

A má fé e as mais das vezes a origem suspeita de onde promanam as informações sobre o Joaseiro social, levaram a imprensa brasileira a espalhar por todos os quadrantes da nacionalidade os mais disparatados conceitos a respeito daquela longínqua região, erroneamente tida por certa parte da população como antro de celerados de todas as espécies. E de tal maneira está este conceito radicado no espírito dos outros brasileiros que, não é sem justificado receio que o jornalista transpõe os umbrais da populosa cidade do Cariry, na persuasão de encontrarem seus olhos concretizadas, nas ruas de Joaseiro, as mais apavorantes cenas. Logo ao descer do comboio ferroviário, após uma enfadonha viagem [...] a surpresa é imensa. O ‘habitat’ do patriarca não podia ser um antro de bandidos. Nem o Padre Cícero era o protetor vulgar de cangaceiros, de que tanto se há falado. O grande levita era um bom por temperamento e educação.⁴⁴⁶

Através dessas narrativas elogiosas era construída uma versão da história em que o *Padrinho* não possuía os defeitos tão propalados pela imprensa nacional. A cidade tinha sido liderada por um homem inteligente e generoso, não podendo ser o antro de fanáticos que se costumava afirmar. Reis Vidal já havia aderido a essa campanha de “limpeza” da honra de Padre Cícero bem antes da publicação de seu livro. Em 1932, após

⁴⁴⁴ Otacílio Anselmo afirma que, “[...] de volta ao meio rústico de onde proviera, despontou-lhe a índole autoritária da qual as primeiras vítimas foram seus alunos [...]”.⁴⁴⁴ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 44.

⁴⁴⁵ São narrados, por exemplo, episódios em que Padre Cícero aplicava “bolos” nos casais que haviam desfrutado os privilégios do matrimônio antes de obterem o sacramento.

⁴⁴⁶ VIDAL, Reis. **Padre Cícero - Joaseiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 54

a exibição de um filme de sua lavra sobre o sacerdote, foi veiculado no jornal paraibano *O Norte* um artigo que apresentava um panorama geral do investimento de Vidal na metamorfose das opiniões sobre Padre Cícero e Juazeiro:

Phenomeno interessante de concentração de uma collectividade heterogênea e hybrida, em pleno primitivismo tribal, em torno à figura apostólica e rustica de um thaumaturgo, Joaseiro, essa nação perfeitamente autônoma, é a realização talvez do sonho de Antonio Conselheiro que as armas da Republica não permittiram que se realizasse, destruindo a povoação disforme do interior da Bahia [...]. O Padre Cícero, que reúne qualidades de chefe e patriarca à maneira bíblica, superior, na sua visão sociológica, ao fanático de Canudos, organizou em Joaseiro uma espécie de *fascio* semi-barbaro, disciplinado e concentrando em torno à sua pessoa magica todas aquellas populações dispersas e nômades dos sertões do nordeste.⁴⁴⁷

Mesmo para defender o Padre Cícero, o artigo não deixava, como era comum, de estabelecer comparações entre Juazeiro e Canudos. Padre Cícero teria feito da cidade uma experiência que deu certo, uma Canudos bem-sucedida. Seu mérito seria o de transformar em civilizada uma coletividade considerada primitiva. Desse modo, embora fosse rústico como o povo que o seguia, Padre Cícero, com seu caráter de patriarca, pôde colocar em ordem o desalinho mental que era próprio de seus afilhados. Essa era, de fato, uma tese defendida pelos “amigos da memória” do *Padrinho*.

Como já se discutiu anteriormente, era muito comum a ideia, entre os intelectuais do país, de que a população sertaneja, especificamente a do Cariri ou de Juazeiro, fosse constituída por homens e mulheres selvagens e violentos, de hábitos morais reprováveis. Eram incivilizados que foram debilmente evangelizados por sacerdotes igualmente imorais, até que o segundo capelão de Juazeiro chegasse para transformar a situação. Tristão Romero, por exemplo, afirma, em 1950, que por tradição e legado de sangue os descendentes dos primeiros povoadores do Cariri eram beligerantes, conflituosos, nômades e viviam a serviço do crime. Quem teria modificado essa situação? Padre Cícero, claro:

Embora, ao lado dessa população corrupta, existissem alguns elementos sadios, não moravam na Sede do povoado. Viviam em suas propriedades entregues ao seu labor quotidiano, aparecendo em Juazeiro somente aos domingos e dias santificados, para assistirem à santa Missa, ou qualquer outro ato de culto religioso. Cooperavam com o Padre no trabalho de regeneração daquele povo inculto e mal (sic) por natureza. A parte mais difícil dessa tarefa, entretanto, somente o santo Capelão conseguia realizar. Somente ele dispunha de tempo suficiente para este mister que tanto o deleitava, porque esta operação constituía a razão de ser de sua própria existência. Amava aqueles demônios

⁴⁴⁷ ANTECIPANDO O JULGAMENTO para a posteridade. *O Norte*, João Pessoa, 26 de maio de 1932.

como se foram os seus filhos esforçando-se por transforma-los em Anjos, amigos do Bem e tementes a Deus. Agia com a mesma brandura como Anchieta na catequese dos brutos Selvagens [...]. O Juazeiro de 1872 era quase o Brasil de 1600, pedra bruta, que o Grande artista lapidara com a ferramenta que somente a fé pode oferecer ao homem.⁴⁴⁸

Tristão Romero era o pseudônimo de Francisco de Assis Leite, jurista nascido em Milagres (CE), em 1911. Ele foi responsável pela publicação do *Almanaque do Cariri* (1949) e representava, então, o papel de intelectual da terra. Não se sabe por que, para o lançamento dessa obra, utilizou um pseudônimo. Segundo a hipótese levantada por Romero, teria havido uma população “sadia” no antigo povoado (constituída pela elite tradicional de Juazeiro), mas se tratava de uma minoria. A regra era viverem ali, antes da chegada do sacerdote, pessoas más por natureza, demônios que ele viria a transformar em anjos. Sob esse ponto de vista, Padre Cícero se impõe não apenas como uma espécie de evangelista ou catequizador, mas como um escultor de almas. A bondade atribuída ao sacerdote contrasta com a vocação supostamente natural dos habitantes locais para o crime.

Assim como José de Anchieta introduziu o catolicismo no Brasil, Padre Cícero teria sido responsável por apresentar o evangelho à inculta e bárbara população de Juazeiro. Desse modo, a selvageria não seria fruto do fanatismo em torno do sacerdote. Seria, sim, um dom natural daquela população, que ele se esforçava para transformar. Da mesma maneira, Juazeiro não era um acampamento, um arraial repleto de moradias vulneráveis por causa do sacerdote. Era, sim, um povoado pobre, que graças ao seu esforço se transmutara em cidade razoavelmente organizada.

Segundo Manoel Dinis, “Roma começou por ser um grupo de ladrões” e o *Padrinho* via nesse exemplo a possibilidade de “[...] edificar uma grande cidade católica e realmente civilizada, com elementos étnicos tão heterogêneos”⁴⁴⁹. Reis Vidal era partidário da mesma tese. Para ele, no entanto, não era o caráter de evangelista o mais importante da personalidade do sacerdote, mas sua atuação política. Esse fator, segundo Vidal, teria garantido o avanço do povoado, sendo responsável por sua transformação em cidade:

⁴⁴⁸ ROMERO, Tristão. **Vida completa do Padre Cícero Romão Batista** – Anchieta do século XX. Juazeiro do Norte: s.n., 1950. p. 30.

⁴⁴⁹ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p.125.

Isolado da vida trepidante das metrópoles, entregue com devotada atenção aos estudos geraes e sobretudo ao das reformas políticas operadas no século, o patriarca do Juazeiro, comunicando-se com o resto do Paiz apenas pelo telegrafo, tornou-se, dentro de bem curto espaço de tempo, uma espécie de oraculo, constantemente consultado pelas personalidades mais destacadas do regimento.⁴⁵⁰

O isolamento de Padre Cícero era visto como uma qualidade. Seu distanciamento das questões políticas nacionais era somente uma ilusão, pois ele estava em comunicação constante com grandes personalidades, sendo inclusive consultado sobre importantes temas. Interessante é notar que, para Edmar Morel, biógrafo que viria a seguir, o sacerdote pecava justamente por se omitir nos assuntos do país. Essas visões dicotômicas — e muitas vezes contraditórias — sobre o *Padrinho* eram comuns entre seus biógrafos. Reis Vidal, por exemplo, defende que “[...] do Padre Cicero teve sempre pela instrução o mais desvelado carinho”, afirmando que uma fonte incontestável — “[...] um dos maiores inimigos do Padre – Paulo de Moraes e Barros” — já havia mencionado que ele instituía três escolas municipais, além de 82 particulares, custeadas por ele⁴⁵¹.

Manoel Dinis, por sua vez, afirma que, para educar e instruir “[...] tanta gente de ideias e de costumes bárbaros ou quase selvagens, pois mesmo índios autênticos, mansos, vieram do Maranhão e do Piauí até aqui”, Padre Cícero teve a autoridade moral que nenhum outro homem teria, acrescentando ainda que era necessário notar quão benemerita foi sua atuação em Juazeiro, pois “em relação a tal hibridismo social e étnico”⁴⁵², ele era o educador máximo. O padre Azarias Sobreira, por sua vez, diria que “[...] o Padre Cícero viveu sempre idealizando a felicidade e, portanto, a alfabetização de sua gente, na maior escala possível”⁴⁵³.

Outros biógrafos, contudo, rebatem as informações acerca do número de escolas em Juazeiro. Edmar Morel, por exemplo, diz que, desde quando chegou ao povoado, “[...] o capelão não faz nada no terreno educacional. Populações inteiras vivem na ignorância. Só sabem desfiar o rosário nos dedos e cantar benditos... A ele interessava este lamentável estado de cousas”⁴⁵⁴. Otacílio Anselmo recrimina o fato de, ao chegar de Roma, Padre Cícero não ter se preocupado com a melhoria das condições de vida do seu

⁴⁵⁰ VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joazeiro visto de perto, o Padre Cicero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 47

⁴⁵¹ Op. cit., p. 76.

⁴⁵² DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 132.

⁴⁵³ SOBREIRA, Pe. Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Petrópolis Vozes, 1968. p. 174.

⁴⁵⁴ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p.

povo, negando-se a abrir escolas primárias. Anselmo afirma que o sacerdote perdeu a oportunidade de, na Europa, “[...] elevar-se no campo da cultura intelectual, ampliar os conhecimentos trazidos do Seminário e já, àquela hora, diminuídos por força do convívio diuturno com pessoas ignorantes”⁴⁵⁵. Segundo a perspectiva de Morel e Anselmo, Padre Cícero, ao esquivar-se da tarefa de transformar Juazeiro, acabava sendo transformado pelos juazeirenses.

Aqueles que defendiam Padre Cícero como um civilizador, contudo, concordavam, em certa medida, com seus detratores quando se tratava de opiniões acerca dos habitantes mais humildes de Juazeiro. Manoel Dinis, por exemplo, ao tentar apresentar um indício do nível intelectual dos romeiros, revela que “[...] muitos deles criam que o Padre Cícero era Deus e que não tinha nascido, não comia, nem morreria: parecia que comia, mais (sic) era tudo isto só na vista da gente”⁴⁵⁶. A compaixão do amigo do sacerdote não se estendia aos seguidores do santo juazeirense:

Cremos que muitos dos que vieram para esta cidade compraram o bonde, como dizem de um mineiro, porque fizeram negócios para ficarem verdadeiramente escorchados: não se conta o número de romeiros que aqui chegaram dispendendo de um bom começo de independência econômica e terminaram morrendo de miséria ou voltando famintos e miseráveis para suas terras natais. Tal ruína em parte era devida ao doentio fanatismo que infelizmente grassou (já hoje há poucos tipos genuínos de fanático dominado completamente por paranoia religiosa) horrivelmente aqui, a ponto de um comerciante ao chegar nesta terra, perder seus haveres e seu crédito. Este pobre homem que conhecemos, entregou sua loja de fazendas a caixeiros menores que, pensando que tinham entrado na terra dos bem aventurados, vendiam fiado a quem queria ou dizia que os romeiros são irmãos. Os *irmãozinhos* acabaram com os bens do comerciante, enquanto ele rezava na capela de Nossa Senhora das Dores, tentando de se salvar, e dizem que chegou ao ponto de agitar os braços, experimentando se já tinha criado asas para voar em busca do céu.⁴⁵⁷

Quando não eram descritos como incultos, bárbaros, selvagens, doentes ou criminosos, os afilhados do *Padrinho* eram tratados como homens puros e ingênuos, que, deixando-se levar pela fé extremada — ou pelo fanatismo, como os intelectuais de então costumavam chamar —, eram enganados, ludibriados e prejudicados por gente mais esperta e menos piedosa. Os narradores de Juazeiro são unânimes em afirmar que, com ou sem o consentimento de Padre Cícero, muitos eram os que se aproveitavam de sua “santidade” para tirar proveito dos romeiros. Dinis lembra, inclusive, uma prática já

⁴⁵⁵ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 258.

⁴⁵⁶ DINIS, Manoel. *Mistérios do Joazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 56.

⁴⁵⁷ Op. cit., p. 55.

relatada por Odísio, aquela que diz respeito a uma exploração iniciada antes mesmo de o viajante chegar a Juazeiro, quando os corretores de casas religiosas (também chamadas de casas de santos) disputavam os romeiros “[...] como artigos de negócio, a ponto de ter havido por isto conflitos e até morte de corretores”, conduzindo-os à presença de Padre Cícero somente “[...] quando eles compravam alguns rosários, santinhos, etc., cobrando ordinariamente, os corretores, certa quantia por cabeça de romeiro que angariavam para seus patrões”⁴⁵⁸.

Reis Vidal esteve em Juazeiro, entre outras vezes, em 1925, quando filmou a inauguração da estátua de Padre Cícero na praça então batizada de “Almirante Alexandrino”. Esse evento é marcante nas narrativas locais não apenas pela grande festa ofertada por Floro Bartolomeu aos importantes personagens do estado e da região, mas porque em torno dela ocorreram eventos que colocariam em xeque a reputação do sacerdote e fariam Floro romper com aliados: os crimes de rodagem. Tais crimes são mencionados em toda a bibliografia acerca de Padre Cícero e Juazeiro. São também recriminados pelos membros da cultura letrada, que os consideraram bárbaros e cruéis.

Otacílio Anselmo afirma que tudo começou com uma tentativa de embelezamento da cidade para receber o oficialato que viria inaugurar a estátua. Em 1924, Floro Bartolomeu retornava do Rio de Janeiro, trazendo sob o braço o discurso proferido na Câmara, ocasião na qual defendera o Padre Cícero e Juazeiro. Otacílio Anselmo classifica *Juazeiro e o Padre Cícero* como “[...] apenas o tiro inicial de prodigiosa campanha de propaganda livresca em torno do velho sacerdote”⁴⁵⁹. Naquele ano, o *Padrinho* seria homenageado pelos seus oitenta anos com a inauguração de uma estátua de bronze. A solenidade se atrasou, no entanto, acontecendo somente em 1925. No longo período que a precedeu, o médico baiano preparou a chamada “festa da estátua”⁴⁶⁰. Edmar Morel situa justamente naquela década um período de amplo sucesso da imagem de Padre Cícero, acrescentando, no entanto, que muitos se aproveitavam dessa fama, inclusive o jornalista Reis Vidal:

⁴⁵⁸ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 55-56.

⁴⁵⁹ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 514.

⁴⁶⁰ Op. cit., p. 523.

Fazem fitas de cinema. O nome do Padre figura em rótulos de preparados farmacêuticos, remédio para coceira, para tosse e em caixa de pós de arroz. Dia a dia cresce a sua fortuna com a chegada de peregrinos distantes. Todos trazem presentes, em dinheiro, em jóias, em terras, em gado. Uma verdadeira quadrilha de saltimbancos cerca o sacerdote, usando de todos os meios para roubá-lo. As quantias saem de suas mãos com a mesma facilidade com que chegam [...]. A casa do Patriarca é um campo aberto aos exploradores. Jornalistas e escritores entram em Juazeiro com planos premeditados. O objetivo é um só: a bolsa do Padre.⁴⁶¹

Otacílio Anselmo afirma que, “[...] a pretexto da festa inaugural da estátua de Padre Cícero, quando a cidade seria visitada pelas mais altas autoridades do Estado”⁴⁶², Floro Bartolomeu, sob os olhos de Padre Cícero, perpetrou um verdadeiro terror a partir de agosto de 1924, com fuzilamentos de criminosos (pobres, em geral), retirados à noite das cadeias de Juazeiro e conduzidos para o Crato. Ao chegar na fronteira que limitava os dois municípios, tombavam com as cabeças transpassadas por balas, tendo, no dia seguinte, seus cadáveres lançados sobre a calçada de uma velha cadeia do Crato. “Lá deixaram os *presos* cujos crânios derramaram os miolos, ao se fraturarem com a queda. O povo culto do Crato fremiu de indignação”⁴⁶³. O prefeito, Antônio Luís, protestou. E os crimes passaram a ser efetuados somente no âmbito de Juazeiro. Manoel Dinis não poupa Floro Bartolomeu. Afirmou que os soldados de Juazeiro agiram como bandidos, e os cadáveres das vítimas foram “conduzidos numa cangalha, como suínos”⁴⁶⁴.

Esse evento mobilizou a elite intelectual — os membros da cultura letrada publicaram artigos em jornais com o objetivo de denunciar os desmandos do aliado de Padre Cícero. Juazeiro era representada na imprensa local como uma cidade bárbara, onde a lei não era respeitada nem mesmo pelas autoridades. Os denunciadores foram perseguidos, como ocorreu com Benjamim Abraão, então secretário de Padre Cícero, e o boticário José Geraldo da Cruz, que teve seu jornal *O Ideal* empastelado. Floro, inclusive, tentou rebater as acusações referentes aos fuzilamentos com a fundação de um jornal próprio, a *Gazeta de Juazeiro*. Ao descrever o primeiro ato autoritário de Floro Bartolomeu, o advogado Manoel Dinis assevera que

⁴⁶¹ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 83.

⁴⁶² ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 515.

⁴⁶³ DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 106.

⁴⁶⁴ Id., *ibid.*

[...] ele jamais agiu como Prefeito deste município e sim, como segunda pessoa do Padre Cícero, sempre que este era Prefeito. Tais períodos de gestão municipal nunca tiveram arrecadação regular de imposto, nem escrita, nem o menor melhoramento pago por este Município. Por isto o Dr. Floro fez compulsoriamente o calçamento das principais ruas desta cidade, sem a menor formalidade legal, cobrando dos proprietários das casas [...] e pagando aos empreiteiros apenas a metade das [...] quantias.⁴⁶⁵

Segundo os relatos desse período, Floro Bartolomeu agia de maneira autoritária e centralizadora, fazendo cobranças compulsórias e providenciando uma certa política higienista em torno da cidade. Esse evento é fundamental nas biografias que tratam do *Padrinho*. Seus defensores o colocam como inocente ou manipulado por Floro Bartolomeu. Seus críticos o consideram omissos e responsáveis pelos crimes cometidos. O fato passa a delimitar um período específico, aquele em que se tenta construir, em retrospecto, a imagem de Padre Cícero como político.

Manoel Dinis, ainda no início de sua narrativa, enreda os mais diversos temas tratados por outros biógrafos. Um ano após o desaparecimento do sacerdote, considera absurdo que *ainda* se considere o padre como um fanático. Lembra, inclusive, que o *Padrinho* se desviou de uma possível aliança com Antônio Conselheiro:

[...] o Padre Cícero não era um fanático [...], como ainda há quem o diga, porque se o fosse, dispondo do grande prestígio que tinha, teria se aliado a Antonio Conselheiro que estava em armas no tempo em que o Padre Cícero recebeu ordens para ir a Roma, defender-se perante o Papa, ou sair do Juazeiro, sob pena de excomunhão. E de tal aliança, com rebeldia contra a nascente República e contra as ordens de Roma, que resultaria? Pelo menos inumeráveis crimes e mortes em todo o nosso Nordeste. E, talvez, em todo o Brasil. Mas tal não aconteceu.⁴⁶⁶

É preciso notar que Manoel Dinis, embora não se assuma como seguidor de Padre Cícero ou mesmo como pessoa que crê no milagre da hóstia — sobre o qual afirma não estar habilitado a emitir juízo pessoal por não ter presenciado —, assevera que achava possível ter havido de fato um fenômeno sobrenatural “[...] se admitirmos com a Igreja Católica, como fenômenos sobrenaturais, o do caso do vigário de Jony, que já citamos e diversos outros mais ou menos semelhantes”⁴⁶⁷. Valendo-se da argumentação de que tais fatos eram considerados verdadeiros no exterior e poderiam ter se passado também no Brasil, pergunta retoricamente se deveriam ser privilégio de qualquer outro país, para então concluir: “Pensamos que não, e nem o Brasil é tão santo, que não precise de algum

⁴⁶⁵ DINIS, Manoel. *Mistérios do Juazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935], p. 105.

⁴⁶⁶ Op. cit., p. 23.

⁴⁶⁷ Op. cit., p. 98.

fato extraordinário, para aviventar-lhe a fé, nem tão condenado, que não precise de tais manifestações”⁴⁶⁸. Dinis afirma, além disso, acreditar que Padre Cícero poderia estar, ao mesmo tempo, em dois lugares. Apoiando-se nas argumentações do médium Carmine Mirabelli, comenta: “Diziam que o Padre tinha o dom de bilocação, mas isto, só por si, apenas prova uma particularidade individual”. Segue afirmando que Santo Antônio tinha a mesma habilidade, acrescentando que Padre Cícero teria dado a entender mais de uma vez que possuía aquele dom, “[...] dizendo que assistiu a mais de um dos combates da guerra russo-japonesa”⁴⁶⁹.

Manoel Dinis escreveu uma obra que se situava na fronteira entre a biografia, a hagiografia e as memórias. Por esse motivo, Edmar Morel o classifica como “[...] um dos apressados biógrafos do sacerdote, suspeito por ser um dos seus grandes amigos, escrevendo um livreto para circular unicamente no Cariri...”⁴⁷⁰. De fato, era um livro frágil, tanto do ponto de vista do conteúdo quanto da forma. Foi impresso, inclusive, num papel pouco resistente, fruto de uma gráfica local. Ele concluiu sua obra indicando caminhos para o futuro:

O Juazeiro é, relativamente, uma das cidades mais pobres do Brasil, a despeito de sua edificação num dos mais promissores e férteis rincões de solo cearense. Tal fenômeno tem sua explicação em terem vindo para esta localidade, desde que começou a se desenvolver, quase somente pessoas pobres ou miseráveis que, a custa de sua fé e de seu trabalho, sob os conselhos do *Padim*, edificaram esta cidade, para cujo enriquecimento é necessário nela, o desenvolvimento de indústrias de fiação e tecidos, de extração do óleo de pequi, etc. para aproveitar o seu algodão e o operário barato que tem.⁴⁷¹

Anselmo, em seu *Padre Cícero – Mito e realidade*, atribui essa abundância de mão de obra barata ao fato de Padre Cícero não ter estabelecido escolas em Juazeiro, preferindo financiar o estudo de jovens moços, como Juvêncio Santana e Azarias Sobreira — que iriam, futuramente, ser úteis na defesa de seus interesses. Ao pobre, restava “[...] incrementar a lavoura nas regiões circunvizinhas de Juazeiro”, que se beneficiavam da “abundância de braços dos rudes ádvenas”⁴⁷². Do mesmo modo, Edmar Morel diria que o povo do Juazeiro estaria condenado a viver sem instrução, embora tivesse demonstrado

⁴⁶⁸ DINIS, Manoel. *Mistérios do Juazeiro*. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935], p. 98.

⁴⁶⁹ Op. cit., p. 56.

⁴⁷⁰ MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 131.

⁴⁷¹ DINIS, Manoel. **Mistérios do Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935]. p. 262.

⁴⁷² ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 62.

grande potencial ao montar pequenas indústrias e fazer surgir uma geração de artistas especializados. Destaca que em 1946 existiam, em Juazeiro “[...] dezenas de ourivesarias, ferrarias, fábricas de punhais, de chapéus de palha, de capas para chuva feitas com maniçoba, de fósforos grosseiros, de sapatos [...], de artigos para montaria, de mosaicos”⁴⁷³, etc.

Tais aspectos, relacionados ao crescimento urbano e ao potencial econômico da cidade, eram amplamente discutidos pelos defensores do *Padrinho*. O Padre Azarias Sobreira, por exemplo, afirmou: “[...] o misticismo em torno do Padre Cícero, embora continue muito indelével na alma popular [...], vai aos poucos cedendo espaço às ideias de renovação material e espiritual”⁴⁷⁴. A partir desse argumento, defendeu:

É, na realidade, ao lado da Cidade Santa que amortece, uma Cidade Econômica, movimentada, visitada, admirada, de quantos ali chegam, assaltados de surpresa de encontrar, em vez dum aglomerado de romeiros, como já foi, uma urbe elegante, clara, acolhedora, plena de energia e de trabalho [...].⁴⁷⁵

Juazeiro já não era o reduto de romeiros que se imaginava. Seu futuro tinha se adiantado. Se algum misticismo perdurava, não constituía um ímã em direção ao passado. A transformação trazida pela modernidade era, segundo Azarias Sobreira, um novo fato extraordinário de Juazeiro. Cabe dizer que o crescimento da cidade gerou as mais diversas impressões. O padre Antônio Gomes de Araujo, em seu *Apostolado do embuste*, defendeu que o propalado milagre da hóstia foi, na verdade, uma armação protagonizada por José Marrocos.

Sob sua perspectiva, Padre Cícero foi também vítima dessa enganação, mas, ao saber da verdade, teria se calado: “Antonio Luis o censurou pelo fato de não haver dado divulgação ao embuste de que fora vítima. Defendeu-se, o exprobadado, alegando que a revelação teria entravado o crescimento de Juazeiro”⁴⁷⁶. Assim, o milagre e a fé no *Padrinho* são considerados como elementos centrais para o progresso da recém-nascida cidade. Por outro lado, Padre Cícero é encarado como uma espécie de marionete, já que o padre Antônio Gomes defende ter sido José Marrocos “[...] o cérebro do Padre Cícero

⁴⁷³ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 142

⁴⁷⁴ SOBREIRA, Pe. Azarias. **O patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1968. p. 289.

⁴⁷⁵ Op. cit., p. 290.

⁴⁷⁶ ARAUJO, Antonio Gomes de. *Apostolado do Embuste*. **Revista Itaytera**, n. 1, p. 6, Crato, Edições Itaytera, 1956.

na questão do embuste, como Floro Bartolomeu, no campo político”⁴⁷⁷. Araújo acredita ainda que José Marrocos teria fabricado o milagre através de uma reação química, tendo em vista “[...] a projeção social do Padre Cícero e Juazeiro e, dentro dessa paisagem, o seu próprio destaque”⁴⁷⁸.

Poucos anos após a morte do sacerdote, em 1938, Irineu Pinheiro também se aplicou a escrever sobre Padre Cícero e Juazeiro. Sua obra não pretendia ser, como as demais, somente uma biografia. O objetivo era, sobretudo, estudar um período específico: a Revolução de 1914. Seria impossível, no entanto, deixar de falar do sacerdote e de sua influência sobre a nova cidade, por isso faz sentido o título: *O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914*. Pinheiro declara, então, que “[...] foi o padre Cícero – não há que duvidar – um dos maiores fatores de progresso da vida econômica sul cearense”⁴⁷⁹. O jornalista defende que a imigração dos romeiros foi responsável, entre outras coisas, pelo sucesso da agricultura no vale caririense. Segundo ele,

Muito discutida, repito, a ação do padre Cícero durante sua vida e depois da morte. Há os que na larga existência do venerado pastor só enxerguem gravíssimos defeitos. Faltam-lhes aqueles sentimentos generosos, que geram a imparcialidade, indispensáveis, portanto, aos que se aventuram a descrever os sucessos de uma época, ou a traçar a biografia de um homem. Foi ele, o padre Cícero, o Consolador dos humildes e desprotegidos do Nordeste. Todos os que o procuravam, desiludidos dos poderosos, nele encontravam invariavelmente o carinho de uma palavra, ou de um gesto amigo [...]. Foi, na realidade, o Consolador das gentes abandonadas dos sertões, que sempre tiveram fome e sede de justiça.⁴⁸⁰

Irineu Nogueira Pinheiro foi um médico e jornalista cratense nascido em 1881. Fundou o jornal *Correio do Crato*, tendo colaborado ainda com muitos outros. Foi também o primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri. Além de escrever sobre a Revolução de 1914, Pinheiro publicou biografias e livros sobre a história do Crato. Teve participação ativa na Sedição, como tantos outros que apoiavam Accioly. Pinheiro afirma que, ao escrever sobre Juazeiro, seu objetivo era “evitar que fossem esquecidos alguns fatos da vida política do Ceará, especialmente da do sul do Estado. Esquecidos ou

⁴⁷⁷ ARAUJO, Antonio Gomes de. Apostolado do Embuste. **Revista Itaytera**, n. 1, p. 20, Crato, Edições Itaytera, 1956.

⁴⁷⁸ ARAUJO, Antonio Gomes de. Apostolado do Embuste. **Revista Itaytera**, n. 1, p. 21, Crato, Edições Itaytera, 1956.

⁴⁷⁹ PINHEIRO, Irineu. **O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMPEH, 2011 [1938]. p. 166.

⁴⁸⁰ Op. cit., p. 166-167.

deturpados pela tradição oral”⁴⁸¹. Em uma das notas finais do livro, admite que é “[...] empresa difícil a análise de almas, perscrutar-lhes os recessos mais interiores e ocultos”, por isso não foi seduzido pela ideia de dissecar a complexa personalidade do patriarca de Juazeiro. Nota, porém, que em 1938 já eram muitos os biógrafos do *Padrinho*, pois afirma que ninguém foi “mais diversamente julgado em vida e depois de morto do que o padre Cícero. Uns consideram-no digno de figurar o hagiólogo cristão e outros julgam-no como *heresiarca sinistro, grotesca caricatura de fanático e megalômano*”⁴⁸². Pinheiro dizia ter a pretensão de se afastar de tais extremos. Seu intuito era falar sobre um homem que sobrevivia na estima da gente humilde. O surpreendia o fato de “inda hoje” (em 1938), continuarem “[...] as visitas ao seu túmulo, na pequenina e modesta igreja de N.S. do Perpétuo Socorro da cidade que fundou e em que por dilatados anos residiu”⁴⁸³.

Chama a atenção do jornalista cratense — e dos demais intelectuais —, *ainda* serem constantes as homenagens feitas pelos afilhados de Padre Cícero, mesmo três anos após sua morte. Para Pinheiro, essa permanência não denota algo ruim, mas uma qualidade do sacerdote que permanecia conseguindo mobilizar seus devotos mesmo após a morte. Era, no entanto, algo surpreendente, inesperado.

Além dos devotos, muitos outros não se esqueceram de Padre Cícero. Os “amigos de sua memória” viriam a defendê-lo dos muitos ataques sofridos. Segundo Reis Vidal, “[...] resta-lhe, depois da morte, a justiça dos porvindouros”⁴⁸⁴. Tristão Romero, por exemplo, notava que os romeiros continuavam seguindo os conselhos do *Padrinho* mesmo após 1934:

E assim, formando homens, com o trabalho, o exemplo e a palavra, formava também um povo, que embora vivendo esparço (sic) por todo o território nacional, permanecia unido pela sua palavra de ordem e pelo pensamento do Padre Cícero, o seu Guia, Mestre e Amigo. Este fenômeno sociológico perdura ainda hoje após a morte do venerável patriarca de Juazeiro, porque o Padre Cícero continua vivo no coração de seus devotos e afilhados [...].⁴⁸⁵

⁴⁸¹ PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMPEH, 2011 [1938]. p. 13.

⁴⁸² Op. cit., p. 149.

⁴⁸³ Op. cit., p. 163.

⁴⁸⁴ VIDAL, Reis. **Padre Cícero: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra**. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 69.

⁴⁸⁵ ROMERO, Tristão. **Vida completa do Padre Cícero Romão Batista** – Anchieta do século XX. Juazeiro do Norte, 1950. p. 50.

Manoel Dinis, Reis Vidal, Irineu Pinheiro, Tristão Romero e padre Azarias Sobreira fazem parte de um time que considera Padre Cícero um fator de progresso para uma região condenada ao abandono. Tais autores elogiam o sacerdote não com base na discutida santidade de seus atos, mas tomando por princípio a grande e exitosa tarefa fundar de uma cidade, zelando por ela e por seus habitantes.

Se logo após a morte Padre Cícero recebeu carinhos e afagos de seus biógrafos amigos, o mesmo não pode ser dito dos trabalhos que vieram a seguir. Parece que a distância temporal abria espaço não apenas para pesquisas mais densas, mas também para verdades censuradas e agressões por vezes virulentas. Padre Cícero não foi poupado. O corpo “esfriara” e já era possível verter sobre ele as mais cortantes palavras.

6.3 Padre Cícero de Juazeiro

Nas décadas de 1940 e 1960, a editora carioca Civilização Brasileira lançou duas biografias sobre o sacerdote cariense: *Padre Cícero – O santo de Juazeiro* (1946), de Edmar Morel e *Padre Cícero – Mito e realidade* (1968), de Otacílio Anselmo⁴⁸⁶. Ambas possuíam as mesmas cores nas capas: vermelho, preto e branco. O vermelho provavelmente aludia ao sangue precioso que deu origem à cidade e instituiu a santidade do *Padrinho*.

O opúsculo *Duas palavras*, de José Teófilo Machado, foi publicado em 1948, entre outros motivos, para “[...] respondermos à malícia com que o sr. Edmar Morel publicou em livro de sua autoria relativo ao Juazeiro, dois telegramas assinados pelo Padre Cícero”⁴⁸⁷. Para rebater o escrito de Morel — que “[...] dá lugar a haver pessoas que, lendo os ditos telegramas, classifiquem o Padre Cícero como homem politiquero, vulgar e sem moral política [...]” — Machado argumenta que, à época dos telegramas⁴⁸⁸

⁴⁸⁶ Cabe lembrar que, na época, as biografias faziam bastante sucesso no mercado editorial brasileiro. “Na década de 1950, a liberdade seria uma conquista política nova no Brasil, o que conformaria, também, um importante período para a experiência brasileira. Muitas das produções intelectuais expressariam a necessidade de se pensar sobre a *modernização* do país em meio às contradições em curso, tentando romper com os temores vizinhos da guerra, da ditadura e da repressão política. Nesses anos também se manteria bastante ativo o mercado editor e leitor do gênero biográfico, no Brasil, possivelmente ainda estimulado pela voga da ‘epidemia biográfica’ – expressão atribuída aos escritores Tristão de Athayde e Osório Borba, sobre os anos 30’.” SILVA, Ana Rosa Cloet da; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus (Org). **Contribuições à história da historiografia luso-brasileira**. São Paulo: Hucitec Editora Fapemig, 2013. p. 427.

⁴⁸⁷ MACHADO, José Teófilo. **Duas palavras**. Excertos da vida de Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1948. p. 1

⁴⁸⁸ Os telegramas em questão tratavam da participação e apoio de Padre Cícero a diferentes personagens políticos em momentos que envolviam revoltas populares.

(1930), “[...] o padre estava quase completamente cego de cataratas”⁴⁸⁹. O livreto tem apenas 28 páginas, contendo um resumo biográfico e o testamento do sacerdote. Era uma obra de caráter local, editada em tipografia da própria cidade e patrocinada, entre outros, por Manoel Dinis, tendo sido publicada dois anos após a divulgação do livro de Edmar Morel. Os defensores de Padre Cícero, portanto, continuavam vigilantes.

Em janeiro do ano seguinte, 1949, o *Correio do Juazeiro* apresentou, na primeira página de sua segunda edição, uma crítica mordaz ao trabalho de Morel. Antes de se dedicar a perscrutar a vida de Padre Cícero, o biógrafo escreveu sobre Gago Coutinho e Sacadura Cabral, aviadores portugueses. Também publicou um livro sobre o explorador Percy Fawcett, e esse foi seu maior sucesso até então. Segundo Chateaubriand, editor das duas obras⁴⁹⁰, ambas teriam se esgotado em 30 dias⁴⁹¹. A crítica publicada no jornal de Juazeiro menciona *Gago Coutinho e sua vida aventureira* (1941), bem como *E Fawcett não voltou* (1944), comparando-os à obra que Edmar Morel publicou sobre o sacerdote:

Mas o sucesso de seus dois livros-reportagens, sobretudo do segundo, estimulou-lhe a vaidade em demasia e ele, sob a influência dessas vitórias, perpetrou então essa verdadeira monstruosidade: veio a Juazeiro biografar Pe. Cícero. Custou-lhe caro a ousadia, porquanto obteve, como resultado, uma derrota jornalística e outra de livraria e a animosidade perene dos joazeirenses que lhe compuseram a obra: ‘O Santo do Joazeiro’. Certo é que ele teve elementos para escrever a contento, e com a isenção de ânimo precisa, a história de vida do nosso Taumaturgo. Mas essa história jamais poderia ou poderá ser escrita com o acerto necessário por um simples repórter. Personalidade complexa, místico por excelência, os principais fatos e incidentes da tribulada existência do Pe. Cícero só se podem explicar e compreender devidamente à luz de uma análise profunda de sua formação espiritual, de seu amor a Juazeiro e a sua gente. Porque, na história de sua vida, o fato em si é de importância inferior, cumprindo ressaltar tão somente a sua razão de ser, o gesto que o ditou. Essa análise, e somente com ela se terá biografia justa e honesta do Pe. Cícero, capaz de reivindicar para ele a posição que de fato lhe compete ocupar no julgamento dos espíritos esclarecidos, essa análise não é obra de repórter. Acostumado aos sensacionalismos das notícias ligeiras, seu espírito não pode demorar-se mais detidamente na apreciação dos fatos. Assim, o livro de Edmar Morel constitui uma leviandade, uma iniciativa impensada. Com ele, o conceito do Pe. Cícero, já tão espezinado por aí afora, decaiu mais ainda. Quem o levantará?...⁴⁹²

⁴⁸⁹ MACHADO, José Teófilo. **Duas palavras**. Excertos da vida de Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1948. p. 1.

⁴⁹⁰ Frederico Chateaubriand era sobrinho do proprietário dos *Diários Associados* e foi responsável, entre outras coisas, pela reformulação — e consequente sucesso — da revista *O Cruzeiro*.

⁴⁹¹ CHATEAUBRIAND, Frederico. A época é do repórter. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 4, 5 abr. 1946.

⁴⁹² CORNELIO, E. Um repórter apressado. **Correio do Juazeiro**, Juazeiro do Norte, p. 1, 23 jan. 1949. Espedito Cornélio de Miranda era secretário do então prefeito de Juazeiro, Antônio Conserva Feitosa. Foi radialista na Rádio Iracema, de Juazeiro, e atuou também como professor na Escola Técnica de Comércio. Foi ainda superintendente da CELCA.

As críticas a Morel foram frequentes em Juazeiro. No mesmo jornal, em outubro de 1949, era lançado um apelo: em 1950 seria publicada a segunda edição do *Almanaque do Cariri*, sob a direção de Assis Leite, que teria oferecido à cidade “[...] nada menos que 200 páginas ilustradas, devendo o nosso povo cooperar em tão belo gesto, que poderá ser uma represália às reportagens farsantes de Edmar Morel”⁴⁹³. A busca pelo patrocínio do almanaque tinha como principal argumento um revide à iniciativa de Morel. Assis Leite seria o intelectual a quem se confiaria essa tarefa.

De fato, Leite publicou em 1949 o prometido almanaque, intitulado *Juazeiro do Norte – A cidade das pequenas indústrias e do ensino profissional* (talvez a primeira obra sobre a cidade que não trazia em seu título o nome de Padre Cícero). Na exígua coluna dedicada a falar sobre o sacerdote, afirmava:

Ainda é muito cedo para se fazer o julgamento do homem que impressionou as populações sertanejas que o aclamaram como seu guia espiritual, de São Francisco ao Tocantins. A influência moral que o Padre Cícero exercia sobre os homens se fazia sentir não só entre os camponeses, mas, igualmente, entre as classes sociais mais cultas [...]. Decorrido mais de um decênio de seu desaparecimento dentre os vivos, sua obra permanece imutável. A cidade que fundou, cujo desenvolvimento progressivo assistiu, contribuindo com sua cooperação, o seu exemplo para o progresso da terra caririense, não sofreu o colapso que muitos esperavam sucedesse após sua morte. Ao contrário, a memória de seu nome venerada pelos sertanejos de todo o Nordeste, tem contribuído para seu maior desenvolvimento econômico, cultural e social da cidade das Pequenas Industrias conhecidas em todo o Brasil.⁴⁹⁴

Em 1950, sob o pseudônimo de Tristão Romero, publicaria um livro completamente dedicado a analisar a influência do *Padrinho* sobre o cotidiano de Juazeiro. Em seu *Vida completa do Padre Cícero Romão Batista – Anchieta do século*, saía em defesa do *Padrinho*:

Estudando o Padre Cícero à luz da Justiça e da Verdade, sem paixão, e com amor, de início, devolvo aos seus inimigos e detratores de seu nome impoluto, o cortejo de mentiras, as falsas versões e o ódio atirados contra o nosso querido e santo Pastor, no intuito malévolo de diminuir o esplendor de sua obra e desviar os sentimentos de reverente admiração e respeito que lhe devotam os bons.⁴⁹⁵

⁴⁹³ COOPEREM COM o “Almanaque do Cariri”. *Correio do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, p. 6, 23 out. 1949.

⁴⁹⁴ LEITE, Francisco de Assis. *Almanaque do Cariri*. Cidade: s.n., 1949. p. 242.

⁴⁹⁵ ROMERO, Tristão. *Vida completa do Padre Cícero Romão Batista – Anchieta do século XX*. Juazeiro do Norte, 1950. p. 4.

Assis Leite assevera que se orgulharia caso o seu trabalho alcançasse o seguinte objetivo: “[...] o maior engrandecimento do nome de quem, em vida, foi um exemplo palpitante de nobreza e dignidade” e “[...] depois da morte continua sendo o conforto e a alegria dos que sofrem e nele confiam e esperam”⁴⁹⁶. Pretendia ser o responsável por “levantar a honra” do *Padrinho* após o desapontamento causado pela repercussão de *Padre Cícero – O santo de Juazeiro*.

Edmar Morel nasceu em Fortaleza, no ano de 1912. Era filho de um barbeiro que, eventualmente, vendia estampas do Padre Cícero. O nome do sacerdote era muito falado no estabelecimento de seu pai, e marcava presença nas memórias de sua infância. De origem humilde, trabalhou durante a juventude numa loja de discos e vitrolas, onde aprendeu a escutar compositores eruditos. Seu primeiro contato com o jornalismo se deu em 1931, quando atuou como agenciador de anúncios em *O Ceará*. Posteriormente, tornou-se suplente de revisor e auxiliar de repórter. Essas atividades iniciais o impeliram a investir na carreira. Assim, aos vinte anos, partiu para o Rio de Janeiro em busca de melhores oportunidades. Lá, rapidamente conseguiu emprego no *Jornal do Brasil*, onde não se demorou por muito tempo. Tentou também ser introduzido em *A Noite*, não obtendo sucesso. Trabalhou em *A Manhã* e *O Globo*, até finalmente se ligar, em 1938, ao *Diário da Noite*, onde permaneceria até 1947. Faria carreira justamente nos *Diários Associados*, onde passou a atuar como repórter, tendo sido enviado a diversas localidades para cobrir os mais diversos e relevantes temas. Foi nesse período que escreveu os artigos que dariam origem, em 1946, ao seu *Padre Cícero – O santo do Juazeiro*.

Morel afirma que seu objetivo, ao desembarcar em Juazeiro, era escrever uma obra baseada em fatos, que fosse imparcial e não admitisse contestação⁴⁹⁷. Declara ainda: “Sou repórter e, como tal, não devo fazer interpretações sociológicas dos fatos que narro, à base de documentação e com absoluta isenção de ânimos”⁴⁹⁸. Padre Cícero havia morrido há doze anos, mas o jornalista afirmava ter sentido,

⁴⁹⁶ ROMERO, Tristão. **Vida completa do Padre Cícero Romão Batista** – Anchieta do século XX. Juazeiro do Norte, 1950. p. 6.

⁴⁹⁷ Conforme lembra Ramos a respeito dos telegramas do município (catalogados por Pelúcio Correia e repassados a Padre Cícero), que vieram a ser utilizados por alguns biógrafos para justificar a fama de adivinho de Padre Cícero, é preciso destacar que Edmar Morel tentou desenvolver, a partir de tal fonte “uma explicação minimamente racional para o prestígio que o padre Cícero gozava. É exatamente por isso que vários autores vão endossar o ‘segredo dos telegramas’ para ‘revelar a verdade’. Não se admitia uma via interpretativa que não estivesse pautada nos ‘fatos’, longe de qualquer sentido religioso.” RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel passado: cartas entre os devotos e o padre Cícero**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 2017-208.

⁴⁹⁸ MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 2.

[...] ao primeiro contato com o povo, que o Padre deixara uma cidade mergulhada nas trevas do analfabetismo e de um profundo misticismo. Limitou-se, durante longos anos, a proteger a escória do crime. Bandidos caçados pelas polícias de vários Estados do Nordeste, encontravam em Juazeiro o refúgio que pediram a Deus, com sombra e água fresca, sob a proteção de uma batina. Sob o tropel do cangaço, Juazeiro progrediu, porém, fica cada vez mais pobre no campo da cultura.⁴⁹⁹

Morel defende que Padre Cícero era fruto de seu meio, além de ter sido influenciado por aventureiros e aproveitadores. É um dos biógrafos que enxergaram o local, mesmo depois da morte do sacerdote, como um ignorante e místico reduto de cangaceiros. Segundo o jornalista, Padre Cícero e o advogado Manoel Dinis conversavam todas as noites, e o sacerdote contava a ele “[...] todos os seus sonhos e visões, verdadeiras histórias de Trancoso, contos da Carochinha...”⁵⁰⁰.

É evidente o caráter de biografia ambiciosa impresso à obra de Morel, que se inicia com a chegada do *Padrinho* ao Juazeiro, em 1872, e termina com a sua morte, em 1934. O objetivo do jornalista fortalezense não é dissertar sobre Juazeiro, como fizeram Alencar Peixoto, Floro Bartolomeu, Lourenço Filho e outros escritores que se dedicaram ao tema antes da morte do sacerdote. Morel é um dos primeiros escritores de renome a escrever, a partir de importante documentação, uma biografia sobre Padre Cícero — segundo Frederico Chateaubriand, “[...] numa linguagem clara e característica para o povo, o leitor encontrará episódios sensacionais que marcaram a vida do Padre Cícero [...], como sacerdote, como político e revolucionário”⁵⁰¹. Embora efetivamente utilize documentos na elaboração de seu livro, Morel não escapa, contudo, à tentação de construir certas teorias acerca de Juazeiro e seu fundador. A obra escrita por ele traz como fontes fundamentais os recortes de jornais que Padre Cícero fizera⁵⁰² e, por vezes, comentara.

Os principais eventos colocados em tela por ele são aqueles mesmos que foram fartamente comentados nos jornais que circularam até então: a emancipação do município em 1911, a Sedição de Juazeiro em 1914, a passagem de Lampião pela cidade

⁴⁹⁹ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 1.

⁵⁰⁰ Op. cit., p. 133.

⁵⁰¹ CHATEAUBRIAND, Frederico. A época é do repórter. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 4, 5 abr. 1946.

⁵⁰² Para maiores informações sobre o arquivo pessoal de Padre Cícero, Cf. PINHO, Maria de Fátima de Moraes; MENESES, Sônia. No Silêncio Obsequioso, preparo minha própria defesa: Pe. Cícero, arquivista de si mesmo. **Revista Observatório**, v. 2, p. 172-196, 2017.

em 1926, a Revolta de Princesa em 1930, a exibição do filme de Reis Vidal em 1932 — marcos muito comuns no jornalismo que se dedicou a noticiar Juazeiro. A peculiaridade de sua obra é a discussão sobre a participação de Padre Cícero na política nacional. Assim, do regional ao nacional e ao internacional, é possível construir um panorama não apenas sobre as ações do *Padrinho*, mas acerca das ideias que defendeu ao longo de sua trajetória.

É importante notar que o jornalista descreveu todos os eventos no tempo presente, o que pode dar a impressão de que teria conhecido o Padre Cícero pessoalmente e formado uma opinião pessoal sobre ele. Na verdade, grande parte da narrativa é construída a partir de livros anteriormente publicados acerca do tema. Entre as fontes utilizadas pelo jornalista fortalezense, encontram-se as obras de Alencar Peixoto, Manoel Dinis e Xavier de Oliveira, além das cartas trocadas por Padre Cícero e diversas personalidades e os já mencionados recortes de jornal. Embora costume dar crédito àqueles que apresentaram informações relevantes para a elaboração do texto, muitas vezes Morel não deixa clara a fonte pesquisada. À página de número 11 de seu livro, por exemplo, afirma que em 1872, quando o sacerdote chega ao povoado, “[...] Juazeiro é um antro de ladrões de cavalo, ébrios e desordeiros. Poucos trabalham, em regra têm o vício da embriaguez e vivem com mulheres alegres”⁵⁰³. Tais informações, evidentemente, não foram parte da experiência que teve, somente em 1946, em sua visita à cidade, mas também não fica clara a origem dessa descrição.

Como já foi dito antes, muitos foram os paralelos elaborados entre as batalhas de Canudos e a Sedição de Juazeiro. Edmar Morel não fugiu deles. Segundo ele, “[...] o sacerdote rústico, com a mesma credence com que Antônio Conselheiro fez Canudos, ergue Juazeiro”⁵⁰⁴. Para o jornalista, no entanto, algumas diferenças se apresentavam em favor da bravura de Antônio Conselheiro e de suas frágeis tropas, pois Juazeiro se encontrava em situação diversa em 1914:

É preciso fazer uma diferença entre os dois. Antônio Conselheiro, à frente de seus homens, lutou contra exércitos organizados, bem aparelhados e dirigidos por experimentados e bravos comandantes. O Padre Cícero, com seus romeiros armados e municionados pelo Governo Federal, enfrenta uma tropa tão covarde que não cai no campo de batalha um só oficial.⁵⁰⁵

⁵⁰³ MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O Santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 11.

⁵⁰⁴ Op. cit., p. 72.

⁵⁰⁵ Op. cit., p. 73.

A observação de Morel pode ser considerada inconsistente se levarmos em consideração que Franco Rabelo e suas ações faziam parte de uma política de “salvações” nacional, enquanto Padre Cícero lutava para não perder o espaço conquistado junto à oligarquia de Accioly⁵⁰⁶.

Embora tenha sido mal recebido em Juazeiro, o livro de Morel obteve sucesso no país, transformando-se na maior referência no que dizia respeito a Juazeiro. Se os habitantes locais o desabonavam, a elite intelectual do país o elogiava nos jornais e nas demais obras lançadas sobre o tema. O próximo biógrafo de Padre Cícero, Otacílio Anselmo, viria a apoiar boa parte de sua obra sobre as premissas lançadas por Edmar Morel:

Já tivemos alguns livros escritos sobre o assunto, como o do sr. Lourenço Filho e o do sr. Irineu Pinheiro. O primeiro é mais um estudo das condições de vida do interior e do fenômeno do cangaço, do que mesmo uma biografia. O segundo é uma justificação da revolução do Cariri, uma espécie de apologia política do chefe de cangaceiros, escrita por um homem que tomou partido na luta, a seu lado. O livro de Edmar Morel se avantajava a ambos, pela riqueza de detalhes, pela amplitude do retrato, que nos dá do vigário obscuro que conseguiu, por ser chefe de um bando de fanáticos, constituir-se em um dos peões do xadrez político nacional.⁵⁰⁷

Nessa crítica, como se vê, desaparecem as obras de Manoel Dinis e Reis Vidal. Os “defensores” do *Padrinho* tiveram menos repercussão que seus detratores. Apesar disso, numa outra passagem, Anselmo defende que “Manuel Diniz [...] deve ser considerado o biógrafo oficial do Pe. Cícero, porquanto escreveu o que ele lhe ditara ‘em longas e mesmo íntimas palestras’”⁵⁰⁸.

Dinis se impõe como alguém que escreveu uma espécie de biografia autorizada — embora superficial —, enquanto Edmar Morel se insere no cenário nacional, transformando-se em referência para os biógrafos que viriam a seguir. A tese de que Padre Cícero seria não um protagonista, mas um peão na política nacional, influenciaria também Otacílio Anselmo.

⁵⁰⁶ Conforme recorda Ramos, enquanto a polícia possuía “[...] farto número de carabinas *mausers*, os ‘rebeldes’ dispunham de reduzida quantidade de rifles [...]. A grande maioria dos combatentes de Juazeiro não tinha arma de fogo”. RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Narrativas em Fogo Cruzado – Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. Trajetos Revista de história da UFC*, v. 2, n. 3, p. 156, Fortaleza, 2002.

⁵⁰⁷ PADRE CÍCERO Romão Batista, etc... *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 2, 11 abr. 1946.

⁵⁰⁸ ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 30.

As ofensas que os juazeirenses enxergaram no livro de Edmar Morel voltaram a figurar na obra publicada em 1968 por Otacílio Anselmo e Silva, que era sargento do Exército e compunha a banda de música do 23º Batalhão de Caçadores de Fortaleza. Também se aventurava no mundo das letras, tendo escrito, além da biografia de Padre Cícero, um livro sobre a história da cidade de Brejo Santo. Nasceu em Jati (CE) e ficou conhecido, entre outras coisas, por ter sido o fundador do “Prova de Fogo”, um dos primeiros blocos carnavalescos da capital cearense. Anselmo foi ainda membro do Instituto Cultural do Cariri (ICC), com sede na cidade de Crato (CE), onde residiu por algum tempo⁵⁰⁹. Publicou em 1968 sua obra de maior expressão, *Padre Cícero – Mito e Realidade*⁵¹⁰.

Otacílio Anselmo atuava como jornalista e foi correspondente do jornal carioca *O Semanário*, onde assinava como presidente da Frente Nacionalista do Crato⁵¹¹. Tinha, portanto, contato com intelectuais do Rio de Janeiro. Seu livro, inclusive, teve lançamento festivo em livrarias da capital carioca, e a orelha foi escrita por um grande intelectual de seu tempo, Nelson Werneck Sodré⁵¹². Foi amplamente divulgado no restante do Brasil: “O escritor cearense Otacílio Anselmo anuncia para breve ‘Padre Cícero, Beato e Coronel’”, dizia *O Jornal*, em 3 de abril de 1968⁵¹³. Aparentemente, Anselmo (ou seu editor) optou por modificar o título, talvez por tê-lo considerado muito agressivo.

O autor planejou se diferenciar de seus antecessores por meio do lançamento de uma biografia de Padre Cícero amparada por ampla documentação. Afirmou que o livro tinha caráter objetivo e não pretendia macular a figura do *Padrinho*. Na introdução de seu *Padre Cícero: mito e realidade* (1968), declarou ter preparado uma “[...] obra eminentemente documentária, [que] constitui uma retificação histórica, elaborada sem

⁵⁰⁹ Para mais informações sobre o ICC, cf. VIANA, José Italo Bezerra. **As muitas artes do Cariri**: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

⁵¹⁰ O jornalista Felipe Teixeira Bueno Caixeta levanta uma curiosa suspeição sobre o livro de Anselmo, afirmando: “[...] hoje sabe-se que para desmoralizar o Padre Cícero e cessar as romarias em Juazeiro, *ghost writers* da Diocese de Crato manipulavam documentos para a imprensa e entregavam livros completos para publicação por autores como Otacílio Anselmo (Padre Cícero Mito e Realidade), financiando a impressão e a distribuição de sucessivas tiragens com 20 mil ou mais exemplares. CAIXETA, Felipe Teixeira Bueno. In: CORDEIRO, Maria Paula Jacinto; PINHEIRO, Mateus; ALVES, Dosana Dayara de Alcântara (org). **Anais do IV Simpósio Simpósio Internacional Padre Cícero: E... Onde está ele?**. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2017. p. 201.

⁵¹¹ MOVIMENTO NACIONALISTA Brasileiro. **O Semanário**, Rio de Janeiro, Semana de 12 a 19 de dezembro de 1957, p. 8.

⁵¹² Sodré, inclusive, lançava também em 1968, pela mesma editora, seu *Fundamentos da estética marxista*.

⁵¹³ RÁPIDAS. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 14, 3 abr. 1968.

outro objetivo a não ser a narração da verdade”⁵¹⁴. Os admiradores de Padre Cícero, no entanto, discordaram do resultado, colocando-o na lista dos chamados detratores de Padre Cícero.

Valdemar Cavalcanti lembra que Otacílio Anselmo teria passado oito anos realizando a pesquisa que daria origem a seu livro. Escrutinou bibliotecas, cartórios, arquivos públicos e particulares. Na resenha, Cavalcanti esclarece que Anselmo analisa “[...] toda a fenomenologia do seu meio e de sua época; todo o enquadramento social e econômico que explica a ação carismática daquele espantoso padre sertanejo”⁵¹⁵.

Otacílio Anselmo utiliza, de fato, múltiplas fontes, frequentemente citando os autores de onde vieram as informações, embora nem sempre realize a crítica delas. Ele dá muito crédito, por exemplo, às afirmações lançadas pelo padre Alencar Peixoto em seu *Joazeiro do Cariry*. Ao delinear a figura de Maria de Araújo, opta por seguir afirmações do famoso inimigo de Padre Cícero:

Apresentando o estigma da fusão de três raças, Maria de Araújo era o tipo clássico da mestiça, com predominância do negro, pois negro era o pai, oriundo, sem dúvida, da senzala do Pe. Pedro Ribeiro, enquanto a mãe provinha do branco e do índio [...] Não obstante feia, Maria de Araújo teve seu retrato espalhado entre as massas fanatizadas.⁵¹⁶

Anselmo chega a alegar que toda a literatura que apontava o Padre Cícero “[...] como semeador de benefícios, pai da pobreza, criador de escolas, orfanatos, etc., é pura ficção e tem sentido de réplica às duras verdades reveladas pelo Pe. Alencar Peixoto”⁵¹⁷.

Assim como tantos outros, o capitão iniciou seu livro falando sobre a colonização do Cariri e tentando explicar a composição da população a partir dos pontos de vista racial e social. Para concluir seu intento, não hesitou em utilizar como referência uma das mais racistas descrições de Maria de Araújo, elaborada por Peixoto.

O primeiro capítulo de *Padre Cícero – Mito e realidade* é intitulado “O Meio”. Como Euclides da Cunha, Anselmo preferiu iniciar sua obra com “A Terra”, discutindo somente depois “o homem”. Ao final do capítulo inicial, concluiu que o

⁵¹⁴ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p. s.n.

⁵¹⁵ CAVALCANTI, Waldemar. Padre Cícero: o mito e a realidade humana. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 2, 7 set. 1968.

⁵¹⁶ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 74.

⁵¹⁷ Op. cit., p. 211.

povoado de Juazeiro havia sido um ponto para o qual convergiram, a partir de 1889, “[...] os legatários do sebastianismo de Pedra Bonita e alguns remanescentes de Canudos”⁵¹⁸, compreendendo que, dessa forma, teria se cristalizado um fanatismo já presente na região graças aos penitentes. Afirmou, ainda, que “[...] por mais que se procure negar, o Século XX encontrou o Juazeiro em condições semelhantes às de Canudos nos meados da última década do século passado”⁵¹⁹. Posteriormente, dedicou-se ao nascimento de Padre Cícero, não esquecendo de mencionar aspectos genealógicos. Tratou da infância do sacerdote, bem como de sua estadia no Seminário da Prainha.

Na segunda parte do livro, Anselmo faz uma análise da vida de Padre Cícero como sacerdote, desde os primeiros passos no ofício. Depois, sobre a trajetória do *Padrinho* como fundador de Juazeiro. Anselmo julga que a crença na santidade de Padre Cícero teria sido mantida e estimulada após a morte do sacerdote graças aos intelectuais e poetas populares que voltaram a conceber estudos e escritos em geral sobre ele. Para Anselmo, após a morte, “desfaleceu o chefe político” para fixar-se na memória apenas o santo. Sua obra parece querer resgatar justamente o padre político, já esquecido pelos devotos.

Otacílio Anselmo e diversos escritores do mesmo período se propuseram a produzir análises de caráter supostamente sociológico, fugindo das antigas dicotomias e disputas entre defensores e acusadores de Padre Cícero, mas os leitores, principalmente os juazeirenses e aqueles que defendiam a santidade e a dignidade do sacerdote, nunca deixaram de enquadrar as mais diversas obras nesses dois grupos. Criticá-lo era criticar Juazeiro e seus habitantes, o que encolerizava as elites locais.

O livro de Otacílio Anselmo foi publicado um ano antes da construção da grande estátua na Colina do Horto. Em 1969, quando a imagem foi inaugurada, *Padre Cícero – Mito e realidade* era a obra mais recente e de maior envergadura sobre o tema. Numa coluna sobre a inauguração da estátua, a imprensa carioca dissertava sobre Padre Cícero à luz de Anselmo, afirmando que o sacerdote não fora uma grande personalidade, mas “[...] uma figura insignificante [...] que adquiriu extraordinário relevo por obra e graça de condições sociais e paisagem”⁵²⁰. A tese de Anselmo gira em torno da ideia de que Padre Cícero é um exemplar de seu próprio meio, não podendo se diferenciar dos humildes fanáticos que o seguiram:

⁵¹⁸ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 12.

⁵¹⁹ Op. cit., p. 255.

⁵²⁰ CARNEIRO, Glauco. Padim Ciço: a estátua do mito. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 5, 30 nov. 1969.

O Pe. Cícero não era, certamente, bom pregador; sê-lo-ia, na hipótese de haver-se dedicado ao cultivo das letras. Contudo, sua voz modulada e firme, em harmonia com a expressão de um olhar perscrutador, era o bastante para impressionar a gente simples que o escutava. Voz e olhar – eis o que havia de excepcional em sua curiosa personalidade.⁵²¹

Os dons de Padre Cícero seriam naturais. Não eram mérito de sua disciplina e de seus estudos. Ele não teria sido, como alguns afirmaram, um grande intelectual. De acordo com Morel, “[...] pasma o fato de não aparecer em parte alguma, um só artigo, um simples trabalho religioso ou social, um discurso político do patriarca”⁵²². Anselmo segue na mesma linha, defendendo que o sacerdote não se destacara dos demais homens e mulheres de seu meio. Para ele, o estudante Cícero Romão Batista rendia pouco nas aulas de Teologia, provavelmente porque privilegiava os estudos de hipnotismo e magnetismo⁵²³. Prossegue dizendo que ele possuía uma “indisposição para o esforço mental”⁵²⁴. Anselmo atribui tais caracteres a uma índole associada aos habitantes locais. A indisciplina atribuída ao Padre Cícero seria, assim, uma “tendência ancestral”⁵²⁵. Seu autoritarismo diante dos seguidores caracterizaria uma certa “violência inata”⁵²⁶. Edmar Morel defendeu que

Prisioneiro do ambiente, sem grandes conhecimentos, personagem principal dos fatos que tornam Juazeiro falado no Brasil inteiro e cercado pelo que havia de mais ordinário, em todos os setores, é um produto do meio em que vive. Alheio aos movimentos sociais e reformadores que aparecem no mundo, sem livros e ignorando os modernos escritores, filósofos e sociólogos, tem a sua personalidade envolvida por lendas e por fatos rocambolescos, tornando-se de evangelizador [...] num místico pastor de almas rude.⁵²⁷

Otacílio Anselmo lhe seguiu: “[...] lhe faltavam o equilíbrio mental, a cultura e a visão de um Ibiapina. Com efeito, para um povo carente de instrução, não fundou escolas”⁵²⁸. Anteriormente, contudo, vale lembrar a opinião de Reis Vidal, que afirmava

⁵²¹ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 57.

⁵²² MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 126.

⁵²³ Op. cit., p. 33.

⁵²⁴ Op. cit., p. 43.

⁵²⁵ Op. cit., p. 44.

⁵²⁶ Op. cit., p. 46.

⁵²⁷ MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 125.

⁵²⁸ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 62.

o sacerdote como “[...] inteligência polymorfa que, argamassando vários e pacientes estudos no decurso de uma laboriosa existência dedicada aos livros, se irradiava exuberantemente e se afirmava como robusta expressão mental”⁵²⁹. Para os amigos de Padre Cícero, ele era um. Para os “inimigos” de sua memória, era outro, bastante diferente.

O santo de Juazeiro trocou o papel de evangelizador pelo de místico, segundo Edmar Morel. Logo veio a resposta, através de Tristão Romero: Padre Cícero não era apenas um evangelizador; era, na verdade, uma espécie de Anchieta do sertão. Dois extremos que se opunham na interpretação da personalidade do Padrinho. A versão do autor de *Padre Cícero – O santo de Juazeiro* foi, por muito tempo, considerada pelos jornalistas do país como a mais correta, e seu livro ganhou *status* de referência sobre o tema.

O livro de Otacílio Anselmo, por sua vez, foi fundamental na cristalização da ideia de que Padre Cícero seria um coronel, ou mesmo como um “coronel-gângster”⁵³⁰. Ele também teve seus contestadores, e o livro é, até os dias atuais, malvisto em Juazeiro. Sua obra, no entanto, não teve o alcance daquela lançada anteriormente por Edmar Morel, jornalista então consagrado.

O que cabe notar, tanto em Edmar Morel quanto em Otacílio Anselmo, é a tese de que Padre Cícero era fruto de seu meio e pouco fez para transformar a realidade da população que ali habitava. Ambos enxergavam em Juazeiro um espelho do sacerdote, com todos os defeitos que lhe cabiam⁵³¹. Conforme Edmar Morel, Padre Cícero teria se omitido. Sua vaidade e seu desejo de ser cultuado seriam maiores que a intenção de eliminar a ignorância de seus devotos:

Está para surgir no Brasil um eclesiástico mais simples no modo de trajar do que o Padre Cícero. Sua sotaina surrada e o chapéu ensebado lhe dão maior simplicidade e isso mesmo o torna mais perto do coração do povo, composto do que há de mais heterogêneo. Talvez tudo isto, premeditado, por simples

⁵²⁹ VIDAL, Reis. **Padre Cícero**: Joazeiro visto de perto, o Padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936. p. 19.

⁵³⁰ PINTO, Luis. Os Coronéis... **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 2, 25 mai. 1972.

⁵³¹ Sob esse ponto de vista, os intelectuais brasileiros pareciam ignorar a tendência, então em voga, de compreender o indivíduo como exterior à sociedade, podendo ser estudado pelas suas propriedades psicológicas inatas. Conforme destaca Marcelino, “[...] o estabelecimento de uma visão de mundo amparada no indivíduo foi fundamental à constituição da crença na unicidade de uma determinada trajetória. Esse tipo de concepção, por outro lado, acompanhou o maior distanciamento entre a historiografia e o processo de composição e biografias do século XIX, tendo em vista a crescente perda de vigor do sentido de exemplaridade atribuído à escrita da história [...]”. MARCELINO, Douglas Attila. **O Corpo da Nova República**. Funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 28-29.

esperteza. Paulo de Tarso rasgava a túnica ao ver que a multidão o tomava como um Deus caído à terra. O Padre Cícero não tem este gesto e contemporiza, fechando os olhos ao ambiente de ignorância e misticismo que o rodeia.⁵³²

Otacílio Anselmo vai além, situando o *Padrinho* como responsável pela miséria em que se encontravam os habitantes de Juazeiro. Afirma que “[...] o Pe. Cícero transpusera os umbrais da idade bíblica preocupado apenas com a manutenção do fanatismo religioso [...] tendo em vista sua estabilidade econômica, política e social”⁵³³. Garante ainda a inépcia do sacerdote como administrador, destacando que “fosse o sacerdote um líder realmente interessado no progresso e no bem-estar do seu povo, como ainda afirmam certos autores, e Juazeiro não teria permanecido à frente das localidades mais atrasadas do Ceará”⁵³⁴.

Talvez, além do livro de Tristão Romero/Assis Leite, a única obra a discutir Juazeiro após 1934 sem ter como foco principal o Padre Cícero seja um livreto intitulado *O Cariri: - Crato - Juazeiro do Norte – Estudo de Geografia Regional*, publicado por uma editora do Crato em 1968. O autor, Douracy Soares, era geógrafo e professor da Universidade Federal da Bahia. Em 1966, foi convidado pela Faculdade de Filosofia do Crato a ministrar um curso de cartografia que deu origem ao estudo. Soares, ao analisar os aspectos regionais da região, não chegou a resultados muito diferentes daqueles apresentados por Edmar Morel e Otacílio Anselmo. Em sua publicação, afirmou: “[...] depois de sua morte, ocorrida em 1934, padre Cícero transformou-se num ‘santo’ para os sertanejos ingênuos. Durante a sua vida permitiu, tranquila e conscientemente, a mistificação”⁵³⁵. Douracy afirma em 1968:

Ainda hoje, entre a gente simples de consciência ingênua, dos sertões semi-áridos, do litoral canavieiro e do Cariri, padre Cícero é considerado o profeta que deve ser obedecido, e a ingenuidade daquela gente lhes permite acreditar na ‘volta do profeta’. ‘– Ele voltará, os ‘milagres’, as ‘curas’ e as ‘aparições’ estão aí como prova’, pregam os indivíduos pagos pelos comerciantes de Juazeiro nos sertões e no litoral nordestino. A crença na ressurreição do ‘padrinho’ propagou-se enormemente, sendo o messianismo, uma fonte de renda de Juazeiro do Norte.⁵³⁶

⁵³² MOREL, Edmar. **Padre Cícero** – O santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946. p. 137.

⁵³³ ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 504.

⁵³⁴ Id., *ibid.*

⁵³⁵ SOARES, Douracy. **O Cariri - Crato - Juazeiro do Norte**. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1966. p. 32

⁵³⁶ Id. *ibid.*

Koselleck afirma que a Modernidade não enterra imediatamente a *Historia Magistra Vitae*, mas faz com que ela se dissolva até desaparecer a noção de eternidade⁵³⁷. Os homens passam a compreender que são seres históricos, que nenhuma transcendência temporal é possível. Em Juazeiro, contudo, experimenta-se uma espécie de “não simultaneidade do contemporâneo”. As coisas que acontecem no restante do Brasil são diversas daquelas que acontecem em Juazeiro⁵³⁸, onde “ainda” existem coisas que não deveriam existir. O presente não é diferente do passado, e o futuro talvez não venha a ser diferente do presente. A permanência, não eliminada, pode vir a se tornar mais longa. Essa insegurança aparecerá frequentemente nas obras que tratam sobre Juazeiro. Tais noções, no entanto, são subjetivas. Cada autor defenderá, conforme sua inclinação pessoal, o “já” ou o “ainda”. Para todos, no entanto, o passado é algo a ser superado.

Os narradores de Juazeiro não sabiam onde terminaria o passado, que, para os pessimistas, constituiria um presente permanente. O que eles não notavam é que essas múltiplas temporalidades podem coincidir. “Ainda” em 1968, um povo humilde esperava Padre Cícero. Era, sem dúvida, uma decepção para qualquer homem das letras diagnosticar isso. Edmar Morel e Otacílio Anselmo eram pessoas que lamentavam o “ainda”. Queixavam-se do fato de a ausência significar uma presença ainda maior. Enquanto isso, Manoel Dinis, Lauro Reis Vidal, Tristão Romero e outros defensores de Padre Cícero celebravam o progresso, a grande densidade demográfica, as ruas alinhadas, a indústria — o “já”. Esses dois grupos não percebiam que tais dicotomias eram insuficientes para definir Juazeiro. A cidade do *Padrinho* era, por excelência, a terra em que o “ainda” e o “já” eram simultaneamente possíveis. Além disso, ou exatamente por isso, havia ali um tempo ligado à eternidade.

⁵³⁷ “A singularidade dos eventos — principal premissa teórica tanto do historicismo como das teorias do progresso — não conhece a repetição e, por isso, não permite nenhuma indicação imediata quanto ao proveito das ações passadas. Neste ponto, a ‘história’ [*Geschichte*] moderna destronou a velha *historia* como *magistra vitae*. Mas o axioma do princípio da singularidade individual que determina o conceito moderno de história se refere — estruturalmente falando — menos ao ineditismo efetivo dos eventos do que à singularidade do conjunto das transformações da modernidade.” KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Contribuição à semântica dos tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. p. 144.

⁵³⁸ Segundo Koselleck, “A simultaneidade daquilo que não é contemporâneo entre si, de início uma experiência surgida da expansão para o ultramar, passou a ser o padrão básico para que a crescente unidade da história universal a partir do século XVIII fosse interpretada como progresso”. Op. cit., p. 293. No caso de Juazeiro, contudo, se trata de um caso em que tempos muito diversos — no país e no mundo — eram simultâneos. Justamente por isso, a cidade parecia não acompanhar o ritmo do progresso.

7 PADRE CÍCERO NA PRAÇA, NA CAPELA E NO ALTO DA COLINA

7.1 Padre Cícero na praça

O primeiro grande monumento construído em homenagem ao Padre Cícero em Juazeiro foi, como se sabe, a escultura em tamanho natural encomendada por Floro Bartolomeu para figurar no centro da Praça da Liberdade (então nomeada como Praça Almirante Alexandrino).

Concebida pelo escultor carioca Laurindo Ramos, a obra foi produzida em bronze no pátio da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro em 1923, e posteriormente seguiu viagem para seu destino final⁵³⁹, tendo sido inaugurada somente em 1925, um ano após o Padrinho completar oitenta anos de idade. Os jornais repercutiram o acontecimento:

Rio (Pelo correio) – A inauguração da estatua do Padre Cicero Romão Baptista na principal avenida do Joazeiro constituiu um facto de sensação, ruidoso e inédito em todo o nordeste. Innumeras famílias vieram de grande numero de Estados, notando-se que os romeiros de outros municípios e cidades cearenses constituíram multidão. A Escola de Aprendizes Marinheiros de Fortaleza, representada pelo seu comandante e uma companhia de alunos, compareceu, realisando evoluções e prestando continências. O comandante Pedro Bittencourt foi, por isto, muito cumprimentado. Na casa de residência do deputado Floro Bartholomeu, realizou-se um banquete sendo trocados vários brindes.⁵⁴⁰

⁵³⁹ A ESTATUA DO Padre Cicero. **A Provincia**, Recife, p. 1, 23 nov. 1923.

⁵⁴⁰ INAUGURA SE no Ceará a estatua do Padre Cícero. **O Dia**, Curitiba, 27 jan. 1925.

Figura 23 – O escultor Laurindo Ramos e sua obra em bronze



ESTATUA DE BRONZE DO PADRE CICERO,

mandada fazer pelo povo de Joazeiro, para ser collocada em uma das praças da cidade, sendo o autor do trabalho o joven escultor patricio Laurindo Ramos, que se acha ao lado, discipulo do notavel professor Correia Lima

Fonte: COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero**: Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p.175.

O evento teve, conforme a reportagem, caráter cívico⁵⁴¹. Romeiros se deslocaram para presenciar o acontecimento, mas o protagonismo foi dado aos militares, que abrilhantaram a cerimônia. O jornalista destacou o fato de nenhum membro do clero ter comparecido, exceto o próprio Padre Cícero, que, ainda lúcido, felicitou-se com a homenagem erguida num dos principais logradouros da cidade. O sacerdote, portanto, não apenas estava vivo durante a cerimônia comemorativa, mas também presente, tendo inclusive discursado durante a inauguração de sua própria imagem. Segundo o jurista cearense Firmo Holanda Cavalcante, as comemorações foram iniciadas ao meio-dia, durante um almoço presidido pelo sacerdote, que, após ouvir as palavras elogiosas de diversos oradores,

Agradeceu [...], em voz pausada e firme, demonstrando sua gratidão pelas manifestações de que vinha sendo alvo, as quaes, na sua reconhecida modéstia, julgava imerecidas. No correr de sua oração, o padre Cícero fez o histórico de sua vida sacerdotal, sempre obediente aos seus superiores hierárquicos. Referiu a circunstancia de haver recusado os oferecimentos de seu grande amigo, o saudoso D. Luiz. A. dos Santos, para ocupar posições de destaque, preferindo permanecer no seu então pequeno burgo, hoje a prospera, populosa e movimentada cidade do Joazeiro, pois foi sempre o seu ideal fazer o maior bem que pudesse à humanidade. Fallou ainda sobre a fundação do seminário do Crato, afirmando ter sido sua a iniciativa de tão útil melhoramento. Alludiu, veladamente, às perseguições que Joazeiro tem sofrido, sempre triumphando pelo poder de Deus, adiantando sentir-se feliz de qualquer forma, mesmo recordando estas ocorrências do passado. Alludiu mais à satisfação que tinha, vendo presente uma partícula da Marinha Brasileira, representada pelo comandante Bittencourt e seus comandados. Pronunciou palavras de agradecimento a todos que ali se encontravam para o homenagear e, para terminar levantou sua taça (de leite), saudando à Religião Catholica, Apostolica, Romana, na pessoa de S. S. o Papa Pio XI, que providencialmente regia a Igreja; ao Sr. Presidente da Republica; ao Sr. Presidente do Estado; ao Almirante Alexandrino de Alencar, na pessoa do Capitão-Comandante Pedro Bittencourt.

São poucos os discursos de Padre Cícero narrados, como esse, em pormenores. As palavras que proferiu durante os festejos de inauguração da estátua que refletia sua própria imagem são significativas porque tocam em questões que o sacerdote

⁵⁴¹ Conforme Ramos, na praça Almirante Alexandrino se erguia “[...] um símbolo de modernidade e civilização construído por Floro Bartholomeu no sentido de redimensionar a imagem de Juazeiro aos olhos das elites estaduais e nacionais. Sua grande preocupação, enquanto Deputado Federal eleito sob direta influência de Padre Cícero, era combater os comentários sobre o ‘fanatismo’ e a ‘barbárie’ da cidade que lhe dava sustentação política. Com efeito, procurava equiparar Juazeiro com representações do mundo civilizado e sempre que tinha oportunidade realizava discursos na Câmara Federal em defesa da cidade e do P. Cícero. Assim, mostrava a legitimidade de sua carreira no poder legislativo”. RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O verbo encantado**. Unijuí: Ijuí, 1998. p. 104.

considerava fundamentais em sua biografia, além disso, cortejam as autoridades da política local e da Igreja Católica, duas categorias com as quais sempre se relacionou de maneira mais ou menos tensa. Sua suposta modéstia não o impediu de ressaltar que, apesar das importantes propostas recebidas, preferira permanecer no pobre povoado de Juazeiro, investindo inclusive na ideia de que fosse construído na região um seminário para a educação dos jovens missionários. Essa informação é importante porque demonstra o apreço do *Padrinho* pela obediência à doutrina católica, bem como uma hipotética vontade de civilizar — e talvez romanizar — a população local. Falando sobre as perseguições sofridas, o sacerdote preferiu não ser explícito, julgando ainda que tais tensões seriam coisas do passado.

Sua preleção, portanto, conseguiu abarcar aspectos políticos e religiosos sem, contudo, tocar nas grandes preocupações sociais que foram o cerne de sua atuação. Proferiu uma fala protocolar, repleta de rapapés típicos de rituais como aquele, com a especificidade de o próprio homenageado estar presente. O advogado Firmo Cavalcante, que assistiu à cena e enviou suas anotações para o jornal quixadaense *O Sitiá*, fez questão de ressaltar que o fundador de Juazeiro, como padre e santo que era, optou por substituir o vinho da comemoração por leite. Seu relato destacou falas e imagens que acreditou serem relevantes para dar a conhecer a personalidade do homenageado.

É preciso observar que se tratava da realização de uma cerimônia oficial, com a participação de autoridades da Marinha, além de lideranças políticas, que saudavam o evento. Cavalcante elencou a presença do prefeito de Barbalha, de uma comissão do Crato conduzida pelo coronel Antônio Luiz, do juiz de direito local e de nomes representativos do universo intelectual de então, além de emissários dos municípios da região e mesmo de cidades mais afastadas.

Horas após um almoço realizado a portas fechadas, apenas para os convidados mais ilustres, deu-se a solenidade de descerramento da estátua, realizada em praça pública, que contou com discursos de correligionários do Padre Cícero, tais como o jurista e político Raimundo Gomes de Mattos e o famoso médico e aliado Floro Bartolomeu:

Às 17 horas, iniciou-se a cerimonia de inauguração da estatua, perante uma multidão superior a trinta mil pessoas, de todas as classes sociais [...]. Ao ser retirado o manto que envolvia a estatua, em cujos tratos se retratava fielmente o Pe. Cícero, houve estrondosa e uníssonas aclamação, justamente quando assomava à tribuna o homenageado do dia, amparado pela mão de dr. Floro, para pronunciar palavras de agradecimento, em meio a visível emoção que ao começar lhe embargava a voz, agradecimento extensivo a todos os presentes, e em especial, aos seus grandes amigos drs. G. de Mattos, orador oficial da

solenidade, e Floro, pela dedicação que de muito lhe demonstrava, declarando que o tinha como uma parte do seu próprio ser. Ao descer da tribuna colocou-se no pedestal da Estátua, onde recebia os cumprimentos. Terminada a cerimônia, a Marinha fez evoluções para retirar-se, acompanhando-a o auto, que conduzia o Pe., havendo, nesta ocasião, um tumulto tal, nada mais restando que transportarem à mão o carro, em que viajava o amphitrião.⁵⁴²

Terminada a reunião entre lideranças locais, deu-se o grande evento, ao qual acorreram inúmeros visitantes, pobres e ricos, dos mais diversos recantos. Padre Cícero não era, para boa parte dessas pessoas, o político importante que a estátua representava. Era o santo, amado e conduzido pelos devotos em seus próprios braços, como se o carro fosse um andor. A presença de devotos e romeiros, contudo, era secundária nesse contexto. A cerimônia de inauguração não era um ritual religioso, como alguns poderiam pensar, mas um evento político com pretensões de estabelecer um culto racionalizado à atuação de Padre Cícero no contexto político local.

Após a inauguração, houve, conforme a tradição local, um grande estourar de fogos na praça em que foi erigida a estátua, seguido de elegante banquete na residência de Floro Bartolomeu, onde estiveram presentes algumas das mais importantes autoridades locais. Tudo sugeria um clima de festa e comemoração pela merecida homenagem que o fundador de Juazeiro recebia ao final de sua vida. Cavalcante acrescentou à sua narração a informação de que às 22h foram queimados sete grandes painéis que mediam um metro e carregavam imagens “[...] do Presidente da Republica, Presidente do Estado, dr. Francisco Sá, Almirante Alexandrino, Pe. Cícero, dr. Floro e vigário Macêdo, trabalho de fino gosto artístico, de um pirotechnico da terra, de elevado custo”⁵⁴³. Os tributos prestados às diversas lideranças, inclusive ao vigário Macêdo⁵⁴⁴, demonstravam que aquele não era um evento de cunho popular, mas um ritual político no qual deviam ser enaltecidos os vultos mais importantes do país, do estado e da região.

A estátua de bronze, no meio da praça, não simbolizava o *Padrinho* dos devotos, mas o Padre Cícero civilizador, o herói modernizador de Juazeiro, responsável pela edificação da cidade. Era o Padre Cícero prefeito, o mesmo que se confundia com a

⁵⁴² A ERECCÃO da estatua do Padre Cicero. **O Sítia**, Quixadá, p. 2, 15 fev. 1935.

⁵⁴³ Provavelmente se tratava de balões. À época, havia fabricantes de fogos que também trabalhavam com esse tipo de material. Id., *ibid.*

⁵⁴⁴ Manoel Correia de Macedo, o padre Macedinho, era filho de Pelúcio Correia de Macêdo, amigo próximo de Padre Cícero. Foi vigário de Juazeiro, tendo sido nomeado por Dom Quintino para que se responsabilizasse pela paróquia de Nossa Senhora das Dores. Rompeu com Floro Bartolomeu – e, consequentemente, com Padre Cícero – em fins de 1924, durante as discussões causadas pelos crimes de rodagem.

liderança política de Floro Bartolomeu⁵⁴⁵. Na seguinte passagem, essa impressão se reafirma. Gavião Gonzaga conta que quando era inspetor sanitário do Ceará, foi conduzido para conhecer a estátua de bronze de Padre Cícero, onde teria escutado uma peculiar informação de seu guia:

[...] o caboclo levou Gavião para mostrar que a estátua do padre Cícero não era dele: era de Floro... Veja bem doutor – dizia-lhe. A ‘cacunda’ não é do meu padrinho. É do Floro, que está engabelando o Santo. A cara, veja a cara. É do Floro! Este malvado pensa que pode mais do que meu padrinho. Tá besta! Quero ver é na hora de fazer milagre [...].⁵⁴⁶

Com efeito, a estátua não retratava um santo em mármore ou gesso, com feições e cores celestiais, mas um homem público que muito fizera pela cidade e por isso recebera um monumento comum entre lideranças públicas. A estátua, idealizada por Laurindo Ramos, era em muitos aspectos semelhante a tantas outras que foram elaboradas em bronze e colocadas nas praças de pequenas e grandes cidades do Brasil e do mundo.

O guia de Gonzaga afirmou que o médico baiano, aproveitando-se da bondade e ingenuidade de Padre Cícero, não apenas o ludibriava, mas chegava ao cúmulo da desonestidade, roubando sua feição. Desse modo, todos os atributos negativos, geralmente associados aos governantes e políticos em geral, desvincularam-se do *Padrinho*, que teve em Floro Bartolomeu não apenas um aliado, mas um álibi para as decisões políticas tomadas. A face do prefeito não era a face de Padre Cícero.

Tais especificidades não escaparam à observação do professor e jornalista pernambucano José do Patrocínio Oliveira que, após breve estadia em Juazeiro em 1953, não se furtou a analisar o contraste entre a figura em bronze e a imagem que os devotos possuíam do *Padrinho*. O santo não estava representado ali:

No bronze temos um padre Cícero à moda grega, sem a corcunda que o fazia olhar, constantemente, para o chão, com as suas feições grosseiras, a displasia plástica acentuada, embora deixasse extravasar no sorriso franco a bondade transbordante em seu coração de sacerdote para com aquela gente que o venerava. Por isso, estranhamos a estátua de bronze, na praça principal do Juazeiro, aonde vai grande número de romeiros. Na terra, fez grandes benefícios e impôs veneração pelas suas virtudes. Hoje todos falam, naquela cidade, do Padre Cícero como de um santo de grande poder e não exagerou o

⁵⁴⁵ Conforme lembra Ramos, “Pe. Cícero raramente é lembrado (ou exaltado) como prefeito, enquanto Floro recebe com certa frequência esse predicado”. LOPES, Régis. **Caldeirão**: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011. p. 49

⁵⁴⁶ LEMBRANDO O PADRE Cícero. **Diário da Tarde**, Curitiba, p. 2, 11 jun. 1956.

repórter ao dizer que a veneração àquele sacerdote é superior à da Virgem Santíssima.⁵⁴⁷

A obra concebida pelo escultor Laurindo Ramos parece ter sido uma das melhores produções de sua lavra, pois a revista *Ilustração Brasileira* afirmou, durante exposição de artes realizada em 1926, que

Laurindo Ramos não está bem representado, os bustos que apresentou não têm vida e são amaneirados; comparando-os com outras produções do jovem escultor deixam muito a desejar. O anno passado, com a estatua do ‘Padre Cícero’ deixou transparecer muitas esperanças que infelizmente não appareceram.⁵⁴⁸

O Salão de Bellas Artes de 1926 pretendia exhibir para o público as obras dos mais importantes artistas brasileiros. A crítica especializada lamentava, no entanto, o fato de tais artistas seguirem modelos europeus, “[...] enveredando por caminhos bem diversos dos indicados pelo temperamento tropical, preferindo os atalhos e as modalidades que nos chegam pelas publicações estrangeiras”⁵⁴⁹. Deste modo, os trabalhos pouco refletiam as inspirações pessoais de seus autores. Laurindo Ramos seria um desses talentosos expositores que se afastaram das brasilidades, criando obras quase sem vida.

Os aspectos estéticos da estátua de bronze foram alvos de apreciação não apenas da crítica especializada, mas também de jornalistas, como o socialista cearense Joaquim Pimenta, que publicou no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro), em 1960, um relato de suas lembranças acerca do *Padrinho*:

Se eu fosse escultor ainda hoje seria capaz de traçar as linhas mestras em que se poderia talhar a verdadeira estátua do Padre Cícero, mui diferente da que existe em Juazeiro: foi quando o observei, após a missa, ainda paramentado, conversando em pé, meio recostado ao altar, com um grupo humilde de romeiros. Todo ele estava ali, individualizado, característico, esculpindo o seu próprio modelo na singeleza de gestos, na familiaridade chã com que os acolhia; na paciência, na solicitude, no carinho com que ia respondendo a tudo quanto desejam saber: casos complicados ou simples escrúpulos de consciência; coisas as mais pueris sobre religião, lavoura, criação, transações comerciais de êxito incerto; profecias de bons e maus tempos; alveitaria, medicina, com o seu chernoviz de ervas e orações fortes para todas as

⁵⁴⁷ OLIVEIRA, José do Patrocínio. Fé e Fanatismo em Juazeiro do Padre Cícero. *O Malho*, ano 51, n. 156, p. 23, Rio de Janeiro, janeiro de 1953.

⁵⁴⁸ O SALÃO de 1926. *Ilustração Brasileira*, ano 7, n. 73, p. 25, Rio de Janeiro, setembro de 1926.

⁵⁴⁹ Op. cit., p. 20.

enfermidades e doenças⁵⁵⁰, desde a cura da paralisia e da maleita, até a reza mais eficaz para expelir o tapuru das bicheiras e levantar espinhelas caídas...⁵⁵¹

Padre Cícero não era um homem público, de toga e livro na mão. Era o *Padrinho*, um humilde e receptivo sacerdote que se desdobrava para acolher e auxiliar seus devotos das mais diferentes maneiras possíveis. Sua representação em bronze, segundo o jornalista cearense, não o refletia verdadeiramente.

A estátua não parecia familiar e afável, mas imponente e majestosa. Poucos devotos se inclinavam para admirá-la e faziam um ou dois gestos de oração. Em sua maioria, os seguidores do *Padrinho* não enxergavam ali o homem santo que tanto admiravam. A imagem de bronze não estava tão confortável em seu habitat quanto Padre Cícero em Juazeiro, com seus pobres afilhados. Os jornais cearenses também deram notícias sobre a elaboração da escultura, inclusive indicando os aspectos mais dignos de atenção:

O escultor Laurindo Ramos expoz na Escola de Bellas Artes a estatua de bronze do padre Cícero, encomendada pelo deputado Floro. O monumento representa o padre de pé, com expressão enérgica e serena de quem cumpre sua missão terrena com coragem e fé. A mão direita segura um livro aberto e a esquerda prende a capa que envolve a batina. A estatua será erigida em janeiro.⁵⁵²

Em seu livro — que nada mais é que a transcrição do discurso proferido —, Floro Bartolomeu afirma que a estátua fora “[...] mandada fazer pelo povo de Joazeiro”. A obra era, sem dúvida, mais uma tentativa de defender aquele que “[...] de um pequeno povoado de cinco ou seis casas de taipa fez uma cidade de mais de seis mil prédios, com uma população de mais de trinta mil almas”⁵⁵³. Tudo era uma tentativa de mostrar que o sacerdote responsável por levar avanço à região não poderia ser “[...] um tartufo, um embusteiro, um chefe de cangaceiros”⁵⁵⁴, como afirmavam os detratores do *Padrinho*.

⁵⁵⁰ Para maiores informações sobre as práticas de cura populares, cf. MEDEIROS, Aline da Silva. **Os Remédios, os livros e os tempos:** consumo de remédios e experiência do tempo entre o *Lunário Perpétuo* e o *Diccionario* do Dr. Chernoviz. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

⁵⁵¹ PIMENTA, Joaquim. Padre Cícero. **Diretrizes**, Rio de Janeiro, p. 34, fev. 1939.

⁵⁵² A ESTATUA DO PADRE CICERO. **A Ordem**, Sobral, p. 2, 12 dez. 1923.

⁵⁵³ COSTA, Floro Bartolomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero:** Depoimento para a História. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923]. p. 175.

⁵⁵⁴ Op. cit., p. 177.

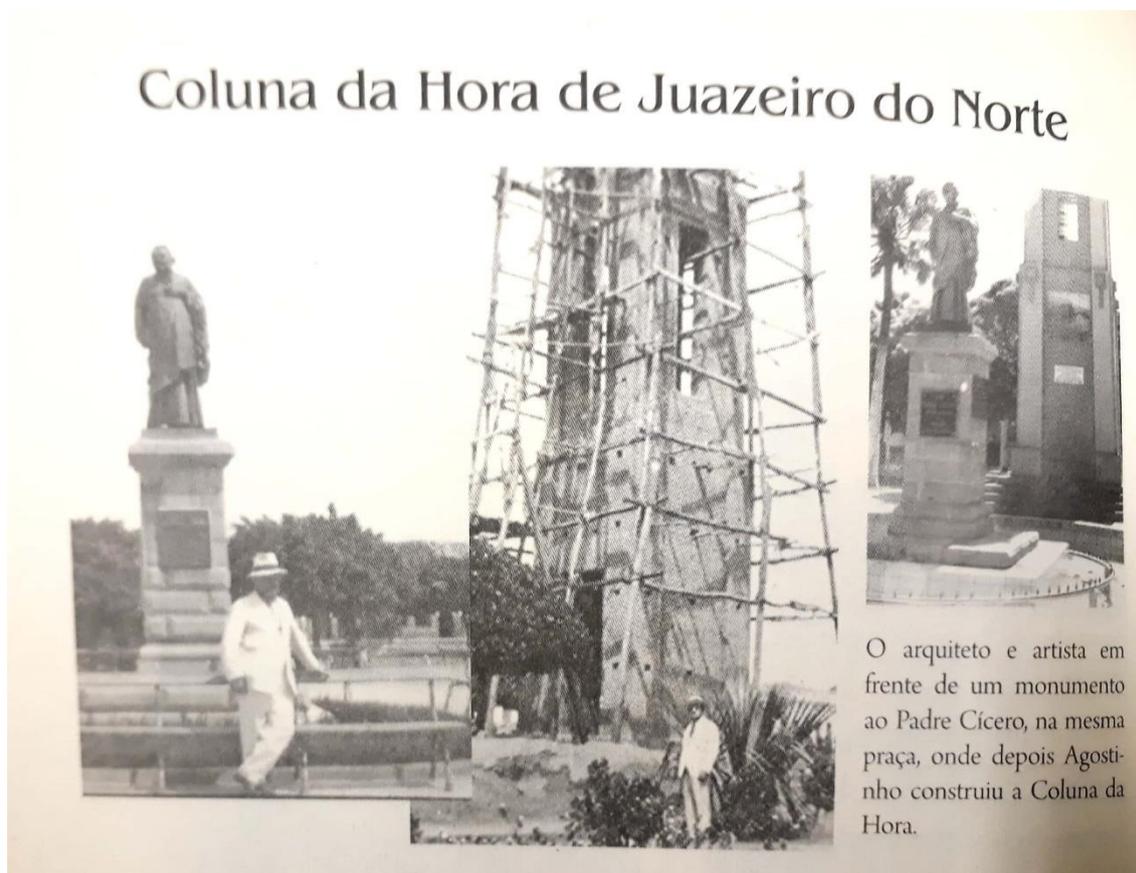
Anos depois, visitantes de Juazeiro analisariam não apenas a própria estátua, mas a praça que a abrigava, bem como os demais monumentos ali edificadas em períodos posteriores. O radialista Teófilo de Barros Filho diria, em 1940, o seguinte:

No seu ponto mais central há uma bela praça ajardinada, onde um complicado relógio, inteiramente construído por um mecânico da terra, marca com precisão absoluta as horas, os meses, os dias, as fases da lua e até determina para as senhoras seus dias críticos. Ao pé do relógio, uma estatua do padre com a legenda: ‘Ao padre Cícero, homenagem do sertão’. Na verdade, deve o Juazeiro ao seu patrono, sua existência.⁵⁵⁵

Desse modo, o jornalista ressalta o caráter de homenagem a homem público que Padre Cícero teria recebido através dessa estátua. Exagera os atributos do relógio ao dizer que ele apontava até mesmo os dias “críticos” das mulheres de Juazeiro, causando certo efeito de ironia. O relógio, contudo, demarca a ideia de modernidade e progresso — frutos da obra de um legítimo juazeirense —, em contraste com a placa afixada à coluna, que apresentava uma Juazeiro ainda acanhada. A coluna que servia de pedestal para o tal relógio foi construída por Odísio dez anos após a inauguração da escultura de bronze.

⁵⁵⁵ BARROS FILHO, Theofilo de. Ainda esperam a ressurreição do Padre Cicero. **Diário da Noite**, p. 3, 25 nov. 1940.

Figura 24 – Odísio, a estátua de bronze e a Coluna da Hora



Fonte: Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio** discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 140.

Após a morte do *Padrinho*, outros monumentos foram erguidos em sua homenagem, tanto na cidade fundada por ele quanto em diversas outras localidades. Destacam-se, em Juazeiro, a estátua concebida por Agostinho Odísio e assentada sobre um nicho em frente à Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bem como o grande monumento erguido sobre a Colina do Horto por iniciativa do prefeito Mauro Sampaio, em 1969. Ambas as estátuas possuem significados distintos, que serão discutidos a seguir.

Conforme destaca Ramos, “[...] o Pe. Cícero de bronze ergue-se sem a força do sagrado. O enigmático roteiro dos peregrinos, composto pelos lugares sagrados de Juazeiro, não contém a estátua da Praça Alexandrino”⁵⁵⁶. É preciso recordar, contudo, que mesmo a estátua em bronze foi vista por críticos e viajantes como um objeto que serviria à veneração. Juazeiro se estabelecia, simultaneamente, como cidade sagrada e

⁵⁵⁶ RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O verbo encantado**. Unijuí: Ijuí, 1998. p. 108.

profana. Do mesmo modo, a estátua profana foi julgada com frequência como um foco de crenças esdrúxulas e fanatismo. Padre Cícero, o político, era também o santo — nessa simbiose, muitos elementos que diziam respeito à cidade e ao seu fundador se constituíam e se confundiam.

7.2 Padre Cícero na capela

Em junho de 1935, quase um ano após a morte do Padre Cícero, o jornal carioca *A Manhã* afirmava que “[...] nas ruas do Juazeiro observa-se o mesmo fanatismo. Centenas de pessoas passam defronte a estátua do padre, ajoelham-se e juncam de flores o pedestal”⁵⁵⁷. A estátua que recebia os “fanáticos” provavelmente seria aquela instalada na Praça Almirante Alexandrino em 1925. Essa informação é peculiar por atrelar à estátua de bronze manifestações que seriam mais comuns diante da estátua posteriormente elaborada por Odísio.

A imagem do padre que fora encomendada ao escultor italiano passou a ser compreendida como uma espécie de personificação do sacerdote após sua morte. Por estar instalada num nicho, lembrava efetivamente a imagem de um santo canonizado pela Igreja, diferentemente daquela localizada na Praça Almirante Alexandrino. Os visitantes da cidade, estupefatos com a persistência da devoção, viam os atos de afeto, homenagem e contrição como sintomas de um fanatismo ainda predominante.

Conforme já foi mencionado, em reportagem elaborada sobre Juazeiro, o jornalista Edmar Morel lançou a hipótese de que o túmulo do *Padrinho* fosse preterido pelos romeiros. Segundo ele, os devotos teriam maior estima pelo monumento erigido em frente à capela dedicada a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. A imagem idealizada e esculpida por Odísio recebia mensalmente a visita de milhares de romeiros. Ali, o *Padrinho* parecia vivo, e os devotos ainda podiam realizar promessas, agradecer pelas graças concedidas e pedir a bênção enquanto contemplavam seus olhos azuis, como faziam quando o patriarca de Juazeiro ainda habitava a cidade em corpo e espírito: “Na praça fronteira da igreja levantaram um santuário e nele colocaram uma estatua de cimento do padre, em tamanho natural. O culto é feito fora do templo e estou certo mesmo que milhares de romeiros nunca entraram na igreja”⁵⁵⁸.

⁵⁵⁷ COBIÇADÍSSIMO o dinheiro do Padre Cícero. *A Manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 29 jun. 1935.

⁵⁵⁸ MOREL, Edmar. Todo poderoso, senhor absoluto dos sertões e humilhado em Juazeiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 3, 31 ago. 1944.

Dessa maneira, a estátua se constituía como um objeto capaz de ligar o passado ao presente. O Largo do Socorro, onde fora instalada, introduziu a possibilidade de conectar um dado espaço — aquele em que o *Padrinho* estava sepultado — a uma distinta percepção do tempo, que indicava sua sobrevivência. A experiência de vida dos grupos de romeiros e devotos se materializava no momento em que repetiam o antigo gesto de peregrinar até Juazeiro com o objetivo de visitar o *Padrinho*.

Embora muitos pensassem que o desaparecimento de Padre Cícero causaria o fim de tais romarias, o futuro previsto não se concretizou. Em 1958, o jornalista pernambucano Alves da Mota aplicava inclusive tons de violência ao afeto que os romeiros devotavam à mesma estátua, descrevendo a cidade da seguinte maneira:

Juazeiro, a terra do ‘Padim Ciço’, onde o fanatismo, a idolatria e veneração pela memória do famoso pároco há 18 anos desaparecido do cenário da vida, toca às raias do impossível, do inacreditável. Quem entrar em Juazeiro e ao contemplar no Largo da Igreja do Perpetuo Socorro, a imagem em tamanho natural, do Padre Cícero Romão Batista, não dobrar os joelhos acompanhando o coro da ladainha cantada por um grupo de romeiros que se renova a cada minuto, arrisca-se a ser linchado pela multidão fanática.⁵⁵⁹

Nessa narrativa, Juazeiro permanecia como reino da insanidade e da selvageria, tão repleto de fanatismo quanto de violência. Essa percepção era comum àqueles que observavam a cidade “de fora”, especialmente aos letrados. A escrita jornalística parecia não conseguir capturar os matizes do sentimento romeiro.

O *Padrinho* não era um morto comum, como todos aqueles que recebiam flores e velas no túmulo no Dia de Finados. Tratava-se de um morto que repousava em paz, mas não descansava sozinho. Recebia diariamente a visita de seus afilhados. Era uma “alma vivente”, um defunto cheio de vigor, um finado cuja vida não finou. Por esse motivo, alguns narradores viriam a ter a impressão de que o túmulo consagrado a ele não assumia tanta importância quanto sua imagem quase viva. Jáder de Carvalho corrobora com essa visão ao descrever, no prefácio de *Padre Cícero: Mito e realidade*, em 1968, as cenas que presenciara em Juazeiro:

Estive, por várias vezes, na meca cearense e, na minha derradeira visita, pude observar sem trabalho: o romeiro desce do caminhão que o traz de muito longe, do confim dos sertões, e logo se dirige à igreja, isto é, ao túmulo do meu Padrinho. Ajoelha durante alguns minutos, em seguida tira do bolso da calça

⁵⁵⁹ MOTA, Alves da. No Roteiro do Cariri. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 1, 8 fev. 1958.

algumas cédulas (o dinheiro, quase sempre, vem amarrado num lenço). Deposita as cédulas no lugar indicado e se encaminha, rápido e comovido, para o patamar do templo. Ali, de olhos vivos e rosto muito corados – olhos muito do Pe. Cícero e tez de jovem para dar melhor impressão – a imagem do Patriarca é adorada como a de São Francisco, de São Benedito e outros santos do catolicismo. O rosto abre-se em ternuras e bondade, no alto de um corpo delicado, curvo, escondido naquela sotaina, tão conhecida e tão amada nos sertões. Os olhos agradecem, ah, como agradecem! E como atendem – vistos de dentro do romeiro! Diante dessa imagem que sorri sempre, esse romeiro encontra o padre que ele não sentiu na estátua em praça pública, o padre que ele talvez não acredite enterrado no corpo da igreja.⁵⁶⁰

A visita ao túmulo instalado na igreja parecia protocolar, já que ainda seria possível ver e sentir o sacerdote vivo. O silêncio, a dor e o abatimento diante da sepultura foram julgados pelo jornalista como displicência ou apatia. O frio do mármore sentenciava, definitivamente, o fim de uma relação íntima e palpável entre o santo popular e seus devotos. O ato máximo de proximidade física seria, dali em diante, o de ajoelhar-se diante do túmulo ou proferir uma oração. O repórter que observava tais movimentos iludia-se ao imaginar que os romeiros preferissem o contato com a alegre estátua à oração aos pés da sepultura. Negligenciava, em sua análise, o sentimento de reverência ao espaço em que o *Padrinho* jazia.

Mas essa não é a percepção de todos aqueles que visitaram Juazeiro. O cineasta e radialista Theofilo de Barros Filho observou, numa edição de 1940 do *Diário da Noite*, que o túmulo recebia vultuosa afluência de pessoas. Segundo sua interpretação, os devotos se deslocavam desde suas distantes residências até o local porque esperavam que a qualquer momento o *Padrinho* levantasse a tampa do jazigo e tornasse à vida:

Verifiquei que não somente um romeiro, mas quase todos eles, enfim todos os habitantes rústicos da cidade lendária, esperam que um milagre devolva ao mundo a figura estranha do velho sacerdote. Muitos vão até mesmo junto de sua louza. Levam flores e se não houvesse proibição, levariam presentes, animaes, comidas, dinheiro para junto das catacumba. Queriam ser os primeiros a homenagear o ‘padrinho’ quando este, empurrando a tampa de mármore do sarcófago, surgisse das entranhas da terra para abençoar a multidão incalculável dos seus devotos e afilhados espalhados por todos os recantos do imenso nordeste. Quando de sua morte, quase houve revolução no Juazeiro.

Sem ligar importância ao protesto, os amigos do padre conduziram o caixão para a igreja e já se dispunham a enterrar-o quando a multidão lacrimosa protestou. Protesto enérgico, a faca de ponta e rifle. De certo, haveria hecatombe, se a Beata Mocinha e o Beato Lourenço não fizessem uso de boas maneiras e empregando uma [...] hábil, obtiveram permissão para enterrar o defunto. Assim mesmo, um rapaz que fechou o nariz ao ilustre insepulto há dois dias, sofreu o risco de ser lynchado. Os devotos queriam matal-o, dizendo

⁵⁶⁰ CARVALHO, Jáder. “Prefácio”. In: ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero**: mito e realidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

que era mentira, que o corpo não estava exalando mau cheiro. Foi preciso a polícia intervir e garantir a vida do proprietário daquele olfato imprudente...É assim o Juazeiro. Na singularidade inacreditável nessa Meca sertaneja. Centro do maior fanatismo religioso da América Latina, o Juazeiro apresenta aos olhos do repórter espetáculos tão impressionantes. Lá se colhem narrativas tão fantásticas, existem motivos tão inéditos que ninguém hesita em considerar esta cidade como a mais diferente cidade do Brasil.⁵⁶¹

Assim, Theófilo de Barros Filho elabora uma versão da devoção em que a morte de Padre Cícero seria negada: o corpo não podia cheirar mal e apodrecer como os cadáveres dos demais mortais. Os presentes entregues no túmulo não eram iguais às usuais homenagens aos mortos, mas configuravam uma relação estabelecida entre o romeiro que levava sua oferenda e o sacerdote que poderia se reerguer a qualquer momento do túmulo para recebê-la. A escrita irônica e corrosiva também aparece em um artigo publicado no periódico *A Noite*, em 1935, em que se afirmava:

Durante o cortejo, em consequência do calor e da aglomeração, morreram asphyxiadas três pessoas que acompanhavam o féretro. O esquife, aberto, foi conduzido a mão pelos admiradores do venerado sacerdote. Um popular, com seu tosco chapéu de palha erguido, protegia a cabeça do patriarca contra o sol.⁵⁶²

O túmulo de Padre Cícero como espaço menosprezado ou adorado foi objeto de estudo e observação para os jornalistas que visitaram Juazeiro. O próprio corpo do *Padrinho* era alvo de especulações, carinhos e orações. Mesmo após a morte, teve a própria pele protegida por seus devotos. Esse último gesto de cuidado e afeto foi enxergado por alguns como um ato de fanatismo. Intelectuais, jornalistas e cronistas em geral anteviam, no falecimento dele, o fim de um período marcado pela exótica fé sertaneja, e qualquer atitude que apontasse o contrário era julgada como sinônimo de ignorância e credulidade, que deveriam, em breve, ser eliminadas em prol da modernidade e do progresso.

A escultura de Padre Cícero inventada por Agostinho Odísio não rivalizava com a anterior. Constituíra um monumento em quase tudo diferente. Primeiramente, era uma cópia tão fiel da imagem do próprio padre, que chegava a “enganar” os sentidos dos romeiros e devotos, capazes de identificar naqueles olhos azuis a presença do *Padrinho* ainda vivo. Se a escultura em bronze parecia lembrar um líder político morto, a imagem

⁵⁶¹ BARROS FILHO, Theófilo de. Ainda esperam a ressurreição do Padre Cícero. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, p. 3, 25 nov. 1940.

⁵⁶² O IMPONENTE funeral do thaumaturgo. *A Noite*, Rio de Janeiro, p. 3, 23 jul. 1934.

colocada em frente à Capela, em cimento, lembrava um santo vivo, e servia para acalmar os corações dos fiéis: ali, em frente à Igreja que resguardava o corpo já perecido, Padre Cícero ainda vivia

Um sujeito não precisa ser considerado santo para que seja homenageado, após a morte, com uma escultura fúnebre⁵⁶³. É curioso notar que Odísio trabalhava justamente com um público formado pela burguesia que procurava eternizar seus familiares através da criação de tais imagens. Em Juazeiro, no entanto, o artista encontra um campo diferente. Poucos são os que possuem capital para a monumentalização do próprio nome. Muitos, contudo, compram estátuas para rememorar um homem diferente de todos, a quem a morte supostamente não deveria ter atingido. Odísio continua trabalhando com um consumo de arte que é “democrático”, mas retrata, repetidamente, o mesmo homem, distanciando-se do fenômeno de laicização anterior, em que esculturas sacras lembravam homens comuns; agora, a escultura de um homem lembrava a sua sacralidade.

O *Padrinho* já havia feito sua viagem. Desapareceu de Juazeiro. Mas, na estátua, parecia continuar existindo. Já não era possível visitar o compassivo sacerdote em sua residência à rua São José, mas os devotos continuavam a procurá-lo em Juazeiro. Seu espírito passou a habitar toda a cidade, que foi se tornando, aos poucos, um local de peregrinação e memória. Tomando o pensamento de Aleida Assmann, seria possível afirmar que, além de local de memória, se configuraria ali um local sagrado.

Assmann desenvolve uma ampla discussão sobre “a memória dos locais”. Segundo a autora, o uso dessa expressão é confortável porque sugere “[...] uma memória que se recorda dos locais” e, ao mesmo tempo, uma memória “que está por si só situada nos locais”, ou seja, também indica a possibilidade de que “[...] os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa [...] a memória dos seres humanos”⁵⁶⁴. Ao distinguir os lugares de memória dos locais de recordação, ela afirma que mesmo quando não possuem intrinsecamente memórias, tais locais se constituem como espaços culturais de recordação extremamente significativos. A autora distingue locais geracionais (associados ao parentesco); locais da recordação, que possuem uma certa magia, sendo muitas vezes considerados sagrados;

⁵⁶³ Na Modernidade há uma “*democratização* do acesso aos monumentos de eternização da lembrança”. Cf. MARCELINO, Douglas Attila. **Historiografia, morte e imaginário**. Estudos sobre racionalidades e sensibilidades políticas. São Paulo: Alameda, 2017. p. 56.

⁵⁶⁴ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 317.

locais memorativos, ou seja, criados institucionalmente para assegurar a sobrevivência de locais sagrados; e locais traumáticos, relacionados a feridas que não querem cicatrizar. Juazeiro se institui, nesse panorama, como local de recordação: espaço sagrado em que se pode vivenciar a presença não de um deus, mas de um homem santo.

Padre Cícero pode ser invocado a partir de qualquer lugar, mas não é onipresente. Na cidade em que viveu e operou os propalados milagres é possível sentir seu poder de maneira mais intensa. Embora os afilhados do sacerdote tenham uma relação quase familiar com o *Padrinho* e sua terra, Juazeiro não deve ser tomada como um lugar geracional, ao qual as pessoas se ligariam por causa dos próprios antepassados. Ao contrário: os forasteiros criaram uma conexão com aquele ambiente justamente graças à sua sacralidade. Da mesma forma, não é possível afirmar que seja um local meramente honorífico. A lápide do *Padrinho* não é, por exemplo, um espaço honorário, onde ocorrem visitas às ruínas de algo que já não existe. É um local de piedade e de oração pela alma de um santo que continua vivo.

A visita ao túmulo de Padre Cícero se configurou, aos poucos, como uma espécie de “mistério da fé” juazeirense. Os afilhados do sacerdote sabem que ele não pode mais ser visto e tocado. No entanto, creem que ele permanece ali, sempre atento e disponível para escutar e atender os pedidos daqueles que o buscam. A sepultura, entretanto, não se configurou como único indício da presença ainda constante do *Padrinho* na cidade em que fundou.

As cores da estátua elaborada por Odísio reproduziam o fulgor da saúde: Padre Cícero vestia a mesma batina preta de sempre, tinha o mesmo rosto inclinado, os mesmos olhos que se comprimiam para evitar os intensos raios de sol, a mão sempre erguida para abençoar seus devotos. A face ainda era rija, quase corada. Era assim que os romeiros gostariam de ver o *Padrinho*. Em visita a Juazeiro em 1948, Nelson Carneiro notou a peculiar relação estabelecida entre os romeiros e essa imagem, comparando-a, inclusive, à estátua anterior:

Em frente à coluna da hora, na praça principal, eleva-se o monumento a Padre Cícero, ‘homenagem do sertão’. Nada o distingue de outros monumentos, destinados, em todas as cidades brasileiras, a suportar o peso dos anos. Não encontrei ali uma flor ou uma prece que traduzisse presença, vida, fé. Mas na Matriz de Nossa Senhora das Dores, de que foi capelão, já a influencia do Padre se derrama, a todos os olhos. O folguetório, lá fora, anuncia a chegada de novos romeiros. Vindos de todo o Nordeste, desde Alagoas, encarapitados em caminhões festivos. No átrio, homens e mulheres imploram a proteção da Virgem e de seu devoto. A dois passos do majestoso templo, que hoje substitui a antiga capelinha edificada pelo Padre Pedro Ribeiro de Carvalho, trocam-se

lembranças do Padre Cícero Romão Batista. São os seus rosários, os seus retratos, notícias biográficas, as suas novenas. Numa rua próxima está a casa onde ele morreu, hoje propriedade, como quase todos os seus bens, da Congregação dos Padres Salesianos. No quarto de alcova, a sua cama. Romeiros e joazeirenses, genuflexos, rezam pela alma do Padre, suplicam a sua intervenção junto à Padroeira. Quase todos os crentes querem a graça de beijar a batina do ‘Meu Padrinho’, que é assim que ainda o tratam e chamam. [...]. Um pouco mais distante, em frente ao altar-mor da Igreja do Perpétuo Socorro, uma lápide assinala o túmulo do Padre Cícero. Nada importa que sejam três horas da tarde de um dia de semana. Existe sempre muita gente beijando o mármore, com uma tocante unção religiosa. Mas a todas essas demonstrações outra se ajunta, de maior expressão. À entrada da Igreja, há um verdadeiro oratório, com a figura, em tamanho natural, do antigo sacerdote. E o povo, de joelhos, contrito, pedindo, rezando, esperando. Em toda parte, como legenda, as últimas palavras do Padre: – ‘vou rogar a Nossa Senhora por vocês todos’⁵⁶⁵.

Padre Cícero recebia os fiéis em frente à Capela do Socorro. Ele não esperava pelos romeiros na parte de dentro, como os demais santos, quietos, calmos, tranquilos e brancos como só numa distante Europa poderiam ser. O *Padrinho* era como os seus seguidores: ele sofria sob o sol⁵⁶⁶. Apesar disso, o oratório que o protegia indicava que ali não estava um político qualquer, mas um homem santo⁵⁶⁷.

Renata Marinho Paz transcreve, em sua tese de doutorado, uma circular em que o então bispo da diocese de Crato, dom Francisco de Assis Pires, orientava os párocos locais a respeito de um culto que poderia ser iniciado em torno de estátua erigida em 1935 em homenagem ao *Padrinho*:

Tendo chegado ao nosso conhecimento que em uma das praças da cidade de Joazeiro, foi erigida há poucos dias, um monumento no qual a estatua do Pe. Cícero Romão Baptista se apresenta colocada no interior de um nicho ou oratório, à semelhança dos que são utilizados para conter as imagens sagradas, e como isto pode dar ocasião a que de parte da gente simples e ingênua seja cometidos erros relativamente ao culto publico de veneração que, segundo a doutrina catholica, só e licito tributar-se aos servos de Deus já canonizados pela autoridade da santa madre igreja, fazemos saber que toda e qualquer manifestação, importando em actos de culto daquele gênero, deante da aludida estatua, é reprovada e condemnada pela Igreja e por este motivo gravemente pecaminosa.[...]

⁵⁶⁵ CARNEIRO, Nelson. Meu padrinho está no céu... **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 5, 28 nov. 1948.

⁵⁶⁶ Cf. PAZ, Renta Marinho. O santo que fica no sol. Uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: Lima, Marinalva Vilar de; Marques, Roberto. (Org.). **Estudos Regionais: limites e possibilidades**. Crato: Ceres, 2004.

⁵⁶⁷ Conforme depoimento da devota Helena Vieira a Francisco Régis Lopes Ramos, “Ninguém reza na frente de uma estátua assim no meio da praça. Reza quando tem um ‘nincho’. As pessoas rezam, acendem vela e prestam aquela homenagem assim, pagam promessa sempre quando tem um ‘nincho’ ou uma capelinha, porque aí a gente considera como um oratório. Num é assim? Uma peça assim no meio da praça é uma estátua. Aquele que tem no Socorro é um santo, não é uma estátua...”. RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O verbo encantado**. Unijuí: Ijuí, 1998. p.110.

Aproveitem os reverendos Parochos a presente oportunidade para instruir os fiéis na parte da doutrina que se refere ao culto de veneração devido às imagens e aos santos elevados pela Igreja à honra dos Sagrados altares.⁵⁶⁸

O bispo condenava o culto à estátua e lembrava que Padre Cícero não fora canonizado pela Igreja. O fator agravante da heresia era o fato de haver um nicho ou oratório protegendo a escultura. Não se sabe ao certo se a circular se refere à estátua concebida por Odísio e assentada em frente à Capela do Perpétuo Socorro. Embora o monumento possua uma placa comemorativa indicando inauguração ocorrida em 25 de dezembro de 1940, parece existir a possibilidade de que dom Fernando se refira, já em 1935, à obra do escultor italiano⁵⁶⁹. De fato, a data de instalação e inauguração da imagem é bastante incerta. Segundo anotação em fotografia que consta no acervo de Marconi Landim, a estátua teria sido instalada em 1939. O mesmo retrato foi publicado na revista *O Cruzeiro*:

⁵⁶⁸ Circular n. 20, de 09 de agosto de 1935 *apud* PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento**: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 160-161.

⁵⁶⁹ Segundo Gilmar de Carvalho, é “[...] curioso que não conste das inscrições quem mandou edificar o nicho e entronizar a *imagem* ou *vulto* de expressão sertaneja, matriz, por sua vez, de toda uma estatutária que constitui, talvez, a mais florescente das indústrias de conotação religiosa, ainda que, pelos registros, se possa saber que foi José Geraldo da Cruz, o mesmo líder político que mandou retirar a fotografia do Padre Cícero da sede da prefeitura, depois da Revolução de 30”. Cf.: CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz**: cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998. p. 136.

Figura 25 – Resultado da estátua esculpida por Odísio



Fonte: MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p. 101.

Conforme legenda explicativa da imagem, o retrato não teria sido feito em 1939, mas em 1940. Edmar Morel indica: “Padre Cícero morreu em 1934. Esta fotografia foi feita em 1940. Trata-se de uma estátua do sacerdote, em tamanho natural, ladeada por comerciantes do Juazeiro”⁵⁷⁰. Provavelmente, foi necessário explicitar o fato de Padre Cícero já estar morto na época do retrato justamente por tratar-se de uma imagem tridimensional, repleta de uma materialidade que se confundia com o real.

No retrato, ao lado da escultura em tamanho natural — que facilmente seria confundida com Padre Cícero vivo —, aparecem, entre outros, Antonio Ribeiro de Melo, importante industrial de Juazeiro; João Pereira da Silva, fabricante de clichês e comerciante ligado à União Democrática Nacional (UDN); José Batista Landim, primo de Padre Cícero; o comerciante do ramo de calçados, sócio do Cine Roulien e diretor do Rádio Clube, Joaquim Cornélio; o escultor Agostinho Balmes Odísio e Paulino, seu ajudante; além de José Geraldo da Cruz, farmacêutico que foi cinco vezes prefeito de Juazeiro (1930-1933; 1934-1935; 1936-1937; 1946; 1955-1959); o político, agricultor e

⁵⁷⁰ MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p. 101.

pecuarista José Monteiro de Macedo, que também foi prefeito de Juazeiro durante dois períodos (1947-1948 e 1951-1955); Fausto Guimarães (secretário de Padre Cícero) — acompanhado de uma filha; o proprietário de engenhos José Bezerra de Melo, que desempenhou durante trinta e cinco anos a função de tesoureiro da prefeitura de Juazeiro do Norte; o comerciante Modesto Costa, e o capitalista Odílio Figueiredo, responsável pela construção da Coluna da Hora⁵⁷¹.

É preciso notar que a inscrição no alto da estátua indica sua inauguração em 25 de dezembro de 1940, por José Geraldo da Cruz, embora naquele ano o mandato de prefeito coubesse ao industrial Antonio Pita. José Geraldo, por sua vez, esteve diversas vezes à frente da gestão municipal, revezando-se no poder com outros políticos, entre os períodos de 1930 e 1937, o que pode indicar que a construção da estátua tenha se iniciado nesse período, sendo inaugurada oficialmente em momento posterior. É preciso destacar ainda que, no retrato da estátua entre as figuras destacadas de Juazeiro, não aparece Antonio Pita, prefeito em 1940, quando a imagem supostamente foi inaugurada. Mas é possível enxergar, conforme foi mencionado, o farmacêutico José Geraldo da Cruz, prefeito em mandatos anteriores. Esse é, talvez, um indício de que a estátua tenha sido encomendada por ele, embora a inauguração possa efetivamente ter se dado somente durante o mandato de seu sucessor. Por fim, a estátua é, sem dúvida, citada na obra de Irineu Pinheiro, lançada em 1938. O escritor cratense afirma:

Em frente à capela, lá está, em um nicho, um pouco elevado do solo e próximo ao cruzeiro, a estátua do padre, em tamanho natural. Encimam-na as suas últimas palavras: ‘Vou rogar a Nossa Senhora por vocês todos’. Em torno da estátua, pessoas que rezam ajoelhadas. Dentro da igrejinha, no chão raso, a sepultura do fundador do Juazeiro, cercada de palmas de flores artificiais e coberta de pétalas de rosas, que mãos piedosas e obscuras lá depositaram [...]. Foi, necessariamente, um bom quem despertou em vida tamanhas dedicações, que a própria morte não conseguiu extinguir.⁵⁷²

É importante destacar essa confusão de datas no que diz respeito à inauguração da estátua. A obra anterior, instalada em Juazeiro em 1925, teve sua inauguração fartamente festejada e documentada, assim como ocorreria novamente com a grande escultura de 1969. Somente a imagem elaborada por Odísio não possui registros

⁵⁷¹ Segundo Dário Maia Coimbra, Odílio de Figueiredo encomendou a Agostinho Odísio a construção da Coluna da Hora graças a recursos oriundos do jogo do bicho, então tributado pela prefeitura. Para maiores informações, Cf. COIMBRA, Dário Maia. **Os construtores de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: Gráfica Universitária, 2000. p. 167.

⁵⁷² PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMPEH, 2011 [1938]. p. 164.

na imprensa nacional ou local, o que denota um provável distanciamento de posturas institucionais e uma aproximação do então difuso e proibido encanto popular pela santa figura de um padre morto há pouco tempo. Em torno dessa obra há certo silêncio perturbador. Ao longo da pesquisa, não foi possível encontrar jornais que noticiassem sua inauguração, ao contrário do que ocorreu com a estátua de bronze, que em 1925 foi amplamente comemorada, e a estátua de concreto armado erguida sobre a Colina do Horto em 1969, cujo descerramento figurou em quase todos os grandes e pequenos jornais do país.

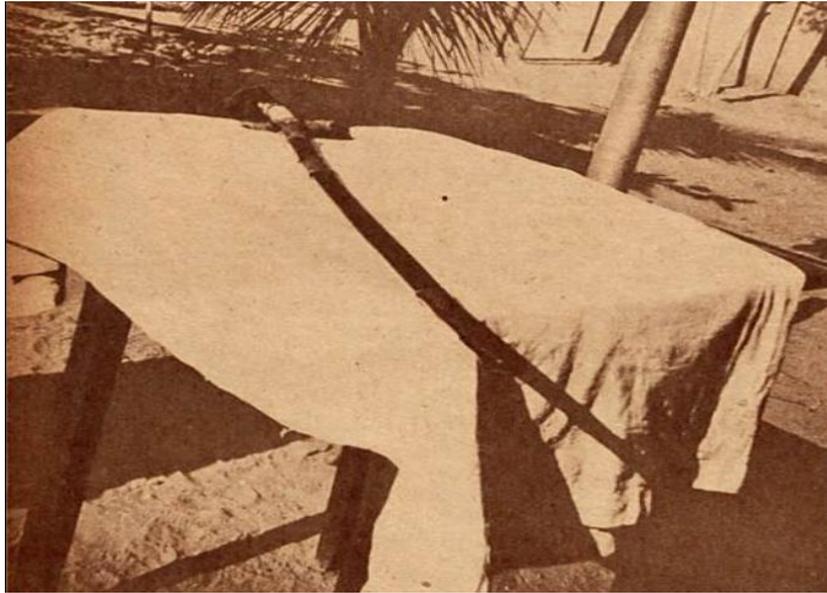
Edmar Morel e Zulema Figueiredo, em reportagem especial para a revista *O Cruzeiro* intitulada “Os Últimos Beatos”, estiveram em Juazeiro e escreveram sobre homens e mulheres leigos que, seguindo tradição iniciada pelo padre Ibiapina, faziam votos de pobreza e castidade, vivendo para a oração. A reportagem é longa e traz diversas fotografias feitas na cidade naquele período:

Figura 26 – Romeiros oram e beatos esmolam em Juazeiro



Fonte: MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p.100.

Figura 27 – Espada que teria pertencido a Floro Bartolomeu. Segundo a reportagem, Padre Cícero teria abençoado a arma



Fonte: MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p.104.

Figura 28 – Barraca sob a qual moraria Maria Firmina, uma beata de Padre Cícero



Figura 29 – Uma romeira eleva suas preces diante da estátua de Padre Cícero construída por Odísio



Fonte: MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p. 101.

Entre as fotos da reportagem, é possível ver a escultura de Odísio e a seguinte legenda: “O corpo do Padre Cícero foi sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, porém os fanáticos veneram a memória do padre diante de sua estátua de tamanho natural”⁵⁷³. Diferentemente da estátua de bronze, esta atrai grande número de devotos, principalmente durante as romarias. As pessoas se ajoelham, rezam, deixam flores, velas e imagens de santos quebradas. Muitos colocam objetos sob os pés do *Padrinho*, rezam um Pai-Nosso e creem que assim as peças estão abençoadas. A construção fica num espaço relativamente afastado da porta da capela e do cemitério, situando-se nas proximidades do comércio local, que também gira em torno da fé ⁵⁷⁴.

Pouco se sabe sobre a escultura elaborada por Odísio — até mesmo a data de inauguração assinalada na obra é imprecisa. O letreiro colocado acima do nicho, numa placa que tem o formato de lápide, diz: “Viva o Reverendíssimo Padre Cicero Romão Batista – O Santo Patriarca fundador desta invicta cidade de Juazeiro de saudosa memória: 25-12-1940”, mas em 1938 já se dava notícia de sua existência. As palavras que encimam a imagem fazem um jogo importante: reverenciam o padre e dão a ele o título de “santo patriarca fundador da cidade”. Ou seja: é uma estátua dedicada ao patriarca fundador de Juazeiro, mas também ao santo. Pelo que se sabe, inclusive, é o primeiro monumento público a mencionar explicitamente a “santidade” do *Padrinho*. Logo acima da cabeça da estátua, são exibidas as últimas palavras supostamente proferidas pelo sacerdote em seu leito de morte: “Vou rogar a Nossa Senhora por vocês todos”. Mesmo no momento em que se despedia da vida, Padre Cícero prometia cuidar de seus afilhados. Mais abaixo, aos pés da estátua, outra inscrição: “Em 20 de julho de 1934 faleceu nesta cidade da qual foi o fundador o padre Cícero Romão Batista, cujos restos mortaes estão sepultados nesta Egreja do Perpectuo Socorro continuando eternamente viva a sua sagrada memoria no coração do povo nordestino”.

É ainda relevante lembrar que, segundo Odísio, não havia, logo após a morte do sacerdote, nenhuma inscrição dentro da capela que identificasse seus restos mortais. A Igreja — provavelmente preocupada com os protestos que viriam a seguir — aceitou sepultar Padre Cícero no local escolhido por ele, mas não destacou ali sua presença. Desta forma, a estátua elaborada por Odísio parece ter sido construída com o intuito de sanar

⁵⁷³ MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p. 101.

⁵⁷⁴ Conforme Ramos, essa imagem do Padre Cícero está sempre envolta em orações, mas também figura em meio a “[...] transações comerciais, nas beiradas da Igreja que o negou e no caminho da necrópole”. RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O verbo encantado**. Unijuí: Ijuí, 1998. p. 110.

essa ausência. Conforme menção anterior, o escultor italiano, ao visitar a Capela do Socorro, provavelmente ainda em 1935, fez a seguinte anotação em seu caderno de memórias: “[...] não existe nem uma lapide que o recorde porque o clero diocesano e o Bispo não permitem”⁵⁷⁵

A contradição está justamente aí: a Igreja, ao proibir a existência de uma humilde lápide, acabou ensejando a construção de algo ainda mais controverso para seus propósitos de romanização e apagamento da trajetória do *Padrinho*: uma estátua de Padre Cícero como santo, figurando fora da igreja, mas dentro de um oratório e recebendo diariamente as visitas, orações e promessas de seus fiéis. É preciso apontar ainda que essa imagem frequentemente era confundida com a própria sepultura do *Padrinho*, principalmente quando a imprensa nacional se referia a ela.

Em seu caderno de memórias, Odísio reproduz uma fotografia em que posa com o modelo da famosa estátua. Ele afirma, na legenda, que ela “[...] figuraria sobre o túmulo do Padre Cícero” na Igreja do Perpétuo Socorro. Como é possível imaginar, isso jamais poderia acontecer. A Igreja não permitiria uma estátua do sacerdote como santo dentro de um de seus templos. Mas as artimanhas da vida fizeram com que a imagem, mesmo fora do território sagrado, ainda se confundisse com o túmulo do *Padrinho* e com o próprio sacerdote vivo. Padre Cícero, que após a morte não recebera nenhum monumento, já não estaria presente apenas no túmulo, mas também na praça. Não se pode dizer que Padre Cícero permaneceu vivo graças a Odísio. Mas se pode dizer que Odísio ajudou Padre Cícero a (re)viver.

⁵⁷⁵ ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 18.

Figura 30 – A estátua de Padre Cícero elaborada por Odísio, ainda em barro



*Estátua que figurar ha sobre a tumulo do Padre
Cícero na Igreja do Perpetuo Socorro -
photographia da estatua ainda em barro.*

Fonte: ODÍSIO, Agostinho Balmes. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006. p. 131.

Ao longo do tempo, os grupos de visitantes que se deslocam até Juazeiro vão assumindo diferentes características e distintos graus de valoração. Os turistas, por exemplo, são aqueles que fazem a viagem por curiosidade ou lazer. Os “fanáticos” e romeiros, por outro lado, seriam aqueles que permaneceram realizando a peregrinação até Juazeiro em busca do *Padrinho* e de seus milagres. Um articulista do *Correio de Juazeiro* já criticava, em 1949, o fato de a cidade receber somente romeiros, e atribuía esse problema ao fato de não se encontrar adaptada para a recepção de turistas:

O visitante da terra do Padre Cícero, geralmente acompanhado de uma auto-curiosidade anterior e atiçada pelo tradicionalismo que lhe foi contado da cidade, e pelos fatos históricos deixados em livros e jornais, em que tudo deixa transparecer coisas fantásticas, fica, surpreso, em verdade, diante do que vê. A estatística lhe dirá algo sobre os 50 mil habitantes, sobre outras tantas indústrias, sobre o perímetro soberbo da cidade, sobre a fábrica de relógios, enfim, o progresso da terra. Eis senão que, ao procurar um hotel para hospedar-se, o visitante extranha. As poucas pensões espalhadas, geralmente pequenos prédios de pouso, sem qualquer feição que se amolde o nível social do ambiente, dá um atestado de desprezo pelo ramo. Hospedarias para romeiros há muitas, porém, falta um hotel na expressão da palavra como os 2 formidáveis edifícios construídos na cidade de Crato.⁵⁷⁶

Conforme Odísio já havia destacado em seu *Memórias de Joazeiro do Padre Cícero*, o setor hoteleiro da cidade especializou-se em pensões, pousadas e, especialmente, em “ranchos”, constituídos por casas ou galpões dotados de cozinha e banheiro coletivos onde os romeiros armavam suas redes e aos quais se deslocavam para preparar alimentos e dormir, enquanto passavam o restante dos dias visitando os lugares santos de Juazeiro. Figuras importantes que viajavam até o Cariri para conhecer a cidade de Padre Cícero costumavam se hospedar nas residências de juazeirenses ilustres ou em hotéis situados na cidade ao lado, Crato.

Apesar de atrair um grande número de visitantes, a terra do *Padrinho* se dedicava principalmente a dar pouso aos devotos pobres que chegavam das mais diversas cidades do Nordeste. Os grupos de romeiros que buscavam abrigo nas pensões, pousadas, ranchos e casas de santos de Juazeiro eram heterogêneos, conforme a descrição de Henrique de Figueiredo⁵⁷⁷ para o *Diário de Pernambuco* em 1954, vinte anos após a morte de Padre Cícero:

⁵⁷⁶ PORQUE precisamos... **Juazeiro do Norte**, p. 5, 25 set. 1949.

⁵⁷⁷ Jornalista muito admirado por seu estilo e suas ironias. Atuou no Nordeste, diferente de tantos colegas que transferiram a carreira para a região Sudeste do Brasil.

Era essa mesma população heterogênea e movediça, que dele se acercava, pedindo a benção ao PADRIM CÍCERO. Ela provem ainda de todos os recantos geográficos do nordeste brasileiro. Quase todos de gibão e chapéu de couro, vindos dos chapadões do Orobo, da Varzea da Ema, de Sincorá, na Bahia; barranqueiros das margens do rio São Francisco; sertanejos dos contrafortes da Borborema, na Paraíba, vestidos do brim de ‘pólvora com farinha’ ou brim azulão ‘Alvorada’; corumbás dos engenhos de açúcar de Pernambuco, os cabras das vaquejadas do agreste; comedores de barro das bordas do rio Calunga; assassinos das Alagoas; sertanejos aguerridos, almas de lama, que na Cidade Santa do Juazeiro vão arejar os seus complexos de criminalidade. Negras feiticeiras dos xangôs da Baixa do Sapateiro e de Feira de Sant’Ana; Pais de terreiro do Engenho Velho, e de Panzarré; Mães de santo do Babalorixá Senhor do Bonfim. Mulheres andrajosas; raparigas ostentando pulseiras de relógio e argolões nos lóbulos das orelhas, do ouro das minas de Piencó. Morenas sertanejas de peitos empinados e nadeegas opulentas. Romeiros de todo ano, de Lagoa dos Gatos, de Panelas, de Cupira, levados pelo caminhão do ‘Seu Jonoca’. Velhos, valetudinários, arrimados do seu bordão de buranhém, trazendo no alforje um pedaço de carne de bode, rapadura e um punhado de farinha de manipeba.⁵⁷⁸

O elemento mais peculiar do relato, no entanto, é a viagem não ser realizada somente pelos católicos, mas também por devotos que professavam religiões de matriz africana, como os pais e mães de santos. É importante notar que em Juazeiro havia numerosos praticantes desses cultos. Eram pessoas que enfrentavam preconceitos e perseguições, como se pode notar em reportagem de capa feita pelo *Correio do Juazeiro* em 1949. Na matéria, J. Barbosa e Coelho Alves entrevistavam a vizinha de um suposto feiticeiro. Segundo a reportagem, “Abílio de ‘Tal’ e Pereirinha, mestres da macumba” promoviam sessões durante as madrugadas, “fazendo o maior alarido”. Os jornalistas convocavam a ação da polícia alegando haver na vizinhança “uma família inteira prejudicada pela macumba”:

– Que efeito produzem essas ‘sessões’ que desabone a senhora?
 – Ah... fez d. Rosa – É um inferno. Quando se vai dormir ouvem-se alaridos, gemidos, pancadas assustadoras e som de metais como se tivessem lutando com espadas. Tenho medo de um dia a casa vir abaixo e não se pode dormir. Eu só acredito em Deus, mas temo, que eles não virem a bruxaria por cima de nós.
 Consta que na noite de 8 p. p. o Pereirinha gritou alto na calçada: ‘Atenção pessoal, de amanhã em diante as ‘sessões’ serão feitas de portas abertas para quem quiser. Eu quero vêr quem acha ruim’.
 É a vez de chamarmos a atenção da polícia para comparecer também aos rituais da casa malassombrada da Rua Pe. Cicero, 937 afim (sic) de verificar o que há de anormal, pelo menos assegurando o socêgo (sic) da vizinhança, que, como d. Rosa, não dorme nas noites das ‘manifestações dos espíritos malignos que andam pelo mundo para a perdição das almas’.⁵⁷⁹

⁵⁷⁸ FIGUEIREDO, Henrique de. Padre Cicero. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 9, 8 out. 1954.

⁵⁷⁹ BARBOSA, J.; ALVES, Coelho. Avançam ainda os feiticeiros! **Correio do Juazeiro**, Juazeiro do Norte, p. 1, 13 mar. 1949.

O mesmo Pereira seria acusado, em outubro de 1949, de vender uma exótica garrafada com a promessa de curar um cidadão da Serra de São Pedro (atual cidade de Caririaçu). De acordo com o texto, “Pereira foi infeliz na sua *sabedoria*”, pois denúncias afirmavam ter feito “[...] um ‘preparo’ de sangue de morcego, pena de urubu torrada e outros ingredientes mandingueiros”⁵⁸⁰. Desse modo, mais uma vez a polícia era incitada a agir para evitar que os pobres e ignorantes fossem ludibriados por sujeitos que vendiam as tais “garrafadas”, cujas matérias-primas supostamente incluíam “[...] *sangue de morcego*, pena de urubu torrada, essência de barriga de cururu, farófia de lagartixa e outros ingredientes que só o demônio bebe sem furar o intestino”⁵⁸¹.

A despeito de vez por outra aparecerem nas páginas do *Correio do Juazeiro* agradecimentos de pessoas que se diziam curadas por Pereirinha, o jornal promovia uma verdadeira perseguição àqueles que realizavam cultos de matriz africana, bem como aos praticantes de espiritismo em geral e aos “curandeiros” amiúde procurados pela população pobre e desprovida de acesso ao socorro médico. Na semana anterior a essa denúncia, por exemplo, o jornal anunciava que Juazeiro era uma “[...] terra de superstição e fanatismo por excelência dada a falta de escolas e de educação necessária”, onde aventureiros se aproveitavam da inocência da população. A seguir, elencava os feitiços mais comuns: “[...] o sapo costurado, a cobra de duas cabeças enrolada em fios de cabelos, os embrulhos com ossos, pimenta e incenso, uma variedade [...] grande de *despachos*...”⁵⁸².

Como se pode notar, nem só da fé em Padre Cícero viviam os habitantes de Juazeiro. Eles buscavam diversos meios de encontrar a cura para os males físicos, espirituais, emocionais e econômicos. As elites locais e os intelectuais combinavam a crença em feitiços ao fanatismo comumente associado aos devotos de Padre Cícero, atribuindo a culpa de tal inclinação para crer em fenômenos sobrenaturais à precária educação formal ofertada pela municipalidade. As crenças que fugiam à ortodoxia da Igreja Católica eram vistas como atraso e fanatismo, devendo ser eliminadas pelo bem do progresso:

Juazeiro, a Méca, a cidade tradição, santuário do Nordeste, é também a *Taba de Araken* aonde pululam muitos indígenas ariscos e subservientes, selvícolas

⁵⁸⁰ FEITICEIRO “bancando” o médico. *Correio do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, p. 1, 23 out. 1949.

⁵⁸¹ Id., *ibid.*

⁵⁸² É O QUE conforta. *Correio do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, p. 6, 6 mar. 1949.

de gravatas que acompanham misticamente o batuque da feitiçaria farsantes dos *macumbeiros mór*, aproveitadores da obtusidade mental dos fanaticos da *taba*. Juazeiro ainda vai atrasado no carrilhão do século. O estilo de aldeia, vez por outra dá margens a que se levantem bandos de *índios* de camisa e sapatos aloucados pela vóz do chefe feiticeiro; anormalizados sócio-humanamente com os arcos e flechas de desarmonias a lançar as setas da confusão nos que querem progresso.⁵⁸³

Embora a defesa da eugenia já não se adequasse aos novos tempos, a comparação dos habitantes locais a indígenas “ariscos e subservientes” e a crítica às crenças associadas ao “batuque da feitiçaria farsante dos macumbeiros mór” pretendiam demonstrar que Juazeiro devia seu atraso àquela população que, mesmo vestindo camisas, calçando sapatos e utilizando gravatas, continuava a ser constituída por mestiços que levavam o tempo a propagar crenças consideradas obtusas, promovendo, assim, o atraso no percurso de Juazeiro rumo ao progresso.

Sabe-se que o monumento construído em 1969 sobre a Colina do Horto virou ponto de propaganda política para diversos candidatos, que passaram a visitar Juazeiro em busca dos votos sertanejos (e a publicar nos jornais de todo o país fotografias em que oravam aos pés da estátua). Antes de 1969, contudo, o túmulo de Padre Cícero e a estátua idealizada por Odísio já eram utilizados com o mesmo propósito. Ainda em 1934, a sepultura recebeu a visita do interventor Moreira Lima, que se destacou até Juazeiro durante a romaria de Finados:

Fortaleza, I (D. C.) – regressou do sul do Estado, o interventor Moreira Lima, que visitou a zona do Cariry, inclusive as cidades de Crato e Joazeiro, fazendo-se acompanhar de numeroso séquito. Nesta ultima cidade, o coronel Moreira Lima fez questão de visitar o tumulo do padre Cicero, junto ao qual depos uma enorme coroa, que trouxera da capital. Tem sido muito comentado esse gesto do interventor, naquela cidade conhecida como a ‘Meca dos Romeiros’, havendo quem pretenda atribuir essa atitude do coronel Moreira Lima ao intuito de imitar Napoleão Bonaparte, em sua visita à mesquita do Cairo.⁵⁸⁴

Os jornais do período noticiavam tais visitas, avaliando, conforme as diferentes inclinações políticas, os erros e acertos da estratégia de levar candidatos até Juazeiro. O vice-presidente Café Filho, o então ministro João Goulart, Adhemar de Barros, na época sem mandato, e o governador do Ceará, Raul Barbosa, também visitaram o túmulo e foram fotografados junto à estátua em 1952⁵⁸⁵. É preciso mencionar que, na

⁵⁸³ BARBOSA, Menezes. Taba de Araken. **Correio do Juazeiro**, Juazeiro do Norte, p. 2, 16 out. 1949.

⁵⁸⁴ O INTERVENTOR Moreira Lima imitando Napoleão Bonaparte... **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, p. 6, 3 nov. 1934.

⁵⁸⁵ CENTENÁRIO do Crato. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 2, 28 out. 1952.

fotografia, a escultura é identificada como sendo o próprio túmulo do *Padrinho*, fato que se repete em numerosas publicações.

Em 1959, foi a vez do Marechal Lott fazer sua visita à estátua e ao túmulo. Durante esse acontecimento, a imprensa nacional se dividiu. A revista *O Cruzeiro* fez uma longa reportagem em que mencionava viagem de Jânio Quadros a Jerusalém e Nazaré, comparando-a à excursão que naquele momento Lott fazia a Juazeiro. O jornalista Carlos Castello Branco, em tom elogioso, afirmava que o marechal fora ao Nordeste para testar a popularidade e treinar o contato com os demais políticos e o povo, saindo-se bem. Além disso, o *Padrinho* parecia ter atributos capazes de inspirar o militar:

O deputado Último de Carvalho lembrou o que, a respeito do Padre Cícero, cujo túmulo o Marechal e comitiva acabavam de visitar, lhe revelara seu colega Colombo de Souza: o Padre Cícero depois de confessar algumas dezenas de assassinos e ladrões, subia ao púlpito e dizia: ‘Meus filhos, vocês mataram muito e roubaram muito; vão para casa, não matem mais nem roubem mais’. O Deputado Último acrescentou: ‘É isso que eu quero, Marechal. Não quero que o senhor prenda ninguém, nem faça inquérito. No Brasil quem rouba muito é barão, tem muita influência. O que quero é que o senhor não deixe roubarem mais’. E enfático: ‘Marechal, não assine protocolo com partido!’. O Ministro da Guerra riu com gosto, inteiramente descontraído.⁵⁸⁶

Um ano depois, já em período de campanha propriamente dita, o *Correio da Manhã* retomou a discussão sobre a viagem do candidato ao Ceará e, mais especificamente, a Juazeiro, tecendo sobre ela diversas críticas. As palavras de um hipotético cidadão juazeirense acerca do comportamento do Marechal impunham uma reprovação:

– Ele não veio aqui fazer comício. Veio para uma inauguração da CHESF. Mas fez muito mal de se ajoelhar e rezar no túmulo do padre Cícero. O povo não gostou desse exagero do marechal. O povo gosta de uma coisa: que elogiem o padre Cícero, digam que foi um grande cidadão, um patriarca desta cidade, homem bom, amigo do povo, de prestígio reconhecido no resto do Brasil, e até na história do Brasil. Mas ajoelhar-se e rezar, isto só no altar dos santos. Padre Cícero não é santo da Igreja.⁵⁸⁷

Assim sendo, a visita a Juazeiro servia de mote para a discussão política, e as especulações sobre a ambiguidade de Padre Cícero eram utilizadas para elogiar ou criticar os candidatos. O retrato junto à estátua concebida por Odísio, que foi se tornando tradicional entre aqueles que aspiravam cargos no Poder Executivo, era uma constante

⁵⁸⁶ BRANCO, Carlos Castello. Lott sabe falar. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, p. 44, 15 ago. 1959.

⁵⁸⁷ O POVO é sério. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 9, 10 jun. 1960.

nos jornais e revistas do período, inclusive nos anos iniciais da ditadura civil-militar que se instalou no país.

A escultura de Padre Cícero — assim como o seu túmulo — não eram assunto para discussões apenas na política nacional. Os boatos e conflitos que envolviam o clero local também partiam, muitas vezes, do mesmo ponto. Em 1949, por exemplo, boletins anônimos circulavam na região do Cariri com críticas ao Monsenhor Joviniano Barreto, que resolveu realizar uma “concentração” com a participação de diversos oradores engajados em sua defesa. A iniciativa, no entanto, não obteve êxito. Logo depois dessa tentativa de justificação, novos textos anônimos voltaram a circular, criticando os oradores e o próprio Monsenhor, que

[...] Não desmentiu que faz campanha contra o amor que os romeiros teem ao Padre Cicero. Não desmentiu que tem vontade de acabar com a estatua do Padre Cicero, no Socorro. Não desmentiu que mandou fechar a Capela do Socorro para não ser celebrada uma missa em homenagem ao Padre Cicero. [...] Não desmentiu que chamava de Faisca e Tubarão as creanças batizadas pelo Padre Cicero [...]. Quando o Padre Cicero foi chamado para junto do pai celeste o Monsenhor Joviniano disse: daqui a 10 anos não se fala mais no nome do Padre Cicero nem desses tais milagres.⁵⁸⁸

Diversas acusações endereçadas a Monsenhor Joviniano diziam respeito ao culto ao Padre Cícero, mais especificamente a temas relacionados à Capela do Perpétuo Socorro, onde seu corpo fora sepultado, e à estátua erigida ali em frente. Ofender o amor que os devotos alimentavam pelo *Padrinho* era como ofender o próprio *Padrinho*. Erro, portanto, imperdoável. O informativo ainda atacava o fato de Monsenhor Joviniano ter especulado que Padre Cícero seria em breve esquecido. Sabe-se que, com atos, os devotos desmentiram essa possibilidade, visitando sempre Juazeiro e provando, com isso, a perseverança do amor dedicado ao sacerdote.

A estátua do Socorro, como é possível perceber, exercia especial atração sobre os romeiros, confundindo-se, sob o olhar da imprensa nacional, com o próprio túmulo do Padre Cícero. O vulto concebido por Odísio teve, por muito tempo, significação religiosa e simbólica equivalente àquela que viria a ter o monumento inaugurado por Mauro Sampaio em 1969.

Com a estreia da gigantesca estátua, a imagem idealizada por Odísio parece ter perdido algumas atribuições políticas, mas continuou resistindo como forte atrativo

⁵⁸⁸ NOVOS boletins anônimos. **Correio do Juazeiro**, Juazeiro do Norte, p. 1, 3 jul. 1949.

religioso, especialmente para os romeiros. Até os dias atuais, embora não funcione como chamariz turístico, recebe diariamente dezenas — ou mesmo centenas — de devotos e romeiros que ali realizam suas preces, santificam seus pertences e acendem suas velas. Entre a capela e a rua, entre a fé e a política, Padre Cícero permaneceu vivo, e Juazeiro prosseguiu sendo sua morada.

7.3 Padre Cícero no alto da Colina

O jornal *O Estado de São Paulo* publicou, no início de novembro de 1969, uma reportagem sobre os acidentes automobilísticos ocorridos durante a Romaria de Finados daquele ano. O correspondente de Fortaleza anunciava que, no dia cinco de novembro, já era possível contar oito devotos mortos e mais uma centena de pessoas lesadas por ferimentos graves: “Os romeiros tinham ido participar dos festejos de inauguração da estátua de 27 m de altura do padre Cícero, que domina todo o vale do Cariri”⁵⁸⁹.

Trinta e cinco anos após a morte de Padre Cícero, a Romaria de Finados se consolidava como tradição. Anualmente, milhares de devotos já deixavam suas residências em Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e outros estados com o objetivo de prestar homenagem ao *Padrinho*, pedir a sua bênção e fazer ou pagar promessas. O fluxo aumentou com a construção do grandioso monumento na Colina do Horto. Colisões e capotamentos nas estradas malconservadas eram recorrentes. Caminhões de frete — os famosos paus de arara — conduziam os peregrinos em condições precárias e frequentemente provocavam acidentes que por vezes levavam a óbitos. Apesar disso, os romeiros nunca abandonaram o caminho. Essas peregrinações já haviam sido descritas em artigo publicado no *Correio de Juazeiro* por Anderson Borges, logo após a Romaria de Finados de 1949:

Cada caminhão que chega, superlotado de romeiros que entoam benditos, corresponde a uma descarga cerrada de fogos e foguetões, ouvida, talvez, em quase todo município. É essa maneira típica do romeiro demonstrar sua fé, depois de uma longa viagem de muitas léguas através dos sertões abrazados, onde só o espinho do chique-chique exprime revolta ao ódio implacável da natureza. Gente simples, o romeiro não conhece esse famigerado respeito humano que destitue as sociedades hodiernas dos seus mais instintivos sentimentos, principalmente dos que se referem à religião e a fé. Ele revela na

⁵⁸⁹ ROMARIA TEM final trágico. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 6, 5 nov. 1969.

menor atitude, o traço da inocência que predomina em sua formação. É uma criatura radicada na terra onde trabalha pelo próprio sustento: não sente atração pelo litoral – porta de entrada da maldade e da perversão – e só a fé em N. S. das Dôres e o respeito à memória do Padre Cícero, fazem-no vir ao bulício desta terra legendária. O seu devotamento é profundo. Vem de muito distante, trepidando em cima de um caminhão qualquer, acoberto dos raios solares mas expostos à poeira micro pulverizada dos caminhos causticados pela soalheira desse outubro nordestino. Enfrenta os imprevistos, além de todos os sofrimentos ponderáveis e que são o rosário sem fim das romarias.⁵⁹⁰

A ideia de que os romeiros eram representantes do Brasil profundo, do Brasil puro e pouco interessado pelos pecados do litoral, era veiculada nos jornais com o provável objetivo de demonstrar a especificidade do atraso cultural em que ainda se encontrava o sertão nordestino, bem como a força da ingênua devoção ao Padre Cícero. Se em 1949 os seguidores do *Padrinho* já se submetiam às piores condições em longas e extenuantes viagens ao Cariri, vinte anos depois, em 1969, surgiu na cidade um novo atrativo para aqueles que nunca abandonaram Juazeiro e a Mãe das Dores: a gigantesca representação do patriarca de Juazeiro construída em cimento armado e instalada num dos pontos mais altos do município. Edificada ao longo de dois anos, a estátua pretendia aplacar os protestos provocados pelo prefeito de Juazeiro, Mauro Sampaio, ao tentar substituir o velho Pé de Tambor por uma antena de televisão.

O Pau de Tambor (ou Pé de Tambor) era uma Timbaúba que contava então mais de cem anos. Dizia-se que Padre Cícero tinha o hábito de repousar sob sua copa durante os retiros espirituais que realizava na Colina do Horto. A árvore era larga, alta e frondosa, e muitos devotos a consideravam sagrada, por isso colhiam seus ramos e folhas para utilizar em preparos medicinais. Seus troncos e sua folhagem podiam ser enxergados mesmo por aqueles que se encontravam na parte baixa da cidade. Chegou a ser construída junto a ela uma capelinha que por muitos anos foi bastante visitada pelos romeiros. Assim, os devotos do *Padrinho* estimavam o robusto vegetal e o consideravam como um bem natural e cultural que representava o Padre Cícero, e que permaneceu vivo e forte após o perecimento do sacerdote.

Quando, com o objetivo de implantar uma antena de televisão, a árvore foi derrubada, houve grande clamor e resistência popular. Conforme Barros, “[...] foi-se o tambor de folhas milagrosas e plantou-se a torre das imagens poluidoras”⁵⁹¹. O prefeito,

⁵⁹⁰ BORGES, Anderson. O drama das romarias. *Correio do Juazeiro*, Juazeiro do Norte, p. 2-3, 20 nov. 1949.

⁵⁹¹ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Juazeiro do Padre Cícero – A Terra da Mãe de Deus*. Fortaleza: IMEPH, 2008. p. 338.

preocupado com o apoio político que perderia junto à população juazeirense, resolveu construir nas proximidades do local uma grandiosa estátua em homenagem ao Padre Cícero. A estratégia funcionou. A obra esculpida pelo pernambucano Armando Lacerda passou a atrair milhares de fiéis anualmente. Conforme lembra Gilmar de Carvalho em seu *Madeira Matriz*, a derrubada do Pé de Tambor “[...] serviu muito mais como forma de erradicar um símbolo que se verticalizava, que era visível e que tinha história, do que como implantação de uma tecnologia⁵⁹²”. Mauro Sampaio, o prefeito, foi inteligente o suficiente para notar que precisava corrigir seu ato: resolveu substituir o antigo símbolo por um novo. O padre passava a ser representado em medidas que correspondiam a sua real grandeza. A estátua de 27 metros convidava os visitantes a olharem para o céu.

A inauguração da estátua ocorreu em primeiro de novembro, um dia antes daquele tradicionalmente devotado à lembrança dos mortos. Acreditava-se que o dia de luto não era apropriado para festejos. A cerimônia foi realizada no centro da cidade, pois o local em que a estátua fora instalada era ainda de difícil acesso. Compareceram autoridades e figuras públicas. Oswald Barroso conta que, sob a perspectiva dos devotos,

Um lado da terra ficou penso depois que o Pau de Tambor teve o tronco apartado do chão. Uma fatia de ar repentina fez balançar a serra do Horto como a alguém engasgado. Só recuperou o equilíbrio quando as folhas da grande árvore foram transformadas em chás e as farpas de sua madeira, igualmente, se consubstanciaram em relíquias, que Maria dos Benditos se pôs a distribuir entre os devotos [...]. Foi quando o prefeito viu a revolta bater à sua porta. Pancadas agudas feito choro de cão morto a pauladas. Ele foi até a janela da frente e pôde observar o mundo se fender em dois, um raio dividindo a terra a partir do alto do Horto. Era o aviso.⁵⁹³

A tradição popular conta que, arrependido pelo “pecado” de ter ordenado a destruição do Pé de Tambor, o prefeito teria feito ao próprio Padre Cícero a promessa de construir uma estátua em sua homenagem. Por outro lado, a versão mais difundida dessa narrativa afirma que a revolta e os protestos populares é que o levaram a pensar em tal solução. Em entrevista, o prefeito dizia que o monumento era “[...] o grande sonho do povo de Juazeiro, embora [...] toda a população tenha em casa várias estatuetas, medalhinhas, quadros e outras lembranças de ‘meu padrinho’”⁵⁹⁴.

⁵⁹² CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz**: Cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998. p. 30.

⁵⁹³ BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Fortaleza: Secretaria de cultura e Turismo; URCA, 1989. p. 35.

⁵⁹⁴ JUAZEIRO GANHA em novembro estátua gigante de Pe. Cícero. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 29, 11 ago. 1969.

Desse modo, a peculiaridade do monumento edificado na Colina do Horto é o fato de ele não ter sido erigido por iniciativa e vontade individual das autoridades públicas. A escultura não foi elaborada com o objetivo de solidificar a lembrança de um grande homem, mas de aplacar o clamor popular que não se conformava com a destruição de um símbolo que não poderia ser refeito. O monumento, portanto, não foi elaborado para lembrar uma personalidade que poderia ser esquecida, mas para homenagear alguém próximo, presente e constantemente lembrado. Conforme reportagem publicada no *Diário de Pernambuco*,

O padre Cícero Romão, ‘santo do Sertão’ e herói do Cariri, volta a pisar os montes da região onde seus ‘milagres’ atraem centenas de milhares de romeiros, pelos campos e caatingas. Sua estátua, o maior monumento do Nordeste, será inaugurada hoje, no dia da festa maior do Cariri, na presença de trezentos mil romeiros, que vêm de todos os recantos do Nordeste e até dos sertões do Mato Grosso e das fronteiras da Amazônia [...]. Sua construção foi rápida: dois anos. Custou trabalhos e sacrifícios a toda a população da região do Cariri, que de qualquer lugar pode observá-la no cimo da serra mais alta da região. Não foi construída como atração turística, mas como um monumento de fé e gratidão ao apóstolo do sertão, que multiplica milagres aos que procuram seu túmulo e invocam sua proteção.⁵⁹⁵

Nessa citação é importante destacar a afirmação de que a estátua, ao contrário de outros monumentos, não foi levantada como atração turística. Ela não se configurava, portanto, como um lugar de memória artificialmente criado, mas como um desejo concretizado pelos próprios romeiros (o desejo de ver seu *Padrinho* pisando novamente as terras do Horto). Simbolizava, mais que qualquer outra construção relacionada ao Padre Cícero, a existência de um *local de recordação* que, a despeito das tentativas de diversas autoridades públicas e religiosas, não poderia ser eliminado.

É importante perceber, no entanto, que outros meios de comunicação divulgavam versões diferentes da história. Em janeiro de 1969, o periódico carioca *A Luta Democrática* publicou matéria sobre uma quadrilha que teria sido descoberta em Maceió ao praticar estelionato contra os devotos de Padre Cícero. Os criminosos percorriam diversas cidades do Nordeste arrecadando dinheiro para, supostamente, construir a grande estátua em Juazeiro. Alguns dos golpistas foram presos em Recife. Mauro Sampaio, responsável pelo monumento, imediatamente comunicou que não havia comissionado ninguém para arrecadar fundos para a obra, “[...] revelando ainda que a estátua para o

⁵⁹⁵ ALCIDES, Jota. Inauguração da estátua do padre Cícero tem presença de 300 mil romeiros do Nordeste. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 10, 1 nov. 1969.

Padre Cícero e outras que lembrarão o sacerdote, estão sendo realizadas às expensas da prefeitura e visam um maior fluxo turístico a cidade”⁵⁹⁶.

Dessa forma, a construção saía da dimensão do “fanatismo” e se instituiu como política pública realizada institucionalmente com um objetivo bem delimitado. A matéria do jornal carioca não foi a única a destacar o caráter turístico da atração. Ainda em 1968, o *Diário de Pernambuco* anunciava que a estátua implantada no cume da serra seria “[...] circundada por vários jardins, praças, ‘playground’, além de outras atrações”, constituindo assim um amplo complexo turístico⁵⁹⁷. O *Padrinho*, que sempre fora considerado fator de atraso, transformou-se em vetor de progresso.

Um dia após a inauguração, o periódico fortalezense *Gazeta de Notícias* anunciava detalhes da cerimônia, enfatizando a presença de importantes autoridades políticas e militares, bem como do sofisticado aparato tecnológico utilizado na iluminação da estátua. O jornal deu destaque também à cobertura da imprensa nacional, que se deslocou até Juazeiro para noticiar o evento:

Com o acionamento, pelo vice-governador Humberto Ellery, da chave de controle eletrônico de iluminação do monumento, foi inaugurada, a noite passada, às 8 horas, a estátua do Padre Cícero, localizada na serra do Horto, em Juazeiro do Norte. Antes do ato, durante 39 segundos, a cidade esteve inteiramente as escuras. À única chave, do patamar da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores, foram acesos os 24 refletores de luz alogênica, únicos em todo o Norte e Nordeste do país. Mais de 200 mil pessoas assistiram o ato, filmado por cinegrafistas das emissoras de televisão Globo e Tupi, do Rio de Janeiro, e Cultura, de São Paulo, e transmitido por emissoras de rádio de todo o Nordeste, inclusive da Bahia. Repórteres dos jornais ‘Diário de Pernambuco’, ‘Jornal do Comercio’, ‘Jornal do Brasil’ e de outros órgãos da imprensa brasileira, além de enviados das revistas, ‘Veja’, ‘Fatos e Fotos’, ‘O Cruzeiro’, ‘Manchete’ e ‘Realidade’, documentaram toda a programação cumprida ontem na Meca do Cariri, contando, ainda, flagrantes da movimentação dos romeiros – mais de 100 mil. A programação de ontem, foi iniciada às 8h30, com um desfile cívico do qual participaram os integrantes do Tiro de Guerra e da Polícia Militar, além de estudantes dos diversos estabelecimentos de ensino de Juazeiro. No palanque armado na Praça Almirante Alexandrino ficaram as diversas autoridades que convergiram para Juazeiro, entre as quais os deputados Virgílio Távora, Leão Sampaio, Adauto e Humberto Bezerra, além do prefeito Mauro Sampaio, responsável pela construção do monumento. Os romeiros vieram em maior número de Pernambuco, seguindo-se os contingentes da Paraíba e Alagoas, chegaram, principalmente, em caminhões e ônibus, utilizando, ainda, trens e automóveis. Somente do Recife chegaram, nos dois últimos dias, 26 ônibus; da Paraíba, 16 e de Alagoas mais de 10. De outros Estados também convergiram romeiros, inclusive do Paraná, Amazonas de Brasília. O senador mato-grossense Clímaco Bezerra também estava em Juazeiro, como simples romeiro, o mesmo ocorrendo com vários parlamentares de Estados Nordestinos. Arranchados em tendas improvisadas, ou hospedados em residências de Juazeiro e Crato,

⁵⁹⁶ QUADRILHA ARRECADA dinheiro – Estátua do Padre Cícero. *A Luta Democrática*, Rio de Janeiro, p. 4, 23 jan. 1969.

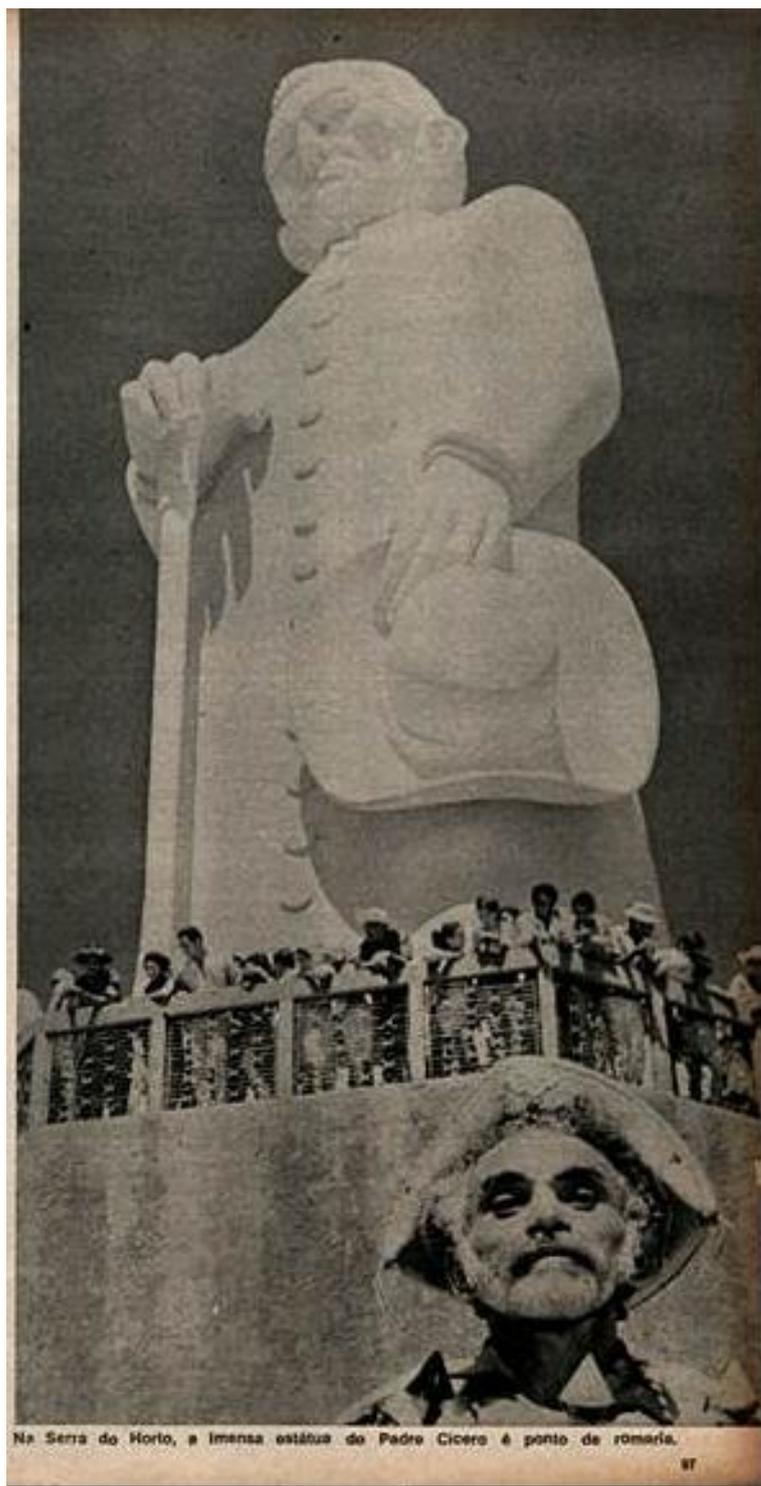
⁵⁹⁷ UMAS e outras. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 10, 12 mai. 1968.

instituições de caridade, colégios e abrigos municipais, os romeiros alteram inteiramente a fisionomia da cidade, cujo comércio vem funcionando inclusive à noite, num movimento sem precedentes. Mesmo com a inauguração do monumento, a afluência de romeiros poderá crescer nas próximas horas, uma vez que a tradicional data das romarias ao túmulo do Padre Cícero é o dia 2 de novembro (hoje), dia de finados.⁵⁹⁸

Foi elaborado, em torno da nova estátua de Padre Cícero, um discurso que tinha em seu âmago a ideia de modernidade. O monumento ao progresso já não seria a antena de televisão, mas a gigantesca imagem do fundador de Juazeiro, instalada no alto da Colina não para receber orações, mas para atrair turistas. O pretensível caráter turístico do empreendimento lançado por Mauro Sampaio, contudo, destoava da infraestrutura da cidade e das possibilidades financeiras do público-alvo.

⁵⁹⁸ MAIS DE 200 mil pessoas assistem inauguração da estátua do Padre Cícero. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 2 de novembro de 1969.

Figura 31 – A estátua de Padre Cícero no Horto



Fonte: MOREL, Edmar. Antes de chegar a Juazeiro, distante ainda 300 km, em pleno Rio São Francisco, já encontro multidões de crentes na santidade do Padre. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, p. 97, 1973.

Os romeiros, por outro lado, não abandonaram o *Padrinho*, e compareceram em peso à cerimônia, realizando a visita anual que já faziam costumeiramente à cidade santa. Eram, sem dúvida, um grupo mais numeroso que aquele formado por pessoas que

viajavam por curiosidade e lazer. O periódico fortalezense sublinhou que muitos visitantes se hospedavam em residências de Juazeiro ou mesmo do Crato, além de utilizarem colégios e instituições de caridade como abrigos. Em fins de outubro, dias antes da inauguração, romeiros desabrigados já armavam seus acampamentos enquanto aguardavam o grande dia:

A cidade de Juazeiro já está recebendo milhares de fiéis e admiradores do Padre Cícero. São milhares de famílias de todas as classes sociais, residentes nos mais diferentes pontos do Nordeste brasileiro. Às imediações da cidade já estão sendo levantados acampamentos àqueles que não podem pagar hotel ou pensão, mas nem por isso querem deixar de render uma homenagem àquele que, em vida, foi uma das maiores figuras do Brasil, quiçá a primeira do Nordeste. Em Juazeiro do Norte se alguém se meter a engraçado e disser que o Padre Cícero é feio, talvez não acabe nem a frase. Será até esquarterado. O mesmo ocorreria em qualquer outra cidade do Nordeste, onde a figura do Padre Cícero é respeitada.⁵⁹⁹

O articulista afirma, como tantos outros, que diante dos habitantes e visitantes de Juazeiro seria impossível tecer qualquer crítica ao *Padrinho*. Reforça, assim, a ideia de que os devotos eram fanáticos, ignorantes e violentos. A dicotomia entre turistas e romeiros era nascente, mas se consolidaria ao longo do tempo. Os turistas passariam a ser valorizados e desejados pelos órgãos municipais e os empresários locais, enquanto os romeiros e devotos em geral continuavam sendo considerados indesejáveis empecilhos ao progresso da terra do *Padrinho*, embora constituíssem o amplo mercado consumidor de produtos fabricados e comercializados nas ruas de Juazeiro.

A *Gazeta de Notícias* publicou, em 1 de novembro de 1969, um número especial voltado somente para a inauguração da estátua em Juazeiro. O jornal cearense trouxe diversas reportagens sobre a cidade e o monumento, além de inúmeras propagandas de entes públicos e privados juazeirenses. As longas matérias elogiosas à iniciativa de Mauro Sampaio dão margem para que se imagine que a prefeitura de Juazeiro do Norte também foi uma importante financiadora da publicação. Importa observar que a cidade é apresentada como um centro, primeiramente, de indústria e comércio, sendo a religião um aspecto meramente secundário:

Juazeiro não é somente indústria e comércio. A cidade tem se notabilizado pelo seu espírito religioso, tanto assim que já corre mundo o ‘slogan’ de que a terra do Padre Cícero é a ‘capital da fé e do trabalho’. E já disse o Padre Murilo,

⁵⁹⁹ ESTÁTUA DO Padre Cícero com 25 metros de altura. **Diário de Pernambuco**, Recife, p. 2, 24 out. 1969.

vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, que ‘Juazeiro pôs o rosário no pescoço do Nordeste...’.⁶⁰⁰

Teoricamente, portanto, somente a partir da edificação da estátua, Juazeiro passaria a ser uma “capital da fé”. Acreditava-se, evidentemente, que o empreendimento traria vultuosos recursos para a cidade. Uma reportagem não assinada, publicada no mesmo periódico, chegava a afirmar que Mauro Sampaio teria tomado a decisão de construir a estátua graças a um “estalo”. Ou seja, a grande atração da cidade não seria um monumento previamente planejado, mas algo inventado ao bel prazer e repentina inspiração do chefe do Poder Executivo Municipal. O monumento seria, sob esse ponto de vista, fruto de uma decisão intempestiva, de um *insight* supostamente surgido do nada, do qual o prefeito era o único protagonista:

A administração Mauro Sampaio teve dois momentos de rara felicidade: a sua decisão de governar com base em um plano de ação (já atingido na maioria das metas pretendidas) e o seu ESTALO para construir o monumento do Pe. Cícero. De fato, qualquer uma dessas decisões, postas em prática, seria o suficiente para transformá-lo num dos maiores administradores – senão o maior – que a história já registrou em Juazeiro do Norte. A construção do Monumento trará, a curto, a médio e longo prazos, benefícios incalculáveis para a vida econômica do município; haja vista que o fluxo de turismo foi iniciado antes mesmo do término da obra. Por outro lado, não faltou a divulgação necessária ao grande empreendimento: imprensa, rádio, televisão e até a literatura de cordel foram os veículos anunciadores do que se fazia em Juazeiro. Resta apenas que os homens de visão se preparem, de agora em diante, para dotar a cidade de uma infraestrutura hoteleira capaz de garantir a continuidade dessa nova motivação turística criada pelo prefeito Mauro Sampaio.⁶⁰¹

Mauro Sampaio era elogiado a ponto de ser considerado um dos maiores prefeitos de Juazeiro, talvez mesmo o melhor (o que indicaria a possibilidade de ter superado o próprio Padre Cícero). Havia a compreensão, no entanto, de que o “empreendimento turístico” não se sustentaria sem o apoio da iniciativa privada local. De nada bastaria a construção do grande monumento — e sua divulgação — caso a cidade não se equipasse para receber os visitantes mais desejados: os turistas. O público comum, formado pelos romeiros, acomodava-se como podia nos inúmeros ranchos de Juazeiro,

⁶⁰⁰ A CAPITAL da fé. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 6, 1 nov. 1969.

⁶⁰¹ UM SENHOR monumento. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 2, 1 nov. 1969.

mas os turistas, que viriam irrigar a região com suas fartas remunerações, precisavam de melhores equipamentos de hospedagem⁶⁰².

João Clímaco Bezerra, em colaboração enviada para diversos jornais do país, advertia que a obra não seria, de fato, um entretenimento turístico, mas um peculiar atrativo para aqueles que acreditavam nos milagres de Padre Cícero. Chegava a afirmar, inclusive, que a crença em torno do *Padrinho* se fortaleceria graças a essa iniciativa:

Instalado, assim, nessa altura de gigante, o apóstolo voltará a reinar sobre os corações dos homens simples. Multiplicar-se-ão, sem dúvida, os seus milagres. Novos feitos serão somados aos fatos acontecidos. E cegos e cantadores beatos e cangaceiros, continuarão a cantar nas feiras de Juazeiro que o Padim Pe. Cícero é uma das três pessoas da Santíssima Trindade. E continuará como um tema vivo para biógrafos e pesquisadores [...].⁶⁰³

Por um lado, a estátua garantiria a sobrevivência do reinado de Padre Cícero, inclusive renovando a fé de seus devotos. Por outro, seria mais um ícone associado a tantos outros símbolos nordestinos, tais como “cegos, beatos e cangaceiros”, sempre relacionados aos cantadores que divulgavam a santidade do *Padrinho*. Sob essa perspectiva, a edificação do monumento daria nova vida ao tema, que permaneceria sendo estudado.

Com efeito, numerosos intelectuais se manifestaram a respeito da edificação. A escritora Rachel de Queiroz comemorou a iniciativa de construção da estátua, lamentando o fato de as elites e instituições detentoras de poder terem tentado, após a morte de Padre Cícero, apagar sua memória e o sentimento que o povo lhe devotava. A persistência da fé no sacerdote, no entanto, garantiu o que ela chamou de “momento de revisão”, quando as autoridades públicas resolveram aceitar e mesmo incentivar essa mesma fé:

Morto o Padre Cícero – e a sua morte foi como um terremoto, no Juazeiro –, parecia que todos os poderosos só tinham um cuidado em relação ao velho: fazê-lo esquecido. A igreja oficial procurava rapidamente ocupar o vácuo deixado no coração do povo, pelo santo renegado, recebendo-lhe a herança, tomando a direção das suas obras de caridade; os governos por sua vez tratavam de preencher o vácuo político e ganhar-lhe o imenso eleitorado. Mas o povo não esquecia. O povo nem um instante abandonou a Igreja das Dores, teimando em para lá levar flores e esmolas, fazer tocar foguetes. Nunca deixou

⁶⁰² Para maiores informações sobre o estímulo ao turismo no Cariri, cf. VIANA, José Italo Bezerra. **As muitas artes do Cariri**: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

⁶⁰³ BEZERRA, João Clímaco. Um apóstolo do Sertão. **Diário do Paraná**, Curitiba, p. 2, 8 nov. 1969.

de trocar nas feiras as medalhas de alumínio e prata com a efígie de Meu Padrinho, ou as imagens de madeira e cerâmica em que ele é feito em vulto, pequeno, corcunda, vestido na batina preta, apoiado ao bastão. Ninguém na terra o esqueceu: a ele continuam a se fazer promessas, com o nome dele se batizam ainda os meninos. [...] E agora essa revisão, esse movimento de reparação pública atinge a sua forma mais impressionante com a inauguração do monumento ao Padre Cícero: lá na serra do Hôrto, onde ele sonhara levantar a sua grande igreja e para a qual chegara a erguer os poderosos alicerces, as primeiras muralhas. E que monumento esse, estátua gigantesca que, no Brasil, só é menor que o Cristo do Corcovado.⁶⁰⁴

Raquel de Queiroz também destacou, como João Clímaco fizera anteriormente, a renovação dos escritos sobre Padre Cícero. A escritora cearense citou nominalmente os estudos de Amália Xavier e do padre Azarias Sobreira, afirmando que lançavam um novo olhar sobre as questões de Juazeiro. O *Padrinho* parecia viver, finalmente, um momento de aceitação não apenas entre o “grande público”, mas também entre autoridades e intelectuais, que se esforçavam para restituir sua honra.

Os articulistas em geral não deixavam de lembrar a peculiaridade da paragem escolhida para a construção do monumento. Como se sabe, muitos anos antes Padre Cícero havia desejado erguer ali um imponente templo católico. A majestosa igreja do Horto, sonhada pelo sacerdote e edificada pelos devotos, teve sua obra paralisada por ordem da diocese. Em 1944, em longas reportagens escritas por Edmar Morel e publicadas no *Diário de Pernambuco*, foram narrados os últimos momentos da existência daquela construção:

Pela madrugada, embarco no campo de aviação de Joazeiro, de regresso ao Rio. O avião antes de rumar para Petrolina, sobrevoou a cidade. E do alto, vi uma multidão trabalhando entre escombros de um prédio. Os últimos fanáticos sob a influência dos padres salesianos, jogavam por terra, as colunas da igreja do Horto, o sonho sublime do pároco. O aeroplano ganhava altura. Nuvens soltas enfeitavam os céus do Cariri. E quando o ‘Arari’ transpôs a Chapada do Araripe, voltei os meus olhos para Joazeiro e numa romaria sentimental li um trecho do testamento do vigário:
-- Aos salesianos suplico que terminem a construção da capela do Horto...⁶⁰⁵

Os padres salesianos, herdeiros do Padre Cícero, não apenas não terminaram a igreja como também agiram ativamente na destruição de suas ruínas. Dez anos após a morte do sacerdote, nada mais restava do seu sonho. A congregação salesiana chegou a construir um templo no centro da cidade voltado à adoração do Sagrado Coração de Jesus.

⁶⁰⁴ QUEIROZ, Rachel de. A estátua do Padre Cícero. *Diário de Notícias*, Porto Alegre, p. 4, 9 nov. 1969.

⁶⁰⁵ MOREL, Edmar. Devassando o arquivo do Padre Cícero – O mais poderoso senhor do Nordeste retardou uma operação melindrosa por falta de dinheiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, p. 3-10, 10 set. 1944.

A igreja “dos Salesianos”, dedicada ao Sagrado Coração, nunca foi plenamente aceita pelos devotos, ficando até os dias atuais à margem do tradicional itinerário de peregrinação dos romeiros.

A fé dos devotos, o amor ao *Padrinho* e a revolta diante da destruição de seus símbolos, foram os elementos que ensejaram a edificação da grande estátua do Horto. Walter Barbosa não deixou de notar a contradição: um templo católico que seria, inicialmente, voltado a uma devoção estimulada pela Igreja Católica em processo de romanização, deu lugar a um monumento que, se erguido enquanto Padre Cícero era vivo, transformaria a localidade efetivamente num “reduto de fanáticos”, como temia a diocese:

Feliz coincidência. Notável contradição. Coincidência por ter o padre Cícero dito que naquele local seria erigido um dos maiores monumentos do mundo; não foi o templo, mas a sua estátua. Contradição porque, se o prelado soubesse que tal monumento seria, no futuro, a estátua do padre, a Igreja teria sido feita. Se o padre Cícero adivinhasse que o monumento em apreço seria a sua estátua, jamais concordaria ante a sua humildade. Mas, como diz o adágio popular que <<O HOMEM PÔE E DEUS DISPÕE>>, o santuário foi iniciado e demolido, para dar lugar a uma obra de arte que ocupa, segundo afirmações, o terceiro lugar no mundo. << Bem aventurados os humildes e os bons de coração>>.⁶⁰⁶

Desse modo, a profecia se cumpria: no Horto do Padre Cícero, espaço sagrado, associado pelo sacerdote ao repouso e à oração, era edificado um dos maiores monumentos do mundo. Mas não se tratava de um templo. Era uma estátua que levava seu rosto, suas vestes, seu cajado e seu chapéu. Surgia, pois, um símbolo de dimensões grandiosas, frequentemente comparado ao Cristo Redentor do Rio de Janeiro ou à Estátua da Liberdade. Não era simples escultura elaborada para lembrar um homem público. Também não se tratava de um empreendimento construído somente para atrair turistas. Era tudo isso, mas era também — e principalmente — uma conquista da fé.

Na edição especial da *Gazeta de Notícias* sobre o tema, o ex-prefeito de Juazeiro José de Souza Menezes dissertou longamente acerca da ereção de monumentos, proferindo rebuscadas palavras sobre o caráter das edificações destinadas a preservar a memória de um personagem ilustre. De acordo com sua análise, tais iniciativas seriam sempre frutos da gratidão de um povo àquele líder que se destacou em determinado setor:

O costume das consagrações populares a fatos históricos distintos e a personalidades que se distinguiram em suas vidas e as fizeram um modelo de virtudes ou de grandes benefícios prestados a uma coletividade, vem de longe. Assinalam-no ao longo dos tempos, sob varias formas tanto a tradição oral ou

⁶⁰⁶ BARBOSA, Walter. Cícero falou... **Diário de Pernambuco**, p. 10, Recife, 4 nov. 1969.

escrita através de vasta literatura, quanto os monumentos construídos de vários materiais resistentes à ação do tempo, muitos deles erguidos há séculos passados e no entanto ainda hoje a testemunharem eloquentemente uma grandeza material, um feito épico transcendente, uma conquista do espírito e mais particularmente a figura excepcional de um grande homem cuja memória se desejou ganhasse a dimensão da imortalidade na admiração e respeito das gerações futuras. Ao costume antecedeu, sem dúvida, a dádiva da gratidão, sentimento que, em tais casos, sempre assumiu maior amplitude afetiva, maior calor humano, porque vasão em termos de universalidade, de coletividade, não se retendo apenas nos limites da afeição individual [...]. Hoje estará esta cidade inaugurando solenemente o Monumento do Padre Cícero, na Colina do Horto. O acontecimento tem tal força de significação que sua ressonância tomou expressão de singularidade e admiração fora do comum até mesmo além das fronteiras do país. A festa do primeiro de novembro, entre nós, será, por isto mesmo, uma das maiores consagrações populares já porventura testemunhadas nesta nação a um de seus filhos. Não será isto, contudo, uma decorrência de fatores externos: da imponência do monumento em suas proporções físicas; de simples curiosidade diante do arrojo de uma modesta cidade sertaneja, pelo dinamismo invulgar do seu prefeito, erguer um monumento de tal porte; de mera afabilidade a convites dourados a grandes personalidades para maior brilhantismo da solenidade. Nada disto. Temos aqui, simplesmente, uma consagração popular de feição histórica com base na gratidão coletiva. E uma consagração, com esse espírito, ao que supomos sem precedentes nacionais que se lhe equiparem.⁶⁰⁷

A gratidão, portanto, era o cerne da narrativa. O monumento não era fruto de “fatores externos”, de uma curiosidade ou excentricidade promovida pelo jovem e dinâmico prefeito. A estátua de Padre Cícero coroava sua imortalidade, dando testemunho da importância do *Padrinho* para o município de Juazeiro, para os devotos que ali permaneceram após sua morte e para os romeiros que continuavam a promover peregrinações à cidade santa.

O padre Murilo de Sá Barreto, a quem havia sido confiada, em 1958, a importante paróquia de Nossa Senhora das Dores, também publicou um texto de sua lavra na edição comemorativa do jornal fortalezense. Sua análise levava em consideração o histórico de monumentos erigidos em homenagem ao *Padrinho*, estabelecendo um esquema de valoração entre aquele que era inaugurado em 1969 e o que fora edificado em 1925, mas ignorando a escultura concebida por Odísio logo após a morte do sacerdote:

Juazeiro vive, hoje, um dos maiores momentos históricos. Maior, muito maior do que aquele 11 de janeiro de 1925, quando se erigiu, no coração da Praça Almirante Alexandrino, o bronze da maior manifestação, já prestada a um homem, em vida. Aqui, fala a gratidão e o reconhecimento que ainda perdura, a despeito dos 44 anos que já se foram. Lá, o ilustre homenageado se fazia presente, pessoalmente. A afetividade e o respeito, a veneração e o desejo de

⁶⁰⁷ MENEZES, José de Souza. VALOR HISTÓRICO DAS CONSAGRAÇÕES POPULARES – O MONUMENTO DO PADRE CÍCERO. *Gazeta de Notícias*, Fortaleza, p. 6, 1 nov. 1969.

aparecer podiam atrair desavisados para formar ‘aquele estuário humano que ali se agitou, avolumou e tomou proporções extraordinárias’. Cá, somente a amizade, consagração perene do agradecimento. Exaltação viva, apoteótica, popular, por isso mesmo rica e não financiada, dessa compacta multidão que, cresce assustadoramente, mesmo depois de 35 anos do desaparecimento de seu Amigo e Conselheiro [...]. Homenagem do povo juazeirense ao seu Grande Guia. Resgate de Amizade do Prefeito Mauro Sampaio. Reconhecimento e Gratidão do povo nordestino. Falará sempre o Monumento da Serra do Horto. Dirá na rigidez daquelas linhas que passarão muitos sóis até que um dia se apague do coração desse povo, a verdadeira imagem do patriarca.⁶⁰⁸

Para o padre Murilo, a estátua erigida em 1969 tinha um caráter muito diferente daquela inaugurada em 1925. O missionário destacava que, em 1925, com Padre Cícero ainda vivo e presente, a homenagem ganhava um caráter que tanto podia ser de afeto quanto de puro e simples interesse — político ou não — pela influência do querido santo nordestino. Dezenas de anos após o falecimento de Padre Cícero, contudo, o monumento que ali nascia pretendia ser uma sincera e desinteressada homenagem, segundo o sacerdote. A gigantesca imagem do *Padrinho* tornava palpável sua sobrevivência nos corações dos romeiros, e visível sua bênção sobre os nordestinos.

Cabe ressaltar que Murilo de Sá Barreto — futuramente “Monsenhor Murilo” — seria o primeiro membro do clero a acolher os devotos de Juazeiro e a abraçar o culto ao Padre Cícero. Sua postura diante das romarias foi um marco e representou uma ruptura com a antiga tradição de perseguição ao catolicismo popular. Ele foi, talvez, o primeiro agente de transformação na relação da Igreja com Juazeiro.

Um local “[...] só conserva lembranças quando as pessoas se preocupam em mantê-las”⁶⁰⁹. Foi o que ocorreu no Horto. Com a derrubada do “Pé de Tambor”, poderia ter havido a eliminação de mais um marco da presença do *Padrinho*. Mas os devotos não deixaram que esse símbolo fosse destruído, como foram destruídas anteriormente as ruínas da Igreja do Sagrado Coração. Justamente por haver ali uma aura própria, tais recordações foram cultivadas e protegidas contra tentativas de eliminação.

Assmann defende que a categoria “lugar de memória” criada por Nora — e, segundo o autor, predominante na Modernidade — é insuficiente para compreender os locais de recordação alemães. Do mesmo modo, talvez seja possível afirmar que seria também insuficiente para explicar Juazeiro, o Horto e os locais sagrados associados ao Padre Cícero. A persistência dos devotos em Juazeiro e a obstinação da fé dos romeiros

⁶⁰⁸ BARRETO, Murilo de Sá. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, p. 5, 1 nov. 1969.

⁶⁰⁹ ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011. p. 347.

constituíram, de fato, símbolos da resistência dos mais fracos diante dos mais fortes. Os mais fortes, finalmente, não impunham símbolos de heróis que deviam ser homenageados, mas se rendiam ao culto daquele que, por tanto tempo, não pôde ser cultuado. Conforme afirma Jáder de Carvalho, “Padre Cícero Romão era mortal – e morreu”. Mas sua morte não era uma morte como outra qualquer, pois “[...] no morto, começa logo a desfalecer o chefe político, de imediato esquecido no meio místico no qual se plasmou [...], para fixar-se na memória e no amor de milhões de sertanejos⁶¹⁰.

⁶¹⁰ CARVALHO, Jáder. “Prefácio”. In: ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção intelectual sobre Juazeiro do Norte sempre se preocupou com o destino da cidade após a morte de seu grande líder e fundador, Padre Cícero. Numerosos memorialistas, escritores e jornalistas se dedicaram a esse tema, compondo duas correntes: uma delas defendia que a cidade ficaria em ruínas, abandonada pelos romeiros que lá habitavam somente porque sempre encontraram ali o apoio material e espiritual de Padre Cícero. A segunda corrente acreditava que, após o desaparecimento do sacerdote, seria eliminado o último motivo de fanatismo e a localidade deixaria de ser uma excêntrica urbe para se transformar numa importante e progressista cidade. Nenhuma das duas perspectivas se consolidou de fato.

O culto ao Padre Cícero continuou a existir. Romeiros já não iam a Juazeiro em busca da bênção e dos conselhos do *Padrinho* — passaram a se deslocar em honra à sua memória, com o objetivo de pagar promessas ou, simplesmente, para pisar no solo sagrado daquela cidade santa. Um dos primeiros sujeitos a notar essa tendência foi Agostinho Odísio, que se transferiu para a região do Cariri assim que soube do falecimento de Padre Cícero e ali construiu exitosa carreira no campo da escultura.

Foram frustradas as impressões dos intelectuais que imaginaram Juazeiro se transformando numa segunda Canudos, num reino bárbaro repleto de cangaceiros, num caos social ou num deserto demográfico. Passado o susto inicial, os indícios levam a crer que a vida após a morte de Padre Cícero continuou transcorrendo quase normalmente. As humildes casinhas — de palha ou tijolos — não foram abandonadas. As beatas prosseguiram rezando seus rosários e os mendigos continuaram mendigando. A feira permaneceu animada. Os comerciantes persistiram negociando. Os trabalhadores continuaram trabalhando. Os jogadores seguiram jogando. Os devotos analfabetos não se tornaram intelectuais incrédulos assim que Padre Cícero morreu. As mulheres pobres continuaram levando suas duras vidas, trabalhando, cuidando dos filhos e sendo socialmente reprimidas pelos demais moradores, mesmo que Padre Cícero já estivesse ausente e não pudesse continuar pregando a moralidade. Os famintos continuaram sentindo fome, e os alimentados permaneceram comendo farinha, feijão e carne seca.

Padre Cícero não era imortal. Morreu. Mas quem esteve mais morto não foi o *Padrinho*, foi o padre político. O santo Padre Cícero nunca esteve tão vivo quanto após

1934. Não sobreviveu na estátua de bronze da Praça Almirante Alexandrino, como muitos imaginaram. Sobreviveu nos corações sertanejos, que lhe devotavam velas, flores, orações e amor. Seu túmulo foi importante objeto de constante visitação, até quando passou a dividir atenção, por volta de 1935 e 1940, com a estátua elaborada por Agostinho Balmes Odísio, responsável por enternecer muitos fiéis e gerar diversas práticas de devoção.

Depois da morte de Padre Cícero, muito se escreveu, não mais sobre o que seria Juazeiro, mas sobre quem foi o *Padrinho*. Os jornalistas se surpreendiam com a permanência do culto ao sacerdote. Houve, de fato, indícios do surgimento de um messianismo em torno da figura rediviva de Padre Cícero. Todos os sinais de veneração à sua figura, no entanto, levavam a reprimendas por parte da Igreja Católica. Diversos escritores se dedicaram a estudar esse fenômeno da permanência.

Entre 1935 e 1969, muitas obras foram lançadas sobre Padre Cícero. Quase todas possuíam caráter de biografia. As narrativas editadas nesse período geralmente se encerravam em 1934, como se ali terminasse a história. Intelectuais que conviveram com o sacerdote ou que estudaram a sua personalidade começaram a fazer balanços sobre as contribuições – ou prejuízos – que o *Padrinho* causou aos juazeirenses. Uns advogavam sua presença como fator de progresso. Outros acreditavam que foi motivo de atraso. Quase todos, no entanto, se surpreendiam ao notar que a cidade *ainda* vivia sob os desígnios de um morto. Curioso é notar que, no âmbito acadêmico, esse período “pós- Padre Cícero” tenha sido amplamente negligenciado.

Em 1969 foi erguida, na Colina do Horto, a emblemática e gigantesca estátua do sacerdote. O *Padrinho*, que vivera humildemente no centro da cidade, agigantava-se no alto do monte, podendo ser visto a partir de qualquer pedaço do vale do Cariri e estendendo sua enção sobre toda a região. Antes disso, contudo, já havia se materializado na escultura entregue por Odísio no final da década de 1930. Entre 1940 e 1969, a imagem singela de um padre de face rosada e gesto firme e terno foi cultuada por milhares de devotos, visitada por políticos e reprochada por intelectuais e autoridades religiosas.

A estátua de bronze que figurava desde 1925 na praça Almirante Alexandrino configurou, por muito tempo, um artificial símbolo de progresso, celebrado entre as autoridades, mas desdenhado pelos devotos. A estátua da capela, por sua vez, representava a perseverança de um culto que, embora fosse a causa fundamental de existência da cidade, continuava envergonhando a muitos. Foi também importante marco simbólico do município, habilmente utilizado por candidatos que buscavam o apoio dos

juazeirenses nas eleições. A estátua da Colina, por fim, delimitava um tempo em que o sacerdote falecido se tornaria chamariz para o progresso de fato, advindo do turismo e, conseqüentemente, do desenvolvimento urbano. A figura perseguida de Padre Cícero, tanto em vida quanto em morte, transformava-se, mais que nunca, em arma política e comercial. A partir de 1969, os devotos já deixavam de acreditar no retorno de Padre Cícero, mas os homens de negócios nunca o quiseram tão vivo.

Ao longo dessa pesquisa, as diversas fontes examinadas me despertaram para os mais diversos interesses. Lamento não ter conseguido me deter sobre todas as possibilidades vislumbradas na documentação que consultei. Espero que, futuramente, outros pesquisadores possam vir a se dedicar sobre aspectos que, embora fossem valiosos, por questões de viabilidade, tempo e escopo, findaram apenas sendo assinalados no presente estudo. Por esse motivo, apresento, a seguir, desdobramentos que podem vir a ser explorados.

Acredito que, a partir da documentação da Fundação Rockefeller, por exemplo, é possível analisar algumas das teses eugenistas em torno da população que migrou para Juazeiro. Os viajantes e memorialistas que escreveram sobre a cidade até 1930 também podem apresentar grandes contribuições na discussão desse assunto ainda ignorado. O racismo que envolve a descrição dos componentes étnicos da população que buscou Padre Cícero é evidente em grande parte das fontes, embora nunca tenha encontrado um pesquisador que se dedicasse a estudá-lo.

Do mesmo modo, o protagonismo da mulher trabalhadora — especialmente da mulher negra — em Juazeiro precisa ser examinado. É um mote ainda inédito. Os censos do IBGE podem ser fontes iniciais para essa pesquisa, mas é preciso verificar também os arquivos locais, jornais e demais documentos para perceber a relevância da participação dessas mulheres na vida social e econômica da cidade.

Os hábitos alimentares da população sertaneja constituem, também, um objeto pouco investigado. Se considerarmos a fome como principal motivo para a migração, é urgente compreender não apenas o modo como os nordestinos pobres lidavam com a miséria, mas principalmente suas experiências — inclusive de classe — em torno da alimentação, bem como as práticas culinárias e a cultura alimentar da região. Relatos orais e Censos agropecuários podem vir a ser úteis nesse debate.

As Cortes Celestes do Horto, perseguidas quando Padre Cícero ainda era vivo, são um tema bastante presente nos jornais de circulação nacional. As histórias em torno do beato Elias, especificamente, são muitas. Infelizmente, desconheço estudo

acerca desse peculiar personagem e dos grupos de beatos reprimidos naquele período. A destruição das ruínas da igreja do Horto, e o conseqüente aniquilamento do que já fora devastado, bem como os sentimentos de tristeza e frustração que giram em torno desse evento, podem ser também temas ricos para um pesquisador que se preocupe com a relação entre os desejos de Padre Cícero — até mesmo manifestos em testamento — e o apagamento de sua obra.

A produção jornalística de Juazeiro, bem como os cordéis lançados após a morte de Padre Cícero, são fontes ricas em possibilidades, que aqui foram descartadas porque dariam origem, sem dúvida, a um estudo completamente novo e diverso daquele que foi inicialmente proposto. Servirão, no entanto, como motes para novos pesquisadores que vierem a se interessar pelos destinos de Juazeiro após a morte do sacerdote.

O silêncio em torno da escultura confiada a Agostinho Odísio e colocada à frente da Capela de Nossa Senhora do Socorro é, também, um tema rico. A estátua de Odísio, diferentemente das outras, não foi inaugurada. Ela “apareceu”. Surgiu como milagre. Os jornais não registram nada a seu respeito. Ela não tem idade certa (apresenta datas contraditórias). Não se sabe quem a encomendou. Não fosse o diário escrito por seu autor, talvez nem mesmo se soubesse quem era o escultor responsável por tal obra. Esses mistérios em torno de uma imagem tão querida causam, no mínimo, curiosidade. Seria importante estudar, ainda, a percepção da Igreja Católica sobre os cultos dedicados a ela já na década de 1940, poucos anos após a morte do sacerdote, num período em que o clero ainda buscava apagar a memória de Padre Cícero.

Por fim, os usos políticos da imagem do *Padrinho* nas campanhas eleitorais — inclusive nas presidenciais — configuram uma questão que sem dúvida poderia ser perscrutada por aqueles que se interessam por cultura política. Até os dias atuais, é comum que candidatos em campanha busquem Juazeiro com o objetivo de pedir a bênção do *Padrinho* e, evidentemente, destacar a importância do Nordeste e do Cariri em suas plataformas eleitorais. Os jornais são fontes que discutem, frequentemente, a percepção da população local sobre tais eventos, bem como o sucesso ou insucesso da estratégia.

Essa tese pretendeu demonstrar que 1934 não foi o ano do fim da história. Foi, na verdade, mais um motivo para a santificação popular de Padre Cícero, que passou a ser visto com olhos mais compreensivos a partir da década de 1960, quando ocorreu o Concílio Vaticano II. Tomei a morte não como término, mas como ponto de partida da minha narrativa. Utilizei como fonte principal o caderno de memórias de um homem que

não conheceu Juazeiro *de* Padre Cícero, mas somente Juazeiro *sem* Padre Cícero. Odísio chegou nesse momento de suspensão da ordem e não se furtou a escrever sobre o que viveu e o que não viveu. Sua chegada foi, também, um acontecimento importante do período. Por esse motivo, utilizei sua obra como meio de acesso à investigação de outros âmbitos desse estranho momento.

Busquei examinar tanto as perspectivas de pessoas comuns — romeiros, devotos, trabalhadores — quanto de intelectuais acerca do lutuoso evento. Acontece, contudo, que os membros da elite, geralmente pertencentes à cultura letrada, como se sabe, deixam muito mais vestígios de seus modos de pensar que a população iletrada, detentora somente da oralidade. De toda forma, numa leitura a contrapelo, é possível perscrutar as diferentes expectativas sobre esse futuro que se imaginava repleto de progresso ou de atraso.

Boa parte da historiografia sobre Juazeiro se encerra em 1934. Espero que aqueles que porventura notem esse fato possam enxergar, a partir de agora, novos caminhos para pesquisa. Padre Cícero não morreu. A lembrança de sua existência, avivada pela morte, precisa receber a mesma atenção que os estudos sobre a sua trajetória. O desaparecimento do *Padrinho* foi apenas o início de um trânsito para a eternidade. Juazeiro, por outro lado, teve duas emancipações: a primeira se deu em 1911, graças à ação do sacerdote. E a segunda se deu em 1934, com o seu desaparecimento. Juazeiro e os romeiros precisaram aprender a independência. E notaram que viver sem Padre Cícero era continuar vivendo com o *Padrinho* ainda mais perto, sempre presente nas ruas de uma terra que se tornou santa. As pesquisas sobre ele e sua cidade permanecem férteis em possibilidades. Avancemos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A Feira dos Mitos – A Fabricação do Folclore e da Cultura Popular (Nordeste 1920-1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza-Crato (1859)**. Vol. I. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- ALEXANDRE, Juciêdo Ferreira. **Quando o "Anjo do Extermínio" se Aproxima de Nós: representações sobre o cólera no Semanário cratense o Araripe (1855-1864)**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.
- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- ARAGÃO, Raimundo Freitas. Um estudo geográfico sobre geopolítica da visibilidade, marcação espacial, conflitos e tensões do patrimônio religioso urbano estátua de Padre Cícero na cidade de Juazeiro do Norte – Ceará – Brasil. **Élisée, Rev. Geo. UEG – Anápolis**, v. 4, n. 2, p. 34-58, jul./dez. 2015.
- ARAÚJO, Antonio Gomes de. Apostolado do Embuste. **Revista Itaytera**, n. 2, Crato, Edições Itaytera, 1956.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**. Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joaseiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.
- BARBOSA, Geraldo Menezes. **História do Padre Cícero ao alcance de todos**. Juazeiro do Norte: Edições I.C.V.C., 1992.
- BARBOSA, Livia. “Feijão com Arroz e Arroz com Feijão: o brasil no prato dos brasileiros. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 87-116, jul./dez. 2007.
- BARBOSA, Walter. **Padre Cícero – pessoas, fatos e fotos**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1980].
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero – A Terra da Mãe de Deus**. Fortaleza: IMEPH, 2008.

BARROSO, Oswald. **Romeiros**. Fortaleza: Secretaria de cultura e Turismo; URCA, 1989.

BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**. Arte. Sociedade. Ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz Barbalha/CE. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

BEZERRA, Osicleide de Lima. **Trabalho, pobreza e caridade**: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

BLANCHOT, Maurice. **O Livro Por Vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

BOAS, Sergio Vila. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BORGES, Maria Elizia. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930)**. Ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ministério da Agricultura, Indústria e Commercio – Directoria Geral de Estatística. **Recenseamento do Brasil realizado em 1º de setembro de 1920**. Volume IV (4ª Parte); População. Rio De Janeiro: Typ Da Estatística – 1929.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento geral do Brasil (1º de setembro de 1940)**: série regional. Parte VI – Ceará – Tomo I – Censo Demográfico. População e habitação – quadros totais referentes ao estado e de distribuição segundo os municípios. Quadros sinóticos por município. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz**: Cultura e memória. São Paulo: Annablume, 1998.

CARVALHO, Jáder. Prefácio. In: ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

CASIMIRO, Antonio Renato Soares de (Org). **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro** – A Questão Religiosa. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012.

CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social e da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. 2, p. 29-37, Maringá, 2003.

COIMBRA, Dário Maia. **Os Construtores de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: Gráfica Universitária, 2000.

CONSTATT, Oscar. **Brasil, a Terra e a Gente**. Rio de Janeiro: Irmãos Pengetti Ed., 1954.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto; PINHEIRO, Mateus; ALVES, Dosana Dayara de Alcântara (org). **Anais do IV Simpósio Internacional Padre Cícero: E... Onde está ele?**. Crato: Universidade Regional do Cariri, 2017. p. 201.

CORTEZ, Ana Isabel Ribeiro Parente. **Memórias Descarrilhadas: o trem na cidade de Crato**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COSTA, Floro Bartolomeu da. Juazeiro e o Padre Cícero: **Depoimento para a História**. Fortaleza: Edições UFC, 2010 [1923].

COSTA, Sabrina Albuquerque Araújo. **O Artista Zenon Barreto e a Arte pública na cidade de Fortaleza**. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

DE CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2007.

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Editora Três, 1984 [1902].

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 [1977].

DESSPORTES, Françoise. “Os ofícios da alimentação”. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Org). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

DINIS, Manoel. **Mistérios do Joazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011, [1935].

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico – Escrever uma vida**. São Paulo: Edusp, 2000.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: Gênese e lutas**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/faco/1963/03/cangaceiros.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

FERNÁNDES-ARMESTO, Felipe. **Comida: Uma história**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FIGUEIREDO FILHO, Odílio. **Odílio Figueiredo – Um juazeirense de expressão**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

FONTENELE, J. P. **Aplicação dos Testes ABC no Distrito Federal**. 1934. (Relatório)

GARDNER, George. **Viagens pelo Brasil**. Principalmente nas províncias do Norte e nos Distritos do Ouro e do Diamante durante os anos de 1836-1841. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

HELLER, Agnes. **O Cotidiano e a História**. São Paulo: Paz e Terra, [1977].

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**. Contribuição à semântica dos tempos Históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006.

KUNZ, Martine. **Cordel** – A voz do Verso. Fortaleza: Museu do Ceará, 2011.

LEITE, Francisco de Assis; ALVES, Joaquim (org). **Almanaque do Cariri – 1949**. Fortaleza: [s/n.], 1949.

LOPES, Régis. **Caldeirão**: Estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Joazeiro do Padre Cícero**. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1926].

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Testes ABC**: Para a verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e da escrita. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2008.

LUETZELBURG, Philipp von. **Estudo Botânico do Nordeste**. Rio de Janeiro: BNB, [1922].

MACHADO, José Teófilo. **Dois Palavras**. Excertos da vida de Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1948.

MAIA, Janille Campos. **Exilados da Fome**: seca e migração no Ceará Oitocentista. 2015. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015.

MARCELINO, Douglas Attila. **Historiografia, morte e imaginário**. Estudos sobre racionalidades e sensibilidades políticas. São Paulo: Alameda, 2017.

MARCELINO, Douglas Attila. **O Corpo da Nova República**. Funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. p. 28-29.

MARINS, Paulo Cesar Garcez. **Através da Rótula**: sociedade e arquitetura urbana. São Paulo: Humanitas FFLCH USP, 2001.

MARTINS FILHO, Antônio. **Memórias, I** – Memoridade. Fortaleza: Imprensa Universitária; Universidade Federal do Ceará, 1991.

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. São Paulo: Boitempo, 2013. p.1224.

MEDEIROS, Aline da Silva. **Os Remédios, os livros e os tempos**: consumo de remédios e experiência do tempo entre o *Lunário Perpétuo* e o *Diccionario* do Dr. Chernoviz. 2015. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso**: Trajetórias da Literatura de Cordel. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.

MELO, Rosilene Alves. **Arcanos do verso**: Trajetórias da Tipografia São Francisco em Juazeiro do Norte, 1926-1982. 2003. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História Social. Fortaleza, 2003.

PINHO, Maria de Fátima de Moraes; MENESES, Sônia. No Silêncio Obsequioso, preparo minha própria defesa: Pe. Cícero, arquivista de si mesmo. **Revista Observatório**, v. 2, p. 172-196, 2017.

MONTANARI, Massimo. **A Fome a Abundância**: História da alimentação na Europa. São Paulo: EDUSC, 2003.

MONTANARI, Massimo. **Comida como Cultura**. São Paulo: Senac, [2013].

MONTENEGRO, Abelardo. **História do Fanatismo Religioso no Ceará**. Fortaleza: Editora Batista Fontenele, 1959.

MOREL, Edmar. **Histórias de um repórter**. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 1999.

MOREL, Edmar. **Padre Cícero – O Santo do Juazeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946.

NASCIMENTO, Maria Célia Marinho do. **Filhas e Irmãs do Padre Ibiapina**. Educação e devoção na Paraíba (1860-1983). 2009. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o Messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 46, p. 124, junho/2001.

NOBRE, Edianne dos Santos. **Incêndios da alma**: a beata Maria de Araújo e a experiência mística no Brasil do Oitocentos. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História Social, Rio de Janeiro, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, , p.7-28, dez. 1993.

ODÍSIO *apud* SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 126.

ODÍSIO, Agostinho Balmes. “Casamento, vida e obra no “Sul” do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 57-116.

_____. “Mudança para o ‘Norte’ do Brasil”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011. p. 117-132.

_____. “Vida e Obra em Fortaleza/CE, última morada”. In: SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero: a saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin**. Fortaleza: IMEPH, 2011, p. 219-310.

_____. **Memórias sobre Juazeiro do Padre Cícero - 1935**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

OLIVEIRA, Amália Xavier de. **O Padre Cícero que eu Conheci** - Verdadeira História de Juazeiro. Fortaleza: Premium, 2001 [1969].

OLIVEIRA, Paulo Wendell Alves de. **Memória da Cidade: transformações e permanências na produção espacial do núcleo de formação histórico da cidade de Juazeiro do Norte**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

OLIVEIRA, Xavier de. **Beatos e Cangaceiros**. História Real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Nordeste. Rio de Janeiro, 1920.

PAZ, Renata Marinho. **Para onde sopra o vento: A Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: IMEPH, 2011.

PAZ, R. M. O santo que fica no sol. Uma leitura etnográfica sobre a devoção ao Padre Cícero de Juazeiro do Norte. In: Lima, Marinalva Vilar de; Marques, Roberto (Orgs.). **Estudos Regionais: Limites e possibilidades**. Crato: Ceres, 2004.

PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. **Joazeiro do Cariry**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913].

PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. A Classe Operária: uma temporada no Paraíso (1923-1924). **Projeto História**, n. 7, p. 91-126, São Paulo, 7 de fevereiro de 1987.

PINHEIRO, Irineu. **O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1938].

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social (1860 – 1930)**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1999.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**. A Utopia da Cidade Disciplinar - Brasil 1890-1930. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Juazeiro e o Caldeirão: espaços de sagrado e profano. In: SOUZA; Simone de (org). **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007. p. 355.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. Narrativas em Fogo Cruzado – Padre Cícero, Lampião e a Guerra de 14. **Trajeto Revista de história da UFC**, v. 2, n. 3, p. 134-151, Fortaleza, 2002.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Meio do Mundo**. Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. **O Verbo Encantado**. Unijuí: Ijuí, 1998.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **Papel Passado**: cartas entre os devotos e o padre Cícero. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, 2011.

ROMAGNOLI, Daniela. “*Guarda no sii vilan*: as boas maneiras à mesa”. In: FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (org). **História da Alimentação**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 496-508.

ROMERO, Tristão. **Vida Completa do Padre Cícero Romão Batista** – Anchieta do Século XX. Juazeiro do Norte, 1950.

SANTOS, Elaine Maria Geraldo dos. **A Face Criminosa**. Neolombrosianismo no Recife na Década de 1930. 2008. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1970-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Rosa Clocet da; NICOLAZZI, Fernando; PEREIRA, Mateus (Orgs). **Contribuições à história da historiografia luso-brasileira**. São Paulo: Hucitec Editora Fapemig, 2013.

SILVA, Antenor Andrade de. **Cartas do Padre Cícero [1877 - 1934]**. Salvador: E. P. Salesianas, 1982.

SILVA, Paula Pinto. **Farinha, Feijão e Carne-Seca**: Um tripé no Brasil colonial. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Expedito Sebastião da. **Os sermões do Pe. Carlos Galli**. Juazeiro do Norte: Tipografia São Francisco, 1956.

SILVA, Honorio de Pedra e. **Historia profetisada pelo Revdmo Padre Carlos Galli**, Juazeiro do Norte, s.d.

SIQUEIRA, Vera Odísio. **De Dom Bosco a Padre Cícero**: A saga do escultor Agostinho Balmes Odísio discípulo de Rodin. Fortaleza: IMEPH, 2011.

SOARES, Douracy. **O Cariri** - Crato - Juazeiro do Norte. Crato: Faculdade de Filosofia do Crato, 1966. p. 32.

SOBREIRA, Pe. Azarias. **O Patriarca de Juazeiro**. Petrópolis: Vozes, 1968.

STINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero**: a canonização popular. 2000. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

VIANA, José Italo Bezerra. **As muitas artes do Cariri**: relações entre turismo e patrimônio cultural no século XXI. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

VIDAL, Reis. **Padre Cicero**: Joaseiro visto de perto, o Padre Cicero Romão Baptista, sua vida e sua obra. Rio de Janeiro: A Noite, 1936.

VITORIANO, Germana Coelho. **A Invenção da Arte Popular em Juazeiro do Norte**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

ZERON, Carlos Alberto (Org.) **Fichário Ernani Silva Bruno** – Equipamentos, Usos e Costumes da Casa Brasileira: Alimentação. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2000.

Arquivos consultados

Periódico	Local	Período	Arquivo
A Crítica	Manaus - AM	1985	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Cruz	Rio de Janeiro – RJ	1950	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Luta Democrática	Rio de Janeiro – RJ	1969	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Manhã	Rio de Janeiro - RJ	1935	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Noite	Rio de Janeiro – RJ	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Noite: Suplemento	Rio de Janeiro- RJ	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Ordem	Sobral – CE	1923	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
A Provincia	Recife – PE	1923	Hemeroteca Digital Brasileira –

			Biblioteca Nacional
A.B.C.	Rio de Janeiro – RJ	1928, 1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Correio da Manhã.	Rio de Janeiro – RJ	1926, 1960	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Correio de São Paulo	São Paulo – SP	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Correio do Juazeiro	Juazeiro do Norte – CE	1949	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Correio do Povo	Salvador – BA	1925	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Correio Paulistano	São Paulo – SP	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário Carioca	Rio de Janeiro – RJ	1931, 1934, 1935, 1936	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário da Noite	Rio de Janeiro – RJ	1941	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário da Tarde	Curitiba – PR	1956	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário de Notícias	Rio de Janeiro – RJ	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário de Notícias	Porto Alegre – RS	1969	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diário de Pernambuco	Recife – PE	1941, 1946, 1968, 1969	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional

Diário de São Paulo	São Paulo – SP	1934	Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade
Diário do Ceará	Fortaleza – CE	1926, 1927, 1950	Hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
Diário do Paraná	Curitiba – PR	1969, 1972	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Diretrizes	Rio de Janeiro – RJ	1939	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Fon Fon	Rio de Janeiro – RJ	1926	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Gazeta de Notícias	Fortaleza - CE	1969	Hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
Gazeta de Notícias	Juazeiro do Norte – CE	2013	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Ilustração Brasileira	Rio de Janeiro – RJ	1926	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Jornal do Brasil	Rio de Janeiro - RJ	1948, 1969	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Jornal do Recife	Recife – PE	1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Cruzeiro	Rio de Janeiro – RJ	1944, 1959, 1973	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Dia	Curitiba - PR	1925	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Diário do Ceará	Fortaleza – CE	1926	Hemeroteca da Biblioteca Pública

			Governador Menezes Pimentel
O Estado de São Paulo	São Paulo – SP	1945, 1967, 1969	Acervo Digital – O Estado de São Paulo
O Jornal	Rio de Janeiro – RJ	1952, 1968, 1969	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Malho	Rio de Janeiro – RJ	1935	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Nordeste	Fortaleza – CE	1934	Hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
O Norte	João Pessoa – PB	1932	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Observador Econômico e Financeiro	Rio de Janeiro – RJ	1939	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Paiz	Rio de Janeiro – RJ	1924, 1934	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Povo	Fortaleza – CE	1925, 1931, 1934, 1960	Arquivo Digital – O Povo
O Semanário	Rio de Janeiro – RJ	1957	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
O Sitiá	Quixadá – CE	1935	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Observer-Reporter	Washington – DC (EUA)	1973	Google News Archive
Revista da Semana – Número Especial de Urbanismo	Rio de Janeiro – RJ	1941	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro – RJ	1926-1927	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional

Revista do Instituto do Ceará	Fortaleza – CE	1937	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional
Revista O Cruzeiro	Rio de Janeiro – RJ	1944	Hemeroteca Digital Brasileira – Biblioteca Nacional

Jornais e revistas

A CAMA do Pe. Cicero Ficará. **Correio do Juazeiro**, Juazeiro do Norte, p. 1, 11 set. 1949.

A CAPITAL da fé. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 1 de novembro de 1969, p. 6.

A EMIGRAÇÃO. **O Observador Econômico e Financeiro**. Rio de Janeiro, fevereiro de 1939, p. 107.

A ERECCO da estatua do Padre Cicero. **O Sitiá**. Quixadá, 15 de fevereiro de 1935, p. 2.

A ESTATUA DO PADRE CICERO. **A Ordem**. Sobral, 12 de dezembro de 1923, p. 2.

A ESTATUA DO Padre Cicero. **A Provincia**. Recife, 23 de novembro de 1923, p. 1.

A HISTÓRIA DAS SECAS. **Diario de Pernambuco**. Recife, 11 de julho de 1934, p. 1-4.

A MORTE de um homem deus. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1934, p. 2.

A MORTE do Padre Cícero. **O Povo**. Fortaleza, Ceará, 21 de julho de 1934. p. 1.

A POLÍCIA do Ceará vai acabar com os Beatos e Beatas de Juazeiro – Ladrões e Assassinos Explorando a memória do Padre Cicero para melhor tirar proveito das massas fanáticas. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 14 de Maio de 1936, p.1.

ACCIDENTADO o enterro do padre Cicero. **Correio Paulistano**. São Paulo, 27 de julho de 1934, p. 1.

ALCIDES, Jota. Inauguração da estátua do padre Cícero tem presença de 300 mil romeiros do Nordeste. **Diário de Pernambuco**. Recife, 01 de novembro de 1969, p. 10.

ALMEIDA, José. Notas Matutas. **Diario de Pernambuco**. Recife, 1 de dezembro de 1951, p.9.

ANTECIPANDO O JULGAMENTO para a posteridade. **O Norte**. João Pessoa, 26 de maio de 1932.

AS ARENGAS do Major Távora. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1934, p. 2.

ASSIZ, Nicolau de. Um Perigo para As Mulheres. **O Diário do Ceará**. Fortaleza, 1926, p. 2.

BARBOSA, J.; ALVES, Coêlho. Avançam ainda os feiticeiros! **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 13 de março de 1949.

BARBOSA, Menezes. Crônica da Semana. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 27 de março de 1949, p. 2.

BARBOSA, Menezes. Taba de Araken. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 16 de outubro de 1949, p. 2

BARBOSA, Walter. Cícero falou... **Diário de Pernambuco**. Recife, 4 de novembro de 1969, p. 10.

BARRETO, Murilo de Sá. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 01 de novembro de 1969, p. 5.

BARROS FILHO, Theofilo de. Ainda esperam a ressurreição do Padre Cicero. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1940, p. 3.

BARROSO, Gustavo. O Padre Cicero e o Folk-lore. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1926.

BARROSO, Gustavo. Raças do Nordeste. **Revista da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Vol. XXXI. 1926-1927, p. 48-70.

BEZERRA, João Clímaco. Um apóstolo do Sertão. **Diário do Paraná**. Curitiba, 08 de novembro de 1969, p.2.

BIRMAN, Sol. Literatura de cordel escatológica. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 18 de fevereiro de 1967, p. s/n.

BORGES, Anderson. O drama das romarias. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 20 de novembro de 1949, p. 2-3.

BRAGA, Rubem. Cicero Romão. **Diário de São Paulo**. São Paulo, 24 de julho de 1934, p. 3.

BRANCO, Carlos Castello. Lott sabe falar. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1959, p. 44.

BRAUNA, M. Cyclones e Arco-Íris. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 20 de maio de 1924, p. 8.

CANGACEIROS e jaguncismo. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 21 de julho de 1926, p. 2.

CARNEIRO, Glauco. Padim Ciço - a estátua do mito. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 21 de dezembro de 1969, p. 8.

CARNEIRO, Glauco. Padim Ciço: a estátua do mito. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1969, p. 5.

CARNEIRO, Nelson. Meu padrinho está no céu... **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1948, p. 5.

CARVALHO, Jarbas de. Um Santo Moderno. **Correio Paulistano**. São Paulo, 8 de novembro de 1934, p. 5.

CARVALHO, Jarbas de. Um Santo Moderno. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 8 de novembro de 1934, p. 3.

CAVALCANTI, Waldemar. Padre Cícero: o mito e a realidade humana. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1968.

CENTENÁRIO do Crato. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1952, p. 2.

CHATEAUBRIAND, Frederico. A época é do repórter. **Diário de Pernambuco**. Recife, 5 de abril de 1946, p. 4.

COBIÇADÍSSIMO o dinheiro do Padre Cícero. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 29 de junho de 1935, p.2.

CONSIDERA-SE SUCESSOR do padre Cícero um salesiano apodera-se da irradiadora de Joazeiro apoiado pelos fanáticos. **Diário de Pernambuco**. Recife, 4 de janeiro de 1941, p. 3.

COOPEREM COM o “Almanaque do Cariri”. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 23 de outubro de 1949, p. 6.

CORNELIO, E. Um Repórter Apressado. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 23 de janeiro de 1949, p. 1.

DADOS BIOGRÁFICOS do padre Cicero Romão Baptista, falecido hontem no Ceará. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1934, p. 3.

DENUNCIADOS AO T.S.N – Atacou a Igreja e os Padres. **Diário de Pernambuco**. Recife, 2 de julho de 1943, p. 1.

DISSE o Padre Carlos: “Construiremos a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora”. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 22 de Maio de 1949, p. 1.

É O QUE conforta. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 6 de março de 1949, p. 6.

ESCOLHIDO o secretariado alagoano. **Diário de Pernambuco**. Recife, 14 de janeiro de 1951, p. 1-3.

ESPEREM E TODOS hão de Ver Padre Cícero na Igreja. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 29 de maio de 1949, p. 1.

ESTÁTUA DO Padre Cícero com 25 metros de altura. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 de outubro de 1969, p. 2.

EXPOSIÇÃO de Artes e Indústrias de Juazeiro. **O Nordeste**. Fortaleza, 20 de julho de 1934, p. 4-5.

FALLECEU HONTEM, em Joazeiro, o Padre Cicero Romão Baptista. **Diário de São Paulo**. São Paulo, 21 de julho de 1934, p. 4.

FEITICEIRO “bancando” o médico. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 23 de outubro de 1949, p. 1

FIGUEIREDO, Henrique de. Padre Cicero. **Diário de Pernambuco**. Recife, 8 de outubro de 1954, p. 9.

FUNERAES do Padre Cícero. **A Noite: Suplemento**. Rio de Janeiro, 1 de agosto de 1934, p. 16-17.

GALINHA COZIDA. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 18 de junho de 1926, p. 4.

GUEIROS, Optato. Memórias de um ex-oficial de Volante – XIV. Padre Cícero Romão Batista, Patriarca. **Diário de Pernambuco**. Recife, 30 de setembro de 1951, p. 11.

HANDLER, Bruce. Dead Priest Continues To Stir Up Memories. **Observer-Reporter**. Washington, 18 de agosto de 1973, p. 3. Disponível em: <<https://news.google.com/newspapers?nid=6w2ZCmoKEM0C&dat=19730818&printsec=frontpage&hl=pt-BR>>. Acesso em: 28 set. 2016.

HOLANDA, Antônio Guedes de. Mons. Joviniano Barreto. **A Cruz**. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1950, p. s/n.

INAUGURA SE no Ceará a estatua do Padre Cícero. **O Dia**. Curitiba, 27 de janeiro de 1925, p. 4.

INCORRIGÍVEL. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 4 de janeiro de 1931, p. 6.

JUAZEIRO GANHA em novembro estátua gigante de Pe. Cícero. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1969, p. 29.

JUAZEIRO, CIDADE misteriosa. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 19 de junho de 1949, p.5.

LEMBRANDO O PADRE Cícero. **Diário da Tarde**. Curitiba, 11 de junho de 1956, p. 2.

LIMA, Carvalho. O Joazeiro e o Padre Cicero. **Correio do Povo**. Salvador, 2 de setembro de 1925, p. 1.

- LIMA, Nísia Trindade. **Um Sertão Chamado Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2013.
- LUZ ELECTRICA. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 20 de janeiro de 1927, p. 2.
- MAIS DE 200 mil pessoas assistem inauguração da estátua do Padre Cícero. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 2 de novembro de 1969.
- MENEZES, José de Souza. Valor histórico das Consagrações Populares – O Monumento do Padre Cícero. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 1 de novembro de 1969, p. 6.
- MISS Juazeiro. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 22 de Maio de 1949, p. 2.
- MOREL, Edmar. Antes de chegar a Juazeiro, distante ainda 300 km, em pleno Rio São Francisco, já encontro multidões de crentes na santidade do Padre. **O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 1973, p. 97.
- MOREL, Edmar. Devassando o arquivo do Padre Cicero – O mais poderoso senhor do Nordeste retardou uma operação melindrosa por falta de dinheiro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 10 de setembro de 1944, p. 10.
- MOREL, Edmar. O surto de fanatismo nos sertões do Ceará. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1941, p. 3.
- MOREL, Edmar. Todo poderoso, senhor absoluto dos sertões e humilhado em Juazeiro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 31 de agosto de 1944, p. 3.
- MOREL, Edmar; FIGUEIREDO, Zulema. Os Últimos Beatos. **Revista O Cruzeiro**. Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1944, p. 101.
- MOTA, Alves da. No Roteiro do Cariri. **Diário de Pernambuco**. Recife, 8 de fevereiro de 1958, p. 1.
- MOVIMENTO NACIONALISTA Brasileiro. **O Semanário**. Rio de Janeiro, Semana de 12 a 19 de dezembro de 1957, p. 8.
- NA MECA dos Sertões. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 30 de junho de 1926, p. 3.
- NA PERSPECTIVA de um novo Canudos. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1934, p.3.
- NÃO QUERIA viver sem o padre Cícero na terra – Impressionante tentativa de suicídio em Joazeiro. **A Noite**. Rio de Janeiro, 3 de Agosto de 1934, p. 1.
- NOMES DE cidades. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 de setembro de 1943, p.3.
- NOTA oficial. **O Nordeste**. Fortaleza, 13 de outubro de 1934, p. 3.
- NOTA oficial. **O Nordeste**. Fortaleza. 05 de novembro de 1934, p.1.

NOVOS boletins anônimos. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 3 de julho de 1949, p. 1.

O CULPADO sou eu. **A Noite**. Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1934, p. 2.

O ELOGIO do Padre Cícero. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 23 de março de 1934, p. 3.

O FANATISMO creador de cidades. **Revista da Semana – Número Especial de Urbanismo**. Rio de Janeiro. Maio de 1941, p. 64.

O ICVC Instituto Cultural do Vale Caririense terá 60 novos patronos. **Gazeta de Notícias**. Juazeiro do Norte, 15 de novembro de 2013, p. 6. Disponível em: <https://gazetadenoticiasdotcom.files.wordpress.com/2013/11/pdf-para-o-blog-nov-20133.pdf>. Acesso em 12 de julho de 2016.

O IMPONENTE funeral do thaumaturgo. **A Noite**. Rio de Janeiro. 23 de julho de 1934, p. 3.

O INTERVENTOR Moreira Lima imitando Napoleão Bonaparte... **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 3 de novembro de 1934, p. 6.

O JOAZEIRO e o Padre Cícero. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 21 de julho de 1934, p. 3.

O LUCTO pelo Padre Cicero. **Jornal do Recife**. Recife, 13 de setembro de 1934, p. 3.

O MAJOR Távora e a Política do Ceará. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 24 de julho de 1934, p. 1.

O NORDESTE. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, 1937, p. 467.

O PADRE CÍCERO E A evolução de Joazeiro. **Diário de Pernambuco**. Recife, 16 de maio de 1944, p. 3.

O PATRIARCA de Juazeiro. **A Noite**. Rio de Janeiro. 28 de julho de 1934, p. 1.

O POVO é sério. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 10 de junho de 1960, p. 9.

O SALÃO de 1926. **Ilustração Brasileira**. Rio de Janeiro, ano 7, n. 73, setembro de 1926, p. 20-25.

O SANTO de Joazeiro. **A.B.C.** Rio de Janeiro, 31 de março de 1934, p. 3.

O THAUMATURGO do Joazeiro através das Impressões de um Sacerdote. **A.B.C.** Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1928, p. 13.

OLIVEIRA, José do Patrocínio. Fé e Fanatismo em Juazeiro do Padre Cícero. **O Malho**. Ano LI, n. 156. Rio de Janeiro. Janeiro de 1953, p. 23.

ORDENADA UMA CAMPANHA de Desarmamento em Massa na Cidade de Juazeiro – Providência para Evitar a Invasão do Quartel pela população revoltada ante o Bárbaro e revoltante Assassínio de Mons. Joviniano Barreto. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 9 de janeiro de 1950, p. 4.

OS FANÁTICOS do Padre Cícero. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 13 de Maio de 1936, p. 6.

OS SERMÕES do Padre Carlos. **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 15 de maio de 1949, p.1.

PADRE CÍCERO Romão Batista, etc... **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 de abril de 1946, p. 2.

PADRE CÍCERO. **A Noite**. Rio de Janeiro, 20 de julho de 1934, p. 15.

PADRE Cícero. **Correio de São Paulo**. São Paulo, 21 de julho de 1934, p. 2.

PADRE CÍCERO: o fim de um mito. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1969, p. 4.

PARA TODOS. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1934, p. 2.

PEDROSA, Monsenhor Cunha. PADRE CÍCERO Romão Baptista. **Jornal do Recife**. Recife, 24 de agosto de 1934, p. 1.

PEIXOTO, Jarbas. Duas Syntheses. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1926, p. 92.

PEQUENO, Marcial Dias. “Padre Cícero”. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1936, p. 6.

PEREGRINO, Antônio. A morte de um homem-deus. **O Paiz**. Rio de Janeiro, 25 de julho de 1934, p. 2.

PIMENTA, Joaquim. Padre Cícero. **Diretrizes**. Rio de Janeiro, fevereiro de 1939, p.34.

PINTO, Luis. Os Coronéis... **Diário do Paraná**. Curitiba, 25 de maio de 1972, p. 2.

PORQUE precisamos... **Correio do Juazeiro**. Juazeiro do Norte, 25 de setembro de 1949, p. 5.

PRAZERES, Otto. O Mistério do Padre Cícero. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 21 de fevereiro de 1945, p. 5.

QUADRILHA ARRECADA dinheiro – Estátua do Padre Cícero. **A Luta Democrática**. Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1969, p. 4.

QUANDO GUARDAVA o túmulo do Padre Cícero. **Jornal do Recife**. Recife, 6 de novembro de 1934, p. 1.

QUEIROZ, Rachel de. A estátua do Padre Cícero. **Diário de Notícias**. Porto Alegre, 9 de novembro de 1969, p. 4.

RÁPIDAS. **O Jornal**. Rio de Janeiro, 3 de abril de 1968, p. 14.

ROMARIA TEM final trágico. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 5 de novembro de 1969, p. 6.

SARASATE, Paulo. Na Casa do Padre Cícero. **O Povo**. Fortaleza, 18 de fevereiro de 1931, p. 5.

SENSACIONAES AVENTURAS de um candidato a deputado na Joazeiro do Padre Cícero. **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1934, p. 11.

SERTÃO ABANDONADO. **Jornal do Recife**. Recife, 24 de novembro de 1934, p. 1.

STEVENSON ESTRANHA ações do salesiano. **A Crítica**. Manaus, 24 de março de 1985, p. s/n.

THAUMATURGO e Assumpto. **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 2 de agosto de 1934, p. 2.

TREVO, Mario. Os cinco CC... **Diário do Ceará**. Fortaleza, 26 de agosto de 1926, p. 2.
UM SENHOR monumento. **Gazeta de Notícias**. Fortaleza, 1 de novembro de 1969, p. 2.

UMA CHANTAGE Curiosa! **Diário Carioca**. Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1935, p. 12.

UMA MUDA de macarrão. **Diário do Ceará**. Fortaleza, 5 de junho de 1926, p. 2.

UMAS e outras. **Diário de Pernambuco**. Recife, 12 de maio de 1968, p. 10.

VIEIRA, Celso. Rei do Sertão. **A Noite**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1934, p. 2.

VOU TOMAR conta do resto do mundo, diz Lampeão. **A Noite**. Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1934, p. 2

Outras fontes

Aviso do Padre Cícero Romão Batista, a propósito dos acontecimentos que breve virão sobre a terra. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00001670>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

DANTAS, Renato. Em defesa da memória. Disponível em: <<http://www.sitededanielwalker.com/p/referencias.html>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

GONÇALVES, Assunção. Faltou pano preto para a missa do Padre Cícero. Disponível em: <<http://blogdeassuncaoconcalves.blogspot.com.br/p/textos.html>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

SMITH, Lucien C. 14 mar. 1927 Relatório de uma viagem à região de Juazeiro. RAC, RG 1.1., série 305, caixa 19, pasta 155. *Apud* LOWY, Ilana. “Representação e intervenção em saúde pública: vírus, mosquitos e especialistas da Fundação Rockefeller no Brasil”. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, Feb. 1999, p. 212. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701999000100006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 7 nov. 2013.